

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Francielli Cristina Campiolo

**O QUE FAZ PENSAR, O QUE FAZ SENTIR – A RETÓRICA DE  
EDUARDO GALEANO NA REVISTA BRASILEIRA *ATENÇÃO!*  
(1995-1997)**

Florianópolis  
2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Francielli Cristina Campiolo

**O QUE FAZ PENSAR, O QUE FAZ SENTIR – A RETÓRICA DE  
EDUARDO GALEANO NA REVISTA BRASILEIRA *ATENÇÃO!*  
(1995-1997)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na Linha de Pesquisa Jornalismo, Cultura e Sociedade, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestra em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Daisi Irmgard Vogel.

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Campio, Francieli Cristina  
O que faz pensar, o que faz sentir : a retórica  
de Eduardo Galeano na revista brasileira Atenção!  
(1995-1997) / Francieli Cristina Campio ;  
orientadora, Daisi Irmgard Vogel, 2018.  
225 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Eduardo Galeano. 3. Nova  
retórica. 4. Revista Atenção!. I. Vogel, Daisi  
Irmgard . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.  
III. Título.

Francielli Cristina Campiolo

**O QUE FAZ PENSAR, O QUE FAZ SENTIR – A RETÓRICA DE  
EDUARDO GALEANO NA REVISTA BRASILEIRA ATENÇÃO!  
(1995-1997)**

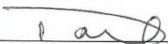
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de dezembro, 2018.



Prof. Dra. Cárilda Emerim  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**



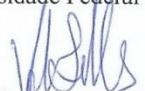
Prof. Dra. Daísi Iringard Vogel (Orientadora)  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Jorge Kanchido Ijuim  
Universidade Federal de Santa Catarina



Dra. Rosario Lázaro Igoa  
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra. Valentina Nunes  
Universidade Federal de Santa Catarina



Àqueles que lutam dia a dia para  
saírem da condição de *ninguéns*.



## AGRADECIMENTOS

Há quem agradeça primeiramente a Deus, mas, assim como a vó Laura tinha Maria como o seu Deus, tenho-a também. Então, obrigada à minha mãe Maria por confiar em mim e financiar meus sonhos desde 1988, mesmo sem o seu Edgar ao lado. Agradeço-a, ainda, por relevar minhas ausências.

À outra parte de mim, minha irmã Edmara, de aparência tão semelhante e ideias tão distintas, pela torcida e orgulho constantes. Ao Guilherme, pelo carinho nesses anos de idas e vindas entre o Paraná e Santa Catarina, por vibrar com as descobertas e compreender o quanto é árduo escrever cada linha. À Aidê e Roberto, pais do Gui, que me acolheram em casa sem cobrar wifi e luz; e compartilharam almoços, caronas e carícias do Benji e da Megui.

À Scheylinha, que me emprestou o *Livro dos Abraços* nos anos de Jornalismo, em Guarapuava, pelas revisões fora de hora em troca de nada e pela parceria desde os 18. Ao meu orientador na graduação, Rodolfo Rorato Londero, pelo incentivo ao mestrado na UFSC, lá em 2009. À Brenda Thomé, que me salvou ao entregar o texto da qualificação aos professores, que compartilha comigo o Jornalismo e o Francês. À Clau, pelas conversas inspiradoras e abraços demorados.

À minha orientadora, Daisi Vogel, pelas críticas, compreensão, aprendizado e construção desta pesquisa comigo. Ao professor Jorge Ijuim, pela paciência em atender a cada chamado meu, e à Valentina Nunes, pelas contribuições desde a qualificação. À Rosario Lázaro, que se interessou pelo tema e me passou o contato de Rosalba Oxandabarat, a quem agradeço muito por ter me recebido em sua casa, em Montevidéu, para falar sem pressa da amizade com Galeano.

Ao Giancarlo Summa, que aceitou prontamente uma vídeo-chamada desde a Cidade do México e achou graça do som do liquidificador ao fundo. À Talia Bugel, que lembrou as traduções que fez dos textos de Galeano em *Atenção!* – os quais guarda, até hoje, em disquete. Ao professor Eduardo Villanueva Mansilla, pelas contribuições afetuosas na V Escola de Verão da ALAIC e por me falar de retórica. Ao Breno Altman que se surpreendeu por alguém ter encontrado *Atenção!* e respondeu todas as minhas dúvidas, inclusive via WhatsApp.

Enfim, a todos os entrevistados que gentilmente colaboraram com este estudo. Aos amigos que indicaram seus amigos e facilitaram o caminho. Aos colegas de sala de aula e de bar. A todos do PPGJOR e à

Capes, pela bolsa de pesquisa científica em tempos de incertezas e retrocesso.

*“a palavra é um  
dos mais  
poderosos milagres  
da  
vida  
ela pode iluminar ou  
arruinar  
mentes,  
nações,  
culturas.  
a palavra é perigosa  
e bela”.*  
- Charles Bukowski



## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a retórica de Eduardo Galeano na coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, publicada na revista brasileira *Atenção!*, um dos dois meios de comunicação do Brasil a veicular textos do escritor. O objetivo é identificar e analisar como as técnicas argumentativas sustentam teses que formam quatro *máximas galeanas* sugeridas pela autora – *Quem não tem, nada é; Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão; O convite ao consumo é o convite ao delito; e O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés* –, tendo como referência as semelhanças com o que já aparecia no livro *Las venas abiertas de América Latina/As veias abertas da América Latina*. Para tanto, o objeto empírico reúne os dez textos de Galeano traduzidos para o português e veiculados nessa revista mensal, no período de sua duração, entre os anos de 1995 e 1997. A metodologia utilizada é a análise retórica, sob respaldo da teoria de Chaïm Perelman (1996), desenvolvida a partir dos raciocínios dialéticos de Aristóteles, que preza pela força dos argumentos na adesão do público e não considera as figuras retóricas apenas ornamentos, mas uma necessidade do discurso. Além disso, há considerações de Edgar Morin (1999; 2001; 2006) sobre a possibilidade de pensar a partir da complexidade, isto é, de complicações, incertezas e contradições, pois os textos contribuem para uma visão multidimensional da realidade. O *Eu-Tu*, de Martin Buber (2001), e o *signo da relação*, de Cremilda Medina (2006), são a base teórica para entender o processo de escrita dialógica do autor. Parte-se do pressuposto de que esses textos compreendem as principais teses de Galeano, mas com novas estratégias retóricas como forma de atualização. Este trabalho é uma contribuição ao estudo da linguagem e do discurso *sentipensante* do autor no âmbito do Jornalismo Opinativo. Além do mais, revela a presença de artigos traduzidos em uma revista que, apesar de pouco conhecida, tem relevância para a história do Jornalismo Independente da esquerda brasileira e latino-americana.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Eduardo Galeano; Nova Retórica; Revista *Atenção!*.



## ABSTRACT

This research has as its study object the rhetoric by Uruguayan author Eduardo Galeano in the column “Veias Abertas/Janelas Abertas”, published in the *Atenção!* magazine, one of the two Brazilian means of communication that published his texts. The objective is to identify and analyze how argumentative techniques sustain theses that form four *Galean maxims* suggested by the author and referenced by the similarities with contents of his book *Open veins of Latin America*. To this end, the empirical objective is to collect ten texts by Galeano translated into Portuguese and published in the monthly magazine while it ran between 1995 and 1997. The methodology employed is that of rhetorical analysis, based on theories by Chaïm Perelman (1996) and developed from Aristotle’s dialectic thinking, which praised by the force of argument in public adhesion, not considering rhetorical figures as mere ornaments, but as a need of discourse. There are additional contributions by Edgar Morin (1999; 2001; 2006) on the possibility of thinking from a place of complexity - that is, of complication, uncertainty, and contradiction, as texts contribute to a multidimensional view of reality. *I-and-Thou* by Martin Buber (2001) and the *sign of relation* by Cremilda Medina (2006) are the theoretical bases to understand the process of dialogical writing by the author. The presupposition is that these texts correspond to the main theses by Galeano, with new rhetorical strategies in the form of an update. This study contributes with the study of language and a *sensing-thinking* “*sentipensante*” discourse of the author within Opinion Journalism. Also, it highlights the presence of articles translated into Portuguese in a magazine that, although not well-known, is relevant to the history of leftist Independent Journalism in Brazil and Latin America.

**Keywords:** Journalism; Eduardo Galeano; New Rhetoric; *Atenção!* Magazine.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reportagem “A mãe de todas as milícias” em <i>Atenção!</i> .....	66
Figura 2: Capa <i>Brecha</i> edição 1664, 13 de outubro de 2017 .....	70
Figura 3: Anúncio de assinatura .....	72
Figura 4: Localização dos tradutores de <i>Atenção!</i> .....	107



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Capas da revista <i>Atenção!</i> , de 1995 a 1997 .....	39
Quadro 2: Apresentação da revista <i>Atenção!</i> .....	42
Quadro 3: Textos de Galeano em <i>Atenção!</i> .....	55
Quadro 4: Textos de João Guilherme Vargas Netto em <i>Atenção!</i> .....	58
Quadro 5: Textos de Cláudio Manoel em <i>Atenção!</i> .....	60
Quadro 6: Textos de Manuel Vázquez Montalbán em <i>Atenção!</i> .....	61
Quadro 7: Textos de Luiz Dulci em <i>Atenção!</i> .....	62
Quadro 8: Reportagem “Fin de règne au Vatican?” no <i>Le Monde Diplomatique</i> e em <i>Atenção!</i> .....	65
Quadro 9: Capa de lançamento e capa Ano 1 n.19.....	68
Quadro 10: Reportagens “A vingança de Montezuma” e “História do México para crianças” em <i>Atenção!</i> .....	69
Quadro 11: Principais livros de Eduardo Galeano .....	102
Quadro 12: Principais trabalhos jornalísticos de Eduardo Galeano ....	103
Quadro 13: Livros traduzidos para o português do Brasil, com o nome do tradutor da primeira edição .....	105
Quadro 14: Tradutores mencionados em <i>Atenção!</i> .....	108
Quadro 15: Primeiro parágrafo do texto “La escuela del crimen/A escola do crime” .....	111
Quadro 16: Final do texto “La escuela del crimen/A escola do crime” .....	112
Quadro 17: “La religión del automóvil – liturgia del divino motor/A automovelcracia – liturgia do divino motor”.....	113
Quadro 18: “La religión del automóvil – liturgia del divino motor/A automovelcracia – liturgia do divino motor”.....	113
Quadro 19: Técnicas argumentativas mais evidentes nos artigos de Galeano em <i>Atenção!</i> .....	121
Quadro 20: Critérios de distribuição dos textos em temas afins .....	123
Quadro 21: Caracterizações do carro .....	152
Quadro 22: Relação entre “O direito de sonhar” e os demais artigos .	163



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	23
1 PORQUE ASSIM É <i>ATENÇÃO!</i> .....	35
1.1 O projeto inicial, a revista nas bancas .....	36
1.2 A coluna “Veias Abertas/Janelas abertas” .....	48
1.3 Os colunistas lado a lado com Eduardo Galeano .....	56
1.4 Direito de reprodução, os veículos parceiros.....	62
1.5 Alto custo, fim da revista .....	70
2 UMA PROMESSA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA..	75
2.1 Narrativa comprometida, os inspiradores de Eduardo Galeano.....	76
2.2 O jovensíssimo defensor da América Latina .....	86
2.3 O livro para entender suas convicções .....	91
2.4 De <i>Veias Abertas</i> às últimas publicações .....	98
2.5 A outra voz, os tradutores.....	104
3 ESCRITA CRÍTICA E IMAGINATIVA.....	114
3.1 A nova retórica, parâmetros para análise.....	115
3.2 Quem não tem, nada é .....	124
3.3 Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão .....	136
3.4 O convite ao consumo é o convite ao delito.....	153
3.5 O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés.....	162
CONCLUSÃO .....	166
REFERÊNCIAS.....	172
ANEXOS.....	184
ANEXO A – “O computador e eu” .....	184
ANEXO B – “A escola do crime” .....	187
ANEXO C – “Notícias dos ninguéns” .....	190
ANEXO D – “A automovelcracia” .....	194
ANEXO E – “Liturgia do divino motor” .....	197
ANEXO F – “O anjo exterminador” .....	198
ANEXO G – “Os espelhos do paraíso” .....	199

ANEXO H – “O pecado de ser original” .....	206
ANEXO I – “A infância como perigo” .....	211
ANEXO J – “O direito de sonhar” .....	215
ANEXO K – “ <i>Veias abertas</i> : um quarto de século depois” .....	218

## INTRODUÇÃO

Sem se deter aos limites de gêneros textuais, Eduardo Galeano entrecruza opinião, estatística, testemunho, mito e acontecimentos históricos para fazer refletir sobre o imperialismo estadunidense e uma América Latina livre. Mesmo tendo dedicado a maior parte de sua vida profissional a escrever livros, o uruguaio iniciou carreira no jornalismo impresso e considerava toda mensagem escrita um componente da literatura. “Faz muito tempo que escrevo livros e muito pouco artigos. Mas, me formei nisso e tenho a marca de fábrica. Agradeço ao jornalismo que me tirou da contemplação dos labirintos do meu próprio umbigo” (GALEANO, 2017, s/p)<sup>1</sup>.

Assim, esta pesquisa tem como objeto de estudo a retórica de Eduardo Galeano na coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, da revista *Atenção!*, um dos dois meios de comunicação do Brasil a veicular textos do escritor. Além de *Atenção!*, o autor teve textos em português publicados no jornal *Versus*, criado e dirigido pelo jornalista Marcos Faerman entre 1975 e 1978, anos de ditadura militar. As narrativas se davam em desenhos, fotografias, quadrinhos e reportagens sobre a opressão na América Latina. Outros colaboradores desse veículo eram Mário Benedetti, Pablo Neruda e Gabriel Garcia Márquez.

Defino como objeto empírico os dez textos dele traduzidos para o português e publicados nesse periódico durante sua duração, entre os anos de 1995 e 1997. Pressuponho que esses textos compreendem as principais teses de Galeano, mas com novas estratégias retóricas como forma de atualização. Dessa maneira, o objetivo é identificar e analisar como as técnicas argumentativas estruturam teses que formam quatro *máximas galeanas* sugeridas por mim, tendo como referência as semelhanças com o que já aparecia em *Las venas abiertas de América Latina*, em português: *As veias abertas da América Latina*.

Esse livro, publicado em 1971 e traduzido para várias línguas, é essencial para entender as convicções de Galeano sobre a economia-política mundial, as quais ele seguiu por toda a sua trajetória. Embora revisada e atualizada nos trabalhos posteriores, a teoria da dependência de André Gunder Frank continua entre as principais referências do autor,

---

<sup>1</sup> Texto original: “Hace tiempo que, sobre todo, escribo libros y muy pocos artículos. Pero me formé en eso y tengo la marca de fábrica. Le agradezco al periodismo que me haya sacado de la contemplación de los laberintos de mi propio ombligo”. Todas as citações com o original na nota de rodapé são traduções nossas.

que tinha em vista que o subdesenvolvimento não é uma etapa que leva ao desenvolvimento, mas uma condição para sua existência que só seria superada quando houvesse a ruptura do imperialismo, e não a modernização. Frank não via possibilidade de autonomia na América Latina, mas uma situação imutável, a não ser que houvesse uma revolução socialista (SANTOS, 1998).

Os pensamentos de Galeano que derivam dessa teoria percorrem todos os artigos aqui analisados, além de que, no último, há, ainda, uma síntese deles, em que o autor explicita, também, a sua crença na utopia. Esse pensamento foi desenvolvido pelo inglês Thomas More em 1516, que diz sobre uma ilha imaginária chamada Utopia, onde prevalece o conforto, a justiça e a solidariedade entre os povos (MORE, 2004). Nessa sociedade, a população teria consciência da necessidade da igualdade e do cooperativismo para se chegar a um estado de bem-estar pleno, autossustentável e sem propriedade privada.

Galeano falava da utopia como algo que serve para caminhar e transformar o presente:

Ela está no horizonte – disse Fernando Birri –. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos além. Por mais que eu caminhe, nunca irei alcançá-la. Para que serve a utopia? Para isso: para caminhar (GALEANO, 2001, p. 230)<sup>2</sup>.

A citação do amigo e cineasta argentino Birri está no livro *As palavras andantes*, com o título “Janela sobre a utopia”.

Com base nas pesquisas referenciais para esta dissertação, percebo que o discurso de Galeano pouco muda, tanto em entrevistas concedidas a veículos de comunicação quanto em seus livros e nos artigos aqui apresentados. O que se renovam são as técnicas argumentativas e, portanto, é possível observar ideias-chaves. Determinei quatro *máximas galeanas*, as quais retirei dos textos do autor: *Quem não tem, nada é; Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão; O convite ao consumo é o convite ao delito; e O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés*. Tais

---

<sup>2</sup> Texto original: “Ella está en el horizonte — dice Fernando Birri —. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminhar”.

máximas são a síntese direta e intensa das convicções de Eduardo Galeano, cujo “papel é essencialmente o de impor, por sua forma, certas ideias à nossa atenção” (PERELMAN, 1996, p. 189).

Esse foi o primeiro passo para adentrar às análises das técnicas argumentativas de cada texto. A partir dele, agrupei os dez textos conforme a temática principal em comum, o que não significa que não apareçam outras em menor intensidade, visto que “não se deve jamais procurar definir por fronteiras as coisas importantes. As fronteiras são sempre fluidas, são sempre interferentes” (MORIN, 2006, p. 73). Na primeira máxima, reuni “O computador e eu” e “Notícias dos ninguéns”; na segunda, estão os quatro textos da série “A automovelcracia”: “A automovelcracia”, “Liturgia do divino motor”, “O anjo exterminador”, “Os espelhos do paraíso”; enquanto, na terceira, estão “A escola do crime”, “O pecado de ser original” e “A infância sob perigo”. Na última, apresentei o artigo “O direito de sonhar”, como um resumo dos demais e fechamento da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas” em *Atenção!*.

A metodologia utilizada é a análise retórica, sob respaldo da teoria de Chaïm Perelman & Olbrechts-Tyteca, em *Tratado da argumentação: a nova retórica*, desenvolvida com base nos raciocínios dialéticos de Aristóteles (PERELMAN, 1996), que preza pela força dos argumentos na adesão do público e não considera as figuras retóricas apenas ornamentos, mas uma necessidade do discurso. Na década de 1950, Perelman foi um dos estudiosos da *nova retórica* que defenderam o convencimento através de técnicas argumentativas como forma de raciocínio rigoroso, ampliando a noção de que os métodos científicos fossem a única maneira de prova. Essa revitalização da antiga retórica afasta dela o teor pejorativo de discurso vazio e ornamentado, que teve início com o pensamento cartesiano (HERÉDIA, 2008, p. 04).

Em Perelman (1996), os argumentos do orador são elaborados conforme o auditório e os dois estão sempre em interação, compartilhando crenças que propiciam o entendimento da mensagem mesmo discordando dela. No caso do jornalismo impresso, o jornalista pensa sobre quem provavelmente irá ler o seu texto, levando em conta o público do veículo de comunicação, o local em que é distribuído, a política da empresa e os demais colaboradores. Mesmo que o leitor não dê uma resposta imediata, por estar em espaço físico diferente, ele formula seus próprios argumentos e conclusões, concorda ou discorda do assunto tratado. A persuasão ocorre quando se constata o poder de transformação causado no público e não se restringe à adesão às teses do autor.

Os múltiplos processos argumentativos se estruturam e impressionam no todo (PERELMAN, 1996), por isso, é necessária uma análise que identifique as técnicas utilizadas e como se dá a relação entre elas, tendo em mente que não existe interpretação única e que cabe ao pesquisador buscar o que se pode compreender do texto e não se limitar ao que possivelmente o autor quis dizer. Aqui, detenho-me nas técnicas argumentativas mais proeminentes (vide Quadro 19) principalmente as figuras retóricas – ironia, metáfora, alusão etc. – que são analisadas na dimensão argumentativa e não apenas como ornamentos, devido à relevância delas no processo de estruturação do discurso (PERELMAN, 1996, p. 190).

Alves (2015) desenvolveu sua dissertação de mestrado em Filosofia sobre a posição de Perelman no debate contemporâneo da argumentação e procurou respostas para as críticas de vários autores, entre eles Boaventura de Sousa Santos, que formulou uma *novíssima retórica* para suprir as ineficiências que ele acredita ter a *nova retórica*. Para Santos, Perelman se detém à técnica, não distingue adequadamente convencimento de persuasão e se apoia no protagonismo do orador como se ele não fosse influenciado pelo auditório. Alves afirma que Perelman diferencia, sim, o ato de convencer e o de persuadir, inclusive acredita que eles podem se articular e que não são opostos, e descentraliza a figura do orador ao focar nos argumentos. Além do mais, diz que as fragilidades da *nova retórica* não são superadas pela *novíssima retórica*.

Boaventura se centraria em uma abordagem sociológica, que se detém à dialogia, estudando como um grupo argumenta em determinado momento, e defende o convencimento em detrimento da persuasão para não se restringir à produção de resultado. Perelman se aproximaria mais de uma abordagem lógica, sem se preocupar em delimitar fronteiras, levando em consideração as estruturas da argumentação enquanto meios de prova desde a evidência até a opinião, descrevendo o raciocinar humano e não a sociedade ocidental (ALVES, 2015).

Outras críticas analisadas por Alves (2012) são as de Manuel Atienza quanto à ausência de uma teoria geral da estrutura dos argumentos e a aleatoriedade da classificação proposta; ao conservadorismo ideológico, no sentido de não assumir perspectiva crítica; e à dúvida da coerência do *auditório universal*. Em resposta a elas, o autor diz que Perelman deu ênfase à riqueza das diversas técnicas argumentativas e admitiu a impossibilidade de encontrar uma forma fechada aplicável a toda argumentação; que viu na tradição um ponto de partida para julgar práticas manipuladoras e meramente persuasivas; e que o *auditório universal* é um ideal que nunca se realiza, do qual faz

parte todos os seres racionais. “É forçoso admitir que Perelman não conduziu sua teoria nessa direção e não elaborou uma leitura crítica da sociedade contemporânea ocidental” (ALVES, 2012, p. 50).

A *nova retórica* se mostra eficaz na criação de procedimentos de análise, pois não é um método com estrutura pré-determinada. Dispõe-se mais a verificar a organização do raciocínio do autor que preza pelas emoções sem, contudo, deixar de ser racional. Por isso, é defendida sua aplicabilidade no Jornalismo Opinativo (GRÁCIO; MOSCA, 2016; HERÉDIA, 2008; FERREIRA, 2000). A intencionalidade do discurso pode se revelar nas estratégias escolhidas, na sua disposição e articulação, sendo a palavra escrita o meio mais eficaz de transmitir informações complexas (SCALZO, 2003). Dessa maneira, trago, ainda, considerações de Edgar Morin (1999; 2001; 2006) para refletir sobre a complexidade dos textos de Galeano, que apresentam complicações, incertezas e contradições, contribuindo para uma visão multidimensional da realidade.

Perelman se afasta da rigidez cartesiana, já que acredita que a argumentação serve como meio de prova, e Morin pensa que o real escapa da lógica pura e deve-se ampliar o olhar além dos números para compreender um evento, o que pode acontecer associando exemplos, ilustrações e ideias aos dados. Ao desconsiderar a associação de modos de comunicação e compreensão, tem-se um pensamento redutor, pois “a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto” (MORIN, 1999, p. 182).

Morin (2001) diz que a comunicação é uma forma de informar e informar-se, explicar e explicar-se, compreender e compreender-se. Para o teórico, este último nível é essencial por introduzir subjetividade e empatia no conhecimento de um fato humano como sujeito e não objeto, em que o outro é visto como um outro eu. A comunicação de Galeano é assim, compreensiva. No livro *As veias abertas da América Latina*, ele tornou acessíveis os conhecimentos sobre economia e política, ao escrever de forma mais simples e próxima do cotidiano do interlocutor. Nos artigos acontece o mesmo, há uma sinergia de abordagens e argumentos que provoca a compreensão da complexidade humana. O discurso é verossímil, com múltiplas estratégias: ora traz pesquisas e números; ora juízos de valor; ora recorda fatos e experiências de modo ficcionalizado.

Justifico este trabalho como sendo uma contribuição ao estudo da linguagem e do discurso de Eduardo Galeano, que faz pensar e faz sentir, caracterizado por ele mesmo como uma forma *sentipensante* de escrever. Além do mais, revela a presença de dez artigos de Galeano traduzidos

para o português em uma revista que, apesar de pouco conhecida, tem relevância para a história do Jornalismo Independente da esquerda brasileira e latino-americana. É uma reflexão acerca do Jornalismo Opinativo, que não está entre os mais pesquisados na academia e permite liberdade ao autor para desenvolver raciocínios complexos e envolventes, embora esteja em conformidade com a política empresarial do veículo em que é publicado.

Nas páginas ditas opinativas das publicações impressas, é comum encontrar textos em que a marca autoral suplanta a formalidade da gramática dos manuais de redação. Editoriais, comentários, artigos de colaboradores e, em especial, os comentários políticos procuram atingir o grande público de forma convincente e verossímil. Para isso, é usual o colonista usufruir do idioma das esquinas para traduzir o labirinto dos corredores palacianos (IJUIM, 2010, p. 120-121).

Ao que consta na revisão bibliográfica realizada no Brasil e Uruguai, há mais estudos acadêmicos referentes a trabalhos publicados em livros do que sobre os artigos de opinião de Galeano veiculados em periódicos. As temáticas, por vezes, tratam de evidenciar a relação entre memória, literatura, identidade latino-americana e história em dissertações e teses que vão desde a área da Filosofia até a da Saúde. Ademais, os estudos centram-se, principalmente, em *As veias abertas da América Latina* e na trilogia *Memória do Fogo*<sup>3</sup>. Na base de dados do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), encontrei 192 trabalhos científicos que mencionam o nome do autor, sem que necessariamente sejam sobre sua produção literária. No Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC (PPGJOR), não há material relacionado ao autor e nem à revista *Atenção!*, assim como ocorre no programa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPG/UEPG), os únicos *stricto sensu* em Jornalismo no Brasil.

---

<sup>3</sup> O primeiro volume intitula-se “Os nascimentos” e trata sobre histórias da América pré-colombiana e o período entre os séculos XV e XVII; o segundo leva o nome “As caras e as máscaras” e conta sobre os séculos XVIII e IX; e o último, “O século do vento”, o século XX. A obra foi escrita quando Eduardo Galeano estava exilado em Barcelona, entre 1982 e 1986. No Brasil, a trilogia foi lançada pela L&PM Editores.

Os estudos de referência para esta dissertação são *Voz, silêncio e escritura en Eduardo Galeano* (1995), da polonesa Diana Palaversich, e *Memoria viviente de América Latina: La obra de Eduardo Galeano* (1996), do uruguaio Hugo Riva. Em 1995, época em que Palaversich concluiu a tese sobre o autor, disse que, apesar da popularidade de leitores de Galeano, comparável à de Gabriel García Marquez no contexto latino-americano, no campo da crítica acadêmica, existia um vazio a respeito de sua obra em âmbito literário, histórico e econômico (PALAVERSICH, 1995). Para ela, o nome de Galeano era mencionado em centenas de trabalhos de diversas disciplinas, como Antropologia, Ciência Política, Ecologia, Agricultura, Saúde etc., porém, havia muitas resenhas e faltavam textos longos e analíticos.

A ausência de material era devido às definições geralmente dadas ao trabalho de Galeano, como sendo um panfleto político ou escrita de qualidade inferior, com transgressões genéricas, obsessão pela história latino-americana e relação com pessoas concretas, o que intimidava os críticos literários que preferiam tratar de universos menos reconhecíveis (PALAVERSICH, 1995). O conteúdo era e é colocado à margem da história e da literatura por não ser a palavra de um especialista.

Palaversich (1995) aborda os textos de duas formas, uma mais favorável e outra mais crítica, verificando contradições nos livros *As veias abertas da América Latina* e *Memória do fogo*, aproximando o contexto histórico e destacando as tendências estético-ideológicas. Vejo-o como um bom ponto de partida porque ela fala da intertextualidade, paródia e ironia na prática textual subversiva de Galeano, além de incluir trechos de entrevistas realizadas com ele em julho de 1989.

Riva (1996) escreveu sobre a literatura de Galeano produzida até meados dos anos de 1990, destacando as ideias essenciais, contribuições e avaliações de cada livro. Para ele, o fio condutor do escritor é uma literatura geradora de questionamentos pessoais e sociais, que sugere uma ideia sem dizê-la, utiliza bastante a ironia e tem como base as histórias humanas comovedoras. Este estudo é uma visão geral das temáticas e estruturas linguísticas e, portanto, auxilia no conhecimento dos principais livros do autor e de suas influências.

A inquietação que me motiva a desenvolver este trabalho é a lacuna existente sobre os textos traduzidos para o português e veiculados na imprensa brasileira. Pelo tempo de duração de *Atenção!*, em uma época em que os meios digitais ainda eram escassos, há poucas menções a ela registradas<sup>4</sup>. Confirmo a existência de dez edições digitalizadas para

---

<sup>4</sup> Busca realizada por meio dos termos “revista *Atenção!*” no Banco de Teses da

consulta pública no Centro de Comunicação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), com sede na cidade de São Paulo, porém, falta a última edição – Ano 3, n.10, 1997. Não é possível acessá-las *online*, logo, adquiri os 11 exemplares de pessoas físicas e lojas de materiais usados.

Após a busca investigativa pela revista, chego ao momento de expor minha contribuição para os estudos a respeito da argumentação de Galeano em seus artigos de opinião veiculados em periódico. A dissertação está organizada em três capítulos. Apresento a revista *Atenção!* e a coluna de Galeano no capítulo 1, intitulado “Porque assim é *Atenção!*”. Para tanto, tenho como base entrevistas com os idealizadores do projeto, além de informações retiradas dos exemplares. Assim, conto que a revista chegou às bancas em outubro de 1995, inspirada na antiga *Realidade* (1966-1976), da Editora Abril, com reportagens investigativas e espaço dedicado ao jornalismo cultural.

Os colunistas eram Eduardo Galeano, que assinava a coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”; Manuel Vázquez Montalbán, com a “Opera Mundi”; João Guilherme Vargas Netto, em “Terra à Vista”; Cláudio Manoel, na “Dura lex”; e Luiz Dulci, que escrevia para “Ao pé da letra”. A contextualização a respeito das pessoas que estavam ao lado de Galeano na revista auxilia na compreensão da linha editorial do veículo. Por fim, após um ano e quatro meses de duração, a revista foi fechada e abordo esse fato relacionando as considerações de Marília Scalzo, em seu livro *Jornalismo de Revista* (2003), que trata, entre outros assuntos, do motivo pelo qual as revistas chegam ao fim, e, também, observando o que diz Bernardo Kucinski, em *Jornalismo e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (2001), sobre o funcionamento democrático das redações que se sobrepunha à administração econômica, levando as iniciativas independentes a desaparecerem do mercado.

José Marques de Melo (2003) e Manuel Carlos Chaparro (1998) são referências para identificar os textos de Galeano como artigos de opinião, os quais estão livres para transcender as categorias de gêneros jornalísticos e literários e têm a predominância da voz do autor. “E a questão pode ser colocada da seguinte maneira: até que ponto o jornalismo informativo efetivamente limita-se a informar e até que ponto o jornalismo opinativo circunscreve-se ao âmbito da opinião?” (MELO, 2003, p. 25). Também menciono Chaparro (1998) ao expor o conceito de coluna, pois os textos de Galeano eram adequados a esse formato e não

eram exclusividade de *Atenção!*, eles se encontram nos jornais *El País* (Espanha) e *Brecha* (Uruguai) e em coletâneas do autor.

O percurso profissional de Eduardo Galeano está no capítulo 2, “Uma promessa da literatura hispano-americana”, onde começo contando a influência da *geração crítica* do Uruguai e do *boom* latino-americano em sua formação literária, a partir do que dizem Bellini (1997a e 1997b) Benedetti (1997), Monegal (1966) e Rama (1972). A *geração crítica* é marcada pela tomada de consciência dos escritores uruguaios de que o país compartilha das questões sociais da região, o que possibilita reforçar essa identidade até então adormecida por causa do deslumbre com a vida na Europa. Galeano trabalhou com Carlos Quijano e Juan Carlos Onetti no semanário *Marcha*, quando tinha 20 e poucos anos, e apreendeu com eles uma escrita comprometida e de estilo. Assim, levou consigo a necessidade de condensar o máximo de sentido no mínimo de palavras para ser capaz de despertar consciências.

Proponho uma aproximação do *Outro* no fazer jornalístico. Isso porque, a partir do encontro do jornalista com as pessoas que lhes contam histórias, pode haver uma relação genuína e de compreensão sobre quem é essa pessoa. Após esse encontro, o jornalista se transforma para poder escrever o seu texto. Busco essa reflexão a partir das noções de *Eu-tu*, de Martin Buber (2001, p. 37):

(...) os momentos de encontro com o Tu se manifestam como episódios singulares, lírico-dramáticos, sem dúvida, de um encanto sedutor, mas que, no entanto, nos induzem perigosamente a extremos que debilitam a solidez, já provada, e deixam atrás mais questões que satisfações, abalando nossa segurança. Eles não são só inquietantes, mas indispensáveis.

O processo de escrita de Galeano lança um olhar sobre o *Outro* sem convertê-lo em *Isso*, ou seja, lida com ele como sujeito e não objeto. Assim como Buber (2001), Cremilda Medina (2006) também defende uma relação dialógica, sobretudo no fazer jornalístico, o que denomina de *signo da relação*. Ela acredita que o jornalista é um artesão criativo do diálogo, capaz de transformar a ciência e o saber cotidiano ao trabalhar a polissemia e a polifonia. “Só o impulso interativo e afetuoso irradia a autoaceitação e abre os poros para se ouvir o diferente” (MEDINA, 2006, p. 86).

Ao acercar-se de pessoas anônimas e acreditar em uma união latino-americana, Galeano é classificado por aqueles de ideologia divergente como um populista. Contudo, ele afirmava que o motivo desse pensamento é o fato de se envolver com as minorias e as paixões humanas.

(...) Importa-me a capacidade de solidariedade, de comunhão com os outros. E essas coisas, quando alguém revisa a história, encontra-as mais abaixo que acima. E quando te digo, mais abaixo que acima, me refiro à vida cotidiana, a que não se presta atenção alguma (GALEANO *apud* PALAVERSICH, 1995, p. 121)<sup>5</sup>.

Com suporte da biografia não autorizada escrita por Fabián Kovacic (2015), do livro organizado por Beloso (2016a) e de entrevistas divulgadas na imprensa nacional e internacional, descrevo que o começo da carreira de Galeano se deu quando ainda era adolescente e desenhava para o semanário do Partido Socialista uruguaio *El Sol*. Daí em diante, passou a escrever notas sobre temas que transitavam desde a arte até questões políticas, alcançando progressão à medida que sua destreza transparecia.

Toda a obra do melhor Galeano tem a marca do café montevidiano, da oralidade e o relato destilado entre alambiques de álcool e polido contra a borda das velhas mesas de madeira. É que nesses espaços de debate, paixão e criação, o escritor começou a vincular-se ao mundo do jornalismo. Nessas mesmas mesas se entrecruzavam quem seriam, alguns anos mais tarde, seus companheiros de redação no legendário semanário *Marcha*, onde um juveníssimo Eduardo Galeano se tornaria sub-editor sob o olhar atento e supervisão do mítico Carlos Quijano (KOVACIC, 2016, l. 160)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Texto original: “Me importa la capacidad de solidaridad, de comunión con otros. Y estas cosas, cuando uno revisa la historia, las encuentra más abajo que arriba. Y cuando te digo, más abajo que arriba, me refiero a la vida cotidiana, a la que no se la presta atención ninguna”.

<sup>6</sup>Texto original: “Toda la obra del mejor Galeano tiene la impronta del café montevidiano, de la oralidad y el relato destilado entre alambiques de alcohol y

O primeiro livro de Galeano foi o romance *Os dias seguintes*, criticado por abordar temas superficiais da burguesia uruguaia. Os pensamentos norteadores de Galeano aparecem no ensaio *As veias abertas da América Latina*, que, apesar de ser a essência do que ele acreditava, ainda estava em um formato muito longo. As características de compromisso político, estética, brevidade e apreço pelas histórias de anônimos se concretizaram a partir de *Dias e noites de amor e de guerra*, o primeiro a ser escrito no exílio em Barcelona (Espanha).

No Brasil, quem mais traduziu textos dele foi o jornalista, escritor e tradutor Eric Nepomuceno. Ele introduziu, em 1974, a obra de Galeano no país com a publicação do conto “Um monstro meu amigo” do livro *Vagamundo*, um dos volumes da coleção Contos Jovens da editora Brasiliense. Galeano era bastante rigoroso quanto às traduções, já que gostava que suas palavras tivessem sonoridade em todas as línguas. Mas, não fez exigências quanto aos artigos de opinião de *Atenção!*. Entretanto, abordo a maneira que esses artigos foram traduzidos a partir do que Talia Bugel, a tradutora dos cinco primeiros textos na revista, considera relevante: o contexto cultural para dar similitude ao discurso do autor, o que significa incluir palavras, expressões e conceitos locais. Todos os textos em português estão nos “Anexos” junto aos originais em espanhol publicados nos jornais *Brecha* e *El País*, e um deles (“A infância como perigo”) retirado do livro *De patas arriba. La escuela del mundo al revés*.

No capítulo 3, “Escrita crítica e imaginativa”, realizo a análise retórica dos artigos do autor traduzidos para o português e publicados na revista *Atenção!*, identificando quais técnicas argumentativas são utilizadas e como são estruturadas para sustentar as teses do escritor que formam as quatro *máximas galeanas*, relacionadas ao seu principal livro, *As veias abertas da América Latina*. As máximas nomeiam os subcapítulos, que iniciam com uma introdução sobre as teses em comum dos textos que compõem cada um deles e finalizam com considerações analíticas.

A aplicação da *nova retórica* de Perelman (2006) como metodologia no Jornalismo tem como referência a dissertação de Vanessa Hauser, *Jornalismo, retórica e dialética: incursões teóricas* (2012), do

---

pulido contra el canto de las viejas mesas de madera. Es que en esos espacios de debate, pasión y creación, el escritor empezó a vincularse con el mundo del periodismo. En esas mismas mesas se trenzaban quienes serían, unos pocos años después, sus compañeros de redacción en el legendario semanario *Marcha*, del que un jovencísimo Eduardo Galeano llegaría a convertirse en secretario de redacción bajo la atenta mirada y tutela del mítico Carlos Quijano”.

PPGJOR/UFSC, que, apesar de se referir somente ao jornalismo informacional (MARQUES DE MELO, 2006), auxilia a pensar na aplicação ao opinativo, que é construído por teses e provas. Aliás, toda comunicação que “tenda a influenciar uma ou várias pessoas, a orientar os seus pensamentos, a excitar ou a apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, ela é do domínio da retórica” (PERELMAN, 1996, p. 172).

## 1 PORQUE ASSIM É *ATENÇÃO!*

No ano de 1995, a revista *Atenção!* surgiu no Brasil com o intuito de fazer jornalismo investigativo, produzindo reportagens e republicando materiais de jornais estrangeiros independentes, que até hoje compartilham uma visão antagonista ao neoliberalismo<sup>7</sup> e à chamada grande imprensa. A equipe trabalhava em uma casa de três andares, localizada na rua Princesa Izabel, nº 1.503, do bairro Brooklyn, em São Paulo (SP), que abrigava, ainda, a Editora Página Aberta<sup>8</sup>, responsável pela publicação. No total, foram lançadas 11 edições, sendo a primeira em outubro de 1995 e a última em fevereiro de 1997.

O intuito deste capítulo é traçar um histórico da revista desde a concepção do projeto até o seu fechamento. Assim, no subcapítulo 1.1, “O projeto inicial, a revista nas bancas”, baseio-me nas entrevistas com o diretor Breno Altman; o primeiro editor-chefe, Giancarlo Summa; e as repórteres Adélia Chagas e Simone Biehler Mateos, para contar sobre a ideia inicial da publicação, a escolha do nome e como o conteúdo era produzido.

No subcapítulo seguinte, 1.2, “A coluna ‘Veias Abertas/Janelas Abertas’”, abordo a decisão de ter Eduardo Galeano como um dos colunistas, situo o espaço destinado a ele dentro de *Atenção!* e relaciono seus textos ao conceito de jornalismo opinativo (CHAPARRO, 1998; MARQUES DE MELO, 2003), pois, ao longo da dissertação, considero-os como artigos de opinião, os quais permitem liberdade de conteúdo e forma ao autor. Em 1.3, “Os colunistas ao lado de Eduardo Galeano”, apresento os demais articulistas, que variaram a cada edição, para compreender quem eram as pessoas envolvidas no projeto e a relação entre seus discursos e a ideologia da revista.

Logo no começo, *Atenção!* estabeleceu parceria com o mensário francês *Le Monde Diplomatique* e a revista semanal estadunidense *The Nation*, depois, vieram acordos com o português *Já* e o uruguaio *Brecha*. A descrição de todos eles se encontra em 1.4, “Direito de reprodução, os veículos parceiros”. O último subcapítulo, 1.5, “Alto custo, fim da revista”, diz respeito às dificuldades de obter fundos por meio de

---

<sup>7</sup> Teoria econômica que defende o Estado mínimo, pois ele e “toda sua estrutura de poder não são confiáveis, ao menos não quando o que se tenha em mira seja a preservação dos direitos e liberdades individuais dos cidadãos” (BUENO, 2012, p. 17).

<sup>8</sup> A Editora Scritta foi criada pelo jornalista e pai de Breno Altman, Max Altman, em 1986 e passou a se chamar Página Aberta em 1996.

publicidade de empresas privadas e também de órgãos governamentais. Ao final da gestão do Partido dos Trabalhadores (PT), em locais como as prefeituras de Santos (SP), Belo Horizonte (MG) e Distrito Federal, onde não houve reeleição, o interesse em parcerias ficou comprometido e *Atenção!* foi encerrada.

### 1.1 O projeto inicial, as revistas nas bancas

A ideia da revista *Atenção!* surgiu do jornalista Breno Altman, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde 1986 e diretor do site especializado em política internacional chamado *Opera Mundi*. Ele e os colegas italianos Giancarlo Summa e Piergiorgio Maoloni desenvolveram o projeto gráfico e encabeçaram as edições iniciais. O primeiro editor-chefe da revista foi Summa, atual diretor do Centro de Informação da Organização das Nações Unidas (ONU) no México, que permaneceu até a edição de número quatro, retornando à Itália por razões profissionais. Depois dele, Jayme Brenner, fundador e diretor da agência Ex Libris Comunicação Integrada, coordenou a equipe nas edições cinco, seis e sete e deixou a publicação por conflito editorial. Por fim, José Sacchetta Ramos Mendes, professor de pós-graduação em Direito e em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia (UFBA), permaneceu da oitava até a última edição.

Antes de entrar para o projeto, Summa já morava em São Paulo, trabalhava como correspondente internacional na América Latina dos jornais *L'Unità*<sup>9</sup> e *La Stampa*<sup>10</sup> e tinha recém lançado o livro *Rivoluzione addio: il futuro della nuova sinistra latino americana* (1994), pela Editora Ediesse (Roma). A obra foi escrita em conjunto com Donato Di Santo, político italiano que lida com os países latino-americanos há mais de 30 anos, e traz a palavra de sete líderes: Cuauhtémoc Cárdenas (México), Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil), Rubén Zamora (El Salvador), Sergio

---

<sup>9</sup> Diário fundado por Antonio Gramsci como órgão oficial do Partido Comunista Italiano, em 1924. A publicação foi encerrada em 2014 por questões financeiras (Cf. MACKENZIE, James. **Diário comunista italiano L'Unita vai sair de circulação.** Reuters. Disponível em <http://br.reuters.com/article/entertainmentNews/idBRKBN0FZ1VY20140730>. Acesso em: 01 de novembro de 2017).

<sup>10</sup> O diário com sede em Turim foi fundado em 1867 com o nome de jornal *Piemonte*, pelo político Ruggero Bonghi. (Cf. LA STAMPA, **Archivio.** Disponível em <http://archivio.lastampa.it/>. Acesso em: 03 de novembro de 2017).

Ramírez (Nicarágua), Dora María Tellez (Nicarágua), Tabaré Vázquez (Uruguai) e Isabel Allende (Chile). Assim:

*Rivoluzione addio* reflete sobre a evolução da ‘nova esquerda’ latino-americana e os principais eventos políticos, sociais e econômicos que marcaram o continente durante a última década, desde a crise da dívida externa até a revolta zapatista de Chiapas. As análises e reconstruções históricas misturam-se à história de episódios emblemáticos e às vezes pouco conhecidos, em uma espécie de fio vermelho que ajuda a compreender uma área vital para as estruturas geopolíticas do mundo (DI SANTO; SUMMA, 1994, *contracapa*)<sup>11</sup>.

A fim de traduzir o livro no Brasil, alguns amigos aconselharam Summa a procurar Altman por sua relação com a Editora Página Aberta, que dava espaço a publicações de esquerda. No entanto, não teve acordo e o livro nunca foi traduzido no país. Mesmo assim, houve uma sintonia intelectual muito forte entre os jornalistas (SUMMA, 2017)<sup>12</sup>.

Depois de um tempo e de vários encontros conversando sobre a situação do jornalismo, o Breno me disse ‘olha, temos o projeto de uma revista (que viria ser *Atenção!*), você quer se juntar ao time?’ e me ofereceu de fato para ser o redator-chefe. O Breno tinha idealizado tudo, cuidava de encontrar financiamento, publicidade, pensou na linha editorial e eu tocava toda a produção da revista (SUMMA, 2017, s/p).

---

<sup>11</sup> Texto original: “*Rivoluzione addio* ripercorre l’evoluzione della ‘nuova sinistra’ latino americana, e le principale vicende politiche, sociale ed economiche che hanno segnato il continente nell’ultimo decennio, dalla crisi del debito estero alla rivolta degli zapatisti del Chiapas. Analisi e ricostruzioni storiche si mescolano al racconto di episodi emblematici e a volte poco noti, in una sorta di filo rosso che aiuta a capire un’area vitale per gli assetti geo-politici del mondo”.

<sup>12</sup> Todas as menções a Giancarlo Summa nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via Skype, em agosto de 2017.

Os dois amigos viajaram à Europa para conhecer de perto algumas referências que poderiam ser interessantes para *Atenção!*, sobretudo na França e Itália. “Eu tinha na cabeça alguns jornais europeus e norte-americanos que poderiam ser interessantes para nós: *Le Monde Diplomatique*, *The Nation* e também *Il Manifesto*, que tinha uma abertura para o mundo” (SUMMA, 2017, s/p). Em Roma, tiveram um encontro com o *designer* editorial Piergiorgio Maoloni para a elaboração de um projeto gráfico inovador.

Ele foi um dos maiores criadores de jornais na Itália. Nós voltamos ao Brasil, contratamos a equipe e finalmente saiu o primeiro número. Ele veio com a esposa para implementar o projeto e trabalhou conosco durante duas semanas (SUMMA, 2017, s/p).

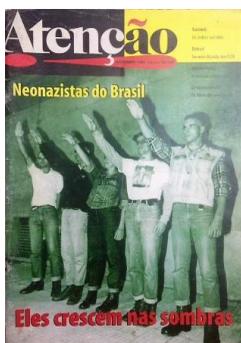
Maoloni (1938-2005) é considerado um revolucionário nas áreas gráfica e jornalística, sendo que sua vida e criação é tema da pesquisa acadêmica intitulada *Piergiorgio Maoloni - Quotidiani Autore* (2012), de Chiara Athor Brolli, no curso de Comunicação, Design e Editoria do Istituto Superiore per le Industrie Artistiche, com sede em Urbino (Itália). Segundo a autora, Maoloni inovou ao usar o espaço branco na página, as redes modulares de paginação, além de equilibrar as opções tipográficas na composição dos textos e introduzir o infográfico para simplificar e descrever informações complexas (BROLLI, 2012).

Com o projeto gráfico escolhido, faltava pensar no nome da revista. Summa lembra que a decisão foi tomada durante um almoço em um restaurante italiano na Praça da República, em São Paulo, onde a equipe conversou sobre o que gostaria de fazer: chamar a atenção para temas que a grande mídia não contempla ou não trata com profundidade. E, assim, surgiu o nome *Atenção!* com o logotipo composto por um ponto de exclamação horizontal embaixo da palavra, criado por Maoloni.

Quadro 1 - Capas da revista *Atenção!*, de 1995 a 1997



OUTUBRO 1995



NOV., Ano 1 n. 1, 95



DEZ/JAN., Ano 1 n. 2, 96



FEV., Ano 2, n. 3, 96



Ano 2, n. 4, 96



Ano 2, n. 5, 96



Ano 2, n. 6, 96



Ano 2, n. 7, 96



Ano 2, n. 8, 96



Ano 2, n. 9, 96

Ano 3, n. 10, 97

Fonte: Elaboração própria.

O projeto gráfico seguiu praticamente o mesmo do início ao fim da revista, sendo que o tamanho do papel era maior que o comum, tinha 23x32cm, exceto na última edição. De acordo com Altman (2017)<sup>13</sup>, a medida foi reduzida por solicitação da distribuidora para entrar em concordância com o padrão do mercado. Para se ter ideia, *Atenção!* era um pouco menor que a revista *piui*<sup>14</sup>, que circula atualmente e tem 26,5x34,8cm.

Entre os tamanhos de revista, que variam, em média, de 13,5x19,5cm até 25x30cm – existem revistas maiores e menores, mas são as exceções das exceções -, sempre há um que agrada a determinado leitor e que serve sob medida a um tipo de publicação. O formato mais comum é de 20,2x26,6cm – que é o tamanho das revistas *Veja* e *Time*, por exemplo. Tal medida não é a mais comum por acaso: é a que representa melhor utilização do papel e, por isso, uma maior economia (SCALZO, 2003, p. 40).

Além do tamanho diferenciado, as três primeiras edições foram impressas em papel especialmente desenvolvido pela Cia. Suzano de Papel e Celulose<sup>15</sup>. Com 84 páginas (exceto a primeira edição, que tinha

<sup>13</sup> Todas as menções a Breno Altman nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via Skype, em janeiro de 2017.

<sup>14</sup> Idealizada pelo documentarista João Moreira Salles e lançada em 2006.

<sup>15</sup> Conforme escrito no expediente, ao fim da página 03 à direita, dez 95/jan. 96

96, e a edição Ano 2 n.9, que tinha 92), as edições de *Atenção!* continham uma entrevista longa, colunas assinadas, grandes reportagens, ensaio fotográfico, história em quadrinhos. Havia ainda espaço reservado à carta do leitor e ao jornalismo cultural, com seção de crítica e indicação de livros, filmes e música.

A revista chegou às bancas pela primeira vez no mês de outubro de 1995, com 100.241 exemplares de tiragem, reportagem de capa assinada por Ricardo Kotscho<sup>16</sup> e no valor de R\$4,90. Segundo Altman, o preço corresponderia atualmente a algo em torno de R\$15 e não havia outra revista com o mesmo perfil de *Atenção!* naquela época. Na página 04, a agência de publicidade Propague (Florianópolis/SC) anunciava que a Editora Scritta, depois chamada de Página Aberta, era sua nova cliente e convidava o leitor para assinar a revista:

Já na primeira reunião de briefing descobrimos que estávamos diante de pessoas que buscavam identificar uma alma gêmea. Nos princípios éticos, na disposição ao envolvimento e no pensamento estratégico de negócios. Definitivamente a Scritta não queria apenas um provedor de anúncios ou comerciais. A missão era empolgante, quente. Fazer renascer na imprensa brasileira o tempo das grandes reportagens, do jornalismo investigativo, dos assuntos surpreendentes e polêmicos que alicerçam ou abalam nossas vidas. Como, no passado, tinham sido as revistas *Senhor* e *Realidade*. Mergulhamos fundo. *Atenção!* passou a ser para nós muito mais do que o produto de um bom cliente. Tornou-se uma responsabilidade e um caso afetivo (ATENÇÃO!, 1995a, p. 04).

No editorial intitulado “Tudo que é unânime nos é estranho”, na página 05, a revista foi apresentada ao leitor de maneira que ele ficasse ciente de que teria acesso a reportagens exclusivas, polêmicas, com novas ideias. A cada ano, onze edições deveriam ser lançadas, sendo que janeiro seria o mês de balanço da empresa. No texto, expõe-se que a equipe estaria sempre em busca da pauta mais surpreendente, ultrapassando os limites da superficialidade e da informação frágil. O objetivo desse

---

– Ano 1 n. 2.

<sup>16</sup> Título da reportagem: “A terra que queriam ver dividida”. Outubro 1995 – Edição de Lançamento.

veículo de comunicação independente era ser uma referência duradoura sobre os assuntos tratados.

### **Quadro 2: Apresentação da revista *Atenção!***

Nas suas mãos, o primeiro número de *Atenção!*, revista mensal de investigação jornalística e crítica do nosso tempo. A cada ano, onze edições (janeiro será o mês de balanço da companhia). Reportagens exclusivas, polêmicas, novas ideias. A cada edição, o esforço para oferecer um outro ponto de vista.

Estaremos sempre em busca da pauta mais instigante e surpreendente. Sem abrir mão de uma linguagem ágil e de uma veste gráfica cativante. *Atenção!* pretende ultrapassar os limites da superficialidade, da informação frágil, do lugar-comum. Cada matéria será produzida com o objetivo de tornar-se uma referência duradoura sobre o assunto tratado.

Somos uma revista independente e plural. Em nossas páginas, só não haverá espaço para a verdade oficial, empacotada, fabricada sob encomenda. Apostamos na grande reportagem como ferramenta que revela o que se deseja esconder ou desconhecer. Nossos repórteres estarão sempre trazendo a público o Brasil que sofre, luta e se emociona. *Atenção!* também dará destaque aos acontecimentos mundiais, particularmente aos latino-americanos. Além de uma ampla rede de colaboradores espalhados pelas mais importantes capitais, contamos com a qualidade do mensário francês *Le Monde Diplomatique* (principal publicação sobre temas mundiais) e do semanário americano *The Nation* (a mais conceituada revista progressista nos Estados Unidos), dos quais detemos os direitos exclusivos de republicação para o nosso país.

Aqui você igualmente encontrará debates e análises. Nas colunas, nos ensaios, no roteiro de cada edição buscaremos oferecer o melhor material sobre ideias e comportamento, sobre a produção nas artes. Tentaremos temperar a densidade e a picardia da boa crítica cultural com reportagens que permitam ao leitor um contínuo painel do que se faz e do que acontece no interior da usina dos pensamentos e costumes.

As forças do mercado e da política empurraram boa parte da mídia brasileira para uma postura homogênea, supérflua, sem graça. Reforçaram uma forma de *fazer jornalismo* que se alimenta basicamente de declarações das autoridades e relatórios institucionais. Um jornalismo pela rama, que frustra o leitor atento, desejoso de eliminar as barreiras da desinformação, e que cria uma unanimidade, um discurso repetido, um conforto preguiçoso. Já nascemos nadando no sentido contrário desta corrente. Tudo que é unânime nos é estranho. Tudo que é tranquilo nos deixa impacientes. Todo o conforto deve ser castigado. Não leia esta revista se você não quiser ser incomodado por uma outra realidade, pela dúvida, pela revelação. Porque assim será **Atenção!**

Fonte: ATENÇÃO! (1995a, p. 05, grifos do autor).

Em geral, as temáticas das reportagens seguiam as sugestões propostas nas reuniões de pauta, das quais participavam a equipe de redação e quem mais estivesse pela casa. Como se tratava de uma revista mensal, a pauta era decidida cerca de 60 dias antes do fechamento da edição e muitas matérias levavam até 40 dias para serem apuradas. Altman afirma que, “ler *Atenção!* era como ler um livro. Em uma revista de reportagem, a pessoa escolhe o texto que vai ler” (ALTMAN, 2017, s/p).

Quanto à proposta editorial, *Atenção!* foi inspirada na revista *Realidade*, uma referência na produção de grandes reportagens, mesmo sendo de propriedade da Editora Abril. *Realidade* circulou entre 1966 e 1976, período em que o Brasil estava sob regime militar e fazer jornalismo estava ligado à possibilidade de censura, tanto é que, em 1967, parte de uma edição dedicada à mulher brasileira foi apreendida por ser considerada um atentado contra a moral e os bons costumes. Durante três meses, mais de 1.200 entrevistas tinham sido realizadas para levantar informações sobre liberação sexual, frustração no casamento e independência. “A pressão haveria de tornar-se insuportável depois do decreto do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, contribuindo para asfixiar a vigorosa reportagem de *Realidade*” (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 57).

Com algo da francesa *Réalités* e da americana *Esquire* em sua fórmula, a revista refletia a inquietação cultural e de costumes dos anos de

1960, repercutindo novos padrões de comportamento. Não economizava espaço. Suas reportagens eram fluviiais, exaustivas e os textos, elaborados com esmero literário. *Realidade* fez capas notáveis. Jogou luzes sobre a magnífica geração de jovens músicos – Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso – que ia então chegando à cena. Abriu largos espaços para Che Guevara, morto pouco antes na guerrilha boliviana. Encarou temas então melindrosos como a maconha, o clero de esquerda, o racismo e o movimento estudantil que crepitava nas ruas. Foi ver de dentro a Guerra do Vietnã (1964-1975) – e pagou um preço cruel: na capa que trouxe a reportagem, o enviado especial José Hamilton Ribeiro aparece ferido, minutos após pisar na mina terrestre que lhe estraçalhou a perna esquerda (A REVISTA NO BRASIL, 2000, p. 57-58).

Assim como *Realidade*, *Atenção!* era uma revista dedicada ao jornalismo investigativo, com várias páginas de reportagens – o que permite o uso de recursos literários, estrutura narrativa e densidade de informação – e ensaios fotográficos. As duas eram mensais e atraentes por causa da parte gráfica e do conteúdo autoral, em que o estilo de cada jornalista é reconhecido pelo leitor. Além disso, a questão social nos países subdesenvolvidos e o pensamento intelectual de esquerda sustentavam os dois veículos.

Devido à própria formação intelectual dos jornalistas, notadamente mais autodidata do que erudita, a revista *Realidade* estava mais inclinada a sofrer influência do que acontecia na América Latina e no Brasil. Além disso, existia na época uma acentuada inclinação das esquerdas para a valorização da cultura latino-americana, como uma “bandeira de luta” em favor do que se chamava “descolonização da cultura” (MORAES, 2010, p. 46, grifos do autor).

Uma revista lançada dez anos após o fim de *Atenção!*, mas que possui semelhanças quanto à linha editorial e forma de captação de recursos, é a *Brasileiros*. Ambas tiveram *Realidade* como inspiração, trabalhavam com repórteres *freelancers*, tinham conteúdo marcado pela

autoria e contavam com anúncio governamental do PT. A publicidade de *Brasileiros* era

81% não governamental (empresas de telefonia, aviação, carros, joias, hotéis, restaurantes, grifes, bebidas) e 19% governamental (na maioria, propagandas de bancos públicos e campanhas do Governo Federal e de São Paulo) (MONTIPÓ, 2012, p. 33).

Enquanto *Atenção!* circulou no período em que várias prefeituras e estados tinham líderes do PT, mas a presidência era ocupada por Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), *Brasileiros* esteve nas bancas durante os anos em que o PT elegeu Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2012-2016) ao cargo máximo executivo.

Publicada mensalmente de 2007 a 2017 em meio impresso, a *Brasileiros* foi transformada na página de notícias *páginaB!*, dentro do portal *artebrasileiros.com.br*, que reúne, também, a extinta *CULTURA!Brasileiros* e *ARTE!Brasileiros*, a única que prevalece impressa. O portal continua privilegiando análises, reportagens, artigos e fotografias (ARTE BRASILEIROS, 2018). Alguns profissionais de *Brasileiros* também trabalharam em *Atenção!*: Alex Solnik, como editor, e Ricardo Kotscho, como repórter colaborador.

A jornalista Simone Biehler Mateos, atual assessora de imprensa do Instituto Alfa e Beta<sup>17</sup>, participou da revista *Atenção!* do início ao fim, como editora e repórter. Segundo ela, a ideia dos editores era trabalhar com repórteres *freelancers*, entretanto, o material entregue nem sempre correspondia à expectativa e retrabalhava-se frequentemente para complementar a apuração e reescrever parte do material. Em função disso, aos poucos, preferiu-se lidar com “jovens repórteres cheios de sonhos ambiciosos e polivalentes do que com as estrelas da profissão que não cumpriam prazos” (MATEOS, 2017, s/p)<sup>18</sup>. Ela conta também que a relação da equipe era de pouca hierarquia, uma característica da imprensa independente.

Assim como *Realidade* apresentava textos extensos, com envolvimento do repórter, que, por vezes, tinha a possibilidade de

---

<sup>17</sup> O foco do Instituto Alfa e Beta é realizar análises e publicações relacionadas à educação.

<sup>18</sup> Todas as menções a Simone Biehler Mateos nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via e-mail, em setembro de 2017.

trabalhar em um mesmo assunto durante meses (MORAES, 2010, p. 106), *Atenção!* também propiciava imersão na apuração.

*Atenção!* pode ser definida como uma tentativa de ressuscitar o jornalismo investigativo de profundidade. Mistura a emoção do repórter, que vivencia o que está apurando, com riqueza de dados. Ali teve espaço e estímulo para fazer o jornalismo no qual acredito: o que mescla análise crítica, dados, várias fontes e ângulos, que relaciona fatos, com o desafio de dar voz aos que nunca têm voz, dar voz aos que sofrem na pele a injustiça social desse país, gente que muitas vezes não tem a visão macro das políticas econômicas que os levaram àquela situação... Jornalismo que integra emoção com razão crítica (MATEOS, 2017, s/p).

Duas reportagens de Mateos tiveram destaque: “Os índios que querem morrer”, na edição de Ano 1, n.1 (ATENÇÃO!, 1995b), que foi indicada para o prêmio Esso de Jornalismo Ecológico, e “Quem lucra com o trabalho infantil”, publicada na edição de Ano 1, n.2 (ATENÇÃO!, 1995-1996), que recebeu menção honrosa no prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos. Na seção de cartas da edição Ano 2, n.9 (ATENÇÃO!, 1996g), esta última informação foi divulgada:

*Atenção!* recebe menção honrosa

A reportagem “Quem lucra com o trabalho infantil”, de Simone Biehler Mateos, mereceu menção honrosa do Prêmio Wladimir Herzog, concedido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em outubro. A matéria, publicada em dezembro de 1995, reconstitui a cadeia produtiva que se beneficia com a exploração do trabalho infantil, mostrando como modernos setores da economia lucram com isso. O primeiro lugar do prêmio foi dividido por Elis Regina Nunes (Crime, paixão e morte, jornal O Dia -RJ) e Bernardino Furtado (O caso Lamarca, jornal O Globo - RJ). Outras três menções honrosas foram concedidas para Leonor Consuelo Diegues (A guerrilha do Araguaia, jornal O Globo -RJ), João Antonio de Barros (Os desaparecidos da democracia, jornal O Dia-RJ) e Cláudio Cerri e Ernesto de Souza (O Baú

do Brasil, revista Globo Rural - SP) (ATENÇÃO!, 1996g, p. 06).

Uma integrante do grupo de repórteres cheios de sonhos ambiciosos e polivalentes, do qual fala Mateos, era Adélia Chagas, que entrou na redação a partir da edição Ano 2 n.3 (ATENÇÃO!, 1996a), em que assinou a reportagem “Como é feita uma fotonovela pornô”. Chagas afirma que os jovens jornalistas se surpreendiam com *Atenção!* pelo projeto ser independente, não pertencendo a um grande grupo empresarial familiar. Antes de trabalhar na revista, ela fez parte da equipe do jornal *Brasil Agora*, que circulou entre 1991 e 1996, produzido e dirigido por lideranças ligadas ao PT. Lá, conheceu o ilustrador do jornal Gilberto Maringoni, que passou a ser editor de arte de *Atenção!*.

Os colegas do jornal *Brasil Agora* indicaram a ela o *freela* para escrever sobre como se faz uma fotonovela pornográfica. Ela aceitou o desafio. A reportagem foi publicada e há somente uma carta do leitor, na edição Ano 2 n.7, que mostra a repercussão:

Não gostei...

Não se trata de puritanismo. O artigo “Como é feita uma fotonovela pornô” privou, a nós leitores, de um precioso espaço na revista que podia ter sido melhor aproveitado. A matéria é medíocre, sem o mínimo tesão e os clichês, de duvidoso valor fotográfico. Assuntos relacionados ao sexo não podem resvalar no boçal. Tenho apreciado as demais matérias (ESTEVES *apud* ATENÇÃO!, 1996e, p. 06).

No início de *Atenção!*, os repórteres faziam a apuração e o editor contribuinte, Mylton Severiano da Silva (1940-2014), conhecido no meio como Miltainho, fechava todos os textos, como faziam os copidesques<sup>19</sup>. Ele trabalhou em diversos órgãos da imprensa, sendo que começou a

---

<sup>19</sup> “O *copidesque* cumpre o papel de microfiltro. Cada matéria passa por uma verificação antes de ser difundida. Tecnicamente, a atividade do *copidesque* é apresentada como um recurso editorial para a unificação da linguagem utilizada, e, no caso específico da imprensa, para a correção dos eventuais deslizes gramaticais. Ou seja, o jornalista encarregado de reescrever as matérias produzidas pelos demais integrantes da equipe redatorial atuaria no plano meramente linguístico-literário” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 84, grifos do autor).

carreira nos anos de 1960, na *Folha de São Paulo*. Depois, passou por outros veículos, como o *Jornal da Tarde*, as revistas *Quatro Rodas*, *Realidade* e, também, *Carta Capital*.

Dentre as reportagens que Chagas realizou em *Atenção!*, ela destaca o dossiê sobre os dez presos políticos que sequestraram o empresário Abílio Diniz, em 1989, publicado na edição Ano 2 n.9 (ATENÇÃO, 1996g), realizado juntamente com Breno Altman. “Eu fico arrepiada, foi lindo. Essa reportagem eu escrevi da minha casa, está montada em forma de diário. Foi uma vivência imensa” (CHAGAS, 2017, s/p)<sup>20</sup>.

Chagas afirma que a revista era muito bem quista nas universidades, como na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). De acordo com ela, quem lia era o público de esquerda, entretanto, não era muito conhecida. Apesar de ter representantes de vendas em capitais, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre, e alta tiragem, a distribuição ficava limitada praticamente a São Paulo. Mateos partilha da mesma opinião de Chagas quando diz que “a revista era elogiadíssima, principalmente entre estudantes e professores de jornalismo, mas sua circulação sempre foi muito restrita e a conquista de anunciantes, uma dificuldade” (MATEOS, 2017, s/p).

## 1.2 A coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”

O gênero coluna é frequente nos veículos de comunicação impressos do Brasil, sendo o colunismo uma atividade quase autônoma, visto que os profissionais vendem seus textos diretamente, ou por meio de agências, a jornais e revistas para serem publicados em seção fixa. “Resulta daí uma fonte de poder, prestígio e dinheiro que faz deles jornalistas diferentes, porque estão diária e simultaneamente nos principais jornais de todo o país” (CHAPARRO, 1998, p. 147). Essa facilidade de encontrar coluna social, política, esportiva, de economia ou de literatura é uma influência dos Estados Unidos, onde a tradição é antiga, pois o jornalismo brasileiro se espelhou nas práticas desse país, além da Inglaterra e França durante o século XX (CHAPARRO, 1998).

Seguindo o modelo estadunidense, Marques de Melo (2003) separa os gêneros jornalísticos em informativo – nota, notícia, reportagem e entrevista – e opinativo – editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Para o teórico, a divisão é um artifício

---

<sup>20</sup> Todas as menções a Adélia Chagas nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via Skype, em setembro de 2017.

profissional e político com o propósito de garantir a credibilidade do público ao dar-lhe autonomia para escolher o que quer saber e por qual meio. No entanto, afirma brevemente que adotá-la não significa desconhecer que o jornalismo é um processo social em que a expressão ideológica predomina.

A tendência a ter textos opinativos ocorre mais em publicações vinculadas a partidos políticos, pela intenção de contrapor a sua versão dos fatos àquelas divulgadas por outros veículos (MARQUES DE MELO, 2003). É o caso da revista *Atenção!*: todo o conteúdo segue o viés da revista, de esquerda, com foco na opinião. Não é relevante em *Atenção!* dividir os textos em informativos e opinativos, a autoria é visível tanto nas reportagens quanto nas colunas, o que demonstra responsabilidade de cada autor pelo que escrevia.

Chaparro (1998) questiona mais profundamente a divisão dos gêneros jornalísticos porque defende a impossibilidade de separar informação de opinião, já que o ofício se constrói na dualidade. Para ele, essa separação já perdura três séculos e é falsa, porque a valoração jornalística e a interferência de sujeitos ocorrem desde a apuração, ao se basear em pressupostos e pontos de vista. Por outro lado, o comentário explicativo ou crítico também é ineficaz se não agregar fatos e dados confiáveis. Logo, o que está na discussão de Chaparro (1998) é a forma de discurso, isto é, a técnica e não a ética. Assim, propõe a divisão de gêneros fundamentada nas ciências da linguagem: espécie narrativa, do relato; espécie argumentativa, do comentário; e espécie prática, de serviço.

Na visão de Marques de Melo (2003), embora a coluna e o artigo sejam identificados pela autoria, as angulações são distintas. A coluna emite opinião temporalmente contínua, sincronizada com a repercussão dos acontecimentos, incorporando a mediação dos grupos sociais que a instituição jornalística se dirige. O artigo tem conteúdo amplo e variado, forma diversa, julgamentos ou explicação de um fato ou ideia atual, segundo o que for conveniente ao articulista, desde que seja coerente com o espírito do veículo.

O articulista escreve sem a pressão do tempo, pois geralmente não pertence aos quadros de funcionários das empresas e está descompromissado com as rotinas da produção industrial. Pelos prazos de finalização serem mais longos, o que permite uma estruturação de argumentos menos superficial, o artigo possui perenidade e, às vezes, aproxima-se da produção literária. Dessa maneira, democratiza a opinião no jornalismo ao abrir espaço para as lideranças emergentes da sociedade se expressarem. “É claro que essa democratização constitui uma

decorrência do espírito de cada veículo: sua disposição para abrir-se à sociedade e instituir o debate permanente dos problemas nacionais” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 127).

Chaparro (1998) acredita que essas definições são resultado da devoção à objetividade, que iludem os leitores e os levam a acreditar que há informação livre de pontos de vista, o que não é possível. Ele diz que a interação entre informação e opinião oferece ganhos significativos na apreensão ou atribuição de significados à realidade. Seria um modo racionalista de pensar, contudo, a opinião também é uma forma de se chegar ao conhecimento. Medina (2006, p. 164) confia na autoria como parte da mediação ética. “O artista está afeto à sociedade a que pertence e, por isso, realiza a comunhão poética com seus parceiros de História”.

Em Galeano, a argumentação não se baseia somente no próprio saber e sensibilidade, mas em fontes que legitimam sua fala pela credibilidade documental. Situo os textos como artigos de opinião tendo ciência de que não existem fronteiras rígidas entre informação e opinião. Autor, fonte e leitor não são passivos, pois todo texto tem uma intenção e toda leitura, uma atribuição de sentidos. O mundo real que dá significado ao texto é composto por múltiplos sujeitos e múltiplas verdades, nessa interação de acordos e conflitos, crenças e rejeições, ocorre a interpretação (CHAPARRO, 1998).

Marques de Melo (2003) afirma que a caracterização do colonismo na imprensa brasileira dá margem a ambiguidades, pois há uma tendência a considerar toda *seção fixa* como sendo coluna. Para ele, tem a ver com uma seção especializada, de caráter opinativo, composta de “notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 139-140). Na classificação de Chaparro (1998), a coluna é híbrida por abranger tanto o comentário quanto o relato, permitindo que informação e análise se complementem.

Outras características são: a periodicidade, que acompanha o ritmo dos acontecimentos, garantindo relação com as emoções cotidianas; a localização e formatação gráfica constantes, o que dá identidade visual ao periódico e serve de orientação e atração para a leitura; e mais, tem

(...) traço de subjetividade que a torna particularmente interessante: seu poder de persuasão está na credibilidade do jornalista que a assina. O bom colonista desfruta de prestígio próprio e de autonomia dentro do jornal, para o

qual se transforma em conquistador de leitores fieis (CHAPARRO, 1998, p. 147).

A liberdade do articulista também vem pela circunstância de ser colaboração espontânea ou solicitação nem sempre remunerada, passando por um processo mais seletivo (MARQUES DE MELO, 2003).

A escolha por Eduardo Galeano para ser um dos colunistas de *Atenção!* se deu pela proximidade dele com o diretor da revista, Breno Altman, e também pelo intuito de ter um grande nome da América Latina na publicação. “Galeano era uma pessoa muito acessível e mandava o que quisesse, às vezes falávamos por telefone e ele mandava o texto por fax” (ALTMAN, 2017, s/p). Vejo como uma estratégia para dar prestígio à revista e ter uma voz legítima para convencer a respeito das desigualdades da década de 1990, sobretudo em um período de governo neoliberal no Brasil. Galeano seria ouvido por ser um intelectual reconhecido, com poder de influência na tomada de decisões por aqueles que estão ou querem estar no poder.

Conforme Foucault (2001), ao identificar um discurso como sendo de tal pessoa, está inerente a ideia de que ele não é indiferente, pois a marca do autor confere autenticidade, distinção e perenidade. Existe relação a um modo de discurso. Ao mencionar Galeano, traz-se a noção de defensor da América Latina, de escritor dos subalternos admirado pela esquerda, de crítico do imperialismo, entre outros. Assim, uma série de signos fazem reconhecer que os artigos foram escritos por ele, os quais fortaleceram a credibilidade e seriedade da revista.

Os artigos foram publicados em uma coluna localizada majoritariamente nas páginas 52 e 54, sendo a segunda na ordem dos colunistas, exceto na edição Ano 1, n. 2 (ATENÇÃO!, 1995-1996), quando foi a terceira. A estreia ocorreu com o nome “Veias Abertas” em alusão ao livro *As veias abertas da América Latina*, que teve grande repercussão no Brasil nos anos de 1970. Todavia, a partir da edição Ano 1, n.2 (ATENÇÃO!, 1995-1996), passou a se chamar “Janelas Abertas”, mas manteve o mesmo projeto gráfico. Giancarlo Summa, primeiro editor-chefe da revista, explica o porquê:

Sei que ele nunca se arrependeu do *Veias Abertas da América Latina*, mas depois acabou falando que era um livro muito juvenil dele. Se ele tivesse que reescrever anos depois teria feito de forma diferente, não pelo ângulo, mas por ser um escritor mais maduro. Não lembro se foi ele que sugeriu ou

se nós decidimos. Naquela época tudo se fazia por fax ou carta. Ou você lembra, ou não tem arquivo (SUMMA, 2017, s/p).

Destaco também que, nos anos de 1990, haviam terminado os governos militares do Cone Sul (Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Peru, Paraguai e Bolívia) e vislumbravam-se possibilidades de autonomia e desenvolvimento para a região. O substantivo *janela* parece ser mais adequado aos novos tempos e não mais *veias*, que conotava a extração de riqueza a qualquer custo sem brechas para a América Latina avançar. No livro de Galeano chamado *Palavras andantes*, de 1993, vários textos possuem títulos que contêm a palavra *janela*, como “Janela sobre a memória”, “Janela sobre o livro”, “Janela sobre a cidade”... como se fosse um sentimento de esperança.

Na coluna, Galeano faz análises de temas da América Latina como sempre fez, portanto, não se detinha aos acontecimentos propriamente brasileiros. Mas, mantinha relação com o que acontecia no país pela visão ampla do presente e passado da região.

Eu não sei a qual gênero correspondem as coisas que escrevo, nem quero averiguá-lo, porque provavelmente tudo o que escrevo corresponde a uma vontade que alguém tem de violar alegremente essas fronteiras, burlá-las, a partir da certeza de que a palavra humana quando voa, voa livremente, e toda classificação de algum modo pressiona a mariposa contra a parede (GALEANO, 2015, p. 35).<sup>21</sup>

Os artigos de opinião de Galeano constam em dez edições da revista, sendo que, na última, por causa da entrevista especial sobre os 25 anos de *As veias abertas da América Latina*, a coluna “Janelas Abertas” não foi publicada. Os textos vinham em espanhol e eram traduzidos por pessoas contratadas pela revista, citadas em cada expediente. A coluna manteve o mesmo padrão gráfico em todas as edições, com uma página

---

<sup>21</sup> Texto original: “Yo no sé a qué género corresponden las cosas que escribo, ni quiero averiguarlo, porque probablemente todo lo que escribo corresponde a una voluntad que uno tiene de violar alegremente esas fronteras, burlarse de ellas, a partir de la certeza de que la palabra humana cuando de veras vuela, vuela libremente, y toda clasificación de algún modo clava la mariposa contra la pared”.

de texto e olho<sup>22</sup>, exceto a Ano 2 n.9 (ATENÇÃO!, 1996g) que inclui ilustrações de Gilberto Maringoni.

Summa (2017) diz que os textos enviados por Galeano não eram exclusivos para *Atenção!*, apesar de serem publicados somente nesta revista em âmbito nacional. Dessa forma, é possível encontrar versões em espanhol, tanto em *Brecha* (Uruguai) quanto em *El País* (Espanha). O primeiro artigo, “O computador e eu”, que está na edição de lançamento de outubro de 1995 de *Atenção!*, foi veiculado em *El País*, na edição impressa do dia 23 de setembro de 1995. Assim também, a série “A automovelcracia”, que reúne quatro artigos, pode ser encontrada em *Brecha* no ano de 1996.

Os textos possuem temáticas comuns da narrativa de Galeano, como a infância e a violência nos países latino-americanos, o avanço do capitalismo e sua influência na vida cotidiana.

Ele falava de temas mundiais e latinos que eram muito presentes no Brasil. Eu me lembro de uma série sobre automóveis que dialogava muito com o que eram os grandes centros urbanos daqui, embora não tenha sido escrita com os olhos voltados a nós (ALTMAN, 2017).

Altman refere-se aos textos: “A automovelcracia”, “A automovelcracia (II) – Liturgia do divino motor”, “A automovelcracia (III) – O anjo exterminador”, “A automovelcracia (IV) – Os espelhos do paraíso”. Sobre essa série, há três comentários publicados na seção carta do leitor, sendo dois positivos e um negativo. Na edição Ano 2 n.4 (ATENÇÃO!, 1996b, p. 04), a leitora Fernanda Souza Lutz deixa sua opinião sobre o primeiro texto da série:

Demoníaca invenção

Eduardo Galeano foi brilhante em seu artigo contra a demoníaca invenção do carro – pernicioso nas cidades, capaz de fazer aflorar a parte mais sinistra e violenta dos homens e, ao mesmo tempo, é tão sedutor. É lamentável que nenhum processo revolucionário pensou em superar a fase do automóvel, ou ao menos transformá-lo numa peça de mero uso prático. Até a China sonha em substituir a brilhante bicicleta pelo engordativo e

---

<sup>22</sup> Frase retirada do texto e destacada na página.

poluente engarrafamento. Isso faz a gente perder a fé no futuro da humanidade. Afinal, as soluções racionais para o trânsito das grandes cidades estão à mão. Basta incentivá-las. Se isso é tão difícil, imagine inventar algo mais justo do que o dinheiro?

Após a publicação do segundo texto da série, houve um comentário negativo de Rogério T. Ferraresi, publicado na edição Ano 2 n.5 (ATENÇÃO!, 1996b, p. 05):

#### Infantilidade

Ao ler o exemplar de fevereiro, fiquei decepcionado com a coluna de Eduardo Galeano. Em uma narrativa angustiante, ele acusa o automóvel como o grande vilão das modernas sociedades de consumo. Pior: o autor passa a ideia de que os veículos não só são terríveis poluidores, como também traduzem-se em verdadeiros “ditadores genocidas”. Pois bem, senhor Galeano, sua opinião deve ser respeitada, já o tão combatido automóvel é responsável por boa parte do chumbo, óxido e dióxido de carbono, óxido de nitrogênio, nitrogênio e hidrocarbonetos não-queimados, despejados nos grandes centros. Esses elementos não podem ser eliminados, mas tenta-se, na medida do possível, reduzir seus efeitos maléficos no meio ambiente.

O automóvel é responsável por uma rede industrial que paga impostos e gera empregos, além de fortalecer a economia de qualquer país. Prova disto é o Japão.

Gostaria de frisar que o automóvel não é o vilão da sociedade e criticar aquilo que não se conhece é uma atitude francamente infantil, além de totalmente incompatível com tão brilhante articulista.

Por fim, o último comentário a respeito da série “A automovelcracia” e da coluna de Galeano aparece na edição Ano 2 n.8 (ATENÇÃO!, 1996f, p. 06). A crítica positiva é de Rodrigo Bandeira de Luna:

## Carro x prisão

Gostaria de demonstrar minha especial simpatia pela série de artigos “Automovelcracia” de Eduardo Galeano e também meu lamento de ler que o quarto é o último deles. Chegamos ao ponto de evoluir de uma mera, porém poderosa, teoria de produção proposta por Ford para uma completa dominação da rotina da cidade, das pessoas, de tudo! O tráfego na avenida corresponde a uma linha de produção na qual os operários param obedientemente quando a luz vermelha acende. E prosseguem aos roncos, buzinas e desejos de morte ao verde. A fila de carros é o corredor para prisão e ninguém se toca ou se vê, como que atrelados a correntes pelos pés e pescoço. É isso aí, Galeano! Vamos em frente, esse clamor não pode se calar.

No Quadro 3 estão os respectivos títulos dos textos de Eduardo Galeano publicados em sua coluna na revista *Atenção!*:

**Quadro 3 - Textos de Galeano em *Atenção!***

Título	Edição	Coluna	Página
“O computador e eu”	Lançamento – Outubro 1995	Veias Abertas	67
“A escola do crime”	Ano 1 n. 1 Novembro 1995	Veias Abertas	48
“Notícias dos ninguéns”	Ano 1 n. 2 Dez 95/Jan 96	Janelas Abertas	70
“A automovelcracia”	Ano 2 n. 3 Fevereiro 1996	Janelas Abertas	54
“A automovelcracia (II) – Liturgia do divino motor”	Ano 2 n. 4 Edição fechada em 1º de março de 1996	Janelas Abertas	50
“A automovelcracia (III) – O anjo exterminador”	Ano 2 n. 5 Edição fechada em 1º de abril de 1996	Janelas Abertas	52
“A automovelcracia (IV) – Os espelhos do paraíso”	Ano 2 n. 6 Edição fechada em 21 de maio de 1996	Janelas Abertas	54
“O pecado de ser original”	Ano 2 n. 7 Edição fechada em 12 de julho de 1996	Janelas Abertas	52

“A infância como perigo”	Ano 2 nº8 Edição fechada em 23 de setembro de 1996	Janelas Abertas	52
“O direito de sonhar”	Ano 2 nº9 Edição fechada em 22 de novembro de 1996	Janelas Abertas	62
“ <i>Veias abertas</i> : um quarto de século depois”	Ano 3 nº10	Entrevista especial	56

Fonte: Elaboração própria.

As separações de gêneros e editorias não cabem ao trabalho de Galeano. É coerente dizer que os colunistas tendem mais a uma especialidade – jornalismo cultural, econômico, político e de humor –, mas nada é puro, todas as colunas contêm análises plurais. Essa adjetivação é simbólica, pois não corresponde aos conceitos que a antropologia ou teorias contemporâneas de cultura lhes atribuem e o âmbito do adjetivo se expande para qualquer prática jornalística sem se prender a um caderno ou segmento (MEDINA, 2006).

Desse modo, considero os textos de *Atenção!* como artigos de opinião pela forma livre em que o autor tem para articular discursos multiculturais, vozes, comportamentos e valores, densidade informativa atuais e retrospectivas, e sensibilidade. É uma técnica autoral e responsável, com contradições, incertezas, interrogações.

### 1.3 Os colunistas lado a lado com Eduardo Galeano

A escolha dos colunistas que iriam fazer parte da revista *Atenção!* ocorreu conforme os contatos e relações pessoais do diretor da revista, Breno Altman. Além de Eduardo Galeano, os demais eram João Guilherme Vargas Netto, Cláudio Manoel, Manuel Vázquez Montalbán e Luiz Dulci. Houve variações em algumas edições, como no caso de Montalbán, que deixou de ter sua coluna publicada a partir da edição Ano 2, n.3 (ATENÇÃO!, 1996a); e, na Ano 2, n.6 (ATENÇÃO!, 1996d), tem início a coluna de Luiz Dulci, sendo que a de Cláudio Manoel sai. As edições Ano 2, n.7, 8 e 9 (ATENÇÃO!, 1996e; 1996f; 1996g) permanecem com Galeano, Vargas Netto e Dulci; a última, Ano 3, n. 10 (ATENÇÃO!, 1997), continua com eles, mas Galeano é entrevistado

especial e não colunista. “Todos eles tinham pautas livres” (ALTMAN, 2017, s/p).

João Guilherme Vargas Netto assinava a coluna “Terra à Vista”, cujos textos tinham temáticas políticas e econômicas. Ele é jornalista, cientista político, consultor sindical e articulista em sites e publicações ligadas ao mundo do trabalho. Perseguido durante a ditadura militar, fez parte da direção do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e está há mais de 40 anos no movimento sindical. Além disso, foi sócio e diretor da empresa Oboré – Projetos especiais em comunicações e artes, criada em 1978 como uma cooperativa formada por jornalistas e artistas interessados em colaborar com movimentos sociais para organizar suas assessorias de imprensa.

Para a CNTU e entidades a quem oferece consultoria, e para o público que lê seus artigos regulares, João Guilherme é um inspirador das lutas pelas pautas unificadas dos trabalhadores, analisando acertos e erros nos momentos de maior efervescência da sociedade brasileira, como foram os protestos de 2013 e as disputas eleitorais de 2014, apontando estratégias para o avanço das pautas sindicais na política nacional (REDAÇÃO CNTU, 2014, s/p).

Atualmente, ele trabalha como consultor em entidades como a Confederação Nacional dos Trabalhadores Liberais Universitários Regulamentados (CNTU), da Federação Nacional dos Engenheiros (FNE), e Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações no Estado de São Paulo (SINTETEL). É considerado o “maior especialista em história do movimento sindical brasileiro e analista sempre consultado sobre estratégias em defesa dos interesses dos trabalhadores a cada variação de conjuntura” (REDAÇÃO CNTU, 2014, s/p).

Os textos de Vargas Netto na coluna “Terra à vista” estiveram em todas as edições de *Atenção!*, assim como os de Eduardo Galeano, considerando que, na última, a entrevista ao uruguaio ocupa oito páginas. Todos eles abordam movimentos sociais, como em “Com Krasucki e o Che em Paris”, em que o autor fala sobre um encontro de sindicalistas em Paris com o objetivo de impulsionar as atividades desses grupos, em que ouviu o polonês Henri Krasucki palestrar sobre unidade sindical como vantagem para avançar na luta por direitos. “A lembrança que tenho de nossa viagem à França são as músicas que, nos mais diferentes sotaques,

continuam cantando ‘la entrañable transparencia’ do comandante Che Guevara” (VARGAS NETTO, 1997, p. 22, grifo do autor).

**Quadro 4 - Textos de João Guilherme Vargas Netto em *Atenção!***

Coluna “Terra à Vista”	
Título	Edição
“Sagrado e Profano”	Lançamento – Outubro 1995
“Unanimidade global”	Ano 1 n.1
“Capitalismo selvagem”	Ano 1 n.2
“A moda francesa”	Ano 2 n.3
“Um homem célebre”	Ano 2 n.4
“Alegria de palhaço”	Ano 2 n.5
“Crueldade e caçoada”	Ano 2 n.6
“Jabor & Kandir”	Ano 2 n.7
“Chuvas e trovoadas”	Ano 2 n.8
“Covardia dos liberais”	Ano 2 n.9
“Com Krasucki e o Che em Paris”	Ano 3 n.10

Fonte: Elaboração própria.

Se João Guilherme Vargas Netto esteve presente até a última edição, o colunista Cláudio Manoel permaneceu até a edição Ano 2, n.6 (ATENÇÃO, 1996d). O nome de sua coluna, “Dura lex”, vem do latim e significa “a lei é dura”. Portanto, os textos tinham conteúdo de crítica tanto ao comportamento dos brasileiros quanto ao do Estado, misturando humor e ironia. Em “O que você vai ser quando crescer?”, publicado na edição Ano 1, n.1 (ATENÇÃO, 1995b, p. 82), Cláudio Manoel afirma:

Uns acham que o Brasil precisa é de uma mão-forte. Vivem saudosos dos grandes líderes, acham que homem mesmo era o Geisel. Enfim, são aqueles que estão carentes de homens. É uma opção, mas não é a minha. Outros lutam para que o Estado seja, para todos, a mão que alimenta, cuida e, como todo pai severo, também puna. O problema é que *todos é gente demais*. O drama é que quando algo quer fazer de um pouco, faz pouco de tudo. O cruel é que em vez de alimentar os que precisam e punir os que merecem, os que menos necessitam ficam gordos e os que mais devem ficam soltos.

Cláudio Manoel Mascarenhas Pimentel dos Santos é humorista conhecido pela participação no programa televisivo *Casseta & Planeta*,

*Urgente!*<sup>23</sup>, que foi ao ar pela Rede Globo entre 1992 e 2010. Ele fez parte da equipe da revista *Casseta Popular*, criada em 1978 pelos então estudantes de engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Beto Silva, Helio de la Peña e Marcelo Madureira. Em 1984, a equipe desta publicação se juntou aos redatores do *Planeta Diário*, Hubert Aranha, Reinaldo Figueiredo e Cláudio Paiva, e lançaram a revista *Casseta & Planeta*.

Em 1988, Cláudio Paiva deixou o grupo, que entrou no programa *TV Pirata*<sup>24</sup> e passou a ter espaço próprio na televisão com o *Casseta & Planeta, Urgente!*, em 1992 (CASSETA & PLANETA, 2011). Nesse programa, Cláudio Manoel interpretava o personagem fictício Seu Creysson, caricatura de um homem de classe baixa; e Carlos Massaranduba, um *playboy* que gostava de briga. Já entre os personagens reais estavam o jogador de futebol Romário e a ex-presidenta Dilma Rousseff (2011-2016).

Como diretor, Cláudio Manoel trabalhou no quadro “O que vi da vida” no programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo. Além da televisão, dirigiu e produziu o filme *Simonal, ninguém sabe o duro que dei*, lançado em 2008; atuou em *Seus problemas acabaram*, de 2006, e *A taça do mundo é nossa*, de 2003. Entre os anos de 2011 e 2013, ele também manteve, eventualmente, a coluna “Papo Reto” na revista *Alfa*, voltada ao público masculino e fechada pela Editora Abril em agosto de 2013 na mesma ocasião em que *Bravo*, *Gloss* e *Lola* saíram de circulação (BOCCHINI, 2013). Em *Alfa*, as temáticas dos textos também eram de crítica, porém, por vezes, citavam artistas, como no texto<sup>25</sup> em que ele comenta sobre o depoimento da apresentadora de televisão Xuxa no quadro “O que vi da vida”, em que ela diz ter sido vítima de abuso sexual na infância.

---

<sup>23</sup> Os integrantes são os humoristas Beto Silva, Cláudio Manoel, Helio de La Peña, Hubert Aranha, Marcelo Madureira, Reinaldo Figueiredo. Bussunda, nome artístico de Cláudio Besserman Viana, fez parte do grupo *Casseta & Planeta, Urgente!* até a sua morte, em 2006.

<sup>24</sup> “A sátira de televisão é o pretexto para que ‘TV Pirata’ comente a realidade brasileira, com temas como violência urbana e infantil, crime organizado e a situação nos presídios. Alguns quadros variam a cada semana, com predominância de esquetes, além dos quadros fixos, lembrados até hoje, como a novela ‘Fogo no Rabo’ e o seriado de guerra ‘Combate’” (LOUREIRO, 2011).

<sup>25</sup> Título “O que vi da Xuxa”, publicado em 14 de junho de 2012, na revista *Alfa*.

**Quadro 5 - Textos de Cláudio Manoel em *Atenção!***

Coluna “Dura lex”	
Título	Edição
“O côncavo e o convexo”	Lançamento – Outubro 1995
“O que você vai ser quando crescer”	Ano 1 n.1
“A santa, a raspadinha e o viajandão”	Ano 1 n.2
“Só dói quando é Rio?”	Ano 2 n.3
“Apita lá, apita lá, ô, ô”	Ano 2 n.4
“Reflexões abdominais”	Ano 2 n.5
“Qual é, dona Martha?”	Ano 2 n.6

Fonte: Elaboração própria.

Quem ficou menos tempo como colunista em *Atenção!* foi o espanhol Manuel Vázquez Montalbán (1939-2003), considerado uma das vozes críticas da Espanha, sobretudo entre os anos de 1936 e 1976, no regime do general Francisco Franco. Jornalista desde os 18 anos, ele teve uma coluna semanal no jornal diário *El País*, além de escrever uma vasta obra de crônica, ensaio e romance policial (BIOGRAFÍAS Y VIDAS, 2017).

Montalbán também foi comentarista político e dramaturgo. Nasceu logo após a Guerra Civil Espanhola e seu pai era um trabalhador comunista, já a mãe sindicalista e costureira. Diplomado em filosofia e literatura pela Universidade de Barcelona, trabalhou também vendendo apólices de seguros funerários. O personagem mais conhecido dele é o detetive José “Pepe” Carvalho, que aparece em mais de 20 livros traduzidos para 24 idiomas. O primeiro foi *Eu matei Kennedy*, de 1972. Quanto às publicações em periódicos, ele escrevia cerca de seis ou sete colunas ao mesmo tempo (MULLAN, 2003).

Sua produção jornalística foi prodigiosa em quantidade, e de um padrão consistentemente alto. Os principais jornais europeus, como *La Repubblica*, *Il Manifesto* e *Le Monde Diplomatique*, contavam com sua assinatura, junto com *La Vanguardia* e os jornais catalães *El Periódico* e *Avui*, o semanário *Interviú* e o diário madrilenho *El País* (MULLAN, 2003, s/n)<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Texto original: “His journalistic output was prodigious in quantity, and of a consistently high standard. Major European titles such as *La Repubblica*, *Il Manifesto* and *Le Monde Diplomatique* vied for his byline, along with *La*

O escritor faleceu em Bangkok (Tailândia), logo após descer de um voo de conexão a Madri (Espanha). Ele voltava de uma viagem à Austrália, onde ministrou conferências (MULLAN, 2003). O espanhol contribuiu com *Atenção!* também com grandes reportagens, mesmo tendo tido sua coluna em somente três edições.

**Quadro 6 - Textos de Manuel Vázquez Montalbán em *Atenção!***

Coluna “Opera Mundi”	
Título	Edição
“O grande irmão”	Lançamento – Outubro 1995
“Política e telegenia”	Ano 1 n.1
“Iugoslávia e as guerras inevitáveis”	Ano 1 n.2

Fonte: Elaboração própria.

O colunista Luiz Dulci, responsável pela coluna “Ao pé da letra”, escreveu nas últimas edições de *Atenção!*. Ele é professor universitário de Língua Portuguesa e Literatura, e:

Escreve sobre temas políticos, econômicos e sociais, além de praticar eventualmente a crítica literária. É autor ou coautor, entre outras, das seguintes obras: *Desafios das Administrações Petistas* (1989); *Estratégia, uma saída para a crise* (1991); *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil* (1998); *Antônio Candido: pensamento e militância* (1999); *Atualidade de San Tiago Dantas* (2005); *Brasil, entre o passado e o futuro* (2010) e *Um salto para o futuro* (2013) (INSTITUTO LULA, s/d, s/p).

Quando Dulci mantinha a coluna na revista, em 1996, ele era secretário de governo na prefeitura de Belo Horizonte (MG) sob gestão de Patrus Ananias (PT). Nos dois anos seguintes, 1997 e 1998, passou a ser secretário de cultura, quando Célio de Castro (1932 – 2008) era prefeito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Ele foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) e também da Central Única dos Trabalhadores (CUT). No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2010, foi ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da

---

*Vanguardia* and the Catalan newspapers *El Periódico* and *Avui*, the risqué newsweekly *Interviú* and the Madrid daily *El País*”.

República (SECRETARIA DE GOVERNO, s/d) e dirigente do Instituto Lula<sup>27</sup>, de 2014 a 2017.

**Quadro 7 - Textos de Luiz Dulci em *Atenção!***

Coluna “Ao pé da letra” – autor Luiz Dulci	
Título	Edição
“Do mordaz ao lírico”	Ano 2 n.6
“Furor e mistério de Char”	Ano 2 n.7
“Miséria e grandeza”	Ano 2 n.8
“Vastos horizontes”	Ano 2 n.9
“Coragem da inteligência”	Ano 3 n.10

Fonte: Elaboração própria.

Nos títulos acima, Luiz Dulci fala majoritariamente sobre o universo da literatura, como quando aborda a vida de algum crítico literário. Assim fez em “Vastos horizontes”, texto em que explicita sua opinião sobre José Paulo Paes: “é desses, e não são tantos, que dão espessura e transcendência à nossa vida literária. Bom poeta, ótimo ensaísta, magnífico tradutor (sem falar do importante editor que foi, durante quase trinta anos)” (DULCI, 1996, p. 84).

A carreira profissional e o engajamento político dos colunistas são evidentemente compatíveis com a ideologia da revista *Atenção!*. Alguns textos fazem críticas implícitas ao sistema neoliberal, mencionam noções de identidade, colonialismo e cultura contra-hegemônica. Diante disso, o discurso dos colaboradores converge de forma a contribuir para o empoderamento de grupos sub-representados. Na conceituação geral, a esquerda se dispõe a arriscar a ordem em nome da justiça, a atribuir ao Estado o dever de reduzir a desigualdade, a crer que quanto mais democrático o governo, mais público ele se torna e atende mais às demandas dos cidadãos (BRESSER-PEREIRA, 2006).

#### **1.4 Direito de reprodução, os veículos parceiros**

A revista *Atenção!* tinha uma parte importante internacional, com colaboradores em vários países. Desde a edição de lançamento, em

---

<sup>27</sup> “O principal eixo de atuação do Instituto Lula é a cooperação do Brasil com a África e a América Latina. O exercício pleno da democracia e a inclusão social aliada ao desenvolvimento econômico estão entre as principais realizações do governo Lula que o Instituto pretende estimular em outros países” (INSTITUTO LULA. Disponível em <http://www.institutolula.org/missao>. Acesso em: 06 de novembro de 2017).

outubro de 1995, os editores informavam aos leitores os veículos de comunicação estrangeiros parceiros, que eram o mensário francês *Le Monde Diplomatique* e a revista semanal estadunidense *The Nation*. Mais tarde, na edição Ano 2, n.9 (ATENÇÃO!, 1996g), a parceria se estendeu ao português *Já* e ao uruguaio *Brecha*.

*Atenção!* selou, em maio, dois convênios que deverão ampliar muito as possibilidades editoriais da revista. O primeiro, com o semanário independente *Já*, de Portugal, abarca o direito mútuo de reprodução de matérias, e a elaboração de pautas a serem publicadas dos dois lados do equador. O segundo convênio foi assinado com o Instituto Kaplan de São Paulo, que presta atendimento na área da sexualidade humana. As pesquisas do instituto, conhecidas pela acurração, agora servirão como ponto de partida e apoio a reportagens da revista (ATENÇÃO!, 1996g, p. 04).

*Le Monde Diplomatique* foi criado em maio de 1954, por Hubert Beauve-Méry, na França e traz “à luz questões altamente relevantes, muitas vezes negligenciadas pela grande imprensa, contribuindo para a crítica ao pensamento único e para a construção de novos paradigmas” (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2017, s/p). No início, o jornal era um caderno especial do *Le Monde*, direcionado ao universo das embaixadas. Porém, foi ganhando cada vez mais autonomia a partir de 1973, quando Claude Julien (1925-2005) passou a ser diretor da publicação, tornando-o um periódico com independência editorial. Julien estudou Ciências Políticas na University of Notre Dame, em Indiana (Estados Unidos) e se especializou em assuntos referentes ao país norteamericano.

O jornal francês mais difundido no mundo é traduzido para 19 línguas – alemão, árabe, búlgaro, chinês, espanhol, finlandês, português etc. – em trinta países, além de ter sido o primeiro a ter presença na internet.

Combina uma ampla abertura em questões internacionais com uma visão crítica do que permanece mais frequentemente no ponto cego da imprensa: a ideologia e o funcionamento global do capitalismo, as consequências ecológicas e sociais do livre comércio, os perigos do “choque das

civilizações”, o fundo das alianças militares, as utopias necessárias, as perspectivas de novas formas de democracia na era das grandes mudanças geopolíticas (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2017, grifo do autor)<sup>28</sup>.

Segundo o site do jornal, a equipe combina análise, reportagens e enquetes em cada edição de maneira singular e rigorosa, sendo que há centenas de colaboradores estrangeiros. “É o jornal de referência de todos que querem entender o mundo e também mudá-lo” (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2017, s/p)<sup>29</sup>.

A primeira reportagem do *Le Monde Diplomatique* publicada em *Atenção!* foi na edição de lançamento, outubro 1995, com o título traduzido como “Fim de reinado no Vaticano”. O mesmo texto saiu em janeiro de 1995 no jornal francês com o nome “Fin de règne au Vatican?”, escrito pelo jornalista Adrien Willemin. Na revista brasileira, há um *box* com análise da equipe de redação com o título “Quem será o novo papa”, na página 49 da mesma edição.

---

<sup>28</sup> Texto original: “Il conjugue une large ouverture sur les questions internationales avec une vision critique de ce qui demeure le plus souvent dans l’angle mort de la presse : l’idéologie et le fonctionnement global du capitalisme, les conséquences écologiques et sociales du libre-échange, les dangers du « choc des civilisations », l’arrière-plan des alliances militaires, les utopies nécessaires, les perspectives des nouvelles formes de démocratie à l’ère des grands basculements géopolitiques”.

<sup>29</sup> Texto original: “Le Monde Diplomatique est le journal de référence de tous ceux qui veulent comprendre le monde — mais aussi le changer”.

## Quadro 8 - Reportagem “Fin de règne au Vatican?” no *Le Monde Diplomatique* e em *Atenção!*



Capa *Le Monde Diplomatique*  
– janeiro 1995

Revista *Atenção!*  
– OUTUBRO 1995, p. 44.

Fonte: Elaboração própria.

O outro veículo que acompanhou *Atenção!* desde o início foi a revista *The Nation*, criada em 1865 com o objetivo de fazer jornalismo independente e crítico nos Estados Unidos, a partir de reportagens investigativas (THE NATION, 2017).

Por mais de 150 anos, *The Nation* tem relatado de forma única a amplitude da vida política e cultural dos Estados Unidos e muitas vezes é considerada a “bandeira” da esquerda. Nós não falamos apenas de progresso, nós o instigamos. *The Nation* tem uma história orgulhosa de conectar pensadores com criadores, procurar e ampliar as melhores ideias e as vezes mais provocadoras, envolventes e

talentosas – muitas das quais estiveram à frente de seu tempo (THE NATION, 2017, s/p)<sup>30</sup>.

A revista foi fundada por abolicionistas para ser uma plataforma de debate. Até hoje, oferece análises de notícias, da política, de questões sociais e arte. O compromisso editorial é com o que se caracteriza por problematizador, independente e crítico. A lista de personalidades que publicaram em *The Nation* inclui o físico Albert Einstein e os filósofos Jean-Paul Sartre e Hannah Arendt. Na página *online* da revista, na seção “About us”, está escrito que os seus leitores são bem-educados e economicamente diversos, pessoas engajadas como políticos, ativistas, professores e jornalistas.

A primeira publicação de *The Nation* em *Atenção!* também se deu na edição de lançamento, outubro 1995, na página 52, com o título traduzido “A mãe de todas as milícias”, escrita por Marc Cooper. Em inglês, o título é “Montanas’s mother of all militias”, publicado em 22 de maio de 1995 em *The Nation*, porém, a imagem da versão impressa não foi encontrada na internet, pois, para ter acesso ao arquivo digital, é necessário ser assinante da revista.

**Figura 1: Reportagem “A mãe de todas as milícias” em *Atenção!***



Fonte: *Atenção!* (1995, p. 52)

<sup>30</sup> Texto original: “For over 150 years, *The Nation* has uniquely chronicled the breadth of American political and cultural life and is often considered the “flagship” of the political Left. We don’t just talk about progress, we instigate it. *The Nation* has a proud history of connecting thinkers with doers, of seeking out and amplifying the best ideas and the most thought-provoking, engaging and talented voices – many of whom were ahead of their time”.

Em Portugal, o semanário *Já* está extinto e é considerado um exemplo de inovação e originalidade quanto à divulgação de informação (FIDALGO, 2000). No estudo de Joaquim Fidalgo, intitulado *Novos desafios para a imprensa escrita e para o jornalismo* (2000, p. 12, grifos do autor) consta que:

Num mercado progressivamente concentrado, onde as novas iniciativas pertencem cada vez mais aos grandes conglomerados já instalados no negócio, parece ficar pouco espaço para os “outsiders” e a sua vontade de inovação. Experiências de alguma originalidade e exigência informativa, como pretenderam ser o semanário “Já” ou a sua sucessora “Vida Mundial”, não conseguiram atingir os níveis de difusão que permitiriam a sobrevivência — nem sequer o respaldo empresarial que garantisse, e durante um tempo razoável, o necessário investimento para sustentar e promover projectos que são sempre de médio-longo prazo.

No texto de apresentação ao público, na página 3, edição de 14 de março de 1996, há a informação de que o semanário foi desenhado para ter, no mínimo, 48 páginas a partir da segunda edição, de 21 de março, e ir às bancas todas as quintas-feiras. O texto mostra também dez compromissos que a equipe teria com os leitores: informação pura, limpa e sem ruído; honestidade e rigor; cobertura de fatos inquietantes ouvindo ao menos duas fontes; vontade de ir às raízes dos problemas; trabalho árduo ao invés de tratar a informação como espetáculo; sem manipulação de textos ou imagens; escrita clara e simples; informação plural e tomada de posições públicas; desenvolvimento de projetos artísticos em parceria; construção de uma rede internacional de imprensa crítica; respeito a pessoas e temas com os quais discordava.

Não há jornalismo sem pessoas dentro. Enquanto objeto de notícia serão respeitadas, mesmo se delas discordarmos. Ser-lhes-à dado direito de resposta em matéria de facto. Terão direito ao bom nome porque aceitamos o princípio da inocência até a prova em contrário. Para nós, a moral privada só poderá ser matéria de notícia se interferir, sem sombra de dúvida, com a vida pública. Ética será palavra viva e actuante. Os leitores são, afinal, o

nosso objetivo maior. Procuraremos que encontrem sempre gente e páginas ao serviço directo da sua curiosidade, dos seus interesses, das suas dúvidas. Já somos! (JÁ, 14 de março de 1996, p. 03).

O diretor de *Já* era o jornalista Miguel Portas (1948-2012), que foi dirigente do partido de base socialista Bloco de Esquerda (BE). A publicação era editada pela Publicultura e impressa em papel ecológico. Portas considerava o semanário um híbrido entre revista e jornal, que teve duração de um ano<sup>31</sup>. Os exemplares consultados foram os 20 primeiros, de 14 de março de 1996 a 25 de julho de 1996, localizados na Biblioteca Municipal do Porto (Portugal), e se assemelham ao projeto gráfico de *Atenção!*

### Quadro 9 - Capa de lançamento e capa Ano 1 n.19



Fonte: Elaboração própria.

<sup>31</sup> Em entrevista concedida a Luísa Meireles e Rosa para o jornal *Expresso*. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/actualidade/miguel-portas-quem-nao-se-arrepente-de-nada-ou-e-parvo-ou-santo=f721369>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.



Figura 2 - Capa *Brecha* edição 1664, 13 de outubro de 2017



Fonte: Brecha (2017).

*Brecha* não pertence a nenhum partido e se define como independente por estar alheio ao controle político, religioso e financeiro; e de esquerda pelo compromisso com uma sociedade mais justa. De acordo com Ferretjans (2008), o estilo de administração é similar ao do *Le Monde* e o diretor é eleito por uma assembleia institucional para exercer o cargo pelo período de três anos.

Três crises econômicas quase encerraram a publicação em 1990, 1998 e 2008. Em 2012, a empresa coletiva se transformou em cooperativa, seguindo na luta por manter a qualidade e independência porque “enquanto houver histórias para contar, pesquisas para fazer, ideias para discutir, *Brecha* continuará a ter um motivo para existir (BRECHA, 2017)<sup>32</sup>.”

## 1.5 Alto custo, fim da revista

A captação e gestão de recursos financeiros sempre foram agravantes para a sobrevivência da imprensa alternativa no Brasil, que

<sup>32</sup> Texto original: “Mientras haya historias para contar, investigaciones para hacer, ideas para discutir, *Brecha* seguirá teniendo una razón para existir”.

surgiu do desejo de transformação social e de ter espaços de debate durante o período da ditadura militar. O dinheiro vinha, em parte, dos próprios colaboradores, que tinham emprego fixo nas grandes empresas de comunicação e produziam conteúdo voluntariamente (remunerados ou não) para o veículo o qual se identificavam ideologicamente. Quem escrevia para *Atenção!* também tinha outras fontes de renda e trabalhava para a revista por acreditar no projeto, que dava espaço ao jornalismo crítico.

Alicerçado em propósitos democráticos e participativos, as questões relativas à administração e viabilização econômica não eram muito discutidas, além de que o repúdio ao capitalismo fazia essas iniciativas terem mais cunho político do que mercantil. Assim, entre 1964 e 1980, surgiram e desapareceram 150 periódicos, entre eles *Realidade*, *O Pasquim* e *Versus* (KUCINSKI, 2001).

Outro impasse que resultava em perda financeira era a falta de um meio de distribuição que não cobrasse altas comissões, pois, a partir da década de 1970, a imprensa alternativa acabou restrita à Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap), do Grupo Abril, que permitia que jornais com mais de 25 mil exemplares de tiragem fossem impressos no tempo ocioso do parque gráfico para reduzir os próprios custos operacionais. Porém, impunha aos jornalheiros pagamento adiantado e se apoderavam de até 45% do preço de capa para entrega em pontos de venda de todo o país (KUCINSKI, 2001). *Atenção!* era distribuída pela Dinap e impressa em gráficas diversas: W. Roth, Posigraf, Editora Parâmetro, Margraf e Editorial Antartica S.A.

Apenas os raros jornais alternativos capazes de vender regularmente muito mais do que a tiragem mínima de uma distribuição nacional poderia cobrir suas despesas com a vendagem, já que a maioria não tinha receita publicitária. Foram os casos d' *O Pasquim* e *Repórter*. Os demais sofriam prejuízo pelo privilégio de uma presença nacional em banca, o que aponta para a natureza política e não mercantil desses projetos. (...) Daí a debilidade financeira crônica da imprensa alternativa de distribuição nacional (KUCINSKI, 2001 p. 08).

Devido, principalmente, à falta de anunciantes para custear impressão, equipe fixa, *freelancers* e colaboradores internacionais, *Atenção!* chegou ao fim em 1997. O formato especial também gerava

desperdício e o papel diferenciado encarecia a revista. “A área comercial, na minha opinião, não foi estruturada com o mesmo cuidado que a redação e o projeto gráfico” (MATEOS, 2017, s/p). A dificuldade em colocar as edições em bancas é visível nas capas, pois, nas quatro primeiras, consta o mês de lançamento e, nas demais, há somente a data de fechamento na redação, localizada na página três. Na última, não consta nem mesmo essa informação, mais um indicativo do atraso na comercialização.

Sem anunciantes suficientes, as edições não iam para a gráfica. O diretor da revista, Breno Altman, explica que, em meados da década de 1990, havia força e hegemonia das ideias neoliberais no país. Dessa maneira, a revista foi rapidamente classificada pelas agências de publicidade como uma publicação relacionada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e sofreu sabotagem.

Houve uma reviravolta na política, parecida com a atual, em 1996. O PT e outros partidos de esquerda perderam a eleição em muitas cidades importantes que eram anunciantes da revista, o que diminuiu a publicidade. Esse foi um dos motivos do fim da revista (ALTMAN, 2017, s/p).

A oposição clara ao governo federal está no anúncio de assinatura:

**Figura 3 - Anúncio de assinatura**

O anúncio é uma imagem de uma camiseta branca com um design gráfico. No topo, um triângulo invertido de cor laranja contém o número '1' em preto. Abaixo dele, o texto 'brasileiro em' está em uma fonte menor. O número '21.429' é exibido em uma fonte grande e preta. Abaixo disso, a palavra 'assina' aparece em uma fonte menor. O título da revista, 'Atenção!', está em uma fonte grande, preta e com um efeito de sombra. Abaixo do título, há um botão ovalizado com o texto 'Mude essa situação.' em branco. Na base da camiseta, há um pequeno logotipo da revista e um bloco de texto com informações de contato: 'Junte seu nome a crescente lista de brasileiros progressistas que não estão exigindo a modernidade fabricada pelos elites do país e pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Leia Atenção!, revista mensal de investigação jornalística e crítica do nosso tempo. A cada edição, o esforço para oferecer o ponto de vista do Brasil que sofre, luta e se emancipa.' e os dados de contato: 'Por telefone: (011) 532-1033', 'Por fax: (011) 240-1300' e 'Por correio eletrônico: atencao@ac.baso.org.br'.

Fonte: Atenção! (1997, p. 21).

Junte seu nome à crescente lista de brasileiros progressistas que não estão engolindo a *modernidade* fabricada pelas elites do país e pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Leia **Atenção!**, revista mensal de investigação jornalística e crítica do nosso tempo. A cada edição, o esforço para oferecer o ponto de vista do Brasil que sofre, luta e se emociona (ATENÇÃO!, 1997, p. 21, grifos do autor).

A receita publicitária de *Atenção!* vinha de empresas como O Boticário, Dudalina, Livraria Saraiva e, também, de prefeituras e outros órgãos ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT), como as prefeituras do Distrito Federal, com o governo de Cristovam Buarque; e Belo Horizonte (MG), com gestão de Patrus Ananias. Na edição Ano 2, n.9 (ATENÇÃO!, 1996g), há oito páginas sobre os anos em que David Capistrano Filho (PT) foi prefeito de Santos (SP), entre 1993 e 1996. Havia também um sistema de permuta com dois grandes veículos de comunicação, a Band e Rede Manchete, que anunciavam *Atenção!* na programação televisiva e a revista fazia o mesmo no impresso.

Altman (2017, s/p) diz que a equipe subestimou que o projeto exigiria uma verba alta para circulação, “tanto é que ninguém faz uma revista assim hoje”. Segundo ele, havia três receitas fundamentais, 55% provenientes de publicidade, 30% de assinaturas e 15% de venda em banca. Na página 04, da edição Ano 1 n.1 (ATENÇÃO!, 1995b), o anúncio de assinatura mostra que o valor era de R\$45 ou 2x de R\$25, o que daria ao leitor um desconto superior a 16% sobre o preço de capa. Porém, o custo de postagem começou a se tornar inviável.

A tiragem era em torno de 100 mil exemplares, conforme o que consta das três primeiras edições, já que nas demais não existe essa informação no expediente. “Um projeto caríssimo. Eu não tenho certeza, mas cada vez que colocávamos uma edição na rua custava 200 mil dólares. Quando a revista quebrou, eu estava endividado em milhões” (ALTMAN, 2017, s/p). *Atenção!* trazia temas sobre o aborto, a presença de adoradores de Hitler no Brasil, os neonazistas, e o mercado dos manicômios. A segunda edição foi a de maior sucesso por causa da reportagem de capa intitulada “Quem lucra com o trabalho infantil”, assinada por Mateos. “Nós estamos falando da Petrobrás, da Ford... essas grandes empresas tinham trabalho infantil e era aceito. Hoje é uma

vergonha, tem lei. Essa matéria foi um divisor de águas para a revista” (CHAGAS, 2017, s/p)<sup>33</sup>.

Scalzo (2003) afirma que algumas revistas acabam justamente pelo sucesso editorial da publicação e é difícil entender por quê aquelas que tinham alto número de tiragem fecharam, como a brasileira *Realidade* (1966-1976), que alcançou até 500 mil exemplares e terminou com 120 mil.

O problema é que o custo de impressão da revista – não só por conta das edições recheadas de fotos, mas justamente por causa da tiragem astronômica – acabou tornando os anúncios cada vez mais caros, quase tão caros quanto a publicidade veiculada na tevê (e em termos de comunicação de massa a tevê leva sempre vantagem) (SCALZO, 2003, p. 16).

Mateos (2017) diz que o atraso dos salários começou no quinto ou sexto mês depois do lançamento e foram sendo cada vez maiores. Isso causou grande rotatividade de profissionais, além do fato de que os *freelancers* mudavam naturalmente de uma edição para outra. Ela conta que a revista acabou asfixiada pela falta de dinheiro. “Chegou ao ponto de fecharmos uma edição e a empresa não ter dinheiro para mandá-la para a gráfica... Era meio surreal porque quando aparecia o dinheiro, às vezes tínhamos que passar madrugadas atualizando as matérias para mandá-las para a gráfica” (MATEOS, 2017, s/p). Quando *Atenção!* chegou ao fim, Simone estava grávida de cinco meses e sem receber salário há quatro.

---

<sup>33</sup> Todas as menções a Adélia Chagas nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via Skype, em 30 de agosto de 2017.

## 2 UMA PROMESSA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA

No final da década de 1960, Eduardo Galeano era apontado como um dos novos destaques da narrativa hispano-americana e sua fama se estendeu pela América e Europa. Em 1967, Benedetti (1997) já escrevia sobre ele no artigo “Eduardo Galeano y su estilo en ascuas”, dizendo que as pessoas que o conheciam pelo ofício de jornalista se surpreenderiam com seu lado mais literário. Aos 26 anos, Galeano havia trabalhado como secretário de redação nos semanários *El Sol* e *Marcha*, como codiretor de um programa televisivo de entrevistas, também tinha escrito a reportagem “China 1964 (Crônica de un desafio)” e sido diretor do diário *Época*.

A trajetória profissional do autor, as ideias que permeiam seus livros, a afetividade que se revela na escrita e o processo de tradução dos artigos publicados na revista *Atenção!* fazem parte deste capítulo. Em 2.1 “Narrativa comprometida, os inspiradores de Eduardo Galeano”, contextualizo a intelectualidade uruguaia que passou a ter consciência de pertença à América Latina no pós-guerra. A *geração crítica* e o *boom* atuaram cultural e politicamente para uma reviravolta no pensamento uruguaio que resultou na consolidação de um país de esquerda nas décadas seguintes, sendo que Galeano teve influência dos escritores dessas duas fases.

O subcapítulo 2.2, “O jovensíssimo defensor da América Latina”, é uma síntese da carreira e vida pessoal, com foco sobretudo na definição *sentipensante* do próprio autor a respeito de seu processo de escrita. O olhar o *Outro* e a preocupação em ver nele o si mesmo se aproxima do ser dialógico das teorias do *Eu-Tu* de Buber (2001) e do *signo da relação* de Medina (2006). O livro *As veias abertas da América Latina* está referenciado no subcapítulo 2.3, “O livro para entender suas convicções”, e é a partir dele que elaboro as quatro máximas para a análise no capítulo 3. Na publicação, Galeano fala sobre a história do subdesenvolvimento da América Latina como consequência do desenvolvimento do capitalismo no mundo, a partir de teorias sociais e, também, de viagens pelo continente.

Na sequência, em 2.4, “De *Veias abertas* às últimas publicações”, apresento os 16 livros apontados pelo autor como fundamentais para compreender suas ideias, incluindo *O caçador de histórias*, que foi deixado pronto para ser publicado postumamente. A tradução era uma das preocupações de Galeano, por isso trago em 2.5, “A outra voz, os tradutores”, uma reflexão sobre o trabalho de Talia Bugel nos textos de *Atenção!*.

## 2.1 Narrativa comprometida, os inspiradores de Eduardo Galeano

Em alguns países da América Latina, principalmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi consolidada a defesa de uma identidade política e cultural hispano-americana frente à europeia. Na região do Rio da Prata, a renovação teve início quando a burguesia intelectual passou a questionar o modelo liberal e a se aproximar de outros setores da sociedade em um movimento de enfrentamento dos valores instituídos e de defesa dos estudos históricos para o progresso social.

Os escritores representam funções que melhor detectam o processo de transformação de uma época (RAMA, 1972) e, no Uruguai, o grupo que marcou a tomada de consciência foi a *geração crítica*, também chamada de *geração de 45* ou *geração de Marcha*. Esta última denominação está relacionada aos fundadores do semanário *Marcha*, dirigido por Carlos Quijano (1900-1984) e veiculado de 1939 até 1974, anos de ditadura militar.

Rama (1972) localiza a *geração crítica* entre os anos de 1939 e 1969 e a caracteriza em duas promoções: a primeira, internacional (1938-1955), que se alimentava da literatura europeia e norte-americana, e vivia em uma democracia política estável e socialmente avançada; e a segunda, nacional (1956-1969), que aperfeiçoou o enfoque crítico estabelecido pela primeira e voltou-se aos escritores hispano-americanos. O que as delimitou, embora o teórico considere que não tenha havido um hiato visível entre elas, foi o início da crise econômica nas eleições de 1958, quando houve ascensão do Partido Blanco e retirada do Partido Colorado, que governava o país há 93 anos. A hegemonia da esquerda se fragilizou com a vitória do partido tradicional, que representava segurança para a classe trabalhadora.

Na época internacional, a imprensa era subsidiada pelo Estado e por isso houve expansão dos diários. A única publicação independente que surgiu foi *Marcha*, com 32 páginas, cujo nome fazia referência ao que está em movimento para se chegar a um fim. O lançamento do semanário crítico e informativo foi anunciado em 20 de abril de 1939 em *Acción*, explicitando que seria uma expressão do jornalismo moderno, uma síntese semanal das atividades políticas, econômicas, artísticas e literárias. Além do mais, lutaria contra o fascismo, racismo e ditaduras, defendendo a cultura, democracia e liberdade de pensamento (FERRETJANS, 2008).

*Marcha* enriqueceu a informação cultural do país com uma equipe de jovens intelectuais e foi apreciado por sucessivas gerações de leitores,

com sua liberdade de não pertencer a nenhum partido político, “sem depender de nenhuma doutrina coerente, não colocando nenhuma opinião a prova da realidade” (RAMA, 1972, p. 389)<sup>34</sup>.

Juan Carlos Onetti foi o primeiro secretário e responsável pela editoria de cultura de *Marcha*, de 1939 a 1941, e é considerado o precursor da *geração crítica* em sua forma mais pessimista, pois a humanidade, para ele, era um fracasso. Seu romance *El Pozo*, publicado em 1939 foi o ponto de partida para que intelectuais da classe média se identificassem com o movimento nas décadas seguintes, como Carlos Martínez Moreno, Mario Benedetti e Eduardo Galeano (SIERRA, 2015). Onetti era considerado por Galeano como sendo o seu pai literário por tê-lo como referência quanto à rigorosidade ao escolher as palavras exatas e ao estilo para que a escrita não fosse em vão.

Um dos ensinamentos de Onetti a Galeano foi que as únicas palavras que merecem ser ditas são aquelas melhores que o silêncio. Ele reconhecia ser influenciado por William Faulkner (1897-1962): seus temas são de profundidade psicológica, como a impossibilidade de uma comunicação verdadeira, a solidão, o sentimento de culpa, a autodestruição e o fracasso. Além do mais, as histórias de seus livros se complementam, exigem um leitor disposto a refletir sobre a trama de inquietude e angústia dos personagens da cidade grande (PREGO GADEA, 1995; BELLINI, 1997a). Eduardo Galeano fala de Onetti em entrevista ao jornalista Marcos Faerman, no jornal *Ex-*, que circulou entre 1973 e 1975:

(...) ele acha que o homem não pode ser redimido. O homem é uma merda e continuará a ser uma merda, com capitalismo ou sem capitalismo. Mas ele faz uma grande literatura, muito sincera e muito delicada; áspera, seca, verdadeira, como poucas, com grande beleza de estilo, é um homem com a capacidade da beleza para dizer uma coisa como poucos escritores da América Latina. Mas com uma concepção muito negra do que é a condição humana. Então ele se defende o tempo todo de sua própria ternura (GALEANO, 1975, p. 12).

---

<sup>34</sup> Texto original: “no dependiendo de ninguna doctrina coherente, no poniendo a prueba de la realidad ninguna opinión”.

A Revolução Cubana<sup>35</sup>, de 1959, também serviu para acelerar uma reintegração política latino-americana entre escritores e despertou a curiosidade internacional sobre a região, que demonstrava produzir literatura tão boa quanto à europeia. Benedetti (1997) escreve que, em 1962, a literatura uruguaia não era ainda dinâmica e poderosa, mas apresentava convicções e estava mudando de voz. “Estamos como na puberdade de nosso latino-americanismo, e nossos irmãos da América Latina terão que nos perdoar se de vez em quando nos sair alguma nota em falso” (BENEDETTI, 1997, p. 37)<sup>36</sup>.

Nas décadas de 1950 e 1960, o repentino interesse internacional serviu para redescobrir escritores à margem dos grupos literários (BELLINI, 1997a). Até esse período, a literatura estava apenas ao alcance dos escritores e, a partir de então, as produções alcançaram maior espaço no mercado editorial e se tornaram acessíveis ao público. Essa época ficou conhecida como *boom*, marcado pela posição política de esquerda e pela *nova narrativa*, que rejeitava as convenções literárias ao questionar a realidade e permitir o relato, tornando perceptível a ideologia do autor.

O termo [*boom*] foi usado por alguns críticos com sentido redutivo, mas ninguém duvida que o grupo, no qual figuram autores como Cortázar y Sábato, Fuentes, Vargas Llosa y García Márquez, teve uma indiscutível qualidade artística, um vigor de inovação que se impôs em toda a narrativa hispano-americana. Como é lógico, sua obra não representa um ponto de chegada definitivo. No auge de sua carreira vão surgindo jovens autores que se estabelecem ao longo dos anos. Por sua vez, esses narradores têm que lutar contra os modelos estabelecidos, dando vida a um novo tipo de narrativa ou, melhor dizendo, a uma multiplicidade de novos caminhos, do mesmo modo que haviam feito, apesar da unidade externa que os agrupou, seus antecessores. De modo que, se ao referirmos aos escritores da década de 1960, falamos de uma “nova narrativa”, quando fazemos menção aos seus

---

<sup>35</sup> No final do século, resta a deteriorada Revolução Cubana em meio a uma grave crise econômica devido ao bloqueio dos Estados Unidos, que tem afetado países desde a Argentina até o México (BELLINI, 1997a).

<sup>36</sup> Texto original: “Estamos algo así como en la pubertad de nuestro latinoamericanismo, y nuestros Hermanos de América Latina tendrán que perdonarnos si de vez en cuando nos sale algún gallo, alguna nota en falso”.

sucessores nos impõe o conceito de uma renovação adicional (BELLINI, 1997a, p. 477, grifo do autor)<sup>37</sup>.

Os monólogos interiores, a não linearidade da narrativa e a criação de espaços imaginários eram valorizados na escrita que tratavam das condições dos países do Sul<sup>38</sup>. Por isso, o ensaio era uma forma muito propícia para os escritores trabalharem em seus textos a polissemia e polifonia, sendo que as obras mais significativas permitem adentrar às problemáticas que caracterizam a região (BELLINI, 1997b).

O conto era o gênero mais consolidado no Uruguai, no final dos anos 1960, devido ao insucesso daqueles que se aventuraram no romance, à escassez de editores e ao alto custo de publicação, enquanto que se tornava mais viável adquirir espaço para os contos nas seções de cultura de jornais ou em revistas literárias. Essa teria sido uma diferença evidente dos demais países latino-americanos, como o Brasil, onde os heróis dos romances fizeram sucesso. “O que há são anedotas, retratos, humor; temas de conto, enfim. Somos um canto da América que não tem petróleo, nem índios, nem minerais, nem vulcões. Somos um pequeno país de histórias breves” (BENEDETTI, 1997, p. 28)<sup>39</sup>.

O colombiano Gabriel García Márquez faz parte dos autores do chamado *realismo mágico*, narrativa que não diferencia o real do

---

<sup>37</sup>Texto original: “El término fue usado por algunos críticos con sentido reductivo, pero ya nadie duda de que el grupo, en el cual figuran autores como Cortázar y Sábato, Fuentes, Vargas Llosa y García Márquez, tuvo una indiscutible calidad artística, un vigor de innovación que se impuso en toda la narrativa hispanoamericana. Como es lógico, su obra no representa un punto de llegada definitivo. En el momento cumbre de su carrera van surgiendo nuevos autores jóvenes que se afianzan en los años sucesivos. A su vez, estos escritores nóveles tienen que luchar contra los modelos consagrados dando vida a un nuevo tipo de novela o, mejor dicho, a una multiplicidad de nuevos caminos, del mismo modo que lo habían hecho, a pesar de la unidad externa que los agrupó, sus predecesores. De modo que si al referirnos a los escritores de la década de 1960 hablamos de una “nueva novela”, cuando hacemos mención a sus sucesores se nos impone el concepto de una ulterior renovación.”

<sup>38</sup>No século XX, a configuração geopolítica muda do Leste-Oeste para Norte-Sul. Então, passou-se a pensar sobre a divisão entre países desenvolvidos, os do Norte, sobretudo o imperialismo dos Estados Unidos, e os países subdesenvolvidos, ao Sul, os invadidos e empobrecidos.

<sup>39</sup>Texto original: “Lo que hay son anécdotas, retratos, estados de ánimo; temas de cuento, en fin. Somos un rincón de América que no tiene petróleo, ni indios, ni minerales, ni volcanes. Somos un pequeño país de historias breves”.

fantástico ou do mito. A este escritor, Prêmio Nobel em 1983, se deve a surpreendente difusão da literatura latino-americana nas décadas de 1960 e 1970, impulsionada pelo sucesso de *Cem anos de Solidão* (1967). Porém, entre os escritores do início do *boom* que Galeano mais tinha relação, estavam o argentino Julio Cortázar (1914-1984), o mexicano Juan Rulfo (1917-1986), o cubano Alejo Carpentier (1904-1980) e os peruanos Mario Vargas Llosa (1936) e José María Arguedas (1911-1970).

Cortázar era amigo e também referência literária para Galeano (BELLOSO, 2016a), pela maneira inquietante de se referir à realidade. No *Livro dos Abraços*, Galeano escreveu um texto sobre um sonho com Cortázar, que leva o nome dele no título. Mario Vargas Llosa escreveu *La ciudad y los perros* (1963), que era um dos preferidos de Galeano dentre os demais títulos do autor. Esse romance lhe deu reconhecimento internacional e faz uma crítica ao sistema educacional violento em um colégio militar de Lima.

Galeano acreditava que os dois escritores que Onetti mais gostava eram Juan Rulfo e José María Arguedas. Estudioso dos povos indígenas, Arguedas retoma em seu texto o repúdio ao exotismo e reforça o conhecimento direto da realidade indígena (BELLINI, 1997a). Os temas dos livros são relacionados à ambiguidade de suas raízes indígenas e seu desajuste na cultura moderna. O romance de maior destaque é *Todas las sangres* (1964), em que mostra a depreciação social do indígena no Peru, causada pela dependência do imperialismo.

O México também tem relevante participação na *nova narrativa* e um dos nomes mais expressivos é Juan Rulfo (1918-1986). O assassinato do pai Juan Nepomuceno Perez Rulfo, em 1923, marcou a vida do autor desde a infância e reflete em sua escrita, que trata da solidão do homem, da culpa e da morte violenta dos mexicanos moradores da área rural (LOPEZ MENA, 2005). Rulfo é um dos renovadores da literatura mexicana com a publicação dos livros *El llano en llamas* (1953) e *Pedro Páramo* (1955). O primeiro aborda a realidade no que diz respeito ao mais primitivo e violento, mostra a mentalidade do homem do campo, sobretudo da região de Jalisco, Oeste do México, onde Rulfo nasceu. O segundo é uma história sobre apropriação de terras, cujos protagonistas são um cacique e um filho em busca do pai. A narrativa é desordenada, o real e o irreal acontecem ao mesmo tempo.

Quando perguntaram a Galeano, durante a Feira Internacional do Livro de Madri, em 2004, quais eram seus três escritores favoritos, a resposta foi: Juan Rulfo, Juan Rulfo, Juan Rulfo. Há trechos endereçados a ele nos livros *Dias e noites de amor e de guerra* (1978), capítulo “O Homem que soube calar”; e *Memória do Fogo – O Século do Vento*,

capítulo “1927, San Gabriel de Jalisco – Um menino olha”; além da epígrafe que abre o livro ser uma frase de Rulfo: “Agarrando-nos do vento com a unha”. Na biblioteca de Rulfo, foi encontrado, após sua morte, um exemplar de *Pedro Páramo* dedicado e autografado para Galeano. Porém, o uruguaio já tinha falecido no momento da descoberta, assim como Rulfo, quando da homenagem em *Memória do Fogo*.

Galeano dizia que tinha mais influência de Carpentier do que de Cortázar, apesar de os dois terem origens no Rio da Prata. Isso porque acreditava ter estudado por meio dos livros dele a história que não lhe foi ensinada nas escolas. Alejo Carpentier, através da *realidade mágica*, levantou a problemática do opressor e do oprimido no período de ditadura, baseava sua narrativa em testemunhos, fatos históricos e a considerava um instrumento de indagação da realidade. O estilo do escritor compreende o uso da ironia, fluxos de consciência, humor e vários gêneros textuais (DE LA LUZ, 2004).

Depois da euforia do *boom*, a produção literária hispano-americana seguiu em alta, pois novos nomes foram se somando aos autores consagrados, garantindo vitalidade à narrativa do subcontinente. A forma de narrar em torno das experiências e memórias dos autores foi passada adiante.

É verdade que alguns dos grandes narradores do passado imediato, que haviam conseguido projeção internacional à narrativa hispano-americana, desapareceram – é o caso de Borges e Onetti –, e alguns se calaram há tempo – como Sábato –, mas outros, como García Márquez, Fuentes, Vargas Llosa, Roa Bastos, Donoso, seguiram escrevendo e publicando na linha quase sempre, como temos visto, com um vigor indiscutível (BELLINI, 1997a, p. 577)<sup>40</sup>.

Se Onetti era tido como o pai literário de Galeano, Carlos Quijano era o pai jornalístico que fez seu trabalho intelectual com fim científico e

---

<sup>40</sup> Texto original: “Verdad es que algunos de los grandes narradores del pasado inmediato, que habían logrado dar proyección internacional a la narrativa hispano-americana, han desaparecido – es el caso de Borges y de Onetti –, y algunos se han callado desde hace tiempo – como Sábato –, pero otros, como García Márquez, Fuentes, Vargas Llosa, Roa Bastos, Donoso, han seguido escribiendo y publicando en la línea casi siempre, como hemos visto, de un vigor indiscutible”.

político, convertendo-se em um dos pilares da revolução de ideias e conceitos no Uruguai. Quijano foi forçado ao exílio no México em 1975, onde fundou a revista *Cuadernos de Marcha*, originária do semanário uruguaio. Ele também fez parte de *El Nacional e Acción*, e:

(...) foi um jornalista que soube utilizar as palavras para alertar as consciências. Efetivamente, sem suas características emocionais, sua mensagem intelectual não teria tido a possibilidade de tocar com tal intensidade as gerações que o sucederam (SIERRA, 2015, p. 66)<sup>41</sup>.

Quijano era o tutor do jovem Galeano em *Marcha* durante os quatro anos em que trabalhou no diário. “(...) me formei junto com Carlos Quijano, um velho jornalista sensacional, muito digno, um Dom Quixote, um cavalheiro-fidalgo, um economista com um charme incrível para dizer as coisas. Em todos os sentidos, ele foi meu mestre no jornalismo” (GALEANO, 1975, p. 11). Com ele, Galeano aprendeu a ser exigente consigo mesmo, a ter rigor intelectual e conduta ética; também a dizer o máximo com a menor quantidade de palavras, retirando, assim, tudo o que fosse supérfluo. Somando a isso, tomou para si o comportamento do mestre de que o homem jamais deve se vender ou aceitar algo que o rebaixe e que na América Latina é possível viver sem renunciar desde que se aja dignamente (RIVA, 1996).

Desde sua juventude, o comportamento e a obra de Vivian Trías e de Carlos Quijano o ensinaram a sentir que a história é de seres de carne e osso; homens que não figuram nos livros nem aqueles a quem se dedicam estátuas, são os que criaram a identidade das nações e ofereceram seu esforço silencioso nas lutas pela independência (RIVA, 1996, p. 61)<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> Texto original: “fue un periodista que supo utilizar las palabras para alertar las conciencias. Efectivamente, sin sus características emocionales, su mensaje intelectual no hubiera tenido la posibilidad de tocar con tal intensidad las generaciones que le sucedieron”.

<sup>42</sup> Texto original: “Desde su juventud, la conducta y la obra de Vivian Trías y de Carlos Quijano le enseñaron a sentir que la historia es de seres de carne y hueso; hombres que no figuran en los libros ni a quienes se dedican estatuas, son los que han creado la identidad de las naciones y ofrecido su esfuerzo silencioso en las luchas por la independencia”.

Carlos Quijano não pertencia à literatura, mas à economia e à política. Ele tinha apego obsessivo a uma nova sociedade e acreditava que os jovens intelectuais eram responsáveis por prepará-la, por isso cumpria a tarefa crítica de treiná-los. Por conta dos novos anseios que encorajava, seus aprendizes não eram submissos e o enfrentavam por suas posições incoerentes, pela falta de sistematização de ideias e variações momentâneas. Contudo, ensinou-os a pensar com clareza, a considerar a caducidade do sistema, a defender a totalidade nacional e a América Latina como os pilares de sua ação política (RAMA, 1972, p. 391).

Em 1984, Benedetti volta a escrever sobre Galeano em “Crónica de sueños no cumplidos” e, dessa vez, menciona *As veias abertas da América Latina*, dizendo que o autor analisou com maestria e refutou com autoridade a história oficial. A respeito de *Memória do fogo*, Benedetti (1997) afirma que o livro tem muito a ver com poesia. “Se todo o livro viesse nesse formato talvez seria excessivo, mas o autor dosifica tão habilmente, que ali estão provavelmente os melhores fragmentos do livro” (BENEDETTI, 1997, p. 374)<sup>43</sup>.

Com base no exposto a respeito da *geração crítica* e do *boom*, percebo que Galeano assimilou dos seus antecessores o interesse pela realidade que o circundava e pelos fatos históricos; o rompimento de barreiras de gêneros; a preocupação com o estilo do texto para atrair o leitor ao mesmo tempo em que trata de questões sociais; a brevidade da escrita condensada de significados; a valorização e confiança na América Latina. Para Rama,

A lição de Juan C. Onetti, Martínez Moreno, Benedetti, foi a mais bem-sucedida entre os jovens narradores. Sob esse contexto, instala-se a narrativa de Eduardo Galeano, Mario César Fernández, Alberto Paganini, Hilber Conteris, Fernanco Ainsa, Jesús Guiral, Jorge Sclavo, Claudio Trobo, Jorge Musto, Juan José Lacoste, todos eles marcados pela arte onettiana da prosa, mas, ao mesmo tempo, pela problemática crítica de Martínez y Benedetti, pelo seu modo sociológico de enfrentar a literatura (RAMA, 1972, p. 396)<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Texto original: “Si todo el libro viniera en ese envase tal vez sería excesivo, pero el autor dosifica tan hábilmente el aporte, que allí están probablemente los mejores fragmentos del libro”.

<sup>44</sup> Texto original: “La lección de Juan C. Onetti, Martínez Moreno, Benedetti, fu ella más exitosa entre los jóvenes narradores. Bajo ese panel se instala la narrativa

Galeano é situado por Bellini (1997a) como pertencente à geração *pós-boom*, derivada das duas anteriores e acrescida de características novas ao revelar as vozes silenciadas pela história oficial, focar no testemunho e nas próprias experiências. Já, Rama (1972), inclui Eduardo Galeano como um dos escritores da segunda promoção da *geração crítica*:

É Eduardo H. Galeano, nascido em 1940, quem marca um ponto ótimo da série: não somente por sua extraordinária precocidade que desde os quinze anos o fez participar do jornalismo e das letras nacionais, mas também pela inquietude política dominante nele a que tem dedicado mais atenção que sua obra narrativa de linhas refinadas (RAMA, 1972, p. 344)<sup>45</sup>

Enquanto que o gênero romance marcou a ascensão da burguesia no cenário político, o testemunho marca o protagonismo dos grupos subalternos na história. No contexto latino-americano, este é um gênero das grandes comoções sociais e continuação da tradição literária de contar o presente em crônicas, diários e autobiografias, como faziam os invasores na época da colonização (PALAVERSICH, 1995). Entretanto, no início da trajetória, Galeano ainda não acumulava todos esses atributos.

O primeiro livro, *Los días siguientes* (1963), é malvisto justamente pela falta de compromisso político, característica da corrente existencialista uruguaia que antecedeu a *geração crítica*, e se preocupava com os dilemas da juventude burguesa dos anos de 1960 nos arredores de Montevideu. “Eu penso que aquele pequeno romance que publiquei, *Os días seguintes*, é muito ruim, por exemplo, muito fraco, bastante

---

de Eduardo Galeano, Mario César Fernández, Alberto Paganini, Hilber Conteris, Fernanco Ainsa, Jesús Guiral, Jorge Sclavo, Claudio Trobo, Jorge Musto, Juan José Lacoste, todos ellos marcados por el arte onettiano de la prosa, pero a la vez por la problemática crítica de Martínez y Benedetti, por su manera sociológica de enfrentarse a la literatura”.

<sup>45</sup> Texto original: “Es Eduardo H. Galeano, nacido en 1940, quien marca un punto óptimo de la serie: no sólo por su extraordinaria precocidad que desde los quince años le ha hecho participar del periodismo y de las letras nacionales, sino también por la inquietud política dominante en él a la que ha dedicado más atención que a su obra narrativa de líneas depuradas”.

artificial... (GALEANO *apud* PALAVERSICH, 1995, p. 132)<sup>46</sup>. O envolvimento político se torna evidente nas reportagens e ensaios posteriores, quando Galeano volta-se à escrita testemunhal.

Para Benedetti (1997), o livro tem caráter de denúncia e está distante da exigência artística, o que resulta em um texto noticioso e imaturo. Contudo, esse trabalho mostrou que Galeano era o narrador jovem que estava mais perto de atingir uma linguagem e um estilo literário próprios, com influência de outros autores, mas nunca imitação.

No entanto, e apesar da força dessa velha história, para meu gosto o inquestionável talento de Galeano encontra suas melhores possibilidades na dimensão, no ritmo, nas pretensões e até no efeito característico do conto. É claro que este autor, apesar de sua juventude, tem uma tradição de leituras que – ao contrário de outros narradores de sua promoção – não o imobilizam, mas o estimulam, ajudam-no a ousar (BENEDETTI, 1997, p. 370)<sup>47</sup>.

Monegal (1966) afirma que Galeano era um narrador de mérito irrefutável. Porém, faltava complexidade em *Los días siguientes*, que era muito autobiográfico nas entrelinhas e superficial na apresentação de uma situação edipiana, de claro traço adolescente. Para ele, os novos escribas tinham em comum a narrativa crítica em relação à juventude, ao absurdo de suas vidas suburbanas nas quais estavam adentrando. Além da tutela de Onetti, eles tinham influência do escritor Cesare Pavesc e dos filmes franceses e italianos da época.

As referências de um intelectual não se findam e se limitam. Em 2015, no artigo de José Gabriel Lagos, “El fuego camina contigo”, publicado em *La diaria*, ele diz que Rodolfo Walsh e Tomás Eloy Martínez também somaram à uma nova forma rio-platense de expor a realidade, entre o jornalismo e as belas artes. De acordo com Lagos,

---

<sup>46</sup> Texto original: “Yo pienso que aquella novelita que publiqué, *Los días siguientes*, es muy mala, por ejemplo, muy débil, bastante artificiosa...”

<sup>47</sup> “No obstante, y pese a la fuerza de ese relato mayor, para mi gusto el indudable talento de Galeano encuentra sus mejores posibilidades en la dimensión, el ritmo, las exigencias y hasta el efecto característicos del cuento breve. Resulta claro que este autor, pese a su juventud, posee una tradición de lecturas que – a diferencia de otros narradores de su promoción – no lo inmovilizan sino lo estimulan, lo ayudan a atreverse”.

Galeano era um ótimo leitor em inglês e seu livro *As veias abertas da América Latina* é, em parte, uma apropriação do estilo livre de muitos estadunidenses do século XIX e XX, como Ambrose Bierce ou HL Mencken, (LAGOS, 2015).

## 2.2 O jovensíssimo defensor da América Latina

Eduardo Hughes Galeano nasceu em 1940, em Montevideú, e morreu em 13 de abril de 2015 na mesma cidade. Dois livros recentes, ainda sem tradução para o português, são as minhas principais referências para contar sobre sua vida e carreira: *Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso* (2016) e *Galeano: apuntes para una biografía* (2015). O primeiro, editado pelo poeta e jornalista Roberto López Belloso, é uma homenagem da Unión de Naciones Suramericanas (Unasur)<sup>48</sup>, enquanto que o segundo é uma biografia não autorizada e lançada por Fabián Kovacic logo após a morte do escritor.

Do lado paterno, Galeano era descendente de galeses e, por parte de mãe, tinha parentesco com o primeiro presidente do Uruguai, Fructuoso Rivera<sup>49</sup>. Ele se casou três vezes: com Silvia Brando, teve a filha Verónica; da união com Gabriela Berro, nasceram Florencia e Claudio – retratados no livro *Dias e noites de amor e de guerra* –; e considerava Mariana – filha da sua última esposa Helena e chamada por ele de *La Pulga* – como sua filha também. O vínculo mais intenso era com os netos Manuel, Felipe e Lila, mencionada nos livros como Chanchina Divina; e Catalina, que também aparece em seus textos com os nomes Catalinácea Catapalaba ou Catalú. No artigo chamado “Apuntes para un auto-retrato” (1984, p. 153-154), ele diz:

REVELAÇÃO – Bisavós da Grã-Bretanha, Itália, Espanha e Alemanha: cara de cônsul sueco em Honduras. E, mesmo assim, desde sempre soube que sou tão latino-americano como as pedras de Macchu Picchu ou a mais humilde pedrinha do meu país. E soube, sei, como se sabe de verdade as

---

<sup>48</sup> O órgão internacional é formado pelos 12 países da região sul-americana – Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela – e tem o objetivo de criar um espaço de integração de forma a agir contra a desigualdade socioeconômica. Disponível em <http://www.unasursg.org/es/quienes-somos>. Acesso em: 7 de março de 2018.

<sup>49</sup> Militar e político uruguaio pelo Partido Colorado. O primeiro mandato como presidente ocorreu de 1930 a 1934.

coisas: viajando por dentro de mim desde as entranhas até a cabeça, e não o contrário. Pertencço a uma terra que ainda ignora a si mesma. Escrevo para ajudá-la a revelar-se – revelar-se, rebelar-se – e buscando-a me busco e encontrando-a me encontro e com ela, nela, me perco<sup>50</sup>.

Quando criança, pensava em ser padre ou jogador de futebol, porém, na adolescência, deixou para trás a religião e iniciou a atividade jornalística já aos 14 anos, ao publicar seu primeiro desenho no jornal do Partido Socialista do Uruguai, *O Sol*, sob a assinatura de “Giús” (pronúncia em espanhol do sobrenome Hughes). Aos 19, tentou suicídio e, após voltar do coma, mudou a assinatura de Eduardo Hughes para Eduardo Galeano, como forma de dizer que nasceu de novo. Outra vez em que quase morreu foi ao contrair malária na Venezuela, aos 30 anos, e, depois desse terceiro nascimento, tomou consciência de que escrever com compromisso à causa coletiva seria o seu único ofício (PALAVERSICH, 1995).

Em 1960, passou a ser secretário de redação do semanário *Marcha*, no qual os intelectuais de esquerda escreviam. Aos 24, foi diretor do diário *Época* e, aos 27, publicou sua entrevista com Che Guevara<sup>51</sup>. Aos 31, escreveu *As veias abertas da América Latina* e, três anos depois, fundou *Crisis*, em Buenos Aires, seu projeto jornalístico de maior êxito, com duração de 1973 a 1976. Foram publicados 40 números, sendo que, no livro *Dias e noites de amor e de guerra*, Galeano conta sobre essa aventura em que os jornalistas ficavam horas na redação e, no final do expediente, arrastavam as mesas para jogar futebol.

As ditaduras do Cone Sul influenciaram a carreira e a vida de Galeano. Quando o regime se instaurou no Uruguai, em 1973, ele decidiu

---

<sup>50</sup> “REVELACIÓN. – Bisavós de Gran Bretaña, Italia, España y Alemania; cara de cónsul sueco en Honduras. Y sin embargo, desde siempre supe que soy tan latinoamericano como las piedras de Macchu Picchu o el más humilde guijarro de mi país. Y lo supe, lo sé, como se saben de verdad las cosas: viajando por mis adentros desde las estrañas hasta la cabeza, y no al revés. Pertenezco a una tierra que todavía se ignora a si misma. Escribo para ayudarla a revelarse – revelarse, rebelarse – y buscándola me busco y encontrándola me encuentro y con ella, en ella, me pierdo”.

<sup>51</sup> Uma versão adaptada foi publicada três anos depois no semanário *Marcha*, e está no livro *Entrevistas y artículos* (1962/1987) e em *Nosotros decimos no*. Foi pergunta e resposta. Em Cuba, foi publicado na revista *Pensamiento Crítico*, também em 1967.

ir para a Argentina, onde ficou até 1976, quando os militares sequestraram o poeta e redator da revista em que trabalhava, *Crisis*, forçando o encerramento da publicação. Galeano foi perseguido no país vizinho e se exilou em Barcelona em 1976, retornando ao Uruguai somente em 1985, com o fim do regime militar. Sobre sua posição política, ele dizia ser indignado, um pensador livre e defensor de Cuba.

Na Espanha, morou em frente à praia de Calella, onde escreveu o seu primeiro livro como exilado, *Dias e noites de amor e de guerra*. Um adiantado dessas páginas foi publicado nos *Cuadernos Hispanoamericanos*, com o título de “O caçador de histórias”, em outubro de 1976, o mesmo nome que foi dado ao seu livro póstumo (BELLOSO, 2016b). Semanas antes de voltar do exílio em Barcelona, Galeano teve um ataque cardíaco. Novamente em Montevidéu, colaborou com a fundação do semanário *Brecha*, que tinha como proposta ser uma continuação do extinto *Marcha* e está em circulação desde 1985. Nos últimos anos de vida, Galeano publicava artigos em *Brecha* (Uruguai), *El País* (Espanha) e *Página/12* (Argentina), além de se dedicar à escrita de livros.

Para Beloso (2016a), a narrativa de Galeano que os leitores reconhecem hoje surgiu com a trilogia *Memória do fogo*, imaginada a partir de um poema de um grego nascido em Alexandria e escrita a partir de anotações feitas em cadernetas. O estilo de textos curtos caracterizou seu trabalho nos 40 anos seguintes.

Em *O caçador de histórias*, no capítulo “Prontuario”, há oito textos para dizer o porquê escreve. Situando o seu ponto de vista como sendo desde o pequeno detalhe até a imensidão, ou seja, “el mundo visto por el ojo de la cerradura”, Galeano afirma olhar o que merece ser olhado, os minúsculos detalhes de gente anônima que os intelectuais costumam desprezar. “Neste micromundo é que se encontra a grandeza do universo. Olhar o universo, os grandes mistérios da vida, a partir das coisas pequenas” (GALEANO, 2010, s/p). Tal definição foi repetida desde *Dias e noites de amor e de guerra* até *Os filhos dos dias*, o último livro que apresentou em vida.

A palavra *sentipensante* diz ser a definição de sua linguagem, aquela que fala a verdade e não separa corpo e alma, nem razão e coração (GALEANO, 2002). O termo foi emprestado de pescadores colombianos, sendo que tomou conhecimento através do amigo sociólogo Orlando Fals Borda, um dos criadores da primeira faculdade de Sociologia na Colômbia. Borda viveu com os pescadores em suas casas, em povoados bem pequenos, onde aprendeu o sentido da cultura anfíbia. Ele saía para ver como ocorriam as caças e, assim, soube do conceito. Para traduzir

*sentipensante*, foi preciso inventar palavras em todos os idiomas. Em inglês, tornou-se *thinkingfeeling people* (BELLOSO, 2016a).

Esse *sentipensante* que aparece em meus livros não fui eu que inventei. Isso foi lá em um dos pântanos próximos de San Benito Abad, perto de Jegua, lá por esses lugares, que algo aconteceu com um pescador que estava comigo e disse: ‘Olhe para nós, acreditamos que agimos com o coração, mas também usamos a cabeça e quando combinamos as duas coisas, somos *sentipensantes*’ Um conceito tão sensível, certo? Se entende, não? É muito bonito, tão bonito que Eduardo Galeano o roubou de mim em seus últimos livros. Claro que ele é muito honesto e diz que isso vem da história da Costa, mas para Eduardo Galeano o conceito *sentipensante* é agora central em sua filosofia literária (BORDA, 2016, l. 15 e 16)<sup>52</sup>.

A noção de *sentipensante* revela a forma pela qual Galeano apreendia a realidade, comparável a atitude *Eu-Tu* de Buber (2001), porque ele trabalhava reciprocamente com o entrevistado e o leitor, buscando o diálogo com seus interlocutores. O *Eu-Tu* é forma como se olha o outro, como o outro o vê e como se reconhecem mutuamente. O oposto dessa forma de convivência é o *Eu-Isso*, quando a pessoa se impõe diante de outro ser e o trata como objeto de uso, o que configura num movimento distante e impessoal. De acordo com Buber (2001, p. 67):

No momento em que uma civilização não tem mais como ponto central um fenômeno de relação, incessantemente renovado, ela se enrijece, tornando-se um mundo de ISSO que é trespassado

---

<sup>52</sup> Texto original: “Ese *sentipensante* que aparece en mis libros no lo inventé yo. Eso fue allí en una de las ciénagas cerquita de San Benito Abad, cerca de Jegua, por allí por esos sitios, que algo se le ocurrió a un pescador que iba conmigo y dijo: ‘Mire nosotros si en realidad, creemos que actuamos con el corazón pero también empleamos la cabeza y cuando combinamos las dos cosas así somos *sentipensantes*’. Un concepto tan sencillo, ¿cierto? Se entiende, ¿no? Es muy bonito, tan bonito que me lo robó Eduardo Galeano en sus últimos libros. Claro que él es muy honesto y él pone que eso es de la Historia doble de la Costa, pero para Eduardo Galeano el concepto *sentipensante* es ahora central en su filosofía literaria”.

somente de quando em quando por ações eruptivas e fulgurantes de espíritos solitários. A partir de então, a causalidade fugaz se intensifica não podendo jamais perturbar a compreensão do universo, tornando-se fatalidade opressora e esmagadora.

O relato de experiências próprias e alheias mostra que Galeano prestava atenção em quem encontrava, ele não se sobrepunha ao outro, aos excluídos, às mulheres, às crianças, aos negros, aos indígenas. O “eu” se compreende através do “tu” e um não existe sem o outro, trata-se de relação e não de repressão. Em vez de apenas observar quem está diante de si, ele o contempla, ao invés de servir-se dele, observa-o (BUBER, 2001). “Falando de América, falo de mim, vou me reconhecendo nos personagens... em certo modo, ao escrever a história da América estou escrevendo a minha própria autobiografia. Contando-a me conto, dizendo-a me digo” (GALEANO *apud* PALAVERSICH, 1995, p. 163)<sup>53</sup>.

Para Buber (2001), a totalidade do homem se encontra no dialógico, por isso o *Eu-Tu* é mais integral e completo que o *Eu-Issó*. Ele representa o relacionamento entre dois seres com o todo um do outro, de forma ampla e plena, ou seja, com seus pensamentos, sensações e sentimentos. A Nova Retórica (PERELMAN, 1996) também vem nesse sentido, em saber em que medida é possível respeitar o outro, pois “pensar a argumentação como uma forma de interação é promover o encontro de pontos de vista diferentes e levar em conta o espírito crítico do outro, reconhecendo a sua liberdade” (GRÁCIO; MOSCA, 2016, p. 34).

A linguagem *sentipensante* faz pensar e faz sentir ao interligar razão e emoção, ao extrapolar a rigidez de gêneros e não ter como fonte somente o que é científico. Dessa maneira, vejo semelhanças com uma comunicação para a cidadania, uma ação cultural e uma produção de sentidos diante dos acontecimentos da realidade, o que é identificado como o *signo da relação* por Medina (2006, p. 12): “A inter, a trans e a pós-disciplinaridade reforçam o diálogo entre os saberes científicos, mas também com o saber cotidiano, o saber local, o senso comum, o saber mítico, religioso e artístico”.

Para Medina (2006), o mediador-autor da linguagem dialógica é um artesão criativo que transforma a ciência e o saber cotidiano, que

---

<sup>53</sup> Texto original: “Hablando de América hablo de mí, me voy reconociendo en los personajes... en cierto modo al escribir la historia de América estoy escribiendo mi propia autobiografía. Contándola me cuento, diciéndola me digo”.

produz conteúdo polissêmico e polifônico para dar conta das complexas relações humanas. Somente com uma energia afetiva e respeitosa pode-se questionar os perigos de uma racionalidade falaciosa e simplificadora. Conforme a autora:

A contemporaneidade, tal qual as percepções a traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto como, acima de tudo, ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da História é, à partida, um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e no espaço de construção das oportunidades democráticas. Ao se dizer, o cidadão se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório (MEDINA, 2006, p. 68).

Galeano narra de forma complexa e afetuosa. Diversas vezes estão concentradas na narrativa sem que a singularidade do autor se dissolva porque faz parte dela, é testemunho. Ele diz metonimicamente sobre a vida e a morte, o medo e a alegria, o passado e o presente, o íntimo e o público, ao oferecer fatos e dados específicos que permitem conclusões de validade geral. A matéria histórica se torna uma obsessão e paixão, proveniente da desilusão com o que é ensinado nas escolas (PALAVERSICH, 1995).

### **2.3 O livro para entender suas convicções**

Eduardo Galeano escreveu *As veias abertas da América Latina* em 90 noites, a partir de pesquisas e entrevistas que realizou em quatro anos de viagem por Cuba, México, Venezuela, Chile e Brasil. O livro conta com 350 fontes documentais e ficou pronto nos últimos dias de 1970 para

ser inscrito no Prêmio Literário Casa de las Américas<sup>54</sup>, porém, não foi escolhido como o vencedor porque não foi considerado “um ensaio no sentido clássico. O que provavelmente longe de ser um defeito era a melhor de suas virtudes, e é a partir disso que eu sinto que há um solo sobre o qual começo a caminhar com mais segurança” (GALEANO, 2015, p. 135)<sup>55</sup>.

De acordo com Palaversich (1995), as teorias base para o livro vêm de estudiosos que também acreditam na história marginalizada e subversiva, sobretudo a do sociólogo André Gunder Frank, um dos criadores da teoria da dependência entre os anos de 1960 e 1970. Para ele, o subdesenvolvimento não é uma etapa que leva ao desenvolvimento e este só ocorre através do imperialismo dos países que concentram a economia mundial. A superação do subdesenvolvimento se daria pela ruptura do imperialismo e não pela modernização e industrialização.

A possibilidade de desenvolvimento autônomo na América Latina só seria possível se houvesse uma revolução socialista. Na teoria de Frank, a denominação de países atrasados decorre da dependência dos países centrais, que acumulam meios técnicos científicos informacionais e não permitem o desenvolvimento dos que fazem parte da periferia. Ademais, a região fornece mão de obra e recursos naturais baratos, provenientes de parques industriais especializados em produtos de baixo valor agregado ou tecnologia. Frank tinha como referência a Revolução Cubana e considerava que a América Latina era resultado da expansão do capitalismo comercial europeu no século XVI e surgiu para atender as necessidades do mercado mundial (SANTOS, 1998).

Então, o tema geral do livro é a história do subdesenvolvimento da América Latina causado pelo desenvolvimento do capitalismo no mundo. Afinal, em nosso tempo, a existência de centros ricos não pode ser explicada sem as periferias pobres e submetidas: uns e outros integram o mesmo sistema (GALEANO, 2011). A afirmação base do livro *As veias abertas* é de que

(...) não há riqueza inocente, que não se explique pela pobreza [...] e que o modelo econômico

---

<sup>54</sup> A premiação acontece anualmente e foi instituída em Cuba no ano de 1960 a fim de divulgar a arte e a cultura latino-americana. Há uma sessão especial de literatura brasileira e também de literatura em inglês e creole.

<sup>55</sup> Texto original: “Un ensayo en el sentido clásico. Lo que probablemente lejos de ser un defecto era la mejor de sus virtudes, y es a partir de ahí que yo siento que hay un suelo sobre el cual empiezo a caminar con más seguridad”.

dominante no continente cobra dos povos latino-americanos tanto a conta das crises e das recessões como dos surtos de desenvolvimento (GALEANO, 1997, p. 58).

As ideias do autor, que o acompanharam em toda a sua produção literária/jornalística, estão condensadas neste livro. Ele defendia que a primeira condição para mudar a realidade é conhecê-la e, por isso, buscou reescrever a história da América Latina sob o viés dos explorados e não dos exploradores, em uma linguagem que pudesse ser lida pelas pessoas comuns e não só pela elite e estudiosos. Da mesma forma, também teve a intenção de desviar da literatura militante que repete para o mesmo público as mesmas falas e se distancia da revolução.

Escrevi *As veias* para divulgar ideias alheias e experiências próprias que talvez ajudem um pouco, em sua realista medida, a aclarar as interrogações que nos perseguem desde sempre. A América Latina é uma região do mundo condenada à humilhação e à pobreza? Condenada por quem? Culpa de Deus, culpa da natureza? Um clima opressivo, as raças inferiores? A religião, os costumes? Não será a desgraça um produto da história, feita pelos homens e que pelos homens, portanto, pode ser desfeita? (GALEANO, 2011, p. 370, grifo do autor).

Galeano inicia o livro mencionando os direitos negados à infância na América Latina, depois conta sobre a extração das riquezas pelos colonizadores europeus, bem como a posição marginalizada desta região na divisão internacional do trabalho. Para o autor, foi criada uma infundável dependência das grandes potências e até mesmo entre os próprios países latino-americanos, na qual os maiores se sobrepõem aos menores. O imperialismo britânico e o atual imperialismo estadunidense causaram uma desconexão entre esses países. Após o golpe de Estado de 1964, o Brasil adquiriu uma função subimperialista e se tornou o grande administrador dos interesses dos Estados Unidos nos países vizinhos (GALEANO, 2011).

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde,

norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos (GALEANO, 2011, p. 05).

Galeano fala que o financiamento da Igreja Católica para o descobrimento da América e para a escravização dos indígenas rompeu as bases das civilizações que aqui estavam. As histórias são contadas por meio de metáforas, ironias, conversas e comentários de pessoas comuns em meio ao emaranhado de informações retiradas de densas investigações que realizou em livros de estudiosos, como Darcy Ribeiro<sup>56</sup>. E, assim, pega-nos a alma:

Potosí ‘A cidade que mais deu ao mundo é a que menos tem’, como me disse uma velha senhora potosina, envolta em quilométrico xale de lã de alpaca, quando conversamos à frente do pátio andaluz de sua casa de dois séculos. Essa cidade condenada à nostalgia, atormentada pela miséria e pelo frio, ainda é uma ferida aberta do sistema colonial na América: uma acusação. O mundo teria de começar por lhe pedir desculpas (GALEANO, 2011, p. 36, grifo do autor).

Temas que antes não eram divulgados vieram à tona com *As veias abertas da América Latina*, como o fato de que a nossa riqueza não era interesse somente da Espanha e Portugal, pois esses países mantinham acordos com holandeses, franceses e ingleses para obter vantagens para a comercialização de produtos. Os ingleses, por exemplo, foram os responsáveis pela escravização africana na indústria do açúcar, em Havana, e também financiaram a guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), na qual Brasil, Argentina e Uruguai se encarregaram do genocídio no Paraguai.

Galeano escreve sobre as matanças ocorridas durante as ditaduras militares, tanto é que o livro foi proibido de circular durante esses regimes nos países sul-americanos. “Não se pode dizer apenas que a desapareição

---

<sup>56</sup> Antropólogo e educador brasileiro, estudioso dos processos político-econômicos na América Latina.

forçada de pessoas no Cone Sul tenha sido um tema na obra de Galeano. Foi muito mais que isso. Foi uma conexão com o íntimo mundo das perdas” (GATTI, 2016, p. 02-04)<sup>57</sup>. No Uruguai, o livro voltou às livrarias e bibliotecas após 1985, com o fim da ditadura. Galeano, inclusive, diz que esses regimes autoritários na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil foram os melhores difusores do seu trabalho.

Galeano se orgulhava de que *As veias abertas ...*, apesar de seu desconforto com o filho famoso demais, continuava sendo o livro mais roubado das livrarias de Buenos Aires, observa seu amigo Vicente Romero. Em Montevideú, não há estatísticas semelhantes, mas números de vendas: todos os anos, somente deste título, são vendidos dois mil novos exemplares; quantidade astronômica para um país onde a faixa de vendas de um lançamento de sucesso é por volta de mil (BELLOSO, 2016b, l. 10)<sup>58</sup>.

O imperialismo dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial é um dos temas centrais de Galeano. Ele afirma que esse modelo não torna as colônias mais prósperas, nem alivia as tensões sociais, ao contrário: dissemina ainda mais a pobreza ao mesmo tempo que concentra a riqueza, apropria-se do progresso e torna-se dono do mercado interno. Para ele, a ajuda externa dos EUA é empregada para financiar compras de bens industriais no próprio país norte-americano. Então, esse auxílio serve, principalmente, para enriquecê-lo, pois cada vez mais vale menos o que a América Latina vende e, comparativamente, vale mais o que ela compra (GALEANO, 2011).

No livro, Galeano explica que a tecnologia que gera o desenvolvimento sempre esteve confinada aos limites das nações avançadas. Na América Latina, exporta-se conhecimento e importa-se

---

<sup>57</sup> Texto original: “No puede decirse apenas que la desaparición forzada de personas en el Cono Sur haya sido un tema en la obra de Galeano. Fue mucho más que eso. Fue una conexión con el íntimo mundo de las pérdidas”.

<sup>58</sup> Texto original: “A Galeano le llenaba de orgullo que *Las venas abiertas...*, a pesar de su incomodidad con ese hijo demasiado famoso, se mantuviera como el libro más robado en las librerías de Buenos Aires, apunta su amigo Vicente Romero. De Montevideo no hay una estadística similar, pero sí cifras de ventas: cada año, sólo de ese título, vende dos mil nuevos ejemplares; cifra astronómica para un país donde el rango de ventas de un lanzamiento exitoso promedia los mil”.

tecnologia obsoleta, que os países pagam como se fosse de primeiríssima linha (GALEANO, 2011). As universidades daqui formam pessoas nas áreas de tecnologia que só encontram emprego fora do país e, assim, proporciona-se mão de obra especializada atraída pelos altos salários e possibilidades de pesquisa.

De outra parte, cada vez que uma universidade ou um centro de cultura superior tenta, na América Latina, desenvolver as ciências básicas para lançar os fundamentos de uma tecnologia não copiada dos moldes e dos interesses estrangeiros, um oportuno golpe de Estado destrói a experiência sob o pretexto de que assim é incubada a subversão. Este foi o caso, por exemplo, da Universidade de Brasília, subjugada em 1964, e a verdade é que não se equivocam os arcanjos blindados que custodiam a ordem estabelecida: a política cultural autônoma, se é autêntica, requer e promove profundas mudanças em todas as estruturas vigentes (GALEANO, 2011, p. 344-345).

Nas últimas páginas da reedição, lançada sete anos após a primeira, Galeano acrescenta 18 considerações escritas enquanto estava exilado em Calella, Barcelona, em abril de 1978. Ele diz que, neste período, o sistema multiplicou a fome e o medo, assim como concentrou a riqueza e propagou a pobreza. “A engrenagem internacional continua funcionando: os países a serviço das mercadorias, os homens a serviço das coisas” (GALEANO, 2011, p. 371).

As ditaduras, os golpes de Estado, oferecem mão de obra barata e abundante a empresas estrangeiras, que recebem, ainda, crédito ilimitado, isenção de impostos e livre gerenciamento dos recursos naturais.

Nestas terras, não assistimos à infância selvagem do capitalismo, mas sua decrepitude. *O subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento. É a sua consequência.* O subdesenvolvimento da América Latina provém do desenvolvimento alheio e continua alimentando-o (GALEANO, 2011, p. 396, grifos do autor).

Segundo Artigas e Belloso (2016, l. 03):

*As veias abertas da América Latina* foi um trabalho que o perseguiu durante toda a sua vida e ele disse uma vez que se recusava a repeti-lo como se fosse uma sentença de prisão perpétua. Como se o tivessem aposentado de antemão. Ele também disse, embora essa afirmação tivesse menos divulgação do que o suposto arrependimento de seu trabalho mais famoso, que três décadas depois de *As veias abertas...* ele publicou outro livro "que se assemelha a ele" e que de certa forma é uma atualização daquele olhar, embora com uma linguagem muito diferente. Ele estava se referindo a *De pernas para o ar. A escola do mundo ao avesso*<sup>59</sup>.

A Alemanha foi um dos primeiros países europeus a dar abertura ao livro *As veias abertas da América Latina*. Na época da publicação, início dos anos 1970, o presidente era o social-democrata Willy Brandt, que propunha ajudar os países periféricos para que alcançassem certo nível de desenvolvimento ao longo do tempo, entretanto, o livro defende que o bem-estar europeu é a outra face da pobreza desses mesmos países (BELLOSO, 2016c).

Belloso (2016c) afirma que as palavras “escravo” e “escravidão” aparecem 152 vezes e que isso não é uma questão de insistência em relação aos africanos trazidos à força e aos indígenas obrigados ao trabalho forçado. Trata-se de uma peça central de um sistema imperialista que retira ao máximo as riquezas dos países colonizados. Esse tema estará presente em todos os textos que estariam por vir. “Eu não sou tão simplista para crer que o imperialismo tem a culpa de *todos* os males do mundo. Mas creio que o imperialismo tem a culpa de *quase todos* os males” (GALEANO, 1987, p. 03, grifo do autor)<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Texto original: “*Las venas abiertas de América Latina* fue un tratamiento que lo persiguió durante toda la vida y del que alguna vez dijo que se negaba a repetirlo como si fuera una cadena perpetua. Como si lo hubieran jubilado de antemano. También dijo, aunque esa declaración tuvo menos prensa que el supuesto arrepentimiento por su obra más célebre, que tres décadas después de *Las venas abiertas...* publicó otro libro “que se le asemeja” y que en cierta forma es una actualización de aquella mirada, aunque con un lenguaje muy diferente. Se refería a *Patás arriba. La escuela del mundo al revés*”.

<sup>60</sup> Texto original: “Yo no soy tan simplista para creer que el imperialismo tiene la culpa de *todos* los males del mundo. Pero sí creo que el imperialismo tiene la culpa de *casi todos* los males”.

Com um enfoque global, Galeano fala de realidades sociais, sistemas políticos e militares, economia e cultura, que foram construindo a infraestrutura dos países latino-americanos desde a chegada dos europeus. O livro se divide em duas partes, as quais têm como títulos: “A pobreza do homem como resultado da riqueza de sua terra” e “O desenvolvimento é uma viagem com mais náufragos que viajantes”, temas que prosseguiram em todo o trabalho de Galeano. *As veias abertas da América Latina* proporcionou alcance internacional ao autor, em um período em que as gerações jovens interessadas no que seria do futuro necessitavam de uma visão ampla e comprometida sobre os problemas e perspectivas do continente (RIVA, 1996).

## 2.4 De *Veias Abertas* às últimas publicações

Galeano criou a Ediciones del Chanchito para publicar seus livros no Uruguai e esquivar-se das grandes editoras, e elegeu 16 títulos para ser o *corpus* central do seu trabalho. Bellosso (2016c) acrescenta à lista o último livro deixado escrito e editado após sua morte, *O caçador de Histórias*. Ao autografar os livros, a saudação era a onomatopeia “oink” seguida do desenho de porquinhos em várias posições, a maioria mordendo uma flor de pétalas vermelhas. Esse costume não era uma escolha sem sentido já que, para o autor, os porcos eram os ninguéns do reino animal (BELLOSO, 2016c).

Muitos textos curtos foram reunidos em antologias, por exemplo, o livro *Mulheres*, que divulga trabalhos de 1973 a 2012 sobre figuras anônimas e conhecidas, como a brasileira Xica da Silva. *Nós dizemos não* também é uma compilação de artigos e entrevistas veiculados entre 1962 e 1987. Desde a década de 1980, Galeano realizou trabalhos com artistas visuais, como o fotógrafo uruguaio Jorge Vidart, que resultou no livro *Nicaragua Nicaragüita* em apoio à revolução sandinista; e com o fot jornalista brasileiro Sebastião Salgado fez parceria em *An Uncertain Grace*, livro publicado originariamente em inglês pela editora Aperture (1990).

Também ocorreram participações direcionadas ao público infanto-juvenil, como em *A pedra arde*, com ilustrações de Luis de Horna; e *História da ressurreição do papagaio*, ilustrado por Antonio Santos. Em *Palavras Andantes*, Galeano foi atrás do gravurista nordestino J. Borges a fim de trabalhar a quatro mãos, depois de ter conhecido seu trabalho de escrita e ilustração de cordéis, ainda no exílio em Barcelona.

Os anos não interromperam a obsessão, então quando ele idealizou *As palabras andantes*, no início dos anos noventa, soube que Borges teria que ilustrá-lo. Eles começaram a se corresponder, mas não se entenderam. Então, quando viajou, por um outro motivo, para a cidade brasileira de Recife, ele decidiu que tinha que ir até Bezerros, a pequena cidade de Pernambuco, onde ficava a casa do esquivo artista que ele procurava como parceiro de seu próximo livro (BELLOSO, 2016b, l. 01 e 02)<sup>61</sup>.

O autor mantinha seu gosto por desenhar, habilidade que o fez entrar no jornalismo quando fazia ilustrações no jornal *El Sol*. Mas, dizia que a literatura era muito possessiva e não lhe sobrava tempo para se dedicar à atividade. Por isso, um dos momentos mais prazerosos era decidir sobre a ilustração de cada novo livro. No *Caçador de Histórias*, além dos textos, deixou também pronta a imagem de capa. Em *Bocas do tempo*, quis que todas as ilustrações fossem estilizações de gravuras rupestres.

Entre 1973 e 1974, enquanto estava exilado na Argentina, Galeano escreveu o romance *A canção de nossa gente*, dedicado à cidade de Montevidéu tomada pelos militares. O exílio é uma forma metafórica de abordar as transformações do próprio autor (PALAVERSICH, 1995). O livro projeta, ainda, a realidade latino-americana e a marginalização socioeconômica da maioria da população como consequência da industrialização rápida, de uma economia que não suporta as pessoas. “A realidade uruguaia após a ditadura se encarregou repentinamente de refutar a visão idealizada do autor que imagina uma aliança entre os setores progressistas da classe média e os que nada têm” (PALAVERSICH, 1995, p. 55)<sup>62</sup>.

Em Barcelona, o ofício de escritor e o de jornalista se encontram em uma narrativa híbrida e breve, o que não ocorria até 1978. Na

---

<sup>61</sup> Texto original: “Los años no despejaron la obsesión, así que cuando ideó *Las palabras andantes*, a comienzos de los noventa, supo que Borges tendría que ilustrarlo. Empezaron a cartearse, pero no terminaban de entenderse. Así que cuando viajó, por otro asunto, a la ciudad brasileña de Recife, decidió que tenía que ir hasta Bezerros, la pequeña ciudad de Pernambuco, donde quedaba la casa del esquivo artista que buscaba como aparcerero de su próximo libro”.

<sup>62</sup> Texto original: “La realidad uruguaya posterior a la dictadura se ha encargado repentinamente de desmentir la visión idealizada del autor que imagina una alianza entre los sectores progressistas de la clase media y los desposeídos”.

entrevista concedida em 1989 a Palaversich (1995), Galeano define *Dias e noites de amor e de guerra* como o primeiro livro em que as buscas íntimas e coletivas coincidem. Assim, torna-se uma espécie de fronteira literária e existencial, quando ele consegue unir o interior e o exterior, o indivíduo e a sociedade. Os 134 fragmentos estão relacionados à sua infância, ao impacto dos anos 1960 em sua formação política, aos anos de 1973 a 1976, quando houve o golpe do general Augusto Pinochet contra o amigo Salvador Allende, e às ações militares que desencadearam as ditaduras na Argentina e Uruguai.

O marxismo aparece explicitamente somente em *A canção de nossa gente* e em *Memória do fogo*, quando fala das revoluções cubana e nicaraguense; em *Vagamundo* e *Dias e noites de amor e de guerra*, o tema impulsiona a ação dos personagens. Galeano tem preferência para o mito, a lenda, o rumor, o riso subversivo, o conto a partir de um evento, que exprimem uma versão alternativa da realidade, como uma exigência ideológica da sua escrita (PALAVERSICH, 1995). Dessa forma, transgride a fronteira que separa a história objetiva da ficção subjetiva e irracional. “Muito de seu estilo surge do conversacional, eludindo uma obra pra minorias, utilizando todos os recursos para seguir calando alma adentro como um livro falado que se renova a cada ocasião” (PALAVERSICH, 1995, p. 45)<sup>63</sup>.

O misticismo é visível nas reiteradas alusões a Deus, quase sempre em uma perspectiva ambígua:

A imagem que ofereceram a ele em sua infância, criador do mundo e criador da justiça; e aquele outro grande ausente da vida do povo, que age em defesa dos fracos e explorados. Assim, podemos falar de uma 'ausência presente' de Deus, cuja abordagem habitual é constantemente questionada, mas sem gerar atitudes negativas; ele está incluído no processo de desmistificação que diz respeito a ideias consagradas pelos dominadores e pelos costumes, suposições sobre as quais é necessário retornar frequentemente (RIVA, 1996, p. 23)<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> Texto original: “Mucho de su estilo surge de lo conversacional, eludiendo una obra para minorías, utilizando todos los recursos para seguir calando alma adentro como un libro hablado que se renueva en cada ocasión”.

<sup>64</sup> Texto original: “A lo largo de sus numerosas páginas podemos encontrar reiteradas alusiones a Dios, casi siempre mencionado desde una doble perspectiva: la imagen que le ofrecieron en su niñez, hacedor del mundo y creador

Já a trilogia *Memória do Fogo* reúne mil histórias breves de quase dez anos de trabalho. A dedicatória é para sua avó Esther, que é referenciada também no fragmento “Outro músculo secreto”, do *Livro dos Abraços*. O mundo indígena e campesino, bem como a pobreza do povo boliviano, teve sempre um interesse especial para Galeano. Essas temáticas são mencionadas em quase todos os seus livros, como em *Memória do Fogo*, no qual estão presentes as mulheres das zonas mineiras. Na trilogia, em vez de análise histórica, econômica e política, Galeano escreve contos curtos a partir de seus protagonistas, em uma linguagem próxima à oralidade.

Contudo, a partir de *Espelhos* a escrita passa da denúncia para a identificação, pois o autor não esconde sua alegria pelo indígena aymara Evo Morales ter sido eleito presidente do país, situação antes impensável nos tempos em que escreveu *As veias Abertas da América Latina* (UGARTE, 2016). Além disso, em *Os filhos dos Dias*, Galeano define a data de 26 de janeiro de 2009 como sendo a segunda fundação da Bolívia, justificada pela aprovação da nova constituição que passou a reconhecer os direitos dos indígenas em um Estado Plurinacional (BELLOSO, 2016a).

A escravidão também é tema em toda a sua produção, não só a negreira, mas também a velada que ocorre no sistema capitalista, resultado dos baixos salários dos trabalhadores e da indução ao desejo de comprar excessivamente aquilo que eles não necessitam. O racismo cotidiano e a impunidade também são preocupações permanentes. Para falar sobre isso, referiu-se ao Brasil no seu discurso apresentado no Encontro Iberoamericano de Comunicação, intitulado “Apuntes para um retrato de la estructura de la impotência”, em 1987, explicando que: “A pirâmide é branca no topo e negra na base; os mais ricos são os mais brancos e os mais pobres, os mais negros” (GALEANO *apud* ANTUNES, 2016, l. 02)<sup>65</sup>.

No Quadro 11, há o nome dos 16 livros escolhidos por Galeano para representar todo o seu trabalho, acrescidos do livro póstumo. Os

---

de la justicia; y aquel otro gran ausente de la vida de los pueblos, al que no se siente actuar en defensa de los débiles y explorados. De ahí que podamos hablar de una ‘ausencia presente’ de Dios, cuyo enfoque habitual está cuestionado en forma constante pero sin que genere actitudes negativas; se le incluye dentro del proceso de desmitificación que atañe a ideas consagradas por los dominadores y la costumbre, asuntos sobre los que es necesario volver a menudo”.

<sup>65</sup> Texto original: “La pirâmide social es blanca en la cúspide y negra en la base; los más ricos son los más blancos y los más pobres, los más negros”.

títulos estão no original seguidos da tradução para o português e o ano de referência é a primeira edição em espanhol.

**Quadro 11 - Principais livros de Eduardo Galeano**

Título	1ª Edição em espanhol
“Las venas abiertas de América Latina/As veias abertas da América Latina”	1971
“Vagamundo/Vagamundo”	1973
“La canción de nosotros/A canção da nossa gente”	1975
“Días y noches de amor y de guerra/Dias e noites de amor e de guerra”	1978
“Memoria del fuego, vol.1: Los nacimientos/Memória do fogo, vol.1: Os nascimentos”	1982
“Memoria del fuego, vol.2: Las caras y las máscaras/Memória do fogo, vol. 2: As caras e as máscaras”	1983
“Memoria del fuego, vol. 3: El siglo del viento/Memória do fogo, vol. 3: O século do vento”	1986
“Nosotros décimos no/Nós dizemos não”	1988
“El libro de los abrazos/O livro dos abraços”	1989
“Palabras andantes/Palavras andantes”	1993
“El fútbol a sol y sombra/Futebol a sol e sombra”	1995
“Patatas arriba. La escuela del mundo al revés/De pernas para o ar. A escola do mundo ao avesso”	1998
“Mujeres/Mulheres”	1998
“Bocas del tiempo/Bocas do tempo”	2004
“Espejos. Una historia casi universal/Espelhos. Uma história quase universal”	2008
“Los hijos de los días/Os filhos dos dias”	2012
“El cazador de historias/O caçador de histórias”	2016

Fonte: Adaptação de Galeano, *un ilegal en el paraíso* (2016).

Nos livros *As veias abertas da América Latina* (1971), *Dias e noites de amor e de guerra* (1978) e na trilogia *Memória do Fogo – Os*

*nascimentos* (1982), *As caras e as máscaras* (1982) e *O século do vento* (1984) –, Galeano faz uma reconstrução da história latino-americana a partir da exploração e da opressão. A descrição do mundo marginalizado é tema dos livros *Os fantasmas do dia de leão* (1967), *A cidade como um tigre* (1972), *Vagamundo* (1973) e *A canção de nossa gente* (1975) (BELLINI, 1997a).

*Vagamundo* tem aspecto de crônica e conto. Galeano tenta descobrir a magia que se esconde na vida cotidiana, o que o vincula a outros narradores latino-americanos (RIVA, 1996). Vários livros podem ser lidos sem ordem, como *Memórias do fogo* e *Livro dos Abraços*.

No Quadro 12, elenco outra série de trabalhos de caráter mais jornalístico, com os títulos na língua original, conforme a primeira edição em espanhol, devido à não existência de tradução para o português na maioria deles. Galeano não gostava de rótulos e transitava entre os vários gêneros literários, a divisão aqui é em relação aos trabalhos que tendem mais ao estilo poético e outros para a apuração de fatos jornalísticos. Para Galeano, o jornalismo era uma forma de literatura e o livro não era o único meio de expressão literária. “Fazendo jornalismo se pode fazer literatura ruim, mas também há livros que são perfeitamente tolos. O jornalismo está submetido a urgências e tensões que prejudicam seu nível de qualidade, mas também lhe dão força e encanto” (GALEANO, 2015, p. 215).

**Quadro 12 - Principais trabalhos jornalísticos de Eduardo Galeano**

Título	1ª Edição em espanhol
“El asesinato de Arbelio Ramírez”	1961
“Los días siguientes”	1963
“China 1964. Crónica de um desafio”	1964
“Los colores”	1966
“Reportajes: tierras latino-americanas, otros puntos cardinales y algo más”	1967
“Los fantasmas de día del león y otros relatos”	1967
“Guatemala, clave de Latinoamérica”	1967
“Guatemala país ocupado”	1967
“España, el reino de las contradicciones: de la guerra civil al referendun”	1967
“La crisis económica”	1969
“Siete imágenes de Bolivia”	1971
“Violencia y enajenación”	1971
“Crónicas latino-americanas”	1972

“Conversaciones con Raimón”	1977
“La guerra secreta en Centroamérica”	1983

Fonte: Adaptação de *Galeano, un ilegal en el paraíso* (2016).

Na televisão, um dos programas em que foi protagonista era produzido pelo Canal Encuentro, da Argentina. *A vida segundo Galeano* era uma série de 13 programas em que Galeano lia seus textos, veiculado em 2008, na capital Buenos Aires. Filmes, teatro, séries radiofônicas e músicas foram elaboradas a partir dos textos de Galeano. O filme *O século do vento*, de Fernando Birri, foi baseado em *Memória do Fogo* e lançado na Argentina, em 1999. Com o compositor e amigo Joan Manuel Serrat criou duas canções com trechos de textos retirados do *Livro dos Abraços: La mala racha*, a partir do texto homônimo; e *Secreta Mujer*, baseada nos textos “A noite 1” e “A noite 2”.

Nos artigos jornalísticos também constam a crença na capacidade do socialismo de criar uma contracultura e destruir os falsos valores materiais criados pelo capitalismo e gerar valores superiores (PALAVERSICH, 1995, p. 111). Porém, quando Galeano fala da Revolução Cubana, não critica a fundo os problemas econômicos, fica em algo passageiro e na celebração da cultura e espírito socialista. A narrativa é utópica, em que os fracassos do socialismo na América Latina não são mencionados. Assim, concentra-se em fazer críticas apaixonadas contra o imperialismo (PALAVERSICH, 1995, p. 127).

## 2.5 A outra voz, os tradutores

Belloso (2016a) fez um levantamento para quantificar 130 tradutores dos livros de Eduardo Galeano. Segundo ele, há tradução em 29 línguas<sup>66</sup>: alemão, árabe, búlgaro, catalão, chinês, coreano, dinamarquês, esloveno, esperanto, euskera, finlandês, francês, galego, grego, hebreu, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, persa, polaco, português do Brasil, português de Portugal, romano, russo, sérvio, sueco e turco. Muitos profissionais nunca conheceram Galeano pessoalmente, enquanto outros vários estabeleceram uma conexão tão intensa que o autor os considerava sua outra voz.

A tradução para o italiano foi feita pela filha de um trabalhador da Alfa Romeo que nunca pôde

---

<sup>66</sup> Belloso conta o português duas vezes, na versão brasileira e na versão portuguesa.

comprar um carro. Para o inglês, por um espião inefável que os britânicos nunca puderam capturar. Para o alemão, um amigo que nunca o convenceu a voltar a Nicarágua. Para o japonês, uma jovem que se apaixonou pela América Central. Toda tradução é a história de uma impossibilidade. Os tradutores de Eduardo Galeano sabem disso. Afinal de contas, sempre foi um obsessivo por como soavam suas palavras. Inclusive em idiomas que nem conhecia muito bem (BELLOSO, 2016b, l. 02 e 03)<sup>67</sup>.

A tradutora do italiano, Marcella Trambaioli, e do japonês, Midori Iijima, adotaram a leitura em voz alta para verificar como soava a tradução e, assim, conseguir dar o ritmo adequado (BELLOSO, 2016b). No Brasil, quem mais traduziu Galeano foi o jornalista, escritor e tradutor Eric Nepomuceno. Eles eram amicíssimos, com mais de 40 anos de convivência.

**Quadro 13 - Livros traduzidos para o português do Brasil, com o nome do tradutor da primeira edição**

Título	Tradutor
“As veias abertas da América Latina” (1978)	Galeno de Freitas
“A canção de nossa gente” (1978)	Eric Nepomuceno
“Dias e noites de amor e de guerra” (1979)	Eric Nepomuceno
“Vagamundo” (1980)	Eric Nepomuceno
“A pedra arde” (1983)	Edson Gabriel García
“Memória do fogo” vols. 1-3 (1986-1988)	Eric Nepomuceno
“De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso” (1990)	Sergio Faraco
“As palavras andantes” (1994)	Eric Nepomuceno

<sup>67</sup> Texto original: “Al idioma italiano lo tradujo la hija de un obrero de la Alfa Romeo que nunca pudo comprarse un auto. Al inglés, un inefable espía que los británicos nunca pudieron atrapar. Al alemán, un amigo que nunca pudo convencerlo de volver a Nicaragua. Al japonés, una joven que se enamoró de América Central. Toda traducción es la historia de una imposibilidad. Lo saben los traductores de Eduardo Galeano. A fin de cuentas siempre fue un obsesivo por como sonaban sus palabras. Incluso en idiomas que ni siquiera conocía demasiado bien”.

“O futebol a sol e sombra” (1995)	Maria do Carmo Brito com Eric Nepomuceno
“Mulheres” (1998)	Eric Nepomuceno
“O livro dos Abraços” (2002)	Eric Nepomuceno
“Bocas do tempo” (2004)	Eric Nepomuceno
“Os filhos dos dias” (2012)	Eric Nepomuceno
“O caçador de histórias” (2016)	Eric Nepomuceno

Fonte: Adaptação de *Galeano, un ilegal en el paraíso* (2016).

Eric Nepomuceno introduziu a literatura de Galeano no Brasil em 1974, com o conto “Um monstro meu amigo”, publicado inicialmente na coleção Contos Jovens da Editora Brasiliense e, posteriormente, no livro *Vagamundo*. Ele traduziu coletâneas de artigos organizadas pelo autor em livros, mas não soube da existência de *Atenção!* e nem mesmo da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”. “Não só não me lembro como jamais ouvi falar. E menos nessa coluna...” (NEPOMUCENO, 2017, s/p)<sup>68</sup>.

Para Nepomuceno, as principais características da escrita de Galeano são a exigência extrema e a obsessão por eliminar o supérfluo. A partir do livro *Dias e noites de amor e de guerra*, o autor firma seu estilo de textos curtos a fim de dizer mais com menos. Para Nepomuceno (2017, s/p):

Galeano era um observador sem tréguas, via tudo, anotava tudo. Tinha uma memória prodigiosa, que registrava detalhe por detalhe o que ele ouvia e despertava seu interesse. Depois, na hora de escrever, fazia uma pesquisa histórica exaustiva, para comprovar o que tinha ouvido. E então, escrevia, reduzindo tudo à sua essência. Sua memória, aliás, fazia dele um conversador fascinante, insuperável.

Dos mais de vinte autores que Nepomuceno traduziu, Galeano foi o único a rever minuciosamente o texto em português com ele.

Às vezes eu propunha mudanças, muitas mais ele mesmo propunha. Buscava a atmosfera, a música do texto. Quem ler com atenção o original e a

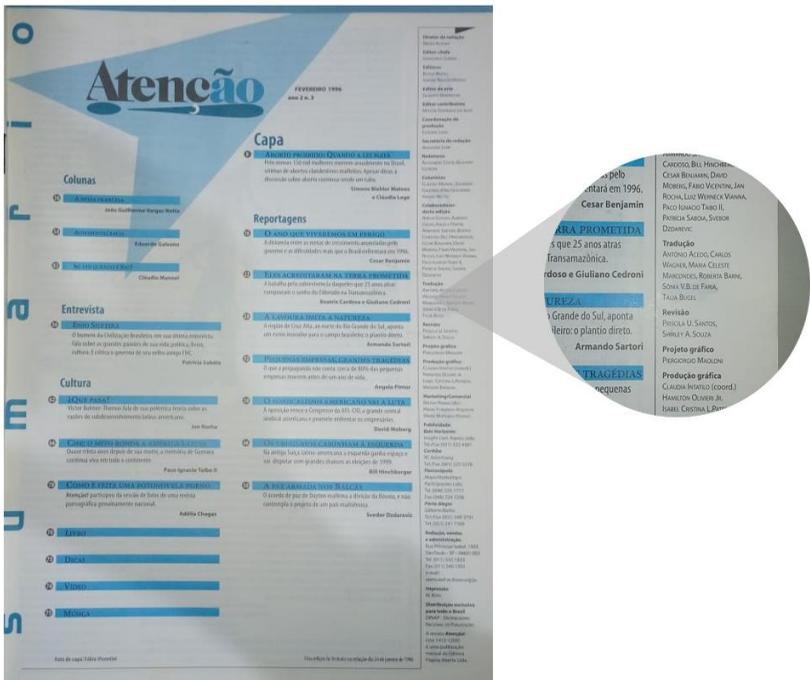
---

<sup>68</sup> Todas as menções a Eric Nepomuceno nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via e-mail, em 06 de outubro de 2017.

tradução para o português do Brasil irá notar essas mudanças. Todas, claro, autorizadas (quando não criadas...) por ele (NEPOMUCENO, 2017, s/p).

Os artigos enviados à *Atenção!* eram traduzidos por *freelancers* e tanto Altman como Suma afirmam não ter recebido nenhuma diretriz sobre o trabalho. “O Galeano não fez qualquer exigência a respeito. E francamente, à época eu nem sabia que o Eric fosse o tradutor ‘oficial’ dele” (SUMA, 2018, s/p). Os nomes dos tradutores – não apenas da coluna de Galeano, mas de todo o conteúdo enviado em língua estrangeira para a revista – estão mencionados somente nas quatro primeiras edições, localizados em sequência na página do expediente. Após investigação, identifiquei a tradutora dos textos de Galeano publicados nessas edições, já que, para saber sobre as outras seis, seria necessária uma busca extenuante, além de que a tradução não é objeto de estudo desta dissertação.

Figura 4 - Localização dos tradutores de *Atenção!*



Fonte: *Atenção!* (1996a, p. 03).

Para encontrar quem traduziu os quatro primeiros textos de Galeano publicados em *Atenção!*, pesquisei a vida profissional de cada pessoa citada no expediente até chegar ao nome mais provável. Assim, identifiquei que profissionais de renome colaboraram com a revista, como Maria Celeste Marcondes, que traduziu do alemão a publicação no Brasil do livro *Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada e Prostituída* (Kai Hermann e Horst Rieck); Lucia Barrocas, que traduziu do francês o livro *Diego e Frida* (J. M. G. Le Clézio); Antônio Acedo, que traduziu poesias do argentino Jorge Luis Borges; e Roberto Raposo, tradutor da filósofa alemã Hannah Arendt.

**Quadro 14 - Tradutores mencionados em *Atenção!***

Edição	Tradutores
OUTUBRO 1995	Antônio Acedo, Julio Fischer, Lucia Barrocas, Talia Bugel.
NOVEMBRO 1995 Ano 1 n.1	Carlos Wagner, Julio Fischer, Lucia Barrocas, Maria Celeste Marcondes, Talia Bugel.
DEZ/JAN 96 Ano1 n.2	Bosco Brasil, Carlos Wagner, Maria Celeste Marcondes, Roberta Barni, Roberto Raposo, Sônia V.B. de Faria, Talia Bugel.
FEVEREIRO 1996 Ano 2 n.3	Antônio Acedo, Carlos Wagner, Maria Celeste Marcondes, Roberta Barni, Sônia V.B. de Faria, Talia Bugel.
Ano 2 n.4	Antônio Acedo, Carlos Wagner, Maria Celeste Marcondes, Roberta Barni, Sônia V.B. de Faria, Talia Bugel.

Fonte: Elaboração própria.

Ao investigar a carreira de Talia Bugel, verifiquei que era o nome mais provável e entrei em contato via e-mail para confirmar. “Sim, eu traduzi vários textos de Galeano, pelo menos uns 5 ou 6 – não me lembro quais porque foi, agora percebo, há mais de 20 anos” (BUGEL, 2018, s/p)<sup>69</sup>. Uruguiaia, ela é professora de linguística hispânica na Universidade Purdue Fort Wayne, Indiana, Estados Unidos. Na época de *Atenção!*, ela morava em São Paulo e cursava mestrado em Linguística Aplicada na

<sup>69</sup> Todas as menções a Talia Bugel nesta dissertação se referem à entrevista concedida à autora via e-mail, em 29 de maio de 2017.

Universidade de Campinas (Unicamp). Samuel León, fundador da Editora Iluminuras, indicou Bugel para traduzir textos de Galeano e de Pérez Reverte para a revista.

Na Unicamp, Bugel teve aula com professores como Rosemary Arrojo e Kanavillil Rajagopalan, que apresentaram seus conhecimentos sobre o conceito de desconstrução na filosofia de Jacques Derrida<sup>70</sup>, o pós-estruturalismo, a teoria feminista da tradução e a psicanálise na tradução. Bugel tem como referência o texto “Uma Cleópatra melindrosa”, no qual Arrojo (2003) menciona um concurso de Cleópatras ao longo do século XX para dizer que elas revelam muito mais do que a figura egípcia, pois o entendimento de quem foi Cleópatra evidencia a ideia de mulher em determinado momento. Assim, tudo o que é cultural, como os tecidos, a forma de andar e se manter em pé, irão aparecer na Cleópatra de 2018.

O conto de Jorge Luis Borges intitulado “Pierre Menard, autor do Quixote” também a influenciou muito por tratar do aperfeiçoamento de um texto a partir da reprodução. Para Talia Bugel (2017), a tradução não é inferior ao original, mas uma iteração diferente. Ela acredita que não há uma versão definitiva de nada devido ao fato de que mudam as formas de ler. Logo, relaciona a tradução à noção de palimpsesto que é um

(...) texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura do ‘mesmo’ texto. A leitura passa a ser, portanto, uma atividade produtora de significados, ao invés de proteger os significados ‘originais’ do autor (ARROJO, 1985, p. 20, grifos do autor).

O processo de tradução de Bugel começa por conhecer o público leitor, para, então, decidir se é capaz de escrever para ele. Além disso, ela lê o original completo para despertar seu interesse pelo texto e refletir se está aprendendo com ele:

Por exemplo, lembro de um romance infanto-juvenil carioca [*Isso ninguém me tira*, de Ana

---

<sup>70</sup> “Aos olhos de Derrida, um texto nunca está fechado em si mesmo, permanecendo essencialmente aberto à leitura do outro. Nenhum texto prescreve uma leitura inevitável, já que a ‘assinatura’ da autoria nunca está completa: toda assinatura é uma contra-assinatura que reúne todos os momentos da enunciação no momento único em que o escritor fecha o livro já escrito e o abre para o leitor” (FAUSTINO, s/d).

Maria Machado] que traduzi para adolescentes da Argentina. Eu aceitei essa tradução porque sendo do Uruguai, eu podia me colocar no lugar dos adolescentes da região e falar como eles. O problema foi que a editora quis, depois que a tradução estava pronta, um texto em espanhol neutro. Bem, no meu entendimento, não existe uma língua neutra. Todas são marcadas. E os textos estéticos, particularmente, são muito marcados. Os adolescentes falam de um jeito, os cariocas falam de um jeito e os adolescentes cariocas falam do jeito deles. Não tem neutralidade nenhuma lá. Inclusive a classe social aparece na língua. Então, é fundamental para mim saber escrever da forma como os adolescentes da Argentina e do Uruguai falam, na região urbana, na classe média. Se eu não conseguir fazer isso, eu posso até colocar o conteúdo do romance em espanhol, mas não vou ter produzido uma boa tradução (BUGEL, 2018, grifo nosso).

Nas edições de *Atenção!* que possuem o nome de Bugel, há os seguintes artigos de Galeano: “O computador e eu”, “A escola do crime”, “Notícias dos ninguéns”, “A automovelcracia” e “A automovelcracia (II) – Liturgia do divino motor”. Nesses trabalhos, Bugel levou em conta a maneira de traduzir a qual acredita: o foco no leitor e a elucidação do contexto por considerar a tradução um ato cultural e, por isso, sempre diversa do texto de origem.

Considero que, nas traduções de textos de Galeano em *Atenção!*, a tradutora fez adaptações e, mesmo assim, continuou sendo fiel ao espírito do original. São traduções coerentes embora extrapolem a criação autoral, eu não ousaria dizer que não são textos de Galeano, já que os limites são tênues.

As palavras não soam da mesma maneira em todas as línguas, tanto é que Galeano preocupava-se com isso na tradução do que escrevia. Há trechos em que a tradutora traz a ideia do autor para a realidade do brasileiro, utilizando palavras já existentes no português. É o caso do primeiro parágrafo de “La escuela del crimen/A escola do crime”, em que **tilinguería** é traduzido como **frescura** no conceito conotativo do termo, reconhecido pelos brasileiros como uma maneira de dizer sobre o comportamento de alguém que dá valor a algo dispensável, ao requinte irrelevante.

No trecho, em associação com os demais termos, a ideia central é de que a modernização impõe desejos supérfluos às pessoas que as compram graças às condições oferecidas pela rede bancária. Tem-se também a tradução de **purapintismo** por **bacanisise**, termo relacionado à condição endinheirada que a classe média busca aparentar. Nos dois casos, a mensagem transmitida é análoga à original:

**Quadro 15 - Primeiro parágrafo do texto “La escuela del crimen/A escola do crime”**

<p>Original em espanhol – Jornal <i>El País</i> – 11 de julho de 1996.</p>	<p>Economía de importación, cultura de impostación, reino de la <b>tilinguería</b>: estamos todos obligados a embarcarnos en el crucero de la modernización. En las aguas del mercado, la mayoría de los navegantes está condenada al naufragio; pero la deuda externa paga, por cuenta de todos, los pasajes de la minoría que viaja en primera clase. Los empréstitos de la banquería mundial, que permiten atiborrar de nuevas cosas inútiles a la minoría consumidora, actúan al servicio del <b>purapintismo</b> de nuestras clases medias y de la copiantitis de nuestras clases altas; y la televisión se encarga de convertir en necesidades reales a las demandas artificiales que el norte del mundo inventa sin descanso y exitosamente proyecta sobre el sur y sobre el este.</p>
<p>Tradução para o português – Revista <i>Atenção!</i> - NOVEMBRO 1995 Ano 1 n.1.</p>	<p>Economia de importação, cultura de impostação, reino da <b>frescura</b>: somos todos obrigados a embarcar no cruzeiro da modernização. Nas águas do mercado, a maioria dos navegantes está condenada ao naufrágio; mas a dívida externa paga – por conta de todos – as passagens da minoria que viaja em primeira classe. Os empréstimos da banqueria mundial, que permitem abarrotar a minoria consumidora com coisas inúteis, atuam a serviço da <b>bacanisise</b> de nossas classes médias e da reprodutora esnobisse de</p>

	<p>nossas classes altas; e a televisão se encarrega de transformar em necessidades reais, as demandas artificiais que o norte do mundo inventa incansavelmente, despejando-as com sucesso sobre o sul e o leste.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria.

A criatividade da tradutora revela a intenção de explicitar no português o que Galeano disse na língua dele, em formato distinto, mas em sentido semelhante. Outro trecho, no fim do mesmo texto em espanhol, traz a expressão **a precio de ganga**, sinônimo de pechincha em português, algo de valor irrisório. A tradução foi adaptada para uma expressão com sentido aproximado, **a preço de banana**, popularizada pela facilidade de encontrar banana no Brasil colonial, quando não era possível cobrar muito por essa fruta. Neste caso, a sonoridade das palavras também é similar:

**Quadro 16 - Final do texto “La escuela del crimen/A escola do crime”**

<p>Original em espanhol – Jornal <i>El País</i> – 11 de julho de 1996.</p>	<p>La economía mundial necesita un mercado de consumo en perpetua expansión para que no se derrumben sus tasas de ganancia, pero a la vez necesita, por la misma razón, brazos que trabajen a <b>precio de ganga</b> en los países del sur y el este del planeta.</p>
<p>Tradução para o português – Revista <i>Atenção!</i> - NOVEMBRO 1995 Ano 1 n.1.</p>	<p>A economia mundial precisa de um mercado de consumo em constante expansão para não derrubar suas margens de lucro, mas ao mesmo tempo precisa, pela mesma razão, de braços que trabalhem a <b>preço de banana</b> nos países do sul e do leste do planeta.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Galeano inventava palavras e esses novos substantivos são levados para a tradução. No texto “La religión del automóvil – liturgia del divino motor/A automovelcracia – liturgia do divino motor”, o neologismo “automovelcracia” vem para conotar um regime de governo, no qual o poder absoluto é o do automóvel. Outro exemplo é “autossauro”, para dizer que um carro com três ou quatro anos de uso é considerado ultrapassado. Observo, neste texto, expressões que soam mais poéticas no português. Como em:

**Quadro 17 – “La religión del automóvil – liturgia del divino motor/A automovelcracia – liturgia do divino motor”**

Original em espanhol – <i>Brecha</i> – 1996	La religión del automóvil, con su Vaticano en Estados Unidos de América, tiene al mundo <b>de rodillas</b> .
Tradução para o português – Revista <i>Atenção!</i> – Ano 2 n.4	A religião do automóvel, que tem seu Vaticano nos Estados Unidos da América, tem o mundo <b>de joelhos a seus pés</b> .

Fonte: Elaboração própria.

No último parágrafo deste texto, as palavras em destaque poderiam ter sido traduzidas literalmente como *ele não te solta*, mas existe a expressão popular *ele não larga do nosso pé* para dizer que alguém é insistente, geralmente no mau sentido, e quem é importunado tenta se livrar sem êxito:

**Quadro 18 – “La religión del automóvil – liturgia del divino motor/A automovelcracia – liturgia do divino motor”**

Original em espanhol – <i>Brecha</i> – 1996.	Se vive dentro del automóvil, y <b>él no te suelta</b> .
Tradução para o português – Revista <i>Atenção!</i> – Ano 2 n.4.	Vive-se dentro do automóvel e <b>ele não larga do nosso pé</b> .

Fonte: Elaboração própria.

A intenção aqui não foi esgotar todas as possibilidades de identificar estratégias criativas de Talia Bugel nas traduções dos textos de Galeano em *Atenção!* E, sim, mostrar como a tradução foi pensada.

### 3 ESCRITA CRÍTICA E IMAGINATIVA

Nos textos publicados na revista *Atenção!*, Eduardo Galeano legitima o seu discurso contra o imperialismo estadunidense e a favor de uma América Latina livre ao articular dados, opinião, testemunho, pressuposições e figuras retóricas a fim de conduzir emocionalmente o leitor às suas ideias. Assim, ao mostrar as diversas maneiras de compreender e pensar sobre uma situação, o autor estimula o interlocutor a estabelecer relações complexas a respeito de questões sociais, visto que nem sempre o objetivo do orador é impor uma única interpretação (PERELMAN, 1996).

Neste capítulo, analiso a retórica de Galeano, identificando como as técnicas argumentativas estão estruturadas nos dez textos assinados por ele e traduzidos para o português na revista *Atenção!*. A análise tem respaldo da Nova Retórica, elaborada por Chaïm Perelman em colaboração com Lucie Olbrechts-Tyteca, desenvolvida a partir dos raciocínios dialéticos de Aristóteles, em que a argumentação é dirigida a um único interlocutor tendo o diálogo como forma predominante. Ademais, na teoria de Perelman, as figuras são consideradas uma necessidade do discurso, que dão força aos argumentos e possibilitam a adesão do público, e não apenas adereços vazios.

Considero que os artigos aqui analisados contribuem para uma visão multidimensional da realidade, pois Galeano traz complicações, incertezas e contradições. Ele entrelaça pesquisas estatísticas com provas não exatas, o que amplia as possibilidades de interpretação, por isso, a noção de complexidade do sociólogo Edgar Morin também é referenciada.

No subcapítulo 3.1, “Procedimentos teórico-metodológicos”, relaciono a Nova Retórica de Perelman, a retórica clássica de Aristóteles e a complexidade de Morin com a escrita de Galeano, como subsídio para realizar a análise de cada texto nos subcapítulos seguintes. Além disso, explico a estrutura que formulei para analisar as mensagens e evidenciar o que acredito ser as principais teses do escritor.

### 3.1 A nova retórica, parâmetros para análise

A fim de chegar ao modo de funcionamento da argumentação de Eduardo Galeano, utilizo a metodologia da análise retórica, que se preocupa com a estrutura do discurso e fornece parâmetros para esmiuçar mensagens, inclusive as jornalísticas, a partir do verossímil e do provável, e não da lógica. Ao analisar retoricamente uma mensagem jornalística em qualquer meio, existe o objetivo de aprofundar a investigação do emprego de ações que envolvam os atos de persuadir, de argumentar, bem como o uso das figuras no contexto, na forma de apresentação ou no próprio conteúdo da mensagem (KLÖCKNER, 2010).

Para tanto, baseio-me na teoria exposta no livro *Tratado da argumentação: a nova retórica* (1996), escrita por Chaïm Perelman em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, sobre o estudo da retórica em textos escritos. Hausser (2012) justifica o uso da metodologia no jornalismo:

Mesmo não se referindo em nenhum momento ao jornalismo propriamente dito, as ideias apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca podem ser perfeitamente atribuídas à atividade. O jornalismo adquire, portanto, o caráter de argumentação principalmente por que: (a) está preocupado em presumir o auditório ao qual se dirige – que ora é um auditório universal e heterogêneo, ora é um auditório específico e especializado; (b) ao invés de apenas relatar os fatos, preocupa-se com o modo de fazê-lo, o que fica expresso nas diversas técnicas de produção das notícias: o lead ou pirâmide invertida, a apuração e os valores-notícia (o que, de todas as técnicas, leva mais em conta o interesse do público porque está se baseando no que é importante e interessante em relação aos interesses dos leitores) (HAUSER, 2012, p. 97-98).

O ato de falar a alguém não quer apenas mencionar fatos e contar experiências, mas prestar atenção no interlocutor, porque se trata de um meio de agir sobre os espíritos, isto é, de transformar as pessoas a quem o discurso se destina. A arte retórica se preocupa com a opinião, envolve o raciocínio ordenado e depende da imaginação do destinatário para fazer sentido, pois quem ouve ou lê argumenta espontaneamente acerca do

discurso para tomar uma atitude, além de determinar a credibilidade que deve dar a quem o profere. Na maioria das vezes, esse argumento não é expresso, porém, intervém no resultado final da argumentação (PERELMAN, 1996).

Então, os argumentos estão sempre em interação com o auditório, sendo que o orador os torna fortes ou fracos de acordo com suas intenções. Essa forma de persuadir, por meio de múltiplos processos, estrutura-se e impressiona no todo.

Ora, o sentido e o alcance de um argumento isolado não podem senão raramente, ser compreendidos sem ambiguidade, a análise de um elo da argumentação, fora do contexto e independentemente da situação em que se insere, apresenta inegáveis perigos (PERELMAN, 1996, p. 211).

As figuras retóricas – ironia, metáfora, metonímia etc. – precisam ser analisadas na dimensão argumentativa e não apenas como ornamentos, devido à relevância delas no processo de estruturação do discurso. Perelman (1996) defende uma análise que explique a necessidade do emprego de figuras na argumentação, do contrário, o estudo se limitaria à busca de nomes estranhos para formas de expressão rebuscadas.

Recusamos separar, no discurso, a forma do fundo, estudar as estruturas e as figuras de estilo independentemente da meta que devem cumprir na argumentação. Iremos mais longe até. Sabemos que certos modos de expressar podem produzir um efeito estético, vinculado à harmonia, ao ritmo, a outras qualidades puramente formais e podem ter uma influência argumentativa através da admiração, da alegria, da descontração, da excitação, das retomadas e das quedas de atenção que provocam, sem que esses diversos elementos sejam analisáveis em função direta da argumentação. Apesar de sua incontestável importância na ação oratória, excluiremos o estudo desses mecanismos, de nossa presente análise da argumentação (PERELMAN, 1996, p. 162).

Portanto, a figura retórica é considerada aqui como o uso incomum da língua, de modo que pareça natural e acarrete a persuasão do ouvinte. Aristóteles (19--) diz que, quando se consegue proferir as ideias suaves com dureza e as duras com suavidade, o artifício passa despercebido e o leitor pensa que o orador exprime a verdade, já que os sentimentos parecem ser os mesmos que os seus. Perelman (1996, p. 194) também acredita que “não há figura mais excelente do que a que está totalmente oculta”. As estratégias de Galeano nos artigos de *Atenção!* soam naturais, não são vazias e, além de deliciarem aqueles que compartilham de seus valores, trazem conhecimento e vários ângulos sobre os fatos que talvez o leitor ainda não tenha pensado.

Em Aristóteles, o gênero do discurso judicial é usado para acusar ou defender; o deliberativo para aconselhar ou desaconselhar; e o epidítico ou demonstrativo para elogiar ou censurar atos contemporâneos. Nesse último, não há uma oposição, o orador não usa força para convencer ou persuadir o auditório, apenas profere um discurso, sendo livre a adesão. Por isso, quanto mais verossímil forem as provas, mais o ouvinte compartilhará do sentimento do orador.

Perelman (1996) acrescenta que o discurso epidítico se desenvolve em função de quem se pretende influenciar, existindo uma comunhão entre o orador e o auditório, que reconhece determinados acontecimentos, pessoas e valores. Para o teórico, a palavra tem a função de rememorar crenças e estabelecer acordos no decorrer do contexto argumentativo; o ouvinte não é considerado um ignorante, mas alguém bem-informado (PERELMAN, 1966).

Sendo assim, é imprescindível que o orador pressuponha um auditório concreto e o explore, que conheça os meios de influenciá-lo para adaptar o seu discurso e ter sucesso na argumentação. O que é mais frequente e próximo a um auditório tende a ser mais persuasivo, e Galeano faz referências ao universo de seu público, que quer escutá-lo porque compactua com seus ideais.

Com efeito, para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental. (...) Cumpre observar, aliás, que querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do Evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos

argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito (PERELMAN, 1996, p. 18).

A retórica clássica não considerava os textos escritos e nem a possibilidade de haver auditórios diversos. No entanto, Perelman (1996) fala da existência do auditório universal (heterogêneo), auditório particular (uma única pessoa ou um grupo de interesses afins) e deliberação consigo mesmo (o único interlocutor é o próprio orador) para o discurso do escritor, que não está sozinho no mundo e condiciona seu texto consciente ou inconscientemente. O auditório dos mídias é universal, pois é heterogêneo, visto que o objetivo é atingir o máximo de pessoas possível. Porém, os textos traduzidos de Galeano analisados nesta dissertação são dirigidos a leitores brasileiros, sobretudo aos moradores de São Paulo com bom nível de escolaridade. Em vista disso, é um auditório particular.

Galeano aborda situações frequentes em países latino-americanos, como a vontade de migrar, a desigualdade de oportunidades desde a infância, o desejo de ser consumidor e alcançar espaço no sistema capitalista. Os textos foram publicados em uma revista dirigida pelo jornalista Breno Altman, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), e, provavelmente, os leitores tinham ideias afins. Mesmo assim, “para que haja entendimento entre os dois [autor e leitor] nem sequer é necessário que compartilhem a mesma ideologia; o leitor somente precisa reconhecer os valores do narrador/autor implícito” (PALAVERSICH, 1995, p. 231)<sup>71</sup>.

Para Perelman (1996), o discurso é inseparável do orador, sendo que sua reputação e a daqueles que cita influenciam na adesão. Logo, é preciso ter alguma qualidade para ser ouvido ou lido. Admitiu-se que Galeano tomasse a palavra em um veículo impresso brasileiro, ainda mais porque na época de *Atenção!* ele já era reconhecido por defender uma América Latina livre e demonstrar esperança quanto à ascensão de governos de esquerda, o que começou a acontecer a partir de 1998, quando a maioria dos presidentes sul-americanos passou a ser de esquerda ou centro-esquerda.

---

<sup>71</sup> Texto original: “Para que haya entendimiento entre los dos ni siquiera es necesario que compartan la misma ideologia; el lector solamente tiene que reconocer los valores del narrador/autor implícito”.

Os temas defendidos por Galeano no livro *As veias abertas da América Latina*, publicado pela primeira vez em 1971, reaparecem nos artigos da revista *Atenção!*, veiculada entre 1995 e 1997. Após 25 anos, novas estratégias revigoram suas teses em textos de uma página, traduzidos para o português, destinados ao leitor brasileiro. Por isso, trago para a análise semelhanças entre o que é abordado no livro e nos artigos.

Toda argumentação resulta da escolha, consciente ou não, e da apresentação de elementos. Nela, os argumentos podem ser baseados em princípios matemáticos para garantir confiabilidade (quase-lógicos); formulados a partir do que o auditório acredita ser o real (estrutura do real); e aqueles que atuam por dedução a partir de casos isolados (fundam a estrutura do real). O primeiro deles é mais objetivo, o que torna a argumentação forte e difícil de ser refutada, entretanto, argumentos baseados em valores tornam o discurso do orador formidável (PERELMAN, 1996).

Ao propor uma revitalização da retórica clássica, Perelman teve a intenção de romper com a concepção da razão e do raciocínio lógico e moderno de Descartes, que marcou a filosofia ocidental dos três últimos séculos. Para tanto, retoma a tradição aristotélica e se afasta da rigidez lógica como meio de prova. A fim de complementar o que acredito encontrar na estruturação argumentativa de Galeano, trago, também, a noção de complexidade de Edgar Morin. O teórico pensa que o real escapa da lógica pura e que se deve ampliar o olhar além dos números para compreender um evento, isso pode acontecer associando exemplos, ilustrações e ideias aos dados. Ao desconsiderar a associação de modos de comunicação e compreensão, tem-se um pensamento redutor, pois “a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto” (MORIN, 1999, p. 182).

Quando lemos Edgar Morin (1997), ou ainda Boaventura Sousa Santos (2000), pensadores e filósofos de nossos tempos atuais, observamos que o paradigma científico atual, chamado moderno, está em crise. Associada a essa crise contemporânea da razão, nomeadamente à crise da razão histórica, e, juntamente com ela, à crise dos valores e do sujeito, a reabilitação da retórica não é, com efeito, dissociável da dúvida que marca hoje as iniciativas fundacionais, mesmo quando o fundamento é o transcendental secularizado de objetividade científica (PESSOA, 2004, p. 136).

Morin (2001) diz que a comunicação é uma forma de informar e informar-se, explicar e explicar-se, compreender e compreender-se. Para o teórico, este último nível é essencial por introduzir subjetividade e empatia no conhecimento de um fato humano como sujeito e não objeto, em que o outro é visto como um outro eu. A comunicação de Galeano é assim, compreensiva. “Ao recorrer às figuras retóricas, sua narrativa torna-se mais fluida, eleva-se em compreensão, ajuda a expandir o debate público a um público ainda maior (IJUIM, 2010, p. 121).

No livro *As veias abertas da América Latina*, ele tornou acessível a linguagem das teorias econômica e política, mesclando mitos, ideias, explicações, informações. Nos artigos acontece o mesmo, há uma sinergia de abordagens e argumentos que provocam a compreensão da complexidade humana. O discurso é verossímil, com múltiplas estratégias: ora traz pesquisas e números, ora juízos de valor, ora recorda fatos e experiências.

O autor-protagonista recorda seletivamente e organiza seu material segundo um ponto de vista específico. Diferente da narrativa historiográfica tradicional, o testemunho não participa do mito da objetividade histórica, mas ao insistir no “eu” em torno do qual se estrutura o relato, exhibe e ostenta sua subjetividade. Paradoxalmente, ao admitir sua própria subjetividade e ao revelar o lado escamoteado da história, o testemunho é um elemento essencial para uma maior objetividade da representação histórica (PALAVERSICH, 1996, p. 87)<sup>72</sup>.

Aqui, a análise se detém às técnicas argumentativas mais proeminentes nos textos, principalmente aquelas que se manifestam a partir de figuras, pois

(...) mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão

---

<sup>72</sup> Texto original: “porque el autor-protagonista recuerda selectivamente y organiza su material según un punto de vista específico. A diferencia de la narrativa historiográfica tradicional, el testimonio no participa en el mito de la objetividad histórica, sino que al insistir en el “yo” en torno al cual se gesta el relato, exhibe y ostenta su subjetividad. Paradójicamente, al admitir su propia subjetividad y al revelar el lado escamoteado de la historia, el testimonio aporta un elemento esencial a la mayor objetividad de la representación histórica”.

com o auditório. Amiúde essa comunhão é obtida mercê de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns (PERELMAN, 1996, p. 201).

Conforme o quadro a seguir:

**Quadro 19 - Técnicas argumentativas mais evidentes nos artigos de Galeano em *Atenção!***

Técnicas argumentativas	Definição
Alusão	Figura reconhecida somente em seu contexto, em que o autor faz referência implícita ou explícita a um acontecimento do passado ou fato cultural, cujo conhecimento é próprio dos membros do grupo com os quais busca estabelecer comunhão (PERELMAN, 1996).
Anáfora	Repetição do nome de algo ou alguém para acentuar a presença do objeto do discurso (PERELMAN, 1996).
Antimodelo	Argumento do autor para incentivar o afastamento de alguém, de uma conduta ou comportamento (PERELMAN, 1996).
Amplificação	É o desenvolvimento oratório de um assunto, independentemente do exagero com o qual o associam geralmente. Não é uma repetição literal. Enumeração das partes (PERELMAN, 1996).
Ato e pessoa	O valor que se atribui ao ato, incita a atribuir um certo valor à pessoa que pode acarretar um remanejamento de concepção (PERELMAN, 1996).
Epíteto	Seleção visível e tendenciosa de uma qualidade que se enfatiza e que deve completar o conhecimento do objeto do discurso (PERELMAN, 1996).
Exemplo	Uso de fenômenos particulares para fundamentar uma regra que se pretende provar. Apresenta fatos concretos, pessoas e acontecimentos. Deve ser incontestável (PERELMAN, 1996).
Ilustração	Utilizada para reforçar a adesão a uma regra já conhecida, fornecendo casos particulares. Pode ser duvidosa, mas deve impressionar (PERELMAN, 1996).

Ironia	A ironia é uma figura usada para dar a entender o contrário do que se está dizendo e, para ser compreendida, exige-se conhecimento prévio das posições do orador (PERELMAN, 1996).
Metáfora	Analogia condensada, resultante da fusão de termos extraídos de áreas diferentes (PERELMAN, 1996).
Modelo	Incentivo a imitar alguém que o autor considera ser de prestígio ou uma conduta valorizada por ele (PERELMAN, 1996).
Interrogação	As perguntas são, em geral, uma forma hábil para iniciar raciocínios. A técnica é usada quando o autor considera que a explicação não é suficiente (PERELMAN, 1996).
Pseudodiscurso direto	Atribui ficticiamente palavra a uma pessoa ou a várias conversando entre si. Poderá ser apresentado como meio pronunciado, meio pensado (PERELMAN, 1996).

Fonte: Elaboração própria.

O discurso de Galeano se repete tanto em entrevistas concedidas a veículos de comunicação quanto em seus livros e nos artigos aqui apresentados. Portanto, agrupei os textos para análise em quatro *máximas galeanas*, conforme a temática principal em comum, o que não significa que não apareçam outras em menor intensidade, visto que “não se deve jamais procurar definir por fronteiras as coisas importantes. As fronteiras são sempre fluidas, são sempre interferentes” (MORIN, 2006, p. 73).

Aristóteles define máxima como uma ação moral, que convém a pessoas com mais idade por conta da experiência e, com ela, o ouvinte sente prazer quando o orador, falando de maneira geral, vem ao encontro das opiniões individuais (ARISTÓTELES, 19--). Perelman (1996) complementa ao dizer que o tempo da máxima é o presente e pode se tratar de frases de efeito. É nesse sentido que as defino, como a síntese direta e intensa das convicções de Eduardo Galeano, cujo “papel é essencialmente o de impor, por sua forma, certas ideias à nossa atenção” (PERELMAN, 1996, p. 189).

As *máximas galeanas* nomeiam os próximos subcapítulos: 3.2 “Quem não tem, nada é”; 3.3 “Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão”; 3.4 “O convite ao consumo é o convite ao delito”; e 3.5 “O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés”. No primeiro, reuni “O computador” e eu e “Notícias dos ninguéns”; no segundo, estão os quatro

textos da série “A automovelcracia”: “A automovelcracia”, “Liturgia do divino motor”, “O anjo exterminador”, “Os espelhos do paraíso”; enquanto que no terceiro estão “A escola do crime”, “O pecado de ser original” e “A infância como perigo”. No último, apresento o artigo “O direito de sonhar”, como um resumo dos demais e fechamento da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas” em *Atenção!*.

**Quadro 20 - Critérios de distribuição dos textos em temas afins**

Subcapítulo	Máxima galeana	Artigos
3.2	<i>Quem não tem, nada é</i>	“O computador e eu”
		“Notícias dos ninguéns”
3.3	<i>Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão</i>	“A automovelcracia”
		“Liturgia do divino motor”
		“O anjo exterminador”
		“Os espelhos do paraíso”
3.4	<i>O convite ao consumo é o convite ao delito</i>	“A escola do crime”
		“O pecado de ser original”
		“A infância como perigo”
3.5	<i>O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés</i>	“O direito de sonhar”

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa divisão, verifico como as técnicas argumentativas (vide Quadro 19) sustentam as teses que formam as *máximas galeanas*, tendo como referência as semelhanças com o que já aparecia em *As veias abertas da América Latina*. Para argumentar, o autor parte de premissas factuais, sendo que os elementos mais marcantes são analisados levando em conta o texto como um todo, por isso, por vezes, a aparição não está na ordem dos parágrafos dos artigos, por causa da fluidez de raciocínio. Embora agrupado nos subcapítulos, cada artigo é analisado especificamente e, quando encontro algo semelhante, menciono a relação entre eles. Há palavras destacadas em negrito para evidenciar a qual técnica argumentativa pertence, seguidas de análise.

No início de cada subcapítulo, faço uma breve introdução para relacionar as temáticas dos textos agrupados, bem como, ao final, teço considerações sobre as principais técnicas argumentativas evidenciadas e quais as novidades em relação ao livro *As veias abertas da América Latina*. No interior da análise, retomo a teoria como forma de articulação com o que se pode compreender dos textos, pois não é intenção buscar o que o autor quis dizer. Mesmo utilizando verbos como “falar”, “dizer”, “mencionar”, procuro elucidar uma das possíveis interpretações do *corpus*.

### 3.2 Quem não tem, nada é

Nos artigos “O computador” e eu e “Notícias dos ninguéns”, Galeano fala sobre a política externa dos Estados Unidos da América (EUA) e as vidas que não importam no sistema capitalista, sendo que o primeiro se refere, principalmente, aos imigrantes mexicanos que buscam emprego no país vizinho, e o segundo, ao menosprezo dos guatemaltecos e supervalorização dos estadunidenses. Nos dois textos, aparece a tese de que temos que acreditar na ordem natural das coisas, naquilo que dizem os países que nos exploram. Quem não tem, ou seja, quem não pertence ao minoritário universo dos ricos, não existe.

“O computador e eu”

Neste primeiro texto da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, publicado em outubro de 1995 em *Atenção!*, Galeano usa a prosopopeia/personificação<sup>73</sup> para dar vida ao computador e dizer que há uma nova forma de invadir um país: por meio da tecnologia. Assim, elabora uma conversa com a máquina para questionar várias iniciativas do sistema capitalista, como a política de Defesa Nacional dos Estados Unidos e as leis anti-imigrantes. Os argumentos levam a crer que os EUA inventam motivos para criar medidas protetivas contra possíveis invasores, mas, na verdade, é uma estratégia para que o próprio país continue a invadir outros territórios e se mantenha no comando da riqueza mundial.

A ironia é bastante trabalhada ao lado do pseudodiscurso direto, o qual “dará a conhecer as intenções que se atribuem a alguém ou o que se crê ser a opinião de outrem sobre essas intenções” (PERELMAN, 1996,

---

<sup>73</sup> Figura retórica que consiste em atribuir sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos ou seres irracionais.

p. 200). Então, por meio da conversa criada entre homem e máquina, é possível entender o funcionamento do capitalismo sob o olhar de Galeano e o que ele pensa sobre a política externa dos EUA. O pseudodiscurso ocorre também em “O pecado de ser original”, analisado mais à frente.

O texto está escrito em primeira pessoa e no tempo passado, como testemunho de uma situação fictícia que se passa em um dos locais de chegada de estrangeiros, um aeroporto dos EUA. No contexto extratextual, o computador nos aeroportos auxilia em questões relativas ao tráfego aéreo, localização na cidade, entretenimento e, no que tange às reclamações, referem-se geralmente ao serviço prestado pelos funcionários ou à infraestrutura. Mas, no texto de Galeano, a tecnologia ganha poderes e responde às perguntas da maneira que lhe for mais conveniente, assim como convém, também, se autodesligar e decidir o momento de encerrar a conversa. É a ideia que o autor tem do comportamento do Estado daquele país.

As referências do autor e suas ideologias são evidentemente expostas ainda no primeiro parágrafo: “Minhas velhas convicções anti-imperialistas me impulsionaram a protestar contra o muro que os Estados Unidos estão levantando na fronteira com o México” (GALEANO, 1995, p. 67), explicitando o que Perelman diz sobre haver sempre uma ligação entre o orador e o que é dito por ele. Galeano não gostava de usar o computador, escrevia tudo a mão. Portanto, a escolha de dar vida a essa máquina para contestar um sistema econômico com o qual não concorda não foi inconsciente.

Em um dos subtítulos do livro *As veias abertas da América Latina*, “A deusa tecnologia não fala espanhol”, Galeano já dizia que os países do Norte dominam as tecnologias, compram e vendem patentes, e financiam pesquisas científicas em seu território para estudantes e profissionais estrangeiros, apoderando-se da indústria alheia. “A América Latina ainda não foi capaz de criar tecnologia própria para sustentar e defender seu desenvolvimento” (GALEANO, 2011, p. 343). O tema relacionado aos países enriquecidos deterem as tecnologias e, por isso, exercerem poder sobre os países empobrecidos, volta em “O computador e eu”, fazendo o leitor brasileiro refletir a respeito do imperialismo dos EUA nos anos de 1990, época em que o computador e a internet começavam a se popularizar.

Para Galeano, a tecnologia é programada pelas oligarquias empresariais para distrair os habitantes do Sul e fazê-los pensar que as ações imperialistas tratam de progresso e não de exploração da riqueza em detrimento da pobreza. Essa nova forma de invasão seria menos

alarmante que um ataque dos *marines*<sup>74</sup>. Em entrevista especial sobre os 25 anos do livro *As veias abertas da América Latina para Atenção!*, Galeano reafirmou sua tese de que há “uma ditadura invisível das grandes corporações, que com seus computadores decidem a sorte ou desgraça de um país sem invadi-lo da forma tradicional” (GALEANO, 1997, p. 61).

Toda pergunta feita à máquina vem em forma de ironia, trazendo dados como prova, assim como ocorre nas respostas que ela dá ao autor. Em retórica, “a pergunta supõe um objeto [raciocínio], sobre o qual incide, e sugere que há um acordo sobre a existência desse objeto. Responder a uma pergunta é confirmar esse acordo implícito (...)” (PERELMAN, 1996, p. 179). Neste texto, o acordo com o interlocutor é quanto às incongruências das invasões políticas dos EUA em países periféricos e das ações de defesa do seu território, mesmo sem ter um inimigo aparente.

Aristóteles diz que ironizar serve para deliciar o orador, enquanto que bufonear tem o intuito de dar prazer aos ouvintes (ARISTÓTELES, 19--., p. 219). Já Palaversich (1995) menciona que a ironia de Galeano não vem somente para provocar riso, mas é uma estratégia narrativa para persuadir o leitor da validade de seu ponto de vista. Em concordância com Palaversich, os argumentos de Galeano se tornam ainda mais fortes com a ironia, pois essa figura é uma forma rápida de apreensão dos significados pelo leitor quando relacionada a noções conhecidas por ele. Portanto, as ironias não estão nos artigos do escritor como enfeite, mas para provocar reflexão.

Para falar sobre a política anti-imigrante, Galeano cita o muro que separa os EUA do México. Embora o autor não mencione, a construção se estende desde o estado da Califórnia até o Texas e teve início em 1994 no governo de Bill Clinton, continuando na administração de George W. Bush, Barack Obama e ganhando mais força ainda com a eleição de Donald Trump para a gestão 2017-2020. A tecnologia continua a serviço dos EUA, pois as câmeras, sensores térmicos e raios-x vigiam a fronteira em alguns trechos.

Galeano descreve a obra como uma parede de aço, referindo-se implicitamente às chapas reaproveitadas das pistas de pouso no deserto durante a Guerra do Golfo. Ele faz uma comparação com o muro de Berlim, que dividiu a parte socialista da capitalista da cidade alemã entre 1961 e 1989, quando o computador diz ironicamente que o muro na

---

<sup>74</sup> Denominação do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, órgão militar que atua em operações de combate em ar, terra e mar, com o maior número de integrantes do mundo.

fronteira tem o propósito de homenagear “os mártires do abjeto Muro de Berlim”. Assim, associa as duas barreiras, que dividiram e dividem famílias; mataram e matam quem ousa ultrapassá-las:

Eu achava que aquela imensa parede de aço tinha o objetivo de impedir a livre circulação das pessoas, ao mesmo tempo em que o Tratado de Livre Comércio assegurava a livre circulação de capitais, e isso não me parecia bem. Mas o **computador esclareceu a confusão em minha alma**: – Não é um muro – explicou. **É uma obra de arte. Um gigantesco monumento erguido em memória aos mártires do abjeto Muro de Berlim** (GALEANO, 1995, p. 67, grifos nossos).

Além disso, Galeano ironiza a atitude de permitir a livre circulação de capitais enquanto impede a de pessoas. Para contextualizar, acrescento aqui a informação de que o muro teve início no mesmo ano que o Tratado de Livre Comércio foi assinado para permitir a livre circulação de mercadorias e serviços entre Estados Unidos, México e Canadá. A partir dessa correlação, é possível verificar uma dicotomia de valores em que a entrada de imigrantes não é bem-vinda, mas o que eles produzem sim.

Para sustentar a tese de que a política anti-imigrante não tem coerência, Galeano escolhe citar a Lei 187. Ele subentende que o auditório já conheça essa lei, pois não dá explicações sobre sua aprovação em 1996 na Califórnia (EUA), com o intuito de proibir aos imigrantes ilegais direitos como saúde e educação, pois eles onerariam a economia, embora estudos da Comissão Nacional para a Reforma da Imigração dos Estados Unidos mostrem que suas contribuições superam os benefícios recebidos. A lei foi suspensa, mas os discursos xenófobos na vida cotidiana e na imprensa mostram que a ficção que sustenta os preconceitos prevalece sobre os dados objetivos (CANCLINI, 2007).

Aí vem outra ironia, quando o autor relaciona essa lei como protetora exclusiva dos indígenas, já que a população dos EUA provém de outras nações, então, todos os que não são indígenas são imigrantes. O trecho é:

Minha dúvida era: estas leis se propõem a beneficiar os índios? Sendo os Estados Unidos uma nação de imigrantes, apenas os indígenas, os *native americans*, permaneceriam a salvo dessas medidas. Parecia-me um **gesto comovedor**: uma expiação

histórica, depois de tanto crime e de tanto desprezo (GALEANO, 1995, p. 67, grifos nossos).

Galeano questiona, ainda, se existe uma **tinta mágica** “capaz de cobrir a mão de obra latino-americana para torná-la invisível todo dia, ao pôr do sol, depois das horas de trabalho nos campos e nas ruas do Norte” (GALEANO, 1995, p. 67). Nesse trecho, observo que os imigrantes contribuem com a economia do país ao executarem tarefas normalmente rejeitadas pelos estadunidenses, como funções de garçons, faxineiros, vendedores ambulantes e agricultores. Mas, mesmo assim, são excluídos da sociedade.

E, se não há inimigos, Galeano questiona os EUA, por meio da conversa com o computador, se não é um erro chamar de Secretaria da Defesa o órgão que se ocupa de invadir outros países e não de defender o seu. “Defesa contra quem, se agora **os russos** são bons?” (GALEANO, 1995, p. 67). Está implícita nessa pergunta a alusão à Guerra Fria, quando o mundo ficou dividido entre as potências capitalistas e socialistas até que os EUA saíram vitoriosos e começaram a expansão do capitalismo, na década de 1990. Sem mais nenhum motivo para os EUA se defenderem da ameaça socialista, as políticas de defesa não fariam sentido.

“Perguntei se não tinha ocorrido a ninguém a ideia de abrir uma embaixada dos Estados Unidos da América nos Estados Unidos da América, sediada em Washington, para que a CIA pudesse organizar golpes de Estado também em seu próprio país” (GALEANO, 1995, p. 67). Aqui, vejo relação com a participação dos EUA nos golpes de estado como os que ocorreram em países latinos, assunto que está no livro *As veias abertas da América Latina*, como neste trecho escrito ao fim do livro, na reedição em português sete anos depois da primeira:

Parece saudável a preocupação do presidente Carter com a carnificina que tem vitimado alguns países latino-americanos, mas os atuais ditadores não são autodidatas, eles aprenderam as técnicas da repressão e a arte de governar nos cursos do Pentágono nos Estados Unidos e na zona do Canal de Panamá. Esses cursos continuam hoje em dia e, tanto quanto se sabe, seus conteúdos também são os mesmos (GALEANO, 2011, p. 379).

Na sequência, o autor busca uma razão para a falta de fundamento das invasões dos EUA com a metáfora do fumo, que significaria um inimigo inventado e de valor irrelevante para motivar um conflito armado.

O capitalismo define, então, o que é bom e o que é ruim conforme seus interesses de lucro, como a indústria do tabaco, que, no século XX, investiu em publicidade para glamorizar o cigarro nos filmes de Hollywood e a marca Marlboro criou o personagem do caubói para, assim, incentivar o consumo e enriquecer empresários. Depois, na década de 1990, quando estudos científicos revelaram os malefícios do cigarro à saúde, a estratégia mudou e foram apresentadas leis de restrição de publicidade e campanhas contra o tabagismo. O tema também aparece no texto “Liturgia do divino motor”.

Naquela hora, **minha cabeça se iluminou**. Me dei conta de que essa era uma enorme verdade: ontem o cigarro fora bom, nos lábios de Humphrey Bogart ou do caubói de Marlboro, mas hoje é ruim. Péssimo. Os Estados Unidos declararam a **guerra santa** contra o fumo. **Como sou ignorante**, perguntei: por quê? Proíbe-se o cigarro porque dá câncer ou porque dá prazer? (GALEANO, 1995, p. 67, grifos nossos).

A sequência de ironias (em destaque) culmina em uma última pergunta do texto, que, diferentemente das demais, não traz resposta ao leitor. Ao adjetivar de **santa** a guerra contra o fumo, Galeano parece sugerir que seria um combate sem maldade, já que o inimigo seria considerado pela população como um hábito ruim e o motivo não seria contestado. Galeano relaciona o fato de a indústria bélica do país estimular conflitos ao redor do mundo com preceitos católicos, pois associa também a fumaça ao pecado. “E eu fiquei sem saber se os *marines* invadiriam os países fumantes para salvar o mundo do **pecado da fumaça**. Sendo que não há mais inimigos à vista, essa parecia uma possibilidade promissória para o Pentágono e seu orçamento” (GALEANO, 1995, p. 67, grifo nosso).

Sobre proibir o cigarro por fazer mal ou por dar prazer, mostra uma atitude confusa do Estado, que, às vezes, libera a circulação de algo nocivo até que apareça alguma pesquisa científica que desmascare e coloque em dúvida a validade das medidas tomadas por ele. É uma crítica às regras de restrição do cigarro iniciada nos anos de 1990, vista por Galeano como o novo empreendimento dos EUA. Outro viés é que as noções do que é pecado e do que é santo na religião católica é questionado, mostra o descontentamento do autor, que, na adolescência,

descobriu o sexo e deixou a vontade de ser padre para trás, restando nele o lado místico e não institucional da fé.

Por fim, Galeano revela que não confia nos computadores, pois lhe dão a impressão de que bebem à noite, quando ninguém está por perto, e assim dizem bobagens durante o dia. Com isso, dá provas de que a política estadunidense, representada neste texto como uma máquina, tem uma fala desconexa com as ações do país. As figuras argumentativas permitem ao leitor perceber contradições existentes entre o que os EUA dizem ser a realidade e o que o autor tem como realidade, em relação à imigração latino-americana, à situação do indígena nos EUA, às intervenções externas, ao objetivo da publicidade em um governo, à mão de obra barata e às condições de ter direitos no sistema capitalista.

“Notícias dos ninguéns”

Diferentemente de “O computador e eu”, o texto “Notícias dos ninguéns”, escrito no presente do indicativo, publicado em dezembro de 1995, está escrito em terceira pessoa e inclui teses relacionadas ao desprezo das minorias no sistema de economia de mercado. A partir dele, entendo que os regentes do capitalismo querem que as pessoas comuns acreditem na pobreza como uma maldição ou como a ordem natural do mundo; e na violência como resultado da má conduta do indivíduo e não da injustiça. Se, no texto anterior, Galeano questionou com ironia se havia uma **tinta mágica** para apagar a mão de obra do imigrante nos EUA, aqui ele menciona a existência de uma **explicação mágica** para todos os horrores que o país comete.

Ele continua fazendo alusão à Igreja Católica ao usar ironicamente termos como: bênção, pecado e santa, que deixam subentendidos a participação dessa instituição religiosa no sistema de exploração e o uso da fé para justificar condutas. No texto, há argumentos sobre as matanças causadas pelas invasões dos EUA, de finalidade político-financeira, a partir da ilustração de eventos como a Guerra do Vietnã (1959-1975), o infanticídio na Ásia decorrente da modernização acelerada e o golpe de estado na Guatemala (1954), como forma de quantificar a injustiça e os males dessas ações na vida de inocentes. “A verdade é que a ilustração é muitas vezes escolhida pela repercussão afetiva que pode ter” (PERELMAN, 1996, p. 410).

Galeano (1995-1996, p. 70, grifos nossos) repete palavras e enumera detalhes para enfatizar que, na década de 1990, a violência e a pobreza passaram a ser pensadas como uma situação impossível de intervir, algo que começou no passado e continuará no futuro, pois

correspondem “à **ordem** natural, à **ordem** biológica ou talvez zoológica de um submundo que **assim é** porque **assim** sempre **foi** e **assim** continuará **sendo**”.

Em argumentação (PERELMAN, 1996), a figura de repetição anáfora acentua o acontecimento completo em fragmentos detalhados e, a partir dela, tem-se a impressão de que o autor deu muita informação sobre a tese. No trecho acima, Galeano repete **ordem** em uma noção gradativa de inferioridade até chegar à de maior impacto, [**ordem**] **zoológica** e, assim, parece considerar que o sistema capitalista enxerga a vida dos pobres semelhante à dos bichos, abaixo do necessário para que vivam dignamente. Além do mais, menciona três vezes a palavra **assim** e as variantes do verbo **ser** para evidenciar que a pobreza é vista como uma condição inerente às pessoas que se encontram nessa situação, sem que seja uma consequência do acúmulo de dinheiro. Seria algo que não se poderia mudar. No original em espanhol, são exatamente as mesmas palavras “*un submundo que así es porque así ha sido y así seguirá siendo*”.

A alusão à passagem bíblica em que Jesus faz o milagre da multiplicação para conseguir alimentar uma multidão sustenta a tese de que a divisão desigual da riqueza é acentuada no sistema capitalista. “Nunca antes o mundo foi tão injusto na **repartição dos pães e peixes**, mas o sistema que rege o mundo, e que agora é pudorosamente chamado de *economia de mercado*, mergulha cada dia num **banho de impunidade**” (GALEANO, 1995-1996, p. 70, grifos nossos). Essa estratégia argumentativa confirma a comunhão com o auditório pela referência a uma cultura e tradição comuns entre escritor e leitor (PERELMAN, 1996).

As teses apresentadas neste texto mantêm relação com o que Galeano defende nas primeiras páginas do livro *As veias abertas da América Latina*, em que afirma que não são comunicadas as mortes na região, que os assassinos permanecem impunes e que o controle de natalidade é uma forma de exterminar os pobres antes mesmo de nascerem. Em ambos os textos, ele menciona o milagre da multiplicação dos pães e cita Robert McNamara, que era secretário de Defesa dos EUA durante a Guerra do Vietnã. As estratégias dão suporte às teses sobre a impunidade dos atos de se combater a pobreza matando os pobres.

Essa violência sistemática, não aparente, mas real, vem aumentando: seus crimes não são noticiados pelos diários populares, mas pelas estatísticas da FAO. Ball diz que a **impunidade** ainda é possível

porque os pobres não podem desencadear a guerra mundial, mas o império se preocupa: incapaz de **multiplicar os pães**, faz o possível para suprimir os comensais. “Combata a pobreza, mate um mendigo”, grafitou um mestre do humor negro num muro de La Paz. O que propõem os herdeiros de Malthus senão matar todos os futuros mendigos antes que nasçam? **Robert McNamara**, o presidente do Banco Mundial que tinha sido presidente da Ford e Secretário da Defesa, afirma que a explosão demográfica constitui o maior obstáculo ao progresso da América Latina, e anuncia que o Banco Mundial, em seus empréstimos, dará preferência aos países que executarem planos de controle da natalidade. McNamara constata, com lástima, que o cérebro dos pobres pensa 25 por cento menos, e os tecnocratas do Banco Mundial (que já nasceram) fazem zumbir os computadores e geram intrincados cálculos sobre as vantagens de não nascer (GALEANO, 2011, p. 10, grifos nossos).

As metáforas **banho de impunidade** e **banho de sangue**, que aparecem no decorrer do texto, referem-se a uma quantidade enorme de crimes contra a vida nos países periféricos que é desconsiderada. Dessa vez, para ilustrar, Galeano traz, primeiramente, um caso particular sobre a Guerra do Vietnã, em que um dos responsáveis pelo combate, Robert McNamara, teria se arrependido de ter prosseguido com o ataque em seu livro *In Retrospect*. Compreendo que a guerra tinha o objetivo de impor uma ditadura no Vietnã contra a vontade da população e o arrependimento de McNamara se refere à impossibilidade de vencer e não à arbitrariedade de matar inocentes. A conclusão desse fato seria, então, um equívoco, já que “o **pecado** está na derrota, não na injustiça” (GALEANO, 1995-1996, p. 70, grifo nosso).

Para provar com argumentos quase-lógicos que a vida dos estadunidenses importa mais, Galeano compara que na guerra morreram 3 milhões de vietnamitas e 58 mil estadunidenses. Mais à frente, quando fala do golpe de estado na Guatemala, há o dado de que 100 mil guatemaltecas, principalmente indígenas, foram mortos desde que a Agência Central de Inteligência (CIA) decidiu financiar intervenções no país. Portanto, os números apresentados são mais uma maneira de construir a argumentação, eles complementam a mensagem e não estão

isolados, mas interligados com os demais raciocínios do autor dentro do texto, propiciando interpretações mais amplas.

A comparação metafórica que prevalece neste texto relaciona a economia de mercado a um jogo de recompensas e castigos, “que concebe a **vida** como uma **impiedosa corrida** entre poucos ganhadores e muitos perdedores, o fracasso é o único **pecado mortal**” (GALEANO, 1995, p. 70, grifos nossos). Nesse processo, é como se as pessoas avançassem as casas contando com a sorte e aproveitando as oportunidades para conquistar bens, sem depender de ninguém. A violência seria um desvio do caminho até o sucesso e, no fim do jogo, os perdedores se tornariam empobrecidos e os vencedores, enriquecidos.

Dentre as **regras do jogo**, que é o sistema capitalista, está a condição de ter a maioria dos jogadores como perdedores, pois sem eles não seria possível haver vencedores. Os extremos não existiriam um sem o outro, já que, para o sistema funcionar plenamente, é preciso ter uma equipe adversária.

Outra referência que Galeano traz, mas sem citar o nome do evento, é a IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 1995, em Pequim (China). Assim, é possível notar que a mídia atribui o assassinato de meninas ao nascer na Índia, China, Paquistão e Coreia do Sul a uma tradição milenar e não ao resultado da industrialização acelerada nesses países. Então, pergunta:

Será que este fato não tem a ver, talvez muito a ver, com a incorporação acelerada e brutal desses países na chamada *modernização*, através do desenvolvimento das indústrias exportadoras de baixíssimos custos? Os valores do mercado, valores dominantes no mundo de hoje, são inocentes desses crimes? O alibi da tradição pode absolver um sistema que taxa o preço vil a mão de obra feminina e transforma em desgraça o nascimento de meninas nos lares pobres? (GALEANO, 1995, p. 70, grifo do autor).

Entretanto, Galeano deixa o leitor sem respostas, provocando a reflexão sobre a colonização atual nos países periféricos, onde multinacionais se instalam a fim de lucrarem ao máximo ao desvalorizarem o trabalhador local, sobretudo as mulheres. Na sequência, ele metaforiza a mídia hegemônica como **fábrica de opinião pública**, por ser uma das pactuantes das invasões dos EUA em países

subdesenvolvidos e da propagação da injustiça ao tratar a realidade como um **espetáculo fugaz**, em que um acontecimento passado não tem consequências no presente e futuro. Além disso, a mídia serve também para mascarar crimes, ao veicular acontecimentos paralelos no intuito de tirar a atenção do público para o que o atinge.

Galeano aborda a interferência da Agência Central de Inteligência (CIA) na Guatemala desde 1954, quando foi derrubado o governo democrático de Jacobo Arbenz, eleito em 1951, para colocar o coronel Carlos Castillo Armas no poder. Supostamente, o leitor já sabe, ao ler o texto, que Arbenz tentou instaurar reformas econômicas e educacionais, sendo que uma delas era distribuir a terra entre a população, o que não foi bem-visto pela empresa United Fruit Company, que era dona de muitos hectares não cultivados e tinha isenção fiscal garantida na gestão anterior do ditador Jorge Ubico. A guerra civil, de 1960 a 1996, também foi apoiada pelos EUA e cerca de 100 mil guatemaltecos e indígenas morreram em confrontos. “O **banho de sangue** que a Guatemala vem sofrendo desde então foi sempre considerado natural e poucas vezes chamou a atenção das **fábricas de opinião pública**” (GALEANO, 1995-1996, p. 70, grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que revelava a história do coronel na Guatemala, a mídia informou que dois altos oficiais da ditadura de Pinochet tinham sido condenados à prisão no Chile. O assassinato de Osvaldo Letelier constituiu uma exceção à norma da **impunidade** e este detalhe não foi mencionado. **Impunemente**, os militares que em 1973 assaltaram o poder no Chile cometeram muitos outros crimes, com a colaboração confessa do presidente Nixon. O que teria acontecido se tivesse caído em Santiago do Chile, ou em qualquer outra cidade latino-americana? O que aconteceu com o general chileno Carlos Prats, **impunemente** assassinado, junto com sua esposa também chilena, em Buenos Aires, em 1974? (GALEANO, 1995-1996, p. 70, grifos nossos).

A repetição acima das palavras **impunidade** e **impunemente** reforça que os crimes nunca foram prescritos. Galeano termina o texto com esses questionamentos sem respondê-los, por isso parece que faltou um fim. Não tem um ensinamento ou uma moral como em outros textos,

mas permanece uma reflexão, como se as perguntas que faz ao interlocutor fossem as mesmas que ninguém ainda respondeu.

A Guatemala é tema de dois livros de Galeano, publicados em 1967: *Guatemala, clave de Latinoamérica* e *Guatemala país ocupado*. Em tom de denunciamento, esse material jornalístico resulta da ida ao país para entrevistar guerrilheiros da Força Armada Rebelde (FAR), os quais lutaram contra a repressão violenta do Movimento Anticomunista Nacionalista Organizado (MANO). Temáticas sobre a influência dos Estados Unidos no país, os créditos concedidos à United Fruit Company e a denúncia do assassinato de opositores políticos estão reunidos nesses livros que foram alguns dos suportes para Galeano escrever o livro *As veias abertas da América Latina* (KOVACIC, 2016).

Sob o título “Quem desencadeou a violência na Guatemala?”, na primeira parte desse livro, Galeano retoma os temas de publicações anteriores e fala que o desprezo pelos indígenas desde a vinda dos conquistadores voltou com o golpe de estado, causando a desconstrução da identidade cultural e social alcançada no governo de Arbenz (GALEANO, 2011). Em “Notícias dos ninguéns”, o autor reforça que as intervenções dos EUA nos governos latino-americanos continuam tendo consequências nos anos de 1990.

“O computador e eu” e “Notícias dos ninguéns”: a magia por trás da pobreza

Em “O computador e eu”, a técnica argumentativa do pseudodiscurso apresenta-se como novidade em relação ao livro *As veias abertas da América Latina*, até mesmo porque são formatos textuais diferentes, este é um ensaio e aquele um artigo jornalístico de opinião que comporta o diálogo. A partir dele e das perguntas irônicas, observo que o autor percebe o capitalismo como um sistema contraditório de livre circulação de bens e restrita circulação de pessoas, cujas leis não protegem os povos nativos e ignoram os imigrantes, principalmente os latino-americanos. A questão do migrante não é aprofundada no livro, pois começa a ser problemática nos anos de 1990.

Os conceitos de marginal e subalterno estão implícitos nos dois textos, nos quais nada é explicado, mas subentendido. Os ninguéns de Galeano estão descritos na trilogia *Memória do Fogo*, posterior ao *As veias abertas da América Latina*. Neste, o autor já tinha escrito sobre Robert McNamara e, a partir do lançamento recente do livro *In retrospect* (meses antes do artigo ser veiculado na revista *Atenção!*), ele atualiza o leitor sobre quem é essa pessoa segundo o que pensa sobre ela e o que

constata que os meios de comunicação não revelaram. A intencionalidade de Galeano se mostra na seleção de atitudes reprovadas por ele para que o leitor as perceba da sua maneira no que tange estritamente à matança na Guerra do Vietnã.

A forma de adjetivar **mágica** é costumeira: é repetida no livro e nos artigos para compor ironias e estruturar teses relacionadas a injustiças do capitalismo que são ocultadas para parecerem o curso natural da vida em sociedade. Em “Notícias dos ninguéns”, a metáfora do sistema capitalista como um jogo é nova e sintetiza bem a máxima *Quem não tem, nada é*, que está relacionada aos migrantes latinos, indígenas e empobrecidos que se tornam perdedores, empobrecidos. Eles, que não têm poder de compra, não têm também direito à existência, que é atributo dos enriquecidos e vencedores do jogo.

### 3.3 Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão

A série “A automovelcracia” é composta por quatro textos cujo tema norteador é o endeusamento do automóvel na sociedade de consumo, com ênfase no quanto o excesso de veículos prejudica o meio ambiente e a saúde das pessoas nos países do Sul. O neologismo<sup>75</sup> do título é composto pelas palavras **automóvel** e **autocracia** para formar um novo sistema de poder, a **ditadura do automóvel, ditadura das quatro rodas**, na qual o carro é autoridade máxima e dita as regras. Assim, ocorre a personificação do carro, que seduz e mata. “A automovelcracia” é o nome do primeiro texto, aparecendo também nos outros três, para dar noção de continuidade ao preceder os títulos: “Liturgia do divino motor”, “O anjo exterminador” e “Os espelhos do paraíso”.

“A automovelcracia”

Publicado em fevereiro de 1996, este primeiro texto da série está escrito na primeira pessoa do plural, no presente do indicativo, como forma de explicitar que o autor também é afetado pelas situações as quais critica. A mídia, a tecnologia e a publicidade são abordadas como mentirosas, pois impõem valores ao automóvel para que o público deseje comprá-lo: “o carro é o seu melhor amigo”, “viva uma paixão” ou “demonstre que você tem personalidade”. Assim, esse se torna o objetivo

---

<sup>75</sup> Criação de uma palavra ou expressão nova ou emprego de sentido novo a uma já existente.

de vida da classe média, girar a **chavinha mágica** do motor para entrar na classe dominante. Como visto nos textos anteriores, o adjetivo feminino **mágica** reaparece para dar a ideia de truque ou magia a uma ação do capitalismo para esconder suas reais intenções. No caso acima, ao ligar o carro, tem-se a ilusão de que se está, enfim, na companhia do melhor amigo, de uma paixão e da liberdade.

Neste texto, inicia-se uma caracterização negativa do carro por parte do autor e outra positiva, que ele relaciona ao ponto de vista da classe média. A primeira é de que o carro é um assassino, um ladrão de tempo. A segunda o considera como uma divindade. Dessa maneira, Galeano usa epítetos que resultam da

(...) seleção visível de uma qualidade que se enfatiza e que deve completar nosso conhecimento do objeto. Esse epíteto é utilizado sem justificação, porque se presume que enuncia fatos incontestáveis; apenas a escolha desses fatos parecerá tendenciosa (PERELMAN, 1996, p. 143).

É possível observar essa técnica argumentativa de escolha de um ponto de vista, quando duas qualificações de valor oposto são igualmente possíveis.

Sobre a poluição que o automóvel causa ao meio ambiente e à saúde humana, Galeano dá um testemunho real, de quando caminhou pela Cidade do México (México) durante quatro horas e conseguiu continuar vivo após ter respirado tanto ar poluído. Para provar que o carro ocasiona muitas mortes, compara com o número de vítimas na Guerra do Vietnã, repetindo a mesma referência do texto “Notícias dos ninguéns”. Além disso, há a tese de que os carros matam mais nos países pobres, pois nos ricos implementam-se leis para regular a emissão de gases tóxicos, como a utilização de catalisadores, mencionado também nos textos da série “O anjo exterminador” e “Os espelhos do paraíso”.

Os argumentos quase-lógicos utilizados são as estimativas de morte por carro, disponíveis no centro de pesquisas ambientais Worldwatch Institute, de Washington, que foram de 250 mil pessoas em acidentes de trânsito em 1985. O autor usa o dado para comparar que nem na guerra do Vietnã se matou tanto em um único ano. Na sociedade do consumo, existe uma inversão de valores a qual Galeano metaforiza como sendo o **sequestro dos fins pelos meios**, já que quem conduz as pessoas são os bens materiais e o carro está tão arraigado no cotidiano que

ninguém sai sem ele, é vital para a sobrevivência, sendo um **prolongamento do corpo humano**.

**Sequestro dos fins pelos meios:** o supermercado o compra, o televisor lhe assiste, o automóvel o dirige. Os gigantes que fabricam automóveis e combustíveis, negócios quase tão rentáveis quanto armas e drogas, convenceram-nos de que **o motor é o único prolongamento possível do corpo humano** (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos).

A personificação é evidente nos trechos em que o carro **nos obriga a trabalhar mais para alimentá-lo, é quem** mais diretamente **ataca** os habitantes das cidades. O autor usa o pronome **quem** e não **o que**, já não é objeto, mas um ser que pensa, sente e age. Na frase “O carro, essa máquina de ganhar **tempo**, devora o **tempo** humano” (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos), a repetição busca reforçar a contradição que é valorizar excessivamente a máquina e não perceber que se está desvalorizando as pessoas simultaneamente. O que parece multiplicar a liberdade, na verdade, encarcera, porque a classe média gasta muito tempo trabalhando para ter dinheiro suficiente para comprar e manter um carro veloz. Volta a ideia da liberdade de circulação de bens, enquanto as pessoas ficam presas na ditadura do automóvel a que as cidades estão submetidas.

A metáfora **sardinhas em latas** refere-se à forma em que a população viaja nos transportes públicos sucateados, que não recebem investimento pois o sistema quer o aumento das vendas de carro e gasolina. Então, é notável a diferença entre a quantidade de gente que não tem dinheiro suficiente para comprar um carro e o número de ônibus necessários para atendê-las. Por isso, precisam se espremer como são espremidas as sardinhas enlatadas.

Por que os latino-americanos que não têm nem terão carro próprio – a imensa maioria não pode nem poderá comprá-lo – continuam condenados a aguardar nas esquinas, sem outro remédio a não ser esperar os escassos ônibus? Por que não abrir, antes que seja tarde, ciclovias protegidas nas avenidas e ruas principais? (GALEANO, 1996, p. 54).

Com ironias e metáforas, Galeano questiona a sociedade de consumo que considera o carro como a **oitava maravilha do mundo**,

acrescentando-o à lista daquelas reconhecidas desde a Antiguidade para dar noção de algo incrivelmente construído; a **décima sinfonia de Beethoven**, tendo em vista que a nona foi a última do compositor e uma das mais famosas dele, o carro também seria considerado uma obra-prima. A máquina ainda seria uma **mitologia de ascensão social**, pois faria parte de uma narrativa passada de geração em geração, fortalecendo a significação atribuída a ele.

O testemunho do autor que faz pensar sobre a oligarquia do petróleo vem acompanhado da alusão à marca Esso, no trecho: “E, se não me falha a memória da infância, se você colocar um **tigre no tanque**, você será o mais rápido e o mais poderoso de todos, e **passará por cima** de quem atrapalhar o seu caminho em direção ao sucesso” (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos). A propaganda era veiculada em meio impresso na década de 1960, com o *slogan* em português “Ponha um tigre no seu carro!” ou “Put a tiger in your tank!”, em inglês. Em 1975, o primeiro comercial de televisão utilizando um tigre de verdade foi lançado na Inglaterra.

No livro *As veias abertas da América Latina*, Galeano explica como o petróleo está nas mãos de um cartel poderoso, que “nasceu em 1928, num castelo do norte da Escócia rodeado pela bruma, quando a Standard Oil de Nova Jersey, a Shell e a Anglo-Iranian, hoje chamada British Petroleum, celebraram um acordo para dividir o planeta” (GALEANO, 2011, p. 224). O autor afirma que essa oligarquia impede que empresas estatais operem na América Latina e tem participação na escravidão e extermínio de indígenas no México. A história da Esso tem início com a fundação da Standard Oil, por John D. Rockefeller, e a marca é citada no livro, mas a alusão que consta no artigo é uma técnica argumentativa nova para adentrar no mesmo assunto, mesmo já estando a propaganda do tigre em veiculação na época em que o livro foi lançado. “(...) a alusão aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas” (PERELMAN, 1996, p. 201).

Os argumentos de que a poluição afeta a saúde estão relacionados a pesquisas de ecologistas que apontam que, em Santiago, do Chile, “cada criança que nasce aspira o equivalente a sete cigarros diários e uma em cada quatro crianças sofre de alguma forma de bronquite” (GALEANO, 1996, p. 54).

A prova acima é genérica porque não diz de qual documento provém, o mesmo ocorre em: “Numa publicação oficial, as autoridades da capital mexicana difundiram alguns *conselhos ecológicos* que parecem ter sido inspirados pelos mais sombrios **profetas do apocalipse**” (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos). A metáfora do fim dos tempos

também é uma alusão ao último livro da *Bíblia*, cuja narrativa contém simbologias sobre a destruição do planeta.

As profecias seriam as orientações reais de órgãos como a Comissão Metropolitana de Prevenção e Controle da Contaminação Ambiental, que recomenda aos habitantes da cidade que “permaneçam o menor tempo possível ao ar livre, mantenham fechadas portas e janelas e não pratiquem exercícios das 10 às 16 horas” (GALEANO, 1996, p. 54). Seria o fim do mundo esses conselhos ecológicos por privar as pessoas de ter contato com o meio ambiente ao invés de impedir as ações que o afetam.

A pergunta: “**A carteira de motorista equivale à licença de porte de armas?**” (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos) é uma comparação metafórica que continua nos demais textos da série, assim como a metáfora das cidades como garagens para afirmar que há mais carros que pessoas e a tese de que andar de bicicleta é a forma mais prática de se suicidar, já que não há planejamento de ciclovias e preocupação em proteger as pessoas, somente os carros.

Galeano critica a situação de Cuba, que encheu as ruas de bicicletas somente depois da revolução no país, quando não havia mais **outro remédio**. Este é o único artigo que o autor menciona o país e de forma bastante sutil. No livro *As veias abertas da América Latina*, ele diz que as grandes empresas petrolíferas deram início ao bloqueio econômico em Cuba.

Recursos fundamentais do comércio exterior ficam assim nas mãos de empresas norte-americanas ou europeias, que orientam a política comercial dos países segundo critérios de governos e diretorias alheios à América Latina. Assim como as filiais dos Estados Unidos não exportam cobre à URSS nem à China, e não vendem petróleo para Cuba, elas tampouco se abastecem de matérias-primas e maquinários nas fontes internacionais mais baratas e convenientes (GALEANO, 2011, p. 341).

A *máxima galeana* deste subcapítulo é um alerta sobre a nova forma de colonialismo, o consumismo, que é capaz de manipular as pessoas para que comprem cada vez mais sem pensar nas consequências ao meio ambiente, ao convívio, à saúde. É a última frase deste primeiro texto da série, que provoca reflexão sobre como as emoções são alvo estratégico da geração de lucro das multinacionais.

“A automovelcracia II - Liturgia do divino motor”

Neste segundo texto da série, escrito no presente do indicativo e na terceira pessoa no singular, observo alusões à Igreja Católica e metáforas entre o carro e divindades: o automóvel está para o consumidor assim como Deus para o cristão. A palavra **liturgia** do título refere-se às celebrações religiosas coletivas, como a missa, para exaltar a fé e reverenciar a entidade espiritual máxima. Sendo assim, Galeano trata o carro como figura central de um culto, ele é temido e enaltecido na sociedade de consumo, conforme o trecho:

Com o **Deus de quatro rodas** acontece aquilo que costuma acontecer com os deuses: nascem a serviço das pessoas, mágicos conjuros contra o medo e a solidão, e acabam pondo as pessoas a seu serviço. A **religião do automóvel**, que tem seu **Vaticano** nos Estados Unidos da América, tem o **mundo de joelhos a seus pés** (GALEANO, 1996, p. 50, grifos nossos).

Na sociedade do consumo, considerada pelo autor como **religião do automóvel**, os Estados Unidos são a sede de onde saem as decisões deliberadas pelo seu governante e que devem ser cumpridas nas demais regiões, assim como o **Vaticano** é a cidade-Estado soberana da Igreja Católica, onde a autoridade papal exerce poder executivo, legislativo e judiciário. Os consumidores ajoelhados para adorar e reverenciar o **deus de quatro rodas** (o carro) se assemelham aos cristãos em suas celebrações.

Galeano divide o texto em subtítulos, o que ocorre também nos próximos artigos que compõem “A automovelcracia”. Aqui, o primeiro deles é “Seis, seis, seis” e remete ao *número da besta*, a uma profecia apocalíptica, pois o automóvel é considerado uma ameaça de erradicar qualquer tipo de vida no planeta. Na frase “a imagem do **Paraíso**: todo norte-americano possui um carro e uma arma de fogo” (GALEANO, 1996, p. 50, grifo nosso), há ironia para dizer que ter esses dois objetos é alcançar o ideal de paz, satisfação e liberdade para o estadunidense, pois são os produtos empoderadores de acordo com os anúncios publicitários das grandes marcas produtoras.

Ainda a respeito do **seis**, o autor repete o número e enumera dados a fim de provar o quanto o carro está presente no cotidiano e gera lucro para os EUA: a **cada seis** dólares de um habitante, **um** é consagrado ao

carro; de **cada seis** horas de vida, **uma é** para viajar ou trabalhar para pagá-lo; de **cada seis** empregos, **um** está relacionado ao carro e outro à violência. Assim, utiliza a repetição por anáfora e também a amplificação para desenvolver um assunto mediante enumeração das partes, o que lembra uma argumentação quase lógica (PERELMAN, 1996). As relações entre os termos **cada seis** e **um** remete a uma noção matemática de fração que faz pensar no quanto tempo se gasta para manter um automóvel.

Ao longo de todo o texto, Galeano compara a compra e as consequências dos carros com as das armas. Ele pergunta metaforicamente se eles seriam “**talismãs** contra o desamparo ou convites ao crime?” (GALEANO, 1996, p. 50, grifo nosso) e, assim, faz pensar se as pessoas os adquirem como um objeto para livrar da solidão e garantir felicidade ou são motivadas a romper limites e matar, porque ambas as alternativas dão prazer. O autor recorre, novamente, assim como no texto “Notícias dos ninguéns”, ao número de mortos na Guerra do Vietnã para afirmar que as vítimas em acidente de trânsito ultrapassaram as do combate no período de um ano.

Para Galeano, “os automóveis outorgam identidade às pessoas” e “a carteira de motorista é o único documento necessário para qualquer um comprar uma **metralhadora**, e com ela **cozinhar à bala** toda a vizinhança” (GALEANO, 1996, p. 50, grifos nossos). Com isso, entendo que comprar um carro é adquirir a autorização para matar várias pessoas em um curto espaço de tempo e a prova de ter uma identidade é ter um carro, pois quem não o tem não existe. Além disso, está implícita a legislação dos EUA, na qual, aos 16 anos, é permitido dirigir e a carteira de motorista funciona lá como o Registro Geral (RG) para nós, brasileiros. Ou seja, as pessoas usam esse documento desde que nascem porque é ele que garante a identificação civil. Quanto ao porte legal de arma, basta completar 21 anos e não ter tido antecedentes criminais para conseguir comprar uma no supermercado dos EUA, enquanto que comprar um carro, que também é um meio de causar mortes, é permitido já aos 16.

O segundo subtítulo do texto, “Os aliados da democracia”, ironiza o **milagre** que possibilita aos estadunidenses trocarem de carro a cada ano. O que está oculto são os acordos entre os presidentes dos países que vendem petróleo, como a Arábia Saudita, que negociam a gasolina a baixo custo para os EUA em troca de adquirir armamento de defesa nacional. Na sequência, o neologismo **autossauro** nomeia um carro com três ou quatro anos de uso, tempo suficiente para ser visto como

ultrapassado, comparando-o com os dinossauros, que ocuparam a terra há milhões de anos.

Assim como aparece em “A automovelcracia”, o autor diz que o carro é o único corpo que pode ser renovado. Além de Galeano não ter tido computador, ele tampouco tinha automóvel, utilizava o transporte público de Montevideú (Uruguai) e fazia longas caminhadas.

No texto, está claro que a riqueza da Arábia Saudita não é distribuída entre a população, mas pertence aos ricos que violam os direitos humanos. Conforme o que Galeano diz no livro *As veias abertas da América Latina*: “Nenhum outro ímã atrai tanto os capitais estrangeiros como o ‘ouro negro’, nem existe outra fonte tão fabulosa de lucros; o petróleo é a riqueza mais monopolizada em todo o sistema capitalista” (GALEANO, 2011, p. 222). Para falar dos líderes dos países árabes, Arábia Saudita, Irã e Emirados Árabes Unidos sem os citar, faz alusão aos **xeques de óculos escuros**, pois é assim que eles se vestem, incluindo, ainda, o turbante. Além disso, traz a metáfora dos acionistas da bolsa de valores como **reis da opereta**, que, juntos, mal vendem o petróleo e são os aliados da democracia, isto é, aliados dos EUA, país que divulga uma imagem de liberdade para todos.

Galeano faz alusão ao ditado popular: “dizes com quem andas e eu direi quem és” ao trazer: “dizes que carro tens e eu te direi quem és e quanto vales”. Isso se refere ao hábito que se tornou frequente ao conhecer uma pessoa, que antes tinha a reputação medida pelas amizades e, na sociedade de consumo, o carro é que determina o quanto de dinheiro que uma pessoa tem e isso vai dar a entender o que ela representa. Quanto mais rico, mais valorizado e bem quisto. Na sequência desse raciocínio, na civilização que adora carros, as pessoas velhas são desconsideradas, pois existe uma **promessa de juventude eterna** ao invés da promessa de vida eterna da Igreja Católica.

Na última parte do texto, o carro é descrito na metáfora da **gaiola ambulante**, pois, ao mesmo tempo em que oferece liberdade, priva o condutor de tê-la. Não é preciso nem sair do carro para sacar dinheiro, comer, assistir filme e até se casar. Na época da publicação do texto, em 1996, o casamento expresso no *drive thru*, que é mencionado por Galeano, fazia sucesso em Las Vegas e Nevada. Percebo uma crítica ao compromisso firmado pela janelinha do atendente, na velocidade de pedir um lanche e, no final, o pagamento pela encenação. Vive-se dentro do automóvel e “ele não larga do nosso pé” (GALEANO, 1996, p. 50, grifo nosso). As relações pessoais ficam atrás do relacionamento com o carro, o sistema promove a valorização da relação homem-objeto e as demais se tornam superficiais.

Sobre os anúncios na televisão, Galeano escreve que eles mostram que

(...) o automóvel dispõe de **restaurantes** para se alimentar de gasolina e óleo, e tem a seu serviço **farmácias** para comprar remédios, **hospitais** para ser examinado, diagnosticado e curado, **dormitórios** para dormir e **cemitérios** para morrer (GALEANO, 1996, p. 50, grifos nossos).

Então, mesmo sendo um objeto, a máquina desfruta dos direitos dos seres humanos ou do que eles deveriam ter.

Os restaurantes são os postos de combustível, onde se paga para garantir energia para o carro funcionar e pode-se escolher a empresa que lhe é confiável. Quando acaba, basta alimentá-lo novamente. A farmácia e os hospitais são as borracharias, oficinas e mecânicas, onde é verificado se há tosse, obstrução em algum ponto do motor e, assim, saber se é necessário substituir uma peça ou receber outro tratamento adequado para salvá-lo. Os dormitórios são as garagens para protegê-lo da chuva, do sol, dos perigos da rua; e os cemitérios são o ferros-velhos, as empresas de desmanche que se encarregam de dar alguma utilização às partes que ainda servem e descartar o restante.

Como em “O computador e eu”, novamente aparece que os EUA decretaram “**guerra santa contra o demônio do fumo**” (GALEANO, 1996, p. 50, grifos nossos). No intuito de tirar a atenção da população para os malefícios do cigarro e colocá-la no automóvel, os anúncios passaram a advertir que a fumaça do cigarro contém monóxido de carbono. Aí, Galeano apresenta argumentos que dão a noção de que os anúncios de automóveis mentem porque nenhum deles “adverte que muito mais monóxido de carbono contém a fumaça dos automóveis. As pessoas não podem fumar, os carros sim” (GALEANO, 1996, p. 50, grifos nossos).

A metáfora de que os carros estão permitidos a fumar e a emitir fumaça tóxica para os seres vivos respirarem revela o objetivo da publicidade que é o de fazer as pessoas acreditarem em um fato com finalidade puramente mercantil. É uma manobra de venda que se adapta ao produto que lucra mais. Depois que, na década de 1990, desmascararam os prejuízos do fumo, o carro passou a ser o foco da vez e passou-se a esconder que esse bem também causa males.

## “O anjo exterminador”

O título é uma alusão à figura apocalíptica que aparece no Antigo Testamento da *Bíblia* chamado anjo exterminador, um enviado de Deus para castigar os homens pelos males que causam. As passagens bíblicas também são referências no filme de mesmo nome, do diretor espanhol Luis Buñuel, filmado no México em 1962. Na trama, os personagens burgueses ficam presos em uma sala após um jantar, como se houvesse uma força sobrenatural que os impedisse de sair. Com o passar dos dias, o local se torna caótico, pois as pessoas não conseguem mais esconder seus comportamentos.

Tanto no filme quanto no texto de Galeano, a superficialidade da classe média e alta é evidenciada, e há uma força invisível que desencadeia a destruição. Aqui, o anjo exterminador é materializado no carro que, por emitir substâncias tóxicas, prejudica a saúde das pessoas e do meio ambiente, mas, mesmo assim, continua sendo desejado. Assim como nos textos anteriores, o carro é caracterizado como **divino motor**; **o eixo da vida humana**; **a extensão do corpo**.

Neste texto, escrito no presente do indicativo e na terceira pessoa do singular, Galeano compara o uso do carro na Europa e nos EUA, apresentando Amsterdam (Holanda) e Florença (Itália) como modelos a serem seguidos pelos países latino-americanos e Los Angeles, um antítipo. Porém, o que acontece é justamente o contrário, copia-se os Estados Unidos, mesmo não tendo o dinheiro e as condições de compra que eles têm. Para Perelman (1996), quando o orador propõe um modelo ou um antítipo ao auditório, ele mesmo subentende que se esforça para aproximar-se ou distinguir-se deles.

Um dos pontos para o qual Galeano chama a atenção na reedição do livro *As veias abertas da América Latina* é o conceito de fetichismo da mercadoria, criado por Karl Marx em *O Capital*:

Fetichismo da mercadoria como símbolo de poder, existência humana reduzida a relações de competição e consumo: no meio do **oceano do subdesenvolvimento** a minoria privilegiada imita o modo de vida e as modas dos membros mais ricos das mais opulentas sociedades do mundo: no estrépito de Caracas, como em Nova York, os bens “naturais” por excelência – o ar, a luz, o silêncio – tornam-se cada vez mais caros e escassos (GALEANO, 2011, p. 245, grifos nossos).

A tese de que as máquinas simbolizam poder e que os sul-americanos estão limitados a copiar e não a criar, já que os direitos tecnológicos estão nas mãos do centro do capital, permeia todo esse texto. O fetichismo da mercadoria retorna de forma mais leve, sem nem citar a teoria, e está relacionado ao cotidiano, com alusões e ironias que o público brasileiro é capaz de reconhecer.

Amsterdan é mencionada já na primeira frase do texto por ter realizado um plebiscito em 1992, em que os habitantes decidiram reduzir o espaço ocupado pelos automóveis. Ele não menciona, mas essa iniciativa se desenvolveu a partir da cobrança para estacionar na área central, depois de o excesso de carros ter aumentado o número de acidentes e mortes. Na sequência, vem Florença, que proibiu o trânsito de carros no centro em 1995 e controla os infratores por meio de câmeras. Galeano apresenta esses argumentos para defender o investimento em transporte público e o uso da bicicleta, um meio que “não invade o espaço humano nem envenena o ar” (GALEANO, 1996, p. 52).

Esses seriam os modelos de cidade que o autor utiliza para estimular uma imitação de boa conduta, já que valoriza a atitude dos governantes pelos projetos implementados.

O valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular. Não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio (PERELMAN, 1996, p. 414).

Para contrapor a redução do tráfego de automóveis na Europa na década de 1990, Galeano fala de Los Angeles, onde foi constatado que os automóveis ocupam mais espaço que as pessoas, “mas lá ninguém pensou em cometer o **sacrilégio** de expulsar os invasores” (GALEANO, 1996, p. 52). Na Igreja Católica, a palavra em destaque quer dizer um pecado grave contra a religião ou algo sagrado. Tendo em vista que o autor considera o carro como o deus da sociedade de consumo, cuja terra natal é os EUA, não seria lucrativo expulsá-lo de lá, mesmo sabendo que seria melhor para a qualidade de vida dos habitantes. Por isso, a técnica argumentativa do antimodelo, uma atitude a refutar.

No subtítulo “A quem pertencem as cidades?”, outros antimodelos aparecem: o presidente da França de 1969 a 1974, George Pompidou, e a Alemanha, que cada vez mais transporta menos pessoas nos trens, ônibus e bondes. O comportamento de Pompidou é reprovado pelo autor, que

traz a citação do presidente de que “é a cidade que precisa se adaptar aos automóveis e não o inverso” (GALEANO, 1996, p. 52). Para contrastar, há a citação de uma fala do responsável pelo setor de transportes de Florença: “a saúde não é negociável. Chega de meios-termos” (GALEANO, 1996, p. 52).

Dessa maneira, esses atos dentro do texto são elementos que permitem construir e reconstruir uma imagem da pessoa (PERELMAN, 1996). Assim, o que Galeano selecionou para ser a fala de Pompidou e do funcionário de Florença, serve para o leitor organizar seu pensamento a respeito deles, pois há transferência de valores do autor para o leitor.

A ironia está na **santa aliança** entre os fabricantes de automóveis (Henry Ford) e de pneus (Harvey Firestone), e os industriais do petróleo fundadores da Standard Oil (família Rockefeller). A relação pessoal e o acordo econômico desses três não tem nada de ingênuo ou santo, pois Ford criou o modo de produção de linha de montagem e, com isso, vendeu milhões de carros que beneficiaram Firestone e Rockefeller. Juntos, criaram uma vasta rede de estradas nos EUA e desmantelaram as linhas de trens.

No subtítulo “Dados para um prontuário”, o autor estrutura o texto a partir de uma ficha de informações criminosas sobre os automóveis, que serve, também, como uma ficha de hospital para as pessoas. Então, o carro emite impunemente um **coquetel de substâncias assassinas**, as quais as pessoas são obrigadas a inalar passivamente. A palavra **coquetel** é também irônica, pois, ao invés de se referir à combinação de medicamentos para uma determinada doença, tem a ver com a concentração dos poluentes monóxido de carbono, óxido de nitrogênio e hidrocarbonetos “que tão **eficientemente** contribuem para a destruição do planeta e da saúde humana” (GALEANO, 1996, p. 52, grifo nosso). O termo grifado anteriormente também sinaliza a ironia de que as emissões são tão venenosas que levam à morte, pois o advérbio **eficientemente** costuma estar relacionado a algo positivo e, nesse caso, é negativo.

A alusão ao pensamento jurídico de “o meu direito termina quando começa o seu” encontra-se em “os direitos humanos terminam onde começam os direitos das máquinas” (GALEANO, 1996, p. 52). Isto é, existe uma regra de convivência para que o automóvel seja respeitado moral e fisicamente como um outro ser, e não seja colocado em risco de maneira alguma. Até mesmo porque o parque automotivo se **reproduz como se fosse formado por coelhos**, comparação que mostra a velocidade do processo de fabricação de um carro.

O último subtítulo “Copiamos o que há de pior”, poderia ser sintetizado pela frase “copiamos o antimodelo de Galeano”, pois são os

valores do autor quanto ao que é o pior. No trecho “o ruído dos motores não deixa ouvir as vozes que denunciam o artifício de uma civilização que te rouba a liberdade para depois vendê-la, e que te **corta as pernas** para te obrigar a comprar automóveis e aparelhos de ginástica” (GALEANO, 1996, p. 52) aparecem as contradições do sistema capitalista. O consumidor renuncia sua liberdade quando passa a trabalhar mais para juntar dinheiro e comprar um carro que supostamente lhe trará a liberdade de volta; é uma sabotagem assim como a metáfora de **cortar as pernas**, no sentido de desestimular caminhadas ou pedaladas para vender um carro e também aparelhos de ginástica para resolver problemas causados pelo sedentarismo. Assim, tem-se um ciclo de compras, contradições, mal-entendidos, manipulações.

Esse comportamento de imitar os EUA evidencia que estamos condenados à **copiandite**, que é o fetiche pelo consumismo estrangeiro. O neologismo tem a mesma terminação de doenças inflamatórias, sinusite, bronquite, tendinite, labirintite, é como se fosse um distúrbio que acomete os latino-americanos do qual não é possível escapar. Já que vamos imitar de qualquer forma, tendo em vista que, para Galeano, na América Latina, nada se cria, os bons modelos seriam Amsterdã e Florença.

No fim, há a metáfora do termo hospitalar **anestesiados** para se referir à falta de ação diante da publicidade televisiva na cultura do consumo e, assim, “**engolimos** a história/estória da chamada modernização, como se essa **brincadeira de mau gosto e humor negro**<sup>76</sup> fosse o **abracadabra da felicidade**” (GALEANO, 1996, p. 52, grifos nossos).

Acreditamos que a modernização traz progresso, gera empregos, facilita a vida como se trouxesse somente benefícios, mas os reflexos não aparecem na televisão. É uma manipulação, um comportamento inadequado que engana o outro enquanto zomba dele, brinca com os sentimentos alheios, como se fosse o único caminho que, num passe de mágica, traria felicidade e cura para todos os problemas.

---

<sup>76</sup> Expressão contida no texto traduzido para o português em *Atenção!* e também no original publicado em *Brecha*: “Anestesiados como estamos por la televisión, la publicidad y la cultura de consumo, nos hemos creído el cuento de la llamada modernización, como si ese chiste de mal gusto y humor negro fuera el abracadabra de la felicidad”. Reconhecido pela autora como conotação preconceituosa.

## “Os espelhos do paraíso”

No último texto da série, também no presente do indicativo, Galeano continua reafirmando que a publicidade mente ao mostrar o automóvel como um desejo ao alcance de todos; que a minoria endinheirada dos países latinos reproduz o consumo dos países do Norte; que quem não tem carteira de motorista, não existe; que o carro é como um talismã e que morrem mais pessoas no Sul mesmo tendo menos carros porque não há leis restritivas de emissão de poluentes. Portanto, ele repete suas teses e apresenta poucos argumentos novos para sustentá-las.

O título é uma metáfora que se refere às consequências que o sistema capitalista causa, mas não são vistas de imediato. Então, o **paraíso** é ironicamente considerado esse sistema que, à primeira vista, parece ter inúmeras vantagens e proporcionar bem-estar, porém, também causa danos. Galeano ironiza ao perguntar se o automóvel é mesmo uma **bênção** ao alcance de todos, como dizem os anúncios. E responde que não, com a frase:

Se fosse verdade e todos os seres humanos pudessem converter-se em felizes proprietários deste meio de transporte transformado em **talismã**, o planeta sofreria **morte súbita**, por falta de ar. E antes, deixaria de funcionar, por falta de energia (GALEANO, 1996, p. 54).

Assim, subentendo que, se cada habitante tivesse carro, o mundo não teria petróleo para atender a demanda e não haveria mais ar puro, acabando com as condições de vida. Além disso, há números como prova de que ter automóvel é um privilégio e não um direito.

Enquanto que, no texto anterior há a metáfora do **coelho** para referir-se à produção dos automóveis em larga escala, neste, há a metáfora: “o mundo fabrica automóveis ao **ritmo das batidas do coração** – mais de um por segundo – e eles estão devorando mais da metade de todo o petróleo que o globo produz” (GALEANO, 1996, p. 54). Vejo também um exagero (hipérbole) – pois o ritmo normal do coração é de 60 a 100 por segundo – para provocar o leitor sobre o quão rápido se tornou a produção em massa deste bem.

Neste texto, o autor prova que o carro não está ao alcance de todos ao articular dados sobre a situação da Cidade do México, Bogotá (Colômbia) e do Haiti, além de estudos de uma autoridade, o Ricardo Navarro, que mostra como a desigualdade econômica impede a aquisição

de um automóvel. A população desses locais é pobre e somente os mais ricos detêm a maioria dos automóveis, pois têm poder de compra. Galeano defende, novamente, o baixo custo das bicicletas, o que parece ser uma solução ou até mesmo um **presente** que ele sugere para que os governos deem à população, resolvendo ao mesmo tempo, os problemas da poluição e do sedentarismo.

Cerca de 85% da população da capital do México - em 15% do total de veículos. Um em cada dez habitantes de Bogotá (Colômbia) é dono de nove em dez automóveis. Em cada mil haitianos, só cinco estão motorizados, embora o Haiti consuma um terço de suas importações em veículos, peças de reposição e gasolina. Segundo Ricardo Navarro, especialista no tema, o dinheiro que a Colômbia gasta a cada ano para subsidiar a gasolina seria suficiente para **presentear sua população com 2,5 milhões de bicicletas** (GALEANO, 1996, p. 54, grifo nosso).

Os dois subtítulos deste texto são “O direito de matar” e “O direito de poluir”. No primeiro, o autor fala que a **couraça de quatro rodas** faz uma **a caça aos pedestres** nas cidades latino-americanas porque estimula a prepotência natural dos que mandam e dos que atuam como se mandassem, essas pessoas aceleram para **esmagar a realidade. Acelerar é como disparar**. A comparação anterior remete o carro a uma arma, conforme os demais textos da série.

As cidades crescem descontroladamente como **gigantescos frankensteins da civilização**. Essa comparação metafórica com o monstro criado pela escritora inglesa Mary Shelley, gerado pelo cientista Vitor Frankenstein a partir de partes distintas de cadáveres, está relacionada aos problemas sociais gerados com a modernização, com o excesso de carros e indústrias que saem do controle de quem os fabricou. A maioria das pessoas que não pode comprar um carro vive **mergulhada na poluição**, respirando o ar tóxico sem ao menos usufruir do conforto de transitar em um automóvel próprio.

Quanto mais a frase é breve e antitética, mais o leitor compreende e aprecia a ideia porque a antítese oferece clareza e a brevidade torna o entendimento mais rápido (ARISTÓTELES, 19--). Uma frase curta, com repetição e antíteses, que mostra que há mais consequências negativas do que positivas com o excesso de carros é: “as calçadas são diminuídas, há **cada vez mais** estacionamentos e **cada vez menos** bairros, **cada vez mais**

carros que se cruzam e **cada vez menos** pessoas que se encontram” (GALEANO, 1996, p. 54, grifo nosso).

No subtítulo “O direito de poluir”, o testemunho acontece na Cidade do México, quando caminhou pela capital, semelhante ao que está presente no texto “A automovelcracia”. “E os conselhos do governo à população, diante da devastação provocada pela **praga motorizada**, parecem lições práticas para enfrentar uma **invasão de marcianos**” (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos). A ironia demonstra absurdo de haver orientações para as pessoas se privarem de exercícios ao ar livre, de deixarem suas casas abertas e se moverem para não respirarem o ar poluído causado pela emissão de gases dos automóveis. Enquanto isso, o carro permanece livre. A invasão de habitantes do planeta Marte é pouco provável, então as orientações não fazem sentido algum.

A cidade de São Paulo respira aos domingos e se asfixia durante a semana. O ar de Buenos Aires vai se envenenando ano após ano, no mesmo ritmo em que cresce o parque automobilístico, acrescido de meio milhão de veículos em 1995. Santiago do Chile está separada do céu por um **guarda-chuva de poluição**, que duplicou sua densidade nos últimos quinze anos, ao mesmo tempo em que duplicava, **casualmente**, a quantidade de automóveis (GALEANO, 1996, p. 54, grifos nossos).

O advérbio **casualmente**, em destaque no trecho anterior, demonstra ironia. A metáfora da reprodução do parque automobilístico como coelhos, que já constava no texto passado, é repetida neste. Agora, para argumentar sobre a poluição, excesso de carros e a ausência de ciclovias nas grandes cidades, Galeano cita São Paulo, Buenos Aires e Santiago. Traz dados: “Um quinto da humanidade dispõe de 80% dos carros, ainda que 100% da população tenha que sofrer as consequências” (GALEANO, 1996, p. 54). As cidades mudaram, mas os problemas são os mesmos da Cidade do México e a maioria pobre acaba sendo a minoria dos consumidores.

“A automovelcracia”: o deus é um assassino

Na série “A automovelcracia”, as teses estão relacionadas ao fetichismo da mercadoria, mencionado no livro *As veias abertas da América Latina*. Porém, no livro, não há o neologismo “automovelcracia”

e a menção a uma ditadura do automóvel. Assim, aparecem aqui novas estratégias argumentativas, até porque, em meados dos anos 1990, começaram a ser visíveis os problemas com o aumento do trânsito e da poluição, que não havia no início de 1970, quando a obra foi escrita. Nos quatro textos, os epítetos são recorrentes. Há dois tipos de caracterizações do carro: a do autor e a que ele destina como sendo a do sistema capitalista e da classe média:

**Quadro 21 - Caracterizações do carro**

O carro para o autor	courageira de quatro rodas, assassino, ladrão de tempo, anjo exterminador, metralhadora, mitologia de ascensão social, gaiola ambulante, praga motorizada.
O carro para o sistema capitalista	divino motor, deus de quatro rodas, melhor amigo, uma paixão, oitava maravilha do mundo, décima sinfonia de Beethoven, prolongamento do corpo humano, eixo da vida humana, talismã.

Fonte: Elaboração própria.

A força da argumentação na série está em torno dessas caracterizações extremas. Assim, o autor passa uma noção de que o automóvel traz problemas drásticos, pois mata, polui e tira a liberdade, mas o sistema capitalista trabalha para enganar o consumidor com a ideia de felicidade plena. Isso garante a geração do máximo de lucro possível com a venda e troca constantes dos automóveis. Por isso a máxima *Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão*, que compreende as teses sobre as emoções despertadas pelo sistema capitalista, para que a exploração continue ocorrendo sem que o explorado se dê conta.

As fabricantes de automóveis se instalam nos países periféricos, como México, China e Brasil, a fim de lucrarem com a mão de obra barata. Porém, a maior parte da produção é exportada e a população local não alcança renda suficiente para comprar o que produz. É o que

aconteceu com as grandes empresas automobilísticas de Detroit (Michigan), que abandonaram a cidade para se instalarem no México.

### 3.4 O convite ao consumo é o convite ao delito

As crianças são os sujeitos centrais em “A escola do crime”, “O pecado de ser original” e “A infância como perigo”. Nesses três textos, existe a afirmação de que elas são as mais afetadas pela desigualdade econômica e não são tratadas como deveriam, uma vez que as enriquecidas são superestimadas e superprotegidas, enquanto as empobrecidas são consideradas um perigo a ser combatido. A industrialização condiciona o consumo a uma necessidade vital que não é e nunca será acessível a todos. A frustração de não ter dinheiro para obter os produtos que conferem *status* resulta na busca a todo custo de um meio de adquiri-los. Dessa forma, o crime acaba sendo a oportunidade mais viável para os desfavorecidos conseguirem ter algo a ostentar.

“A escola do crime”

Este é o segundo texto da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, tempo presente do indicativo, publicado na edição Ano 1 nº1 (ATENÇÃO!, 1995-1996), escrito na terceira pessoa do plural. Nele, a América Latina é vista como uma região onde crianças e adolescentes são educados para buscar incessantemente o consumo nem que seja por meio do crime, única alternativa a quem o sistema capitalista exclui. Para sustentar essa tese, no primeiro parágrafo, está a metáfora do **cruzeiro da modernização**, que compara o desenvolvimento industrial a um navio de turismo forçado, no qual a maioria dos passageiros trabalha para sustentar os luxos da minoria rica, que desfruta de todas as regalias possíveis. O trecho é:

Economia de importação, cultura de impostação, **reino da frescura**: somos todos obrigados a embarcar no **cruzeiro da modernização**. Nas **águas do mercado**, a maioria dos **navegantes** está condenada ao **naufrágio**; mas a dívida externa paga – por conta de todos – as **passagens da minoria que viaja em primeira classe** (GALEANO, 1995-1996, p. 48, grifos nossos).

Assim, o mercado valoriza o que é produzido nos EUA em detrimento do que é desenvolvido nas indústrias nacionais e repercute a ideia enganosa de que suas mercadorias são necessidades primárias. O **reino da frescura**, em tradução, nomeia esse universo consumista, de exageros dispensáveis, que é acessível para poucos e é sustentado por muitos. Já o **naufrágio** corresponde ao fracasso que, no capitalismo, é diretamente proporcional à falta de dinheiro. Esse mundo “convida para o **banquete**, porém **bate a porta** na cara da maioria” (GALEANO, 1995-1996, p. 48), ou seja, todos são incentivados a usufruir dos confortos e futilidades, mas nem todos terão seus desejos atendidos.

No livro *As veias abertas da América Latina*, essa metáfora aparece no título da segunda parte, “O desenvolvimento é uma viagem com mais naufragos do que navegantes”. Ali, Galeano fala sobre a produção manufatureira na América Latina, o infanticídio industrial, a contradição de haver muita riqueza em nosso subsolo e, mesmo assim a população trabalhadora ser tão empobrecida. Ele cita como referência para suas teses o Estudo Econômico da América Latina de 1968, da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal).

A industrialização “satelitzada” tem um caráter excludente: *as massas se multiplicam em ritmo vertiginoso nesta região que ostenta o mais alto índice de crescimento demográfico do planeta, mas o desenvolvimento do capitalismo dependente – uma viagem com mais naufragos do que navegantes – marginaliza muito mais pessoas do que as que é capaz de integrar.* A proporção de trabalhadores da indústria manufatureira dentro do total da população ativa latino-americana diminuiu ao invés de aumentar: havia 14,5 por cento de trabalhadores na década de 50; hoje há só 11,5 por cento (GALEANO, 1995-1996, p. 230, grifos do autor).

Então, a metáfora se repete, mas em contextos diferentes. No livro, está relacionada à influência da industrialização no mundo do trabalho e, no artigo, à motivação de crimes entre crianças e adolescentes. Ambos são desdobramentos da exploração dos países periféricos da qual os centrais dependem para se manterem em desenvolvimento.

E, para garantir que a economia dos países do Norte continue gerando lucro, os latino-americanos vendem sua mão de obra a **preço de banana**, ou seja, os que não estão desempregados recebem baixos

salários. A metáfora anterior é uma expressão popular no Brasil que foi acrescentada ao texto pela tradutora, Talia Bugel. No original, está **a precio de ganga**, contudo, as duas versões se referem a algo de pouco valor.

Na cultura do consumo, os anúncios televisivos despertam nos endinheirados o desejo de compra ao mesmo tempo em que estimula a violência e a prostituição em quem não tem boas condições financeiras. Neste texto, compreendo uma crítica à homogeneização das culturas, ao prejuízo à diversidade e ao direito à identidade, porque o sistema oferece os mesmos desejos e costumes a todos desconsiderando as potencialidades e necessidades de um grupo.

Os anúncios proclamam: quem não tem, nada é. Quem não tem carro, ou sapatos importados, ou perfumes importados, é um zé-ninguém, um lixo; e assim, **a cultura do consumo dá aulas à multidão de alunos da Escola do Crime** (GALEANO, 1995-1996, p. 48).

Assim, todos querem ter poder de compra para se inserir na sociedade de consumo. Por isso, as **idades** se tornaram **insones** onde “uns não dormem tentando conseguir as coisas que não têm, outros não dormem por medo de perder o que já têm” (GALEANO, 1995-1996, p. 48). Logo, o assaltante quer ser como sua vítima, ter carro, roupas de grife e celular de última geração para se posicionar acima de quem está ao lado. Conforme está escrito no livro *As veias abertas da América Latina*, o Brasil continua sendo um país onde, “de cada dez crianças, quatro nascem obrigadas a se tornarem mendigos, ladrões ou **mágicos**” (GALEANO, 2011, p. 391).

Na metáfora da **escola do crime**, criada pelo autor, os professores eletrônicos são a televisão e o vídeo game, que incitam, nos alunos, a violência, a bater e a matar antes que façam isso a eles. O corpo docente metafórico inclui, ainda, a **ansiedade consumista**, a **injustiça social** e a **impunidade do poder**. Esses conceitos fazem parte da rotina da população dos países subdesenvolvidos, as crianças crescem e os adotam por imersão.

Para Perelman (1996, p. 200), “quanto maior for o conteúdo da frase, mais espirituosa ela é; por exemplo, se as palavras são metafóricas, se a metáfora é satisfatória, se há antítese, *párisson* e se nela vai incluído um ato”. Um trecho que concentra conteúdos antitéticos em poucas linhas é:

No mundo sem alma que somos obrigados a aceitar como o único possível, **não existem** povos e **sim** mercados; **não existem** cidadãos e **sim** consumidores; **não existem** nações e **sim** empresas; **não existem** cidades e **sim** aglomerações; **não existem** relações humanas e **sim** competição mercantil (GALEANO, 1995-1996, p. 48, grifos nossos).

As noções de povo, cidadão, nação e relações humanas são substituídas pelas relações mercantis impessoais e não é possível mudá-las. O **não** se refere a algo que está esgotado na sociedade e que Galeano valoriza, como uma nostalgia.

No artigo, o autor afirma que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional trabalham para impor a liberdade do dinheiro, que aumenta a desigualdade. Para provar isso, traz números retirados de relatórios, que funcionam como argumentos quase-lógicos por estarem relacionados e contextualizados para evidenciar contradições:

A desigualdade duplicou em trinta anos. Em 1960, 20% da humanidade – os que mais tinham – era trinta vezes mais rica do que os 20% mais necessitados. Em 1990, a diferença entre a prosperidade e o desamparo havia dobrado para sessenta vezes (GALEANO, 1995-1996, p. 48).

No trecho a seguir, há repetição, hipérbole e o neologismo **pornofinanceiras** para indicar que a fortuna da minoria é pauta de revista, é um atrativo de leitura que desperta em quem lê o desejo de se tornar rico. A repetição dá a ideia de uma longa distância entre os mais ricos e os mais pobres de uma mesma sociedade.

E nos **extremos dos extremos**, entre os **ricos riquíssimos** e os **pobres pobríssimos**, o abismo é bem mais profundo. Somando-se as fortunas privadas que ano após ano desfilam obscenamente pelas páginas **pornofinanceiras** das revistas *Forbes* e *Fortune*, chegamos à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente de mesma riqueza de 1,5 bilhão de pessoas (GALEANO, 1995-1996, p. 48, grifos nossos).

A última ironia serve para contrastar a diferença de atratividade entre as mensagens das páginas policiais e as das páginas destinadas a esbanjar a fortuna dos ricos. As primeiras não chamam a atenção por serem tristes e mostrarem o morador da periferia, que não tem outra oportunidade que não entrar no crime para ter renda e acaba morrendo em assaltos ou confusão policial. Não é a felicidade vendida nos anúncios da televisão os quais divulgam que quanto mais coisas se tem, mais feliz se é. É a contradição: “Nelas se encontram as **alegres mensagens de morte** emitidas pela sociedade de consumo” (GALEANO, 1995-1996, p. 48, grifos nossos).

“A infância como perigo”

A primeira frase deste artigo, publicado na edição Ano 2 n.8 (ATENÇÃO!, 1996f), no presente do indicativo, é “Os fatos zombam dos direitos”, ou seja, a realidade da infância latino-americana não corresponde ao que está determinado por lei. Escrito na terceira pessoa do singular, é como se Galeano fizesse um balanço das condições de vida que a sociedade de consumo oferece às crianças, as quais estão divididas pelas **fronteiras do privilégio**. O autor faz uma metáfora do sistema carcerário em que “elas são as mais **presas** dentre todos os presos”, pois parecem ser reféns dos adultos poderosos para poderem transformar seus destinos, crescerem saudáveis e livres. Cada uma está presa em seu mundo. As crianças de classe média estão condenadas à humilhação da **prisão perpétua**, pois ficam no meio do risco de morrer ao cair na pobreza e da liberdade do consumo ao conseguir enriquecer.

No segundo parágrafo, vem a metáfora “No **oceano dos necessitados**, as **ilhas dos que têm mais** convertem-se em luxuosos **campos de concentração**, onde **poderosos** só encontram com **poderosos** e jamais podem esquecer, nem por um momento, que são **poderosos**” (GALEANO, 1996, p. 52). **Oceano** para dizer da imensidão de pessoas que fazem parte dos empobrecidos; as **ilhas** para dizer que é um aglomerado pequeno de ricos em comparação ao oceano de pobres, que vivem confinados em suas casas cercadas e vigiadas; não têm contato com outras realidades que não a deles, como um campo de concentração. A repetição de **poderosos** descreve como a relação entre as classes não é desejável.

Ao longo do texto, Galeano faz várias comparações metafóricas sobre a infância em três níveis econômicos: “As **crianças ricas**, trata como se fossem **dinheiro**. As **pobres**, como **lixo**. E mantém **atada às patas do televisor as crianças da classe média**” (GALEANO, 1996f, p.

52). Claro que, ele diz que as que mais sofrem são aquelas que estão na base extrema da pirâmide social, pois reitera que quem não é rentável não existe.

As de classe média, ele as define com o neologismo de **telecrianças**, por serem colocadas à frente da televisão para serem educadas e são vigiadas por câmeras. Vejo relação com a questão da identidade, a mídia mostra um menino rico quando é prodígio, um pobre quando é assaltante. A desigualdade é perceptível até mesmo no tipo de droga que usam para mascarar suas realidades, Galeano evidencia as contradições: uma usa cola e a outra, ansiolítico. Um brinca com balas virtuais, outras são mortas por balas de chumbo. Mas todas têm suas liberdades limitadas de alguma maneira.

No livro *As veias abertas da América Latina*, a tese de que as crianças da classe média são educadas pela televisão vem no contexto de que esse bem material tinha se tornado mais importante que as questões sociais:

Ainda que as estatísticas possam sorrir, padecem as pessoas. Em sistemas arrevesados, quando cresce a economia cresce também a injustiça social. No período mais exitoso do “milagre” brasileiro, aumentou a taxa de mortalidade infantil nos subúrbios da cidade mais rica do país. No Equador, a súbita prosperidade do petróleo trouxe a televisão a cores em vez de escolas e hospitais (GALEANO, 2011, p. 391).

A necessidade de reforma agrária está implícita quando Galeano fala que muitas das famílias pobres são do campo e foram arrancadas da terra. Para ele, a soberania do mercado está destruindo os **laços de solidariedade** e comunidade, valores utópicos do socialismo. O trecho é: “em muitos países latino-americanos, a hegemonia do mercado está rompendo os **laços de solidariedade** e está esgarçando o **tecido social comunitário**” (GALEANO, 1996f, p. 52). Os termos **o direito à propriedade é sagrado e a sociedade sacraliza a ordem** estão evidentemente relacionados à Igreja Católica, mas, aqui, a divindade máxima passa a ser a propriedade privada e não o carro como está na série “A automovelcracia”. No livro *As veias abertas da América Latina*, o tema é trabalhado de outra forma:

Da plantação colonial, subordinada às necessidades estrangeiras e, em muitos casos, com

financiamento estrangeiro, provém em linha reta o latifúndio de nossos dias. Este é um dos **gargalos de garrafa** que estrangulam o desenvolvimento da América Latina e um dos primordiais fatores da marginalização e da pobreza das massas latino-americanas (GALEANO, 2011, p. 60, grifo nosso).

Novamente vem a contradição de uma cultura que impede a consumir ao mesmo tempo em que impede, presente em “A escola do crime”. O eufemismo “entre o berço e a sepultura, a fome ou as balas **abreviam a viagem**” (GALEANO, 1996f, p. 52) indica que as crianças empobrecidas morrem precocemente vítimas do sistema que não lhes oferece condições de se sustentarem adequadamente e lhes coloca no crime ou na situação de ameaça que deve ser erradicada. O trecho mostra a técnica de atenuação, que dá uma impressão favorável de ponderação e de sinceridade; e o eufemismo é uma de suas manifestações.

Uma forma interessante de usar dados e manter a complexidade do conteúdo é a estatística: “de cada duas crianças pobres, uma sobra”. Esse dado, possibilita uma visão clara de que metade das crianças pobres não são consideradas e nem atendidas pelo sistema. As ricas também estão excluídas, mas dentro de suas mansões, em suas **bolhas de medo** em que a realidade é vista de longe como se fosse uma ameaça. A comparação metafórica das crianças ricas é que elas **viajam** como o dinheiro **em carros blindados**, são extremamente protegidas que estão proibidas de acessar o **vasto inferno que espia seu minúsculo céu privado**. As antíteses do trecho anterior trazem muita informação condensada: há muito mais gente que não pertence ao universo dos ricos e curiosamente quer saber como é a vida deles, pois convive com todas as consequências do sistema. Já os ricos parecem ter tudo o que é desejado na sociedade do consumo, mas não se arriscam a ter contato com outra realidade e vivem em sua solidão.

“As crianças ricas das mais variadas cidades se parecem em seus costumes, tanto quanto se parecem entre si os shopping centers e os aeroportos” (GALEANO, 1996f, p. 52). Essa comparação tem a ver com a impessoalidade das relações da classe alta, pois shoppings e aeroportos são parecidos em qualquer lugar, têm facilidade de acesso e são seguros. As pobres estão presas na rua e não têm acesso ao que as ricas têm, estão condenadas à morte e são a ameaça que as crianças ricas temem. As da classe média estão no meio: “entre as que vivem prisioneiras do desamparo e as que vivem prisioneiras da opulência, estão as crianças que têm **muito mais que nada e muito menos que tudo**” (GALEANO,

1996f, p. 52). A repetição e antítese estruturam a noção de que elas têm pais querendo aparentar ter uma condição social que não conseguem sustentar e, por isso, têm medo de cair na pobreza.

Aí vem a metáfora do sistema imobiliário para falar da situação da classe média, que aparenta fazer parte do sistema, mas é submissa à ordem econômica e trabalha para comprar mais bens e, quem sabe, chegar a um patamar acima do seu.

A sofrida classe média ainda defende a ordem estabelecida como se fosse sua **dona**, mesmo que não seja mais do que uma **inquilina** da ordem, mais que nunca oprimida pelo preço do **aluguel** e pela possibilidade do **despejo** (GALEANO, 1996f, p. 52).

A enumeração ou sistematização de argumentos convergentes proporciona a interação entre eles (PERELMAN, 1996), conforme a frase: “a sociedade as **espreme, vigia, castiga, mata; quase nunca as escuta, jamais as compreende**. Nascem com as raízes para o ar” (GALEANO, 1996f, p. 52). Desse modo, houve amplificação ao elencar várias ações as quais as crianças de todas as classes sociais estão expostas no sistema econômico atual.

“O pecado de ser original”

Publicado na edição Ano 2 n. 7 (ATENÇÃO!, 1996e), no presente do indicativo, o tema principal deste texto é o projeto educacional libertador que começou a ser implementado na cidade de Chuquisaca, atual Sucre (Bolívia), por Don Simón Rodríguez, mas foi interrompido. O título é uma ironia e alusão ao que é pecado na crença cristã, pois a palavra **pecado** leva a crer que há uma desobediência a uma norma e esse erro seria algo bom, **original**. Também tem relação com a explicação da origem da imperfeição humana, em que Adão e Eva teriam comido o fruto de uma árvore a contragosto de Deus e toda a humanidade estaria pagando por isso. Seria como se todos os latino-americanos fossem punidos pelo deslize cometido por esse educador.

“Por ser digno de tanta memória, foi condenado ao esquecimento o homem que cometeu o **imperdoável pecado de ser original**” (GALEANO, 1996e, p. 52). Isto é, copiamos os países do Norte e somos impedidos de criar, quando o fazemos, estamos indo contra o que nossos superiores julgam adequado. A tese defendida é a autonomia da América

Latina, que foi cessada quando impediram o desenvolvimento de uma educação para a liberdade.

No artigo de *Atenção!*, a história de Don Simón vem relacionada à metáfora do oceano da modernização, que consta nos textos anteriores: “Este louco estava misturando as crianças dos melhores berços com os **náufragos** das ruas, misturava meninos com meninas” (GALEANO, 1996e, p. 52). A antítese e ironia descrevem a forma com a qual o educador iniciou o seu projeto que foi visto como uma transgressão da ordem vigente: “**ricos e pobres, machos e fêmeas** se sentavam todos juntos e, **cúmulo, estudavam brincando**” (GALEANO, 1996e, p. 52).

Da mesma forma em que há o pseudodiscurso no texto “O computador e eu”, aqui ele também ocorre. A fala de Don Simón é criada, dando a entender o que o autor pensa a respeito dele: “- Ensinar é ensinar a pensar. Mandar recitar de cor o que não se entende, é criar papagaios...” (GALEANO, 1996e, p. 52). No diálogo de Don Simón está implícita também a crença de Galeano de que, na América Latina, copia-se os hábitos que se tem nos EUA.

Considerado um sujeito que corrompia a moral da juventude, precisou sair do local e, por ser teimoso **como sua mula**, vagou por 30 anos. “**Não quero parecer árvore**, que criam raízes. **Quero ser vento**” (GALEANO, 1996e, p. 52). A metáfora de Galeano colocada nas palavras do educador reforça a ideia de educação libertária como não estável, leve, sempre avançando. E a antítese “Eu quis fazer da terra um **paraíso** para todos. Fiz dela um **inferno** para mim” significa que a vida dele, depois de ter o seu projeto destruído, não foi fácil. Em *As veias abertas da América Latina*, Galeano não menciona esse projeto inicial educacional na região relacionado a um pecado.

De acordo com Perelman (1996), ao colocar na mensagem o ato e o agente, existe a capacidade de modificar a percepção que o leitor tem da pessoa. Tanto a menção a atos novos ou a referência a antigos desempenham essa função na argumentação. Assim, a assimilação é de que Don Simón tinha boas intenções e sabia o que era necessário para a América Latina prosperar e, justamente por isso, não obteve sucesso. Galeano diz muito para provar que o fato se deu e constituiu uma injustiça para o leitor atribuir importância e valorizar o mérito pessoal de Don Simón e evidenciar o quão maldoso é o adversário, no caso, o sistema capitalista.

A partir dos atos de alguém, sejam eles modos de expressão, ações, reações emotivas ou juízos, formula-se “uma apreciação sobre o seu autor; por vezes, aliás, o juízo permite julgar o juiz” (PERELMAN, 1996, p. 339). Nem sempre a ideia que se faz da pessoa constitui uma conclusão,

pode ser um ponto de partida da argumentação e serve, entre outros propósitos, para “interpretar de um certo modo os atos conhecidos e transferir para os atos o juízo formulado sobre o agente” (PERELMAN, 1996, p. 341). Nesse caso, o efeito produzido é de apreciação, de uma boa reputação tanto do julgado quanto do juiz, ou seja, Galeano.

“A escola do crime”, “A infância como perigo” e “O pecado de ser original”: as crianças não têm o direito de ser criança

A infância aparece já na introdução do livro *As veias abertas da América Latina*, em que Galeano fala sobre a condição precária de ser criança na região. Na segunda parte, surge a metáfora “o desenvolvimento é uma viagem com mais naufragos do que navegantes”, que está presente também em “A escola do crime”, quando ele fala em **cruzeiro da modernização**; em “A infância como perigo”, quando se refere a **oceano dos necessitados**; e em “O pecado de ser original”, ao referenciar as crianças empobrecidas como **naufragos das ruas**.

Porém, a metáfora da **escola do crime** para as crianças e adolescentes marginalizados é novidade, bem como a da tentativa de instalar uma educação libertadora na América Latina ter sido um pecado e a das crianças como prisioneiras. A máxima *o convite ao consumo é o convite ao delito* compreende as teses de que o sistema capitalista estimula incessantemente o consumo, nem que seja preciso incentivar o crime para que as compras e o lucro não sofram intercorrências.

### 3.5 O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés

Este subcapítulo se refere ao último texto de Eduardo Galeano publicado na coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas” da revista *Atenção!*. Com o título de “O direito de sonhar”, assemelha-se a um epílogo, pois condensa as principais teses nos textos anteriores a ele. Embora não tenha sido a intenção dos editores, a menos que soubessem que a revista iria fechar e só teria mais um edição depois desta, o texto encerrou a coluna de forma pertinente, antecedendo a entrevista especial sobre os 25 anos de lançamento do livro *As veias abertas da América Latina*, na qual Galeano reafirma suas crenças a respeito do sistema capitalista. A página é a única com ilustrações de Gilberto Maringoni.

A máxima *O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés*, é semelhante ao nome do livro *De pernas para o ar, a escola do mundo ao avesso*, publicado em 1998, isto é, depois do

fim da coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”. Alguns dos artigos de *Atenção!* constam nesse livro, porém, nem sempre com o mesmo título e na íntegra. As ideias centrais são as mesmas, mas o texto não é idêntico até mesmo por conta de ser outro tradutor. De qualquer forma, esse livro é um compilado de artigos do autor veiculados em periódicos diversos.

Diferentemente dos demais textos, este está dividido em pequenos parágrafos ou tópicos em que Galeano explicita o seu ideal de mundo, até porque se aproximavam os anos 2000 e as expectativas do que estaria por vir era alta. Esses tópicos também parecem artigos de uma lei ficcional chamada “Direito de sonhar”, a qual ele gostaria que fizesse parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 1948. A importância desse direito vem em forma de metáfora: “se não fosse por ele, e **pela água que dá de beber, os demais direitos morreriam de sede**” (GALEANO, 1996, p. 62).

Os desejos de Galeano são o contrário do que ele refuta. O texto está escrito na terceira pessoa do plural e no futuro do presente. Se no primeiro texto da coluna ele contou uma experiência no passado e em todos os demais ele falava no tempo presente, neste, ele prevê um futuro o qual sonha e fica evidente a utopia, para fugir da realidade insatisfatória.

No quadro a seguir, relaciono as utopias presentes no texto e os artigos os quais mantém relação mais evidente:

**Quadro 22 - Relação entre “O direito de sonhar” e os demais artigos**

Utopia	Artigo
Nas ruas, os automóveis serão pisoteados pelos cães.  Não terá poluição além daquela que emana dos medos humanos e das humanas paixões.  As pessoas não serão dirigidas por automóveis.	Série “A automovelcracia”
As pessoas não serão programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado, nem assistidas pela televisão.	“O computador e eu”
Os historiadores não acreditarão que os países gostam de ser invadidos.	“Notícias dos ninguéns”

<p>Uma mulher negra será presidente do Brasil e outra mulher negra será presidente dos Estados Unidos.</p> <p>Uma mulher índia governará a Guatemala e outra o Peru.</p>	
<p>Os meninos de rua não serão tratados como se fossem lixo, porque não haverá meninos de rua.</p> <p>Os meninos ricos não serão tratados como se fossem dinheiro, porque não haverá meninos ricos.</p> <p>A televisão será tratada como o ferro de passar ou a máquina de lavar roupa e não um membro da família.</p>	<p>“A infância como perigo”</p>
<p>A educação não será privilégio de quem possa pagá-la.</p>	<p>“A escola do crime” e “O pecado de ser original”</p>

Fonte: Elaboração própria.

“O direito de sonhar”: a utopia para esquivar-se da realidade insatisfatória

Pela primeira vez, Galeano traz as “loucas da praça de maio” para tratar das ditaduras no Cone Sul. No mundo ideal, elas seriam exemplo de saúde mental por protestarem todas as quintas-feiras em Buenos Aires contra as mortes e sumiços de seus entes durante a ditadura militar no país. Enquanto Galeano fazia alusão em todos os outros textos à Igreja Católica, neste, ele usa o termo “a Santa Madre Igreja” para se referir às inconsistências adotadas por ela a respeito da reprovação dos desejos carnis como componente da plenitude do espírito. O autor vê como utopia a celebração do corpo como forma de felicidade.

Para completar o mundo ideal, a guerra contra os pobres se tornaria um combate contra a pobreza e a indústria militar. Todos esses anseios estão relacionados às esperanças e dúvidas do final do século, quando as pessoas tentavam adivinhar como seriam os anos 2000, na mudança de milênio. Aqui, ele se permite delirar e imaginar como o mundo corrigiria a sua posição que até então estava de ponta cabeça.



## CONCLUSÃO

Com base nas discussões teóricas, na contextualização histórica e nas análises, exponho as implicações decorrentes deste estudo da retórica de Eduardo Galeano em seus artigos opinativos, traduzidos para o português e publicados na revista *Atenção!*. Para mim, os textos compreendem as principais teses de Galeano, não somente a partir de novas técnicas argumentativas, mas também da repetição de algumas delas relacionadas a um contexto diferente. Nos dois casos, ocorre uma atualização e um ressurgimento sintético do discurso anticapitalista, utópico, irônico, literário e racional do autor, que ficou conhecido com o lançamento do livro *As veias abertas da América Latina*, em 1971. Quando comparados os artigos entre si, há semelhanças de metáforas e outras figuras que permeiam vários deles e que nem sempre estão no livro, dando a impressão de já tê-las visto em alguma edição da revista. Isso faz com que a autoria seja facilmente reconhecida pela escrita.

Uma situação desse tipo acontece com a metáfora *o desenvolvimento é uma viagem com mais naufragos que navegantes*, que está presente no livro e também nos artigos “A escola do crime”, “A infância como perigo” e “O pecado de ser original”. Outra são as alusões à Igreja Católica que estão em todos os textos, o que já era apontado por outros pesquisadores e se tornaram uma marca da série “A automovelcracia”, na qual o carro é caracterizado como um deus para a sociedade do consumo que o idolatra e jamais pratica o sacrilégio de expulsá-lo das cidades.

Os leitores da revista tiveram acesso às teses de Galeano relativas às máximas: *Quem não tem, nada é; Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão; O convite ao consumo é o convite ao delito; e O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés*. E, dessa forma, também se aproximaram das duas teorias norteadoras do pensamento do uruguaio, a teoria da independência e a utopia, de outra forma que não a partir dos livros dele.

A *nova retórica* de Chaïm Perelman (1996) contesta a maneira cartesiana de comprovação somente através de certezas e revitaliza o pensamento de que a verossimilhança também é uma maneira de se chegar à verdade plausível. Conforme a análise realizada a partir dessa teoria, verifiquei que os argumentos predominantes nos textos de Galeano são aqueles que fundamentam a estrutura do real, que se baseiam em fatos em que um é a causa do outro – analogias, metáforas, modelos, exemplos

– os quais fogem à exatidão da lógica e tornam o discurso formidável (PERELMAN, 1996).

Para citar um caso, o modelo consta no texto “A automovelcracia III - O anjo exterminador”, em que o autor sugere que os governantes imitem o planejamento urbano das cidades de Amsterdam e Florença para amenizar os problemas causados pelo excesso de automóveis. Os argumentos baseados na estrutura do real e os quase lógicos aparecem menos vezes, o primeiro se destaca nos trechos em que Galeano faz referências aos atos de pessoas, como em “Notícias dos ninguéns”, em que as atitudes de Robert McNamara em relação à Guerra do Vietnã são evidenciadas. Assim, o leitor percebe a avaliação do autor sobre alguém. As probabilidades, estatísticas e contradições são os argumentos quase lógicos mais presentes, sobretudo quando o autor traz números dessa guerra, reforçando as teses sobre injustiça decorrentes dos golpes de Estado em “Notícias dos ninguéns” e “A automovelcracia II – Liturgia do divino motor”.

Enquanto a *nova retórica* auxiliou na compreensão da maneira de organização dos argumentos de Galeano, os pensamentos de Edgar Morin complementaram a ideia de que os acontecimentos são mais bem demonstrados quando relativizados com opiniões, incertezas e contrastes do que com raciocínios estritamente matemáticos. Assim, ao se basear nas subjetividades, enxerga-se os fenômenos e não somente os fatos para alcançar a compreensão e extrapolar a explicação. Para Morin, o mundo é inteiramente natureza e cultura, envolvendo, ao mesmo tempo, ordens, desordens, interações. “Não é que a verdade é concebida de outra forma sem ser a lógica, os números. Mas que essa verdade é inconcebível. Não temos respostas certas, concretas. O real escapa aos conceitos reguladores (MORIN, 2006, p. 119).

Considero que a escrita de Galeano é complexa por abranger técnicas argumentativas articuladas que fazem pensar sobre diversos aspectos de um problema. Quando ele defende a tese de que a tecnologia é programada para atender aos interesses das oligarquias empresariais em “O computador e eu”, ele aproveita para inventar uma conversa com uma máquina para questionar também leis contraditórias de defesa de um país. Ao mesmo tempo em que ele fala de pobreza e injustiça, fala de Meio Ambiente e do desejo consumista. Dessa maneira, não há simplificação, mas união entre ficção, opinião e fatos para contemplar o sujeito além dos números, resultando em complexidade.

O Jornalismo Opinativo em meio impresso é um dos espaços para trabalhar a retórica na profissão e oferecer uma percepção complexa da realidade. Nele, o jornalista tem a liberdade para utilizar figuras,

contradições e se aproximar do cotidiano do leitor. Assim, acontece uma identificação ou recusa entre o que é dito e o que o público pensa, provocando a reflexão e a produção de outros argumentos relacionados ao contexto.

Morin (2001; 2006) defende a fluidez nas pesquisas dentro das Ciências Sociais para que as barreiras sejam rompidas positivamente. Essa noção de pensar a partir do núcleo e não das fronteiras trouxe para minha pesquisa um olhar ampliado para o objeto empírico, sem classificar o texto de Galeano em um gênero jornalístico ou literário e submeter a análise a um método com categorias pré-determinadas. Além do mais, busquei entender como o próprio autor via a sua escrita e em quais profissionais se inspirava por acreditar que a obra não está dissociada de quem a produziu. E ainda tentei não somente quantificar as técnicas argumentativas, mas entender o que se pode interpretar a partir delas. Galeano é criticado por não ser científico, seu conhecimento vem de estudos teóricos conjuntamente com a experiência adquirida, o que não é uma forma correta ou errada de pensar, mas sem dúvida, é relevante para explorar fenômenos.

Este trabalho atenta para a situação atual da América Latina, para como caminha o sistema econômico e político e o jornalismo. No Brasil, saímos de um período em que o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) governou por oito anos, seguido de 14 anos de soberania do Partido dos Trabalhadores (PT). Depois disso, o governo de extrema-direita do Partido Social Liberal (PSL) assumirá, com o militar reformado Jair Bolsonaro eleito para o mandato de 2019-2022. A intolerância contra as minorias tem se intensificado, a cooperação com os países vizinhos está ameaçada. A censura e o disparo de *fake news* se somam às demais preocupações e incertezas sobre o que está por vir.

Os veículos independentes voltam a se estabelecer para se contrapor às grandes mídias e aos governos, para explicarem ou deixarem implícitas as estruturas e relações de poder por trás dos fatos. Os jornais e revistas críticos, sobretudo *online*, ganham força novamente, como o portal Mídia Ninja, Nexo e Jornalistas Livres, que buscam assinaturas solidária ou financiamento coletivo, atualizando as práticas da mídia alternativa. A revista *Atenção!* não existe mais e o diretor Breno Altman fundou o site Opera Mundi. Alguns dos colaboradores estão em agências de comunicação, como Adélia Chagas, e outros seguem no meio independente, como Alex Solnik, colunista no site Brasil 247.

Os artigos de Galeano nas versões espanhol e português estão reproduzidos nos anexos desta dissertação, que se tornou mais um meio de disponibilização do material a pesquisadores interessados em reflexões

e discussões a respeito do trabalho do escritor. Antes, estavam esquecidos nas páginas de *Atenção!*, uma revista com escassos exemplares que está catalogada apenas no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

Esta dissertação não se finaliza, mas viabiliza novas pesquisas em áreas não só da Comunicação, mas também de outras, como a da Tradução. O principal despertar que observo é sobre ao trabalho de Galeano em veículos jornalísticos brasileiros. Além de *Atenção!*, o autor teve textos em português publicados no jornal *Versus*, criado e dirigido pelo jornalista Marcos Faerman entre 1975 e 1978, anos de ditadura militar. Há material disponível *online*, facilmente acessível.

Outra temática para ser investigada refere-se às palavras carregadas de ideologia anti-imperialista e que vieram para o português de forma neutralizada, é o caso de *estadounidense* no original e *norte-americano* no português. Galeano era muito cauteloso com as traduções, porém, ele não fez nenhuma intervenção ou exigência a respeito dos dez artigos seus publicados na coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, de *Atenção!*. A tradutora uruguaia, Talia Bugel, conhece a realidade sul americana e trouxe referências do cotidiano brasileiro para a tradução no português e concorda com minha constatação.

Agora que moro nos Estados Unidos, marco sempre para os meus estudantes [...] que é preciso falar estadunidense e não americano ou norte-americano [...]. Isso mostra como a leitura muda, né. A gente não apenas aprende coisas novas, mas também que a importância delas muda com o tempo (BUGEL, 2018, s/p).

Quando comparadas aos originais, as traduções estão editadas para se ajustarem ao tamanho da página da revista. Os textos em espanhol foram publicados em jornais como o *Brecha* e *El País*, cujas folhas são maiores. Então, os leitores brasileiros tiveram acesso ao texto cortado, o que pode ser outra questão a ser desenvolvida em uma pesquisa sobre rotinas produtivas do Jornalismo ou tradução de artigos jornalísticos. Sobre as partes suprimidas, Bugel afirma não se lembrar de ter realizado cortes e me perguntou se isso dificulta a interpretação do texto, que embora não tenham chegado na íntegra, não prejudicam a compreensão.

Alguns artigos que compõem o objeto empírico estão na antologia *De pernas para o ar. A escola do mundo ao avesso*, que reúne publicações de diversos jornais em várias línguas, porém, nenhum é idêntico aos que

constam em *Atenção!*, seja pela tradução ou pelos cortes e acréscimos textuais. O formato seria um meio termo entre o longo texto do livro *As veias abertas da América Latina* e as pequenas histórias dos demais livros, como o *Livro dos Abraços* e *Memória do Fogo*. Os temas se articulam, se atravessam, sem barreiras rígidas. Mesmo na série “A automovelcracia”, a estrutura argumentativa não depende de leitura do texto anterior, cada um está em sua totalidade, como é visível nos trabalhos de Galeano compostos por fragmentos.

O natural persuade, o texto de Galeano soa genuíno àqueles que compartilham de seus valores, pois o assunto exposto parece ser como o escritor diz. No entanto, o autor se concentra na utopia e todos os textos analisados aqui transparecem as críticas apaixonadas contra o sistema capitalista. É sua ideologia de que o socialismo é um mundo superior, aliada às técnicas argumentativas que persuadem o leitor, é a verdade de Galeano que encanta. Ele sabe que a utopia não se concretizará, mas faz pensar sobre a situação em que vivemos e onde precisamos prestar atenção. Quem percebe suas técnicas como artifício advertirá má fé.

Galeano subentende que o leitor sabe do que ele está falando, por isso não faz explicações, deixa implícito. Isso é o que acontece com articulistas reconhecidos, que conhecem o público e admitem que ele é bem informado. Na entrevista para *Atenção!*, em 1995, ele diz não ter mudado seu discurso em nada do que consta no livro *As veias abertas da América Latina*. Hoje, se estivesse vivo, diria o mesmo, porque muito do que está escrito nos textos mantém relação com os acontecimentos de 2018, as inconsistências se atualizam.

Quanto às críticas à tecnologia, a conjuntura atual é de entrega de dados pessoais à Internet através do Facebook ou WhatsApp, de propriedade dos EUA, propiciando silenciosamente a invasão das máquinas sobre a qual falava Galeano em “O computador e eu”. Os governos de países desenvolvidos continuam oferecendo bolsas de estudo e postos de trabalhos para imigrantes qualificados, limitando o desenvolvimento dos países latinos. Os EUA deram tanques usados para o Brasil como se fossem tecnologia de ponta, o que cria uma dependência na manutenção dos equipamentos e uma possível aliança para intervenção militar na Venezuela.

Os golpes de estado é um dos temas de “Notícias dos ninguéns”, que fala da United Fruit Company, que pressionou um golpe na Guatemala para obter benefícios econômicos. No Brasil, a empresa Coca-Cola ameaça se retirar caso o governo não reveja a isenção de imposto. O Estatuto do Desarmamento está prestes a ser revogado no Brasil e a vantagem será para a fabricante de armas Taurus, que detém o mercado

nacional, e o interesse da indústria bélica faz parte das críticas de Galeano desde os anos 1970.

No texto “A infância como perigo”, Galeano cita a organização Human Rights Watch para dizer que grupos paramilitares matam seis crianças por dia na Colômbia e quatro no Brasil. No dia 20 de junho de 2018, Marcos Vinícius, de 14 anos, foi morto durante uma operação policial no Complexo de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro. A imigração de latino-americanos nos EUA, presente em “O computador e eu”, tem se agravado desde o dia 13 de outubro e milhares de centro-americanos seguem em caravanas para o país, que está reforçando as barreiras nas fronteiras com arame farpado para não permitir o fluxo de pessoas enquanto que o de capitais e mercadorias acontece livremente.

Lembro das aulas da professora Gislene Silva, quando ela falava de sua descoberta de que nós não vivemos em um país em vias de desenvolvimento. Nunca seremos desenvolvidos porque o subdesenvolvimento não é uma fase, é uma condição. É disso que fala Galeano. Entretanto, ele presumia que a condição para mudar a realidade é conhecê-la, então possibilitava que as pessoas a percebessem a partir dos seus textos, sob o seu viés e de uma pluralidade de vozes. Assim como escreveu no fim do livro *De pernas para o ar – A escola do mundo ao avesso* (1998, p. 312): “o autor terminou de escrever este livro em meados de 1998. Se você quer saber como continua, ouça ou leia as notícias do dia a dia”.

## REFERÊNCIAS

A REVISTA NO BRASIL. São Paulo: Editora Abril, 2000.

ALVES, Marco Antônio Sousa. **Perelman e a argumentação filosófica: convencimento e universalismo**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2015.

ALVES, Marco Antônio Sousa. A nova retórica segundo Manuel Atienza: uma análise das críticas dirigidas à teoria da argumentação de Chaïm Perelman em *As razões do direito*. In: **Anais da V Jornada Brasileira de Filosofia do Direito**. Belo Horizonte: ABRAFI, 2012.

ALTMAN, Breno. Em entrevista concedida via Skype à Francielli Cristina Campiolo. Janeiro, 2017.

ANTUNES. La boca que devoro al África posição. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Libro digital, EPUB.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 16 ed. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 19--.

ARROJO, Rosemary. A tradução como reescritura: o texto/palimpsesto e um novo conceito de fidelidade. In: **Trabalhos em linguística aplicada 5** (n. 6, pp. 17-24). Campinas: IEL/Unicamp, 1985.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução, a teoria na prática**. Ática: São Paulo, 2003. pp. 38-39.

ARTIGAS, Ana. BELLOSO, Roberto López. Cimarrones del Caribe, gaúchos de las pampas. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Libro digital, EPUB.

BELLINI, Giuseppe. La narrativa hispano-americana hacia el nuevo siglo. In: **Nueva historia de la literatura hispano-americana**. Madri, Editorial Castalia, 1997a. pp. 577-622.

\_\_\_\_\_. Los ensayistas del siglo XX. In: **Nueva história de la literatura hispanoamericana**. 1997b. pp. 653-665

BELLOSO, Roberto Lopez. **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016a. Libro digital, EPUB.

\_\_\_\_\_. Roberto Lopez. De amor y pos guerra. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016b. Libro digital, EPUB.

\_\_\_\_\_. Roberto Lopez. Sabrás disculpar, palabra. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016c. Libro digital, EPUB.

BENEDETTI, Mario. **Literatura uruguaya siglo XX**. Montevideo: Editorial Planeta, 1997.

BIANCHINI, Federico. Gajos del oficio. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Libro digital, EPUB.

BIOGRAFÍAS Y VIDAS. **Manuel Vázquez Montalbán**. Disponível em: [https://www.biografiasyvidas.com/biografia/v/vazquez\\_montalban-.htm](https://www.biografiasyvidas.com/biografia/v/vazquez_montalban-.htm). Acesso em: 15 de outubro de 2017.

BOCCHINI, Lino. **Editora Abril fecha revistas Alfa, Gloss, Bravo! E Lola**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs-/midiatico/abril-fecha-revistas-alfa-gloss-bravo-e-lola-9238.html>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

BRASIL. SECRETARIA DE GOVERNO. **Galeria de Ministros**. S/D. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/gabinete/ministro/galeria-de-ministros>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

BRECHA. **La historia de Brecha**. Disponível em: <http://brecha.com.uy>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O paradoxo da esquerda no Brasil**. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, v. 74, pp. 25-45, 2006.

BORDA, 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo> Acesso em: 15 de junho de 2018.

BROLI, Chiara A. Piergiorgio Maoloni. **Quotidiani**. Disponível em:

<http://aiapzine.aiap.it/notizie/13737>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUENO, Roberto. A centralidade do argumento neoliberal em Von Mises, Hayek e Friedman: uma via para a crítica política contemporânea. In: **Ciências Sociais Aplicadas em Revista - UNIOESTE/MCR** - v. 12 - n. 23 - 2º sem. 2012 - pp. 9-34.

BUGEL, Talia. Em entrevista concedida via e-mail à Francielli Cristina Campiolo. Maio, 2017.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CASSETA & PLANETA. **TV Pirata, a diversão está de volta.**

**Humorístico foi sucesso de público e crítica. 2011.** Disponível em:

<http://www.casseta.com.br/sobre-o-grupo/claudio-manoel/>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

CHAGAS, Adélia. Em entrevista concedida via Skype à Francielli Cristina Campiolo. Setembro, 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar, percursos e géneros do jornalismo português e brasileiro**. 1ªed: fevereiro de 1998. Jortejo Edições. Santarém, Portugal.

De La Luz, Yolanda De Jesús. Carpentier y Galeano: Constructores de una Conciencia Histórica Latinoamericana. In: **Revista Estudios Latinoamericanos**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2004. pp. 14-15.

DULCI, Luiz. Vastos horizontes. **Atenção!**, 1996, p. 84.

Faustino, Silvia. Derrida e a linguagem. In: **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/derrida-e-a-linguagem/>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

FERRETJANS, Daniel Álvarez. **Historia de la prensa en el Uruguay: desde la Estrella del sur a internet**. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2008.

FIDALGO, Joaquim. Novos desafios para a imprensa escrita e para o jornalismo. In: PINTO, Manuel [et al.], coord. **A comunicação e os media em Portugal (1995-1999): cronologia e leitura de tendências**. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2000. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7637>. Acesso em: 14 de outubro de 2017).

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema** (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php-179076/mod\\_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php-179076/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf). Acesso em: 5 de julho de 2018.

GALEANO, Eduardo. Era un hombre que hacia el viaje al revés in Homenaje a Cortázar. In: **Revista La Maga**. Buenos Aires: 1994. Disponível em: [http://www.oocities.org/julio cortazar\\_arg-/dossier1.htm#mb](http://www.oocities.org/julio cortazar_arg-/dossier1.htm#mb). Acesso em: 23 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **Apuntes para un auto-retrato**. In: Caravelle. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien. Toulouse, 1984, n. 43, pp. 153-155.

\_\_\_\_\_. **Revista Casa de las Américas**, conversa com Jorge Ruffinelli, No. 281 octubre-diciembre/2015 pp. 128-137, p. 135.

\_\_\_\_\_. **De las venas abiertas de América Latina a Memoria del Fuego**. Charla de Eduardo Galeano em Paysandú. Diálogos universitarios, Universidad de la República. 1987, Montevideo.

\_\_\_\_\_. Depoimento a Marcos Faerman. **Ex- entrevista Crisis, com provas de muita simpatia**. Ex- (SP), n. 11, jun. 1975 – Marcos Faerman. pp. 8-13 Disponível em:

<http://www.marcosfaerman.jor.br/EX11.html?vis=facsimile>. Acesso em: 19 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **Las palabras andantes**. Catálogos, 2001. 5ª edição. Disponível em: <https://static.telesurtv.net/filesOnRFS/news/2015/04/13/-laspalabrasandantes.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. In: **Revista Casa de las Américas**. n. 281 octubre-diciembre/2015 pp. 128-137, p. 135. Disponível em: <http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/revistacasa/281/notas.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **SANGUE LATINO**. 2010, disponível em <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5615115/>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrevista, Días y noches de amor y de guerra. In: **Revista Casa de las Américas**, n. 281. México: Ediciones Era, octubre-diciembre/2015, pp. 128-137. Disponível em: <http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/revistacasa/281/notas.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. Em entrevista concedida a Oscar Gutiérrez e publicada no jornal **El País**, em 10 de setembro de 2010. Disponível em: [goo.gl/qofApw](http://goo.gl/qofApw). Acesso em: 21 de junho de 2017.

GATTI, Daniel. Huellas. In: **Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Libro digital, EPUB.

GRÁCIO, Rui Alexandre; MOSCA, Lineide Salvador. A importância da Nova Retórica para a compreensão de textos opinativos. In: **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

HERÉDIA, Leila. A retórica Jornalismo. In: **Revista Rêtoriké**. n. 1. Labcom – Laboratório de Comunicação e Conteúdos online. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal, 2008. Disponível em: <http://www.rhetorike.ubi.pt/01/>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

IJUM, Jorge Kanehide. O real e o poético na narrativa jornalística. In: Revista **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/464/386>. Acesso em 03 junho de 2018.

INSTITUTO LULA. **Luiz Soares Dulci, diretoria – triênios 2011/2014 e 2014/2017**. Disponível em: <http://www.institutolula.org/missao#luiz-soares-dulci>. Acesso em: 06 de novembro de 2017.

JÁ. Lisboa. Ano 0 n. 0, 14 de março de 1996.

JITRIK, Noé. ARGUEDAS: REFLEXIONES Y APROXIMACIONES. In: JITRIK, Noé. **La vibración del presente. Trabajos críticos y ensayos sobre textos y escritores latinoamericanos**. Edición digital a partir de México, Fondo de Cultura Económica, 1987. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-vibracion-del-presente-trabajos-criticos-y-ensayos-sobre-textos-y-escriitores-latinoamericanos-788283/>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

JORNADA SEMANAL. **Juan Rulfo y Eduardo Galeano, admiraciones mutuas**. Disponível em: <http://semanal.jornada.com.mx/2017/07/24/juan-rulfo-y-eduardo-galeano-admiraciones-mutuas-y-otros-vasos-comunicantes-6710.html>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

KOVACIC, F. **Galeano: apuntes para una biografía**. 1ª ed. Buenos Aires: Ediciones B Argentina, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. Publicação Original 1ª ed., 1991; Editora Página Aberta Ltda. 2ª ed., 2001, Edusp. Disponível em: [http://kucinski.com.br/pdf/livros\\_jornrevPrint.pdf](http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf). Acesso em: 10 de outubro de 2017.

LAGOS, José Gabriel. El fuego camina contigo. In: **La diária**. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/articulo/2015/4/el-fuego-camina-contigo/> Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Quem somos**. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/a-diplomatique-brasil/>. Acesso em: 8 de novembro de 2017.

LÓPEZ MENA, Sergio (2005). Juan Rulfo: Su vida, su tiempo y su obra. In: **Revista Iberoamericana**, 16, pp. 201-218. Disponível em: <http://s-space.snu.ac.kr/bitstream/10371/69337/3/1541050110.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

LOUREIRO, Ana Paula. **TV Pirata, a diversão está de volta**. Disponível em: <http://canalviva.globo.com/programas/tv-pirata/materias/tv-pirata-um-sucesso-de-volta.htm>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

MANOEL, Claudio. O que você vai ser quando crescer?. **Atenção!**, 1995, p. 82.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MATEOS, Simone Biehler. Em entrevista concedida via e-mail à Francielli Cristina Campiolo. Setembro, 2017.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Literatura uruguaya del medio siglo**. Montevideo: Alfa, 1966.

MONTIPÓ, Criselli. **Narrativa jornalística e diversidade sociocultural: a tessitura das reportagens da revista Brasileiros**. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil, 2012.

MORAES, Vaniucha de. **Realidade (re)vista: o papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2010.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

MULLAN, Michael. Manuel Vázquez Montalbán, Creator of Spain's most famous fictional detective. In: **The Guardian**. 2003 Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2003/oct/21/-guardianobituaries.booksobituaries.1>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

NEPOMUCENO, Eric. Em entrevista concedida via e-mail à Francielli Cristina Campiolo. Outubro, 2017.

NÓBREGA, Thelma Médici (2006) Transcrição e hiperfidelidade. In: **Cadernos de Literatura em Tradução** (n. 7, pp.249-255). São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/49417-/53490>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

NOVOA, José Luis. La palabra perdida. In: **Eduardo Galeano, un ilegal en el paraíso**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Libro digital, EPUB.

ORTEGA, Julio, José María Arguedas. **Revista Iberoamericana**, pp. 77-86. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/2401/2592>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

PALAVERSICH, Diana. **Silêncio voz y escritura em Eduardo Galeano**. Luis A. Retta Libros Editor. Montevideo, 1995.

PESSOA, Maria do Socorro. A análise retórica de acordo com Perelman. In: **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 5, n.1, pp. 135-151. 2004. Disponível em: <https://www.olibat.com.br/-documentos/perelman.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado da argumentação**; [prefácio Fábio Ulhôa Coelho; tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira]. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. 1ª edição.

PREGO GADEA, Omar. Palabras y Cenizas in Prego Gadea, Omar (Ed.). **Miradas sobre Onetti**. Montevideo: Santillana, 1995, p. 12-21.

RAMA, Angel. La generación crítica (1939-1969). In: **Uruguay hoy**. pp. 326-402. Montevideo: Arca, 1972.

REDAÇÃO CNTU. **João Guilherme Vargas Netto, um cientista da construção da unidade sindical.** Disponível em: [goo.gl/cKnmre](http://goo.gl/cKnmre). Acesso em: 15 de outubro de 2017.

REVISTA IPOTESI. **O ensaio latino americano como vetor da construção identitária.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/14-O-ensaio-latino-americano-como-vetor-da-constru%C3%A7%C3%A3o-identit%C3%A1ria-e.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SANTOS, Theotônio dos. **A teoria da dependência. Balanços e perspectivas.** Rio de Janeiro, 1998.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2003.

SIERRA, M. Carmen de. **Carlos Quijano y Marcha. Una visión transformadora del Uruguay y América Latina (1939-1974).** Volumen 1. Montevideo: Ediciones de Brecha, 2015.

SUMMA, Giancarlo. Em entrevista concedida via Skype à Francielli Cristina Campiolo. Agosto, 2017.

THE NATION. **About The Nation.** Disponível em: <https://www.thenation.com/about-us-and-contact/>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

UGARTE, Álex Ayala. Las guardianas de la montaña. In: **Galeano, un ilegal en el paraíso.** 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016b. Libro digital, EPUB.

VARGAS NETTO, João Guilherme. Com Krasucki e o Che em Paris. **Atenção!**, 1997, p. 22.

## **EDIÇÕES DA REVISTA ATENÇÃO!**

ATENÇÃO!. São Paulo: Página Aberta, edição de lançamento, ano 1, n.0, outubro 1995a.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 1, nº1, novembro 1995b.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 1 nº2, dez, 1995/jan, 1996.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº3, fevereiro 1996a.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº4, edição fechada em 1º de março de 1996b.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº5, edição fechada em 1º de abril de 1996c.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº6, edição fechada em 21 de maio de 1996d.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº7, edição fechada em 12 de julho de 1996e.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº8, edição fechada em 23 de setembro de 1996f.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 2 nº9, edição fechada em 22 de novembro de 1996g.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Página Aberta, ano 3, nº10, 1997.

### **ARTIGOS DE EDUARDO GALEANO EM ATENÇÃO!**

GALEANO, Eduardo. O computador e eu. Revista **Atenção!**. São Paulo, ano 1, n.0, p. 67, out. 1995.

\_\_\_\_\_. A escola do crime. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 1, n.2, p. 48, dez 95/jan 1996.

\_\_\_\_\_. Notícias dos ninguéns. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n.3, p. 70, fev. 1996a.

\_\_\_\_\_. A automovelcracia. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n.4, p. 54, mar. 1996b.

\_\_\_\_\_. A automovelcracia (II) – Liturgia do divino motor. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n. 5, p. 50, abr. 1996c.

\_\_\_\_\_. A automovelcracia (III) – O anjo exterminador. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n. 6, p. 52, mai. 1996d.

\_\_\_\_\_. A automovelcracia (IV) – Os espelhos do paraíso. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n. 7, p. 54, jul. 1996e.

\_\_\_\_\_. O pecado de ser original. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n. 8, p. 52, set. 1996f.

\_\_\_\_\_. A infância como perigo. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 2, n. 9, p. 52, nov. 1996g.

\_\_\_\_\_. O direito de sonhar. **Revista Atenção!**. São Paulo, ano 3, n. 10, p. 62, 1997.



## ANEXO A – “O computador e eu”

veias abertas

## O computador e eu

EDUARDO GALEANO

**A**QUIM QUE CHEGUEI em território norte-americano, me aproximei de um computador e apertei a tecla *reclamações*. Minhas velhas convicções antiimperialistas me impulsionaram a protestar contra o muro que os Estados Unidos estão levantando na fronteira com o México. Eu achava que aquela imensa parede de aço tinha um propósito de impedir a livre circulação das pessoas, ao mesmo tempo em que o Tratado de Livre Comércio assegurava a livre circulação de capitais, e isso não me parecia bem. Mas o computador esclareceu a confusão em minha alma:

– Não é um muro – explicou. É uma obra de arte. Um gigantesco monumento erguido em memória aos mártires do objeto Muro de Berlim.

Então apertei a tecla *dúvidas*. Ocorreu-me questionar o caso das leis contra os imigrantes. Leis já aprovadas, como a 187 da Califórnia (que suprime os direitos dos imigrantes ilegais) e leis anunciadas, como as que ameaçam suprimir também os direitos dos imigrantes legais. Minha dúvida era: estas leis se propõem a beneficiar os índios? Sendo os Estados Unidos uma nação de imigrantes, apenas os indígenas, os *native americans*, permaneceriam a salvo dessas medidas. Parecia-me um gesto comovedor; uma expiação histórica, depois de tanto crime e de tanto desprezo. Mas a máquina esclareceu-me as coisas: na América, imigrantes são todos, inclusive os índios. Eles vieram da Ásia, trinta mil anos atrás. As leis não fazem exceções.

Apertei a tecla *iniciativas*. Perguntei se já existia algum projeto para fabricar uma tinta mágica, que fosse capaz de cobrir a mão-de-obra latino-americana para torná-la invisível todo dia, ao pôr do sol, depois das horas de trabalho nos campos e nas ruas do norte. Essa tinta poderia evitar a incômoda presença dos trabalhadores braçais mexicanos e centro-americanos nas praças, cinemas, restaurantes e outros lugares públicos dos vilarejos e cidades dos Estados Unidos. – Ainda não – informou o computador.

Apertei novamente a tecla *iniciativas*. Perguntei se não tinha ocorrido a ninguém a ideia de abrir uma embaixada dos Estados Unidos da América nos Estados Unidos da América, sediada em Washington, para que a CIA pudesse organizar golpes de Estado também em seu próprio país.

– Ainda não – repetiu o computador. Voltei para a tecla *dúvidas*. Perguntei: será que não é um erro chamar de Secretaria da Defesa o órgão do governo que se ocupa da força militar dos Estados Unidos? Será que não é um erro chamar



*Apertei novamente a tecla iniciativas. Perguntei se não tinha ocorrido a ninguém a ideia de abrir uma embaixada dos Estados Unidos da América nos Estados Unidos da América, sediada em Washington, para que a CIA pudesse organizar golpes de Estado também em seu próprio país.*

de Orçamento de Defesa a verba que a sustenta? *Defesa* parecia uma palavra errada, tendo em vista que os Estados Unidos jamais foram invadidos por ninguém e, no entanto, dedicaram-se a invadir os outros, desde o comecinho de sua vida independente, numa média de uma invasão por ano. E por que essas despesas com *defesa* continuam tão enormes, quase o dobro que em 1980? *Defesa* contra quem, se agora os russos são bons? Com impaciência cibernética, a máquina cortou-me o discurso e colocou as coisas no seu lugar:

– O mundo ameaça – explicou. Não é possível confiar em ninguém. Os bons de ontem podem ser os maus de hoje. Os bons de hoje podem ser os maus de amanhã.

Agradei a informação, mas pedi ao computador que me desse um exemplo, sem o intuito de abusar da boa vontade da tecnologia.

– O fumo – respondeu a máquina.

Naquela hora, minha cabeça se iluminou. Me dei conta de que essa era uma enorme verdade: ontem o cigarro fora bom, nos lábios de Humphrey Bogart ou do caubói de Marlboro, mas hoje é ruim. Péssimo. Os Estados Unidos declararam a guerra santa contra o fumo. Como seu ignorante, perguntei: por quê? Proíbe-se o cigarro porque dá câncer ou porque dá prazer?

Então o computador se desligou. E eu fiquei sem saber se os *marines* invadiriam os países fumantes para salvar o mundo do pecado da fumaça. Sendo que não há mais inimigos à vista, essa parecia uma possibilidade promissória para o Pentágono e seu orçamento.

A máquina recusou-se a continuar funcionando. Não me surpreendeu. Nunca confiei nos computadores. Sempre tive a impressão de que eles bebem à noite, quando ninguém os vê. —

AVANCE Consulta la portada de EL PAÍS, Edición Europa, del domingo 20 de agosto »

TRIBUNA:

## *El ordenador y yo*

EDUARDO GALEANO

23 SEP 1995

No bien llegué a territorio norteamericano, me acerqué a un ordenador y pulsé la tecla *Quejas*. Mis viejas convicciones antiimperialistas me impulsaron a protestar contra el muro que Estados Unidos está levantando en la frontera con México. Yo creía que esa vasta pared de acero se proponía impedir la libre circulación de las personas, al mismo tiempo que el Tratado de Libre Comercio aseguraba la libre circulación del dinero, y eso no me parecía bien. Pero el ordenador despejó la confusión de mi espíritu: «No es un muro -explicó- Es una obra de arte. Un gigantesco monumento que se erige en memoria de los mártires del oprobioso muro de Berlín.

Entonces pulsé la tecla *Dudas*. Se me ocurrió plantear el caso de las leyes contra los inmigrantes. Leyes ya aprobadas, como la 187 de California, que suprime los derechos de los inmigrantes ilegales, y leyes anunciadas, como las que amenazan suprimir también los derechos de los inmigrantes legales. Mi duda era: ¿se proponen estas leyes beneficiar a los indios? Siendo Estados Unidos una nación de inmigrantes, sólo los indígenas, los *native americans*, quedarían a salvo de esas medidas. Me parecía un gesto conmovedor: una expiación histórica, al cabo de tanto crimen y de tanto desprecio. Pero la máquina me aclaró las cosas: en América, inmigrantes son todos, y los indios también. Ellos vinieron desde Asia, hace treinta mil años. Las leyes no tendrán excepciones.

Pulsé la tecla *Iniciativas*. Pregunté si ya existía algún proyecto para fabricar una tinta mágica que fuera capaz de bañar a la mano de obra latinoamericana para hacerla invisible, cada día, a la caída del sol, después de las horas de trabajo en los campos y las calles del norte. Esa tinta podría evitar la molesta presencia de los braceros mexicanos y centroamericanos en las plazas, cines, restaurantes y otros lugares públicos de los pueblos y ciudades de Estados Unidos.

•No todavía -repitió el ordenador.

Volví a pulsar la tecla *Iniciativas*. Pregunté si a nadie se le había ocurrido la idea de abrir una embajada de Estados Unidos de América en Estados Unidos de América, con sede en Washington, para que la CIA pudiera organizar golpes de Estado también en su propio país.

•No todavía -repitió el ordenador.

Regresé a la tecla *Dudas*. Pregunté: ¿no será un error que se llame Secretaría de Defensa al órgano de gobierno que se ocupa de la fuerza militar de Estados Unidos? ¿No será un error llamar presupuesto de Defensa al dinero que la alimenta? *Defensa* me parecía una palabra equivocada, teniendo en cuenta que Estados Unidos no ha sido jamás invadido por nadie, pero en cambio se ha dedicado a invadir a los demás, desde los albores de su vida independiente, a un promedio de una invasión por año. ¿Y por qué esos gastos de Defensa siguen siendo tan enormes, casi el doble que en 1980? ¿Defensa contra quién, si ahora los rusos son buenos? Con cibernética impaciencia, la máquina me cortó el discurso y puso las cosas en su lugar:

El mundo amenaza -explicó- No se puede confiar en nadie. Los buenos de ayer pueden ser los malos de hoy. Los buenos de hoy pueden ser los malos de mañana.

Yo agradecí la información, pero pedí al ordenador que me diera un ejemplo, sin ánimo de abusar de la buena voluntad de la tecnología.-El tabaco -respondió la máquina.

En ese momento se me iluminó la cabeza. Me di cuenta de que ésa era una tremenda verdad: ayer el cigarrillo había sido bueno, en los labios de Humphrey Bogart o del vaquero de Marlboro, pero hoy es malo. Malísimo. Estados Unidos ha declarado la guerra santa contra el cigarrillo. Ignorante de mí, pregunté: ¿por qué? ¿Se prohíbe el cigarrillo porque da cáncer, o porque da placer?

Entonces el ordenador se desconectó. Y yo me quedé sin saber si los *marines* iban a invadir a los países fumantes para salvar al mundo del pecado del humo. No habiendo más enemigos a la vista, ésa me parecía una promisoría posibilidad para el Pentágono y su presupuesto.

La máquina se negó a seguir funcionando. No me sorprendió. Yo nunca he tenido confianza en los ordenadores. Siempre he sospechado que ellos beben de noche, cuando nadie los ve.

---

Eduardo Galeano es escritor uruguayo.

\* Este artículo apareció en la edición impresa del Sábado, 23 de septiembre de 1995

---

#### ARCHIVADO EN:

[Opinión](#) - [Racismo](#) - [Derechos humanos](#) - [Estados Unidos](#) - [Delitos odio](#) - [Discriminación](#) - [Prejuicios](#) - [Delitos](#) - [Problemas sociales](#) - [Justicia](#) - [Sociedad](#)

#### CONTENIDO PATROCINADO

#### Y ADEMÁS...



**Belluscio responde a Arancha de Benito con una imagen**

(TIKITAKAS)



© EDICIONES EL PAÍS S.L.

[Contacto](#) | [Venta de contenidos](#) | [Publicidad](#) | [Aviso legal](#) | [Política cookies](#) | [Mapa](#) | [EL PAÍS en KIDSKOyMÁS](#) | [Índice](#) | [RSS](#)

---

## ANEXO B – “A escola do crime”

 48  
 Novembro  
 Atenção

veias abertas

## A escola do crime

EDUARDO GALEANO

**E**CONOMIA DE IMPORTAÇÃO, cultura de impostação, reino da frescura: somos todos obrigados a embarcar no cruzeiro da modernização. Nas águas do mercado, a maioria dos navegantes está condenada ao naufrágio; mas a dívida externa não – por conta de todos – as passagens da minoria que viaja em primeira classe. Os empréstimos da banca mundial, que permitem abarrotar a minoria consumidora com coisas inúteis, atuam a serviço da *bucanisse* de nossas classes médias e da reprodutora *esrobisse* de nossas classes altas; e a televisão se encarrega de transformar em necessidades reais, as demandas artificiais que o norte do mundo inventa incansavelmente, despejando-as com sucesso sobre o sul e o leste.

Mas, o que acontece com os milhões e milhões de jovens latino-americanos condenados ao desemprego ou aos salários de fome? Entre eles, a publicidade não estimula a compra e sim a violência: entre elas, estimula a prostituição. Os anúncios proclamam: quem não tem, nada é. Quem não tem carro, ou sapatos importados, ou perfumes importados, é um zé-ninguém, um lixo; e assim, a cultura do consumo dá aulas à multidão de alunos da Escola do Crime.

Ao se apoderar dos fetiches que atestam existência às pessoas, cada assaltante quer ser como a sua vítima. A TV oferece o serviço completo: não somente ensina a confundir a qualidade de vida com a quantidade de coisas, como também oferece diariamente cursos audiovisuais de violência, complementados pelos videogames. O crime é o programa de maior sucesso da telinha. Bata antes que te batam, aconselham os professores eletrônicos de crianças e jovens. Você está só, não pode contar com ninguém. Carros que voam, pessoas que explodem: você também pode matar.

Cresem as cidades – as cidades latino-americanas já são as maiores do mundo – e junto com as cidades, a um ritmo apavorante, cresce o delito. Cidades insones: uns não dormem tentando conseguir as coisas que não têm, outros não dormem por medo de perder o que já têm.

A ansiedade consumista não é a única professora na Escola do Crime. Ela atua em parceria com a injustiça social, mestre eficientíssima em sociedades onde a opulência ofende escandalosamente a fome; além delas, também contribui a impunidade do poder, que passa lições de mau exemplo em sociedades onde os mandatários matam e roubam sem remorso nem castigo.

Este mundo de fim de século, que a todos convida para o banquete, porém bate a porta na cara da maioria, é ao mesmo tempo igualador e desigual. Nunca antes o mundo foi tão desigual nas oportunidades oferecidas, mas também nunca foi tão igualador nas ideias e costumes que impõe. O igualamento obrigatório, que atua contra a diversidade cultural do bicho

humano, impõe um totalitarismo simétrico ao totalitarismo da desigualdade da economia, imposto pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e por outros fundamentalistas da liberdade do dinheiro. No mundo sem alma que somos obrigados a aceitar como o único possível, não existem povos e sim mercados; não existem cidadãos e sim consumidores; não existem nações e sim empresas; não existem cidades e sim aglomerações; não existem relações humanas e sim competição mercantil.

Nunca antes foi tão pouco democrática a economia mundial, nunca antes foi o mundo tão escandalosamente injusto. A desigualdade duplicou em trinta anos. Em 1960, 20% da humanidade – os que mais tinham – era trinta vezes mais rica do que os 20% mais necessitados. Em 1990, a diferença entre a prosperidade e o desamparo havia dobrado para sessenta vezes. E nos extremos dos extremos, entre os ricos riquíssimos e os pobres pobríssimos, o abismo é bem mais profundo. Somando-se as fortunas privadas que ano após ano desfilam obscenamente pelas páginas pornofinanceiras das revistas *Forbes* e *Fortune*, chegamos à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente da mesma riqueza de 1,5 bilhão de pessoas.

Ha quem: meça o desigualmente. O Banco Mundial, que tanto faz para multiplicá-lo, chega a admiti-lo, por exemplo, em seu World Development Report, de 1993. E as Nações Unidas também confirmam (United Nations Development Programme, Human Development Report, 1994). O igualamento cultural, ao contrário, não pode ser medido. Seus demolidores progressos, no entanto, saltam aos olhos. Os meios de comunicação da era eletrônica, em sua maioria a serviço da incomunicação humana, nos dão o direito de escolher entre o mesmo e o mesmo, num tempo

esvaziado de história e num espaço universal que procura negar as suas partes o direito à identidade. E cada vez mais unânime a adoração dos valores da sociedade de consumo.

A economia mundial precisa de um mercado de consumo em constante expansão para não derrubar suas margens de lucro, mas ao mesmo tempo precisa, pela mesma razão, de braços que trabalhem a preço de banana nos países do sul e do leste do planeta. O segundo paradoxo é filho do primeiro: o norte dita ordens de consumo cada vez mais impositivas, dirigidas ao sul e ao leste, no sentido de multiplicarem seus consumidores, mas terminam multiplicando, numa medida bem maior, seus delinquentes. O convite ao consumo é um convite ao delito. Lendo as páginas policiais dos jornais aprende-se mais sobre as contradições sociais do que nas páginas sindicais ou políticas. Nelas se encontram as alegres mensagens de morte emitidas pela sociedade de consumo.

Os anúncios  
proclamam: quem  
não tem, nada é.  
Quem não tem carro  
ou sapatos e perfumes  
importados, é um  
zé-ninguém,  
um lixo.





TRIBUNA:

***La escuela del crimen***

EDUARDO GALEANO

11 JUL 1996

Economía de importación, cultura de impostación, reino de la tilingüería: estamos tordos obligados a embarcarnos en el crucero de la modernización. En las aguas del mercado, la mayoría de los navegantes está condenada al naufragio; pero la deuda externa paga, por cuenta de todos, los pasajes de la minoría que viaja en primera clase. Los empréstitos de la banquería mundial, que permiten atiborrar de nuevas cosas inútiles a la minoría consumidora, actúan al servicio del purapintismo de nuestras clases medias y de la copiantitis de nuestras clases altas; y la televisión se encarga de convertir en necesidades reales a las demandas artificiales que el norte del mundo inventa sin descanso y exitosamente proyecta sobre el sur y sobre el este. Pero ¿qué pasa con los millones y millones de jóvenes latinoamericanos condenados a la desocupación o a los salarios de hambre? Entre ellos, la publicidad no estimula la demanda, sino la violencia; entre ellas estimula la prostitución. Los avisos proclaman que quien no tiene no es: quien no tiene auto, o zapatos importados, o perfumes importados, es un nadie, una basura; y así la cultura del consumo imparte clases para el multitudinario alumnado de la escuela del crimen.

Al apoderarse de los fetiches que brindan existencia a las personas, cada asaltante quiere ser como su víctima. La tele ofrece el servicio completo: no sólo enseña a confundir la calidad de vida con la cantidad de cosas, sino que además brinda cotidianos cursos audiovisuales de violencia, que los videojuegos complementan. El crimen es el espectáculo más exitoso de la pantalla chica. "Golpea antes de que te golpeen", aconsejan los maestros electrónicos de niños y jóvenes. "Estás solo, sólo cuentas contigo". Coches que vuelan, gente que estalla: "Tú también puedes matar".

Crece las ciudades, las ciudades latinoamericanas ya están siendo las más grandes del mundo, y con "las ciudades, a ritmo de pánico, crece el delito. Ciudades insomnes: unos no duermen por la necesidad de atrapar las cosas que no tienen, otros no duermen por el miedo de perder las cosas que tienen.

La ansiedad consumidora no es la única profesora de la escuela del crimen. Ella actúa acompañada por la injusticia social, una profesora muy eficaz en sociedades donde la opulencia ofende escandalosamente al hambre, y también dicta allí sus lecciones la impunidad del poder, que enseña predicando con el mal ejemplo en sociedades donde los que mandan matan y roban sin remordimiento ni castigo.

Este mundo del final de siglo, que convida a todos al banquete pero cierra la puerta en las narices de la mayoría, es al mismo tiempo igualador y desigual. Nunca el mundo ha sido tan *desigual* en las oportunidades que brinda, pero tampoco ha sido nunca tan *igualador* en las ideas y las costumbres que impone. La *igualación* obligatoria, que actúa contra la diversidad cultural del bicho humano, impone un totalitarismo simétrico al totalitarismo de la *desigualdad* de la economía, impuesto por el Banco Mundial, el Fondo Monetario Internacional y otros fundamentalistas de la libertad del dinero. En el mundo sin alma que se nos obliga a aceptar como único mundo posible no hay pueblos, sino mercados; no hay ciudadanos, sino consumidores; no hay naciones, sino empresas; no hay ciudades, sino aglomeraciones; no hay relaciones humanas, sino competencias mercantiles.

Nunca ha sido menos democrática la economía mundial, nunca ha sido el mundo más escandalosamente injusto. La desigualdad se ha *duplicado* en treinta años. En 1960, el 20% de la humanidad, el que más tenía, era treinta veces más rico que el 20% que más necesitaba. En 1990, la diferencia entre la prosperidad y el desamparo había crecido al doble, y era de sesenta veces. Y en los extremos de los extremos, entre los ricos riquísimos y los pobres pobrísimos, el abismo resulta mucho más hondo. Sumando las fortunas privadas que año tras año exhiben, con

obscena fruición, las páginas pornofinancieras de las revistas *Forbes* y *Fortune*, se llega a la conclusión de que 100 multimillonarios disponen actualmente de la misma riqueza que 1.500 millones de personas.

La desigualación económica tiene quien la mida. El Banco Mundial, que tanto hace por multiplicarla, la confiesa, por ejemplo, en su *World development report* de 1993. Y la confirman las Naciones Unidas (*United Nations development programme, Human development report*, 1994). La igualación cultural, en cambio, no se puede medir. Sus demoleedores progresos, sin embargo, rompen los ojos. Los medios de comunicación de la era electrónica, mayoritariamente puestos al servicio de la incomunicación humana, nos están otorgando el derecho a elegir entre lo mismo y lo mismo, en un tiempo que se vacía de historia y en un espacio universal que tiende a negar el derecho a la identidad de sus partes. Se hace cada vez más unánime la adoración de los valores de la sociedad de consumo.

La economía mundial necesita un mercado de consumo en perpetua expansión para que no se derrumben sus tasas de ganancia, pero a la vez necesita, *por la misma razón*, brazos que trabajen a precio de ganga en los países del sur y el este del planeta. La segunda paradoja es hija de la primera: el norte del mundo dicta órdenes de consumo cada vez más imperiosas, dirigidas al sur y al este, para multiplicar a los consumidores, pero en mucho mayor medida multiplica a los delincuentes.

La invitación al consumo es una invitación al delito. Leyendo las páginas policiales de los diarios se aprende más sobre las contradicciones sociales que en las páginas sindicales o políticas. Allí están los alegres mensajes de muerte que la sociedad de consumo emite.

---

Eduardo Galeano es escritor uruguayo.

\* Este artículo apareció en la edición impresa del Jueves, 11 de julio de 1996

---

#### ARCHIVADO EN:

Opinión · Globalización · Economía

#### CONTENIDO PATROCINADO

#### Y ADEMÁS...



**La prensa británica se rinde a Alice, la mujer de Morata**

(TIKITAKAS)



© EDICIONES EL PAÍS S.L.

Contacto | Venta de contenidos | Publicidad | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS en KIOSKOYMÁS | Índice | RSS |

---

## ANEXO C – “Notícias dos ninguéns”

 Dezembro  
 70  
 Atenção!

janelas abertas



# Notícias dos ninguéns

EDUARDO GALEANO

**A**TEVINTE OU TRINTA anos atrás, a pobreza era fruto da injustiça. A esquerda denunciava, o centro admitia, a direita raramente negava. Os tempos mudaram, e em muito pouco tempo: agora a pobreza é o justo castigo merecido pela ineficiência, ou simplesmente é um modo de expressão da ordem natural das coisas. A pobreza pode ser lamentada, mas não provoca mais indignação: existem pobres devido as regras do jogo ou por fatalidade do destino.

A mídia dominante, que mostra a atualidade do mundo como um espetáculo fugaz, alheio à realidade e vazio de memória, abençoa a organização da desigualdade crescente e ajuda a perpetuá-la. Nunca antes o mundo foi tão injusto na repartição dos pães e dos peixes, mas o sistema que rege o mundo, e que agora é pudorosamente chamado de *economia de mercado*, mergulha cada dia num banho de impunidade. O código moral deste fim de século não condena a injustiça, mas o fracasso.

Meses atrás, Robert McNamara, que foi um dos responsáveis pela Guerra do Vietnã, escreveu um longo arrependimento público. Seu livro, *In Retrospect* (Times Books, 1995), reconhece que essa guerra foi um erro. Mas essa guerra, que matou 3 milhões de vietnamitas e 58 mil norte-americanos, foi um erro porque não podia ser ganha, e não porque fosse injusta. O pecado está na derrota, não na injustiça. Segundo McNamara, já em 1965 o governo dos Estados Unidos dispunha de irrefutáveis evidências que demonstravam a impossibilidade da vitória de suas forças invasoras, mas continuou agindo como se a vitória fosse possível. O fato de que os Estados Unidos tivessem praticando o terrorismo internacional para impor ao Vietnã uma ditadura militar que os vietnamitas não queriam está fora de questão.

Em um sistema de recompensas e castigos, que concebe a vida como uma impiedosa corrida entre poucos ganhadores e muitos perdedores, o fracasso é o único pecado mortal. Com a violência ocorre o mesmo que com a pobreza. No sul do planeta, onde habitam os perdedores, a violência raramente aparece como um resultado da injustiça. A violência quase sempre é exibida como fruto da má conduta dos seres de terceira classe que habitam o chamado Terceiro Mundo, condenados à violência porque ela está na sua natureza: a violência corresponde, como a pobreza, à ordem natural, à ordem biológica ou talvez zoológica de um submundo que assim é porque assim sempre foi e assim continuará sendo.

As tradições, que perpetuam a maldição desde os mais escuros e fundos tempos, atam a serviço desta natureza cômica da desigualdade social, e proporcionam a explicação mágica para todos os horrores. A recente reunião mundial de mulheres em Pequim desencadeou uma onda de denúncias,

nos meios massivos de comunicação, a propósito de um costume aberrante: na Índia, na China, no Paquistão, na Coreia do Sul e em outros países asiáticos, milhões de meninas são assassinadas ao nascer. A mídia atribuiu o infanticídio sistemático apenas à *barbárie milenar*. Mas o desbalancamento da população asiática – cada vez mais homens, cada vez menos mulheres – tem se agudizado nos últimos anos. Será que este fato não tem a ver, talvez muito a ver, com a incorporação acelerada e brutal desses países na chamada *modernização*, através do desenvolvimento das indústrias exportadoras de baixíssimos custos? Os valores do mercado, valores dominantes no mundo de hoje, são inocentes desses crimes? O dilúvi da tradição pode absolver um sistema que taxa a preço vil a mão-de-obra feminina e transforma em desgraça o nascimento de meninas nos lares pobres?

Enquanto McNamara publicava seu livro sobre o Vietnã, dois países latino-americanos, Guatemala e Chile, chamaram, assombrosamente, a atenção da opinião pública norte-americana.

Um coronel do exército da Guatemala foi acusado pelo assassinato de um cidadão dos Estados Unidos e pela tortura e morte do marido de uma cidadã dos Estados Unidos. Revelou-se que havia vários anos esse coronel recebia salário da CIA. Mas a mídia, que divulgou muita informação sobre o escandaloso assunto, deu pouca importância ao fato de que a CIA vem financiando assassinos e pondo e tirando governos na Guatemala desde 1954. Naquele ano, a CIA organizou – com a aprovação do presidente Eisenhower – o golpe de Estado que derubou o governo democrático de Jacobo Arbenz. O banho de sangue que a Guatemala vem sofrendo desde então foi sempre considerado *natural* e poucas vezes chamou a atenção das fábricas de opinião pública. Não menos de 100 mil

vidas humanas foram sacrificadas; mas foram vidas guatemaltecas e, em sua maioria e cúmulo do desprezo, vidas indígenas.

Ao mesmo tempo em que revelava a história do coronel na Guatemala, a mídia informou que dois altos oficiais da ditadura de Pinochet tinham sido condenados à prisão no Chile. O assassinato de Osvaldo Letelier constituiu uma exceção à norma da impunidade e este detalhe não foi mencionado. Impunemente, os militares que em 1973 assaltaram o poder no Chile cometeram muitos outros crimes, com a colaboração confessa do presidente Nixon. Letelier tinha sido assassinado com sua secretária norte-americana, na cidade de Washington. O que teria acontecido se tivesse caído em Santiago do Chile, ou em qualquer outra cidade latino-americana? O que aconteceu com o general chileno Carlos Prats, impunemente assassinado, junto com sua esposa também chilena, em Buenos Aires, em 1974?

*Agora a pobreza é o justo castigo merecido pela ineficiência, ou simplesmente é um modo de expressão da ordem natural das coisas.*



AVANCE

Consulta la primera página de EL PAÍS, Edición Europa, del 20 de mayo »

TRIBUNA:

## ***Noticias de los nadies***

EDUARDO GALEANO

27 ENE 1996

Hasta hace 20 o 30 años, la pobreza era fruto de la injusticia. Lo denunciaban las izquierdas, lo admitía el centro, rara vez lo negaban las derechas. Mucho han cambiado los tiempos en tan poco tiempo: ahora la pobreza es el justo castigo que la ineficiencia merece o, simplemente, es un modo de expresión del orden natural de las cosas. La pobreza puede merecer lástima, pero ya no provoca indignación: hay pobres por ley de juego o fatalidad del destino. El código moral de este fin de siglo no condena la injusticia, sino el fracaso.

Hace unos meses, Robert McNamara, que fue uno de los responsables de la guerra de Vietnam, escribió un largo arrepentimiento público. Su libro *In retrospect* (Times Books, 1995) reconoce que esa guerra fue un error. Pero esa guerra, que mató a tres millones de vietnamitas y a 58.000 norteamericanos, fue un error *porque no se podía ganar*, y no porque fuera injusta. El pecado está en la derrota, no en la injusticia.

Con la violencia ocurre lo mismo que ocurre con la pobreza. Al sur del planeta, donde habitan los perdedores, la violencia rara vez aparece como un resultado de la injusticia. La violencia casi siempre se exhibe como el fruto de la mala conducta de los eres de tercera clase que habitan el llamado Tercer Mundo, condenados a la violencia porque ella está en su naturaleza: la violencia corresponde, como la pobreza, al orden natural, al orden biológico o quizá zoológico de un submundo que así es porque así ha sido y así seguirá siendo.

Mientras McNamara publicaba su libro sobre Vietnam, dos países latinoamericanos, Guatemala y Chile, atrajeron, por asombrosa excepción, la atención de la opinión pública norteamericana.

Un coronel del Ejército de Guatemala fue acusado del asesinato de un ciudadano de Estados Unidos y de la tortura y muerte del marido de una ciudadana de Estados Unidos. Desde hacía unos cuantos años, se reveló, ese coronel cobraba sueldo de la CIA. Pero los medios de comunicación, que difundieron bastante información sobre el escandaloso asunto, prestaron poca importancia al hecho de que la CIA viene financiando asesinatos y poniendo y sacando Gobiernos en Guatemala desde 1954. En aquel año, la CIA organizó, con el visto bueno del presidente Eisenhower, el golpe de Estado que volteó al Gobierno democrático de Jacobo Arbenz. El baño de sangre que Guatemala viene sufriendo desde entonces ha sido siempre considerado natural, y raras veces ha llamado la atención de las fábricas de opinión pública. No menos de 100.000 vidas humanas han sido sacrificadas, pero esas han sido vidas guatemaltecas y, en su mayoría, para cohno del desprecio, vidas indígenas.

Al mismo tiempo que revelaban lo del coronel en Guatemala, los medios informaron de que dos altos oficiales de la dictadura de Pinochet habían sido condenados a prisión en Chile. El asesinato de Oswaldo Letelier constituía una excepción a la norma de la impunidad, y este detalle no fue mencionado. Impunemente habían cometido muchos otros crímenes los militares que en 1973 asaltaron el poder en Chile, con la colaboración confesa del presidente Nixon. Letelier había sido asesinado, con su secretaria norteamericana, en la ciudad de Washingtoni ¿Qué hubiera ocurrido si hubiera caído en Santiago de Chile o en cualquier otra ciudad latinoamericana? ¿Qué ocurrió con el general chileno Carlos Prats, impunemente asesinado, con su esposa, también chilena, en Buenos Aires, en 1970

Automóviles imbatibles, jabones prodigiosos, perfumes excitantes, analgésicos mágicos: a través de la pantalla chica, el mercado hipnotiza al público consumidor. A veces, entre aviso y aviso, la televisión cuele imágenes de hambre y guerra. Esos horrores, esas fatalidades, vienen del otro mundo, donde el infierno acontece, y no hacen más que destacar el carácter paradisiaco de las ofertas de la sociedad de consumo. Con frecuencia, esas imágenes vienen de África. El hambre africana se exhibe como una catástrofe natural, y las guerras africanas no enfrentan a etnias, pueblos o regiones, sino a *tribus*, y no son más que cosas de *negros*. Las imágenes del hambre jamás aluden, ni siquiera de paso, al saqueo colonial. Jamás se menciona la responsabilidad de las potencias occidentales que

ayer desangraron África a través de la trata de esclavos y el monocultivo obligatorio y hoy perpetúan la hemorragia pagando salarios enanos y precios de ruina. Lo mismo ocurre con las imágenes de las guerras: siempre el mismo silencio sobre la herencia colonial, siempre la misma impunidad para los inventores de las fronteras falsas que han desgarrado África en más de cincuenta pedazos, y para los traficantes de la muerte, que desde el Norte venden las armas para que el Sur haga las guerras. Durante la guerra de Ruanda, que brindó las más atroces imágenes en 1994 y buena parte de 1995, ni por casualidad se escuchó en la *tele* la menor referencia a la responsabilidad de Alemania, Bélgica y Francia. Pero las tres potencias coloniales habían contribuido sucesivamente a hacer añicos la tradición de tolerancia entre los tutsis y los hutus, dos pueblos que habían convivido pacíficamente, durante varios siglos, antes de ser entrenados para el exterminio mutuo.

**Eduardo Galeano** es escritor uruguayo.

---

\* Este artículo apareció en la edición impresa del Sábado, 27 de enero de 1996

---

**ARCHIVADO EN:**

[Opinión](#) · [Tercer mundo](#) · [Latinoamérica](#) · [Geopolítica](#) · [América](#) · [África](#) · [Política](#)

**CONTENIDO PATROCINADO**

**Y ADEMÁS...**

© EDICIONES EL PAÍS S.L.

[Contacto](#) | [Venta de contenidos](#) | [Publicidad](#) | [Aviso legal](#) | [Política cookies](#) | [Mapa](#) | [EL PAÍS en KIOSKOyMÁS](#) | [Índice](#) | [RSS](#)

## ANEXO D – “A automovelcracia”

Atenção! Fevereiro 54



janelas abertas

# A automovelcracia

EDUARDO GALEANO

**S**EQÜESTRO DOS fins pelos meios: o supermercado o compra, o televisor lhe assiste, o automóvel o dirige. Os gigantes que fabricam automóveis e combustíveis, negócios quase tão rentáveis quanto armas e drogas, convenceram-nos de que o motor é o único prolongamento possível do corpo humano.

Em nossas cidades, submetidas à ditadura do automóvel, a grande maioria das pessoas não tem outra alternativa a não ser pagar para viajar, como sardinhas em lata, num transporte público destrambelhado e insuficiente.

A sociedade de consumo, oitava maravilha do mundo, dá uma sinfonia de Beethoven, impõe-nos sua simbologia de poder e sua mitologia de ascensão social. «O carro é seu melhor amigo», informa um anúncio. A vertigem sobre rodas o fará feliz: «Viva uma paixão!», oferece outro anúncio. A publicidade o convida para entrar na classe dominante acessando a charinha mágica que liga o motor: «Imponha-se!», ordena a voz que dita as ordens do mercado, e também: «Demonstre que você tem personalidade!» E, se não me falha a memória da infância, se você colocar um tigre no tanque, você será o mais rápido e o mais poderoso de todos, e passará por cima de quem atrapalhar o seu caminho em direção ao sucesso.

A linguagem fabrica a realidade ilusória que a publicidade precisa para vender seus produtos. Mas ocorre que, na realidade real, os instrumentos criados para multiplicar a liberdade contribuem para nos encarcerar. O carro, essa máquina de ganhar tempo, devora o tempo humano. Nascido para nos servir, coloca-nos a seu serviço: ele nos obriga a trabalhar mais e mais horas para poder alimentá-lo, rouba nosso espaço e envenena nosso ar.

Em nome da liberdade de empresa, da liberdade de circulação e da liberdade de consumo, o ar urbano tornou-se irrespirável. O carro não é o único culpado pela agressão cotidiana ao ar no mundo, mas é quem mais diretamente ataca os habitantes das cidades.

As ferozes descargas de chumbo que se enfiam no sangue, agredindo os nervos, o fígado e os ossos, têm efeitos devastadores principalmente no hemisfério sul, onde não são obrigatórios os catalizadores nem a gasolina purificada. Conforme denunciaram os ecologistas, em Santiago do Chile, cada criança que nasce aspira o equivalente a sete cigarros diários e uma em cada quatro crianças sofre de alguma forma de bronquite.

O que é a ecologia? Um táxi pintado de verde? Na Cidade do México, os táxis pintados de verde são chamados de *taxis ecológicos* e chamam-se de *parques ecológicos* as poucas árvores de cor doentia que sobrevivem ao assédio dos carros. Numa publicação oficial, as autoridades da capital mexicana difundiram alguns *conselhos ecológicos* que parecem ter sido inspirados pelos mais sombrios profetas do apocalipse. A Comissão Metropolitana de Prevenção e Controle da Contaminação Ambiental recomenda textualmente aos habitantes da cidade

que «permaneçam o menor tempo possível ao ar livre, mantenham fechadas portas e janelas e não pratiquem exercícios das 10 às 16 horas» nos dias muito poluídos, que são quase todos.

Segundo relatam os estudiosos de antiguidades gregas, a cidade nasceu como um lugar de encontro das pessoas. Há espaço para as pessoas nestas imensas garagens? Pouco antes da publicação desses *conselhos ecológicos*, sai caminhando pelas ruas da Cidade do México. Andei quatro horas entre motores que rugiam. Sobrevivi. Meus amigos me deram boas-vindas emocionados, mas me recomendaram um bom psiquiatra.

Os automóveis matam uma multidão, a cada ano, no mundo inteiro. Em muitos países, as estatísticas são duvidosas, ou inexistentes ou não estão atualizadas. As últimas estimativas globais disponíveis (do Worldwatch Institute, de Washington) indicam que mais de 250 mil pessoas morreram em acidentes de trânsito em 1985. Nem a guerra do Vietnã matou tanta gente em apenas um ano.

No mundo inteiro, o trânsito é a primeira causa de morte entre os jovens, acima de qualquer doença, droga ou crime. Uma enorme campanha internacional de propaganda, com nuances francamente terroristas, adverte diariamente aos jovens sobre os riscos do sexo em tempos de Aids. Por que não fazer uma campanha semelhante acerca dos perigos do automóvel? A carteira de motorista equivale à licença de porte de armas?

Andar de bicicleta pelas ruas das grandes cidades latino-americanas, que não têm ciclovias, é a forma mais prática de se suicidar. Nos países do sul do planeta, onde as normas existem para serem violadas, há muito menos carros do que nos países do norte, porém matam muito mais.

Por que os latino-americanos que não têm nem terão carro próprio – a imensa maioria não pode nem poderá comprá-lo – continuam condenados a aguardar nas esquinas, sem outro remédio a não ser esperar os escassos ônibus? Por que não abrir, antes que seja tarde, ciclovias protegidas nas avenidas e ruas principais?

Os carros não votam, mas os políticos têm pânico de provocá-los o mínimo desgosto. Nenhum governo latino-americano atreveu-se a desafiar o poder motorizado. É verdade que recentemente Cuba se encheu de bicicletas, mas isso não aconteceu durante os trinta e tantos anos de revolução. A bicicleta aparece maciçamente em Cuba quando não há outro remédio, porque não sobra uma gota de petróleo: não como uma alegria destrutível, mas como uma calamidade inevitável.

Nem sequer as revoluções, as quais ninguém poderia negar o desejo de mudança, propuseram-se a pôr em prática esta simples maneira de diminuir a dependência das onipotentes empresas que dominam o negócio do transporte e do petróleo no mundo. Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão.

Estamos submetidos à ditadura do automóvel. Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão.



TRIBUNA:

**La autocracia**

EDUARDO GALEANO

28 FEB 1994

Secuestro de los fines por los medios: el supermercado te compra, el televisor te ve, el automóvil te maneja. Los gigantes que fabrican automóviles y combustibles, negocios casi tan jugosos como las armas y las drogas, nos han convencido de que el motor es la única prolongación posible del cuerpo humano. En nuestras ciudades, sometidas a la dictadura del automóvil, la gran mayoría de la gente no tiene más alternativa que pagar boleto para viajar, como sardinas en lata, en un transporte público destartado y escaso. Las calles latinoamericanas nunca ofrecen espacio para la bicicleta, despreciado vehículo que es un símbolo de atraso cuando no se usa por pasatiempo o deporte.

La sociedad de consumo, octava maravilla del mundo, décima sinfonía de Beethoven, nos impone su simbología del poder y su mitología del ascenso social.

*El, coche es tu mejor amigo*, informa un anuncio. El vértigo sobre ruedas te hará feliz: *¡Viva una pasión!* ofrece otro anuncio. La publicidad te invita a entrar en la clase dominante mediante la mágica llavecita que enciende el motor: *¡Impóngase!* manda la voz que dicta las órdenes del mercado, y también: *¡Demuestre su personalidad!* Y si pones un tigre en tu tanque, según los carteles que recuerdo desde mi infancia, serás más veloz y poderoso que nadie y aplastarás a quien obstruya tu camino hacia el éxito.

El lenguaje fabrica la realidad ilusoria que la publicidad necesita para vender. Pero en la realidad real ocurre que los instrumentos creados para multiplicar la libertad contribuyen a encarcelarnos. El automóvil, máquina de ganar tiempo, devora el tiempo humano. Nacido para servirnos, nos pone a su servicio: nos obliga a trabajar más y más horas para alimentarlo, nos roba el espacio y nos envenena el aire.

En nombre de la libertad de empresa, la libertad de circulación y la libertad de consumo, se ha hecho irrespirable el aire urbano. El automóvil no es el único culpable del cotidiano crimen del aire en el mundo, pero es el que más directamente ataca a los habitantes de las ciudades.

Las feroces descargas de plomo que se meten en la sangre agrediendo los nervios, el hígado y los huesos tienen efectos devastadores sobre todo en el sur del mundo, donde no son obligatorios los catalizadores ni la gasolina purificada. Pero en las ciudades de todo el planeta el automóvil genera la mayor parte de los gases que intoxican el aire, enferman los bronquios y los ojos y son sospechosos de cáncer.

En Santiago de Chile, según han denunciado los ecologistas, cada niño que nace aspira el equivalente de siete cigarrillos diarios, y uno de cada cuatro niños sufre alguna forma de bronquitis.

¿Qué es la ecología? ¿Un taxi pintado de verde? En la ciudad de México, los taxis pintados de verde se llaman *taxis ecológicos* y se llaman *parques ecológicos* los pocos árboles de color enfermo que sobreviven al acoso de los coches.

En una publicación oficial de fines del año pasado, las autoridades de la capital mexicana han difundido unos *consejos ecológicos* que parecen inspirados por los más sombríos profetas del Apocalipsis. La Comisión Metropolitana para la Prevención y el Control de la Contaminación Ambiental recomienda textualmente a los

habitantes de la ciudad que en los días de mucha contaminación, que son casi todos, "permanezcan el menor tiempo posible al aire libre, mantengan cerradas las puertas, ventanas y ventilas y no practiquen ejercicios entre las 10 y las 16 horas".

Según cuentan los entendidos en antigüedades griegas, la ciudad nació como un lugar de encuentro entre las personas. ¿Hay lugar para las personas en estos inmensos garajes? Poco antes de la publicación de los *consejos ecológicos*, yo me lancé a caminar por las calles de la ciudad de México. Caminé cuatro horas entre los rugientes motores. Sobreviví. Mis amigos me dieron una emocionante bienvenida, pero me recomendaron un buen psiquiatra.

El automóvil mata una multitud, cada año, en el mundo entero. En muchos países, las estadísticas son dudosas o inexistentes o no están actualizadas. Las últimas estimaciones mundiales disponibles (del Worldwatch Institute, de Washington) indican que no menos de 250.000 personas murieron en accidentes de tráfico en 1985. Ni la guerra de Vietnam mató tanta gente en un solo año.

En Alemania, por poner un ejemplo de un país donde las estadísticas funcionan, hubo en 1992 cinco veces más muertos por autos que por drogas. En ese solo año, el automóvil mató el doble de alemanes que el sida en la suma de sus diez años de historia.

En todo el mundo, el tránsito es la primera causa de muerte entre los jóvenes, por encima de cualquier enfermedad, droga o crimen. Una tremenda campaña internacional de propaganda, con frecuentes caídas al terrorismo, advierte cada día a los jóvenes sobre los riesgos del sexo en los tiempos del sida. ¿Por qué no hacen una campaña semejante sobre los peligros del automóvil? ¿La libreta de chófer equivale al permiso de porte de armas?

Andar en bicicleta por las calles de las grandes ciudades latinoamericanas, que no tienen carriles, es la más práctica manera de suicidarse. En los países del sur del planeta, donde las normas existen para ser violadas, hay muchos menos automóviles que en el norte, pero los automóviles matan mucho más.

¿Por qué los latinoamericanos que no tienen ni tendrán auto propio, la inmensa mayoría que no puede ni podrá comprarlo, siguen condenados a hacer la guardia en las esquinas, sin más remedio que esperar los ómnibus escasos? ¿Por qué siguen obligados a pagar boletos que se llevan una buena parte de sus raquíticos salarios, sin otra alternativa? ¿Por qué no se abren, antes de que sea tarde, carriles protegidos para la circulación de bicicletas por las avenidas y las calles principales?

Los automóviles no votan, pero los políticos tienen pánico de provocarles el menor disgusto. Ningún Gobierno latinoamericano se ha atrevido a desafiar al poder motorizado. Es verdad que recientemente Cuba se ha llenado de bicicletas, pero eso no había ocurrido durante los treinta y pico de años de revolución durante los cuales Cuba pudo haber *elegido* ese vehículo muy barato, que no ensucia el aire y que no requiere más combustible que el músculo humano. No: la bicicleta aparece masivamente en Cuba cuando no hay más remedio, porque no queda ni una gota de petróleo; no como una alegría disfrutable, sino como una calamidad inevitable.

Ni siquiera las revoluciones, a las que nadie podría negar la voluntad de cambio, se han propuesto poner en práctica esta sencilla manera de disminuir la dependencia ante las omnipotentes empresas que dominan el negocio del transporte y del petróleo en el mundo.

No hay peor colonialismo que el que nos conquista el corazón y nos apaga la razón.

es escritor uruguayo.

## ANEXO E – “Liturgia do divino motor”

ATENÇÃO! 50 MARÇO

janelas abertas



## A automovelcracia (II) Liturgia do divino motor

EDUARDO GALFANO

**C**OM O DEUS de quatro rodas acontece aquilo que costuma acontecer com os deuses: nascem a serviço das pessoas, mágicos conjuros contra o medo e a solidão, e acabam pondo as pessoas a seu serviço. A religião do automóvel, que tem seu vaticano nos Estados Unidos da América, tem o mundo de joelhos a seus pés.

**Seis, seis, seis** - A imagem do Paraíso: todo norte-americano possui um carro e uma arma de fogo. Os Estados Unidos detêm a maior concentração de automóveis e também o mais numeroso arsenal de armas num único país, os dois negócios básicos da economia nacional. Seis, seis, seis: de cada seis dólares gastos pelo cidadão médio, um é consagrado ao automóvel; de cada seis horas de vida, uma é dedicada a viajar de carro ou a trabalhar para pagá-lo; e de cada seis empregos, um está direta ou indiretamente ligado ao automóvel, e outro está direta ou indiretamente ligado à violência e suas indústrias. Quanto mais gente os automóveis e as armas assassinares, e quanto mais natureza eles destruírem, mais crescerá o Produto Interno Bruto. Como bem diz o pesquisador alemão Winfried Wolf, em nosso tempo, as forças produtivas transformaram-se em forças destrutivas.

Talimás contra o desaparecimento ou convites ao crime? A venda de carros é simétrica à venda de armas, e bem se poderia dizer que faz parte dela: os acidentes de trânsito matam e ferem, a cada ano, mais norte-americanos do que todos os norte-americanos mortos e feridos ao longo da Guerra do Vietnã, e a carteira de motorista é o único documento necessário para qualquer um comprar uma metralhadora, e com ela cozinhar à bala toda a vizinhança. A carteira de motorista não é apenas usada para estes fins: ela também é imprescindível para pagamentos com cheques ou para sacá-los, para fazer um trâmite burocrático ou para assinar um contrato. Nos Estados Unidos, a carteira de motorista serve como documento de identidade. Os automóveis outorgam identidade às pessoas.

**Os aliados da democracia** - O país conta com a gasolina mais barata do mundo, graças aos presidentes corruptos, aos xeques de óculos escuros e aos reis de opereta que se dedicam a malvender petróleo, a violar direitos humanos e a comprar armas norte-americanas. A Arábia Saudita, por exemplo, que aparece nos primeiros lugares das estatísticas internacionais pela riqueza de seus ricos, pela mortalidade de suas crianças e pelas atrocidades de seus verdugos, é o principal cliente da indústria norte-americana de armas. Sem a gasolina barata fornecida por estes aliados da democracia, o

milagre não seria possível: nos Estados Unidos, qualquer um pode ter um carro e muitos podem trocá-lo frequentemente. E se o dinheiro não for suficiente para o último modelo, já está à venda aerossóis que dão aroma de nova aquela velharia comprada três ou quatro anos antes, aquele autossuador.

Dizes que carro tens e eu te direi quem és e quanto vales. Esta civilização que adora carros tem pânico da velhice: o automóvel, promessa de juventude eterna, é o único corpo que pode ser trocado.

**A gaiola** - A esse outro corpo, o de quatro rodas, é dedicada a maior parte da publicidade na televisão, a maior parte das horas de conversa e a maior parte do espaço das cidades. O automóvel dispõe de restaurantes para se alimentar de gasolina

e óleo, e tem a seu serviço farmácias para comprar remédios, hospitais para ser examinado, diagnosticado e curado, dormitórios para dormir e cemitérios para morrer.

Ele promete liberdade às pessoas; por alguma razão as estradas são chamadas de *freeways*, caminhos livres, e no entanto atua como uma gaiola ambulante. O tempo de trabalho humano foi reduzido em pouco ou nada, e porém ano após ano aumenta o tempo necessário para ir e voltar ao trabalho, devido ao trânsito atulhado, que nos obriga a avançar pensosamente e às cotoveladas. *Vive-se* dentro do automóvel e ele não larga do nosso pé. *Drive by shooting*, pode-se sair do carro, à toda velocidade, pode-se apertar o gatilho e disparar a esmo, como está em voga nas noites de Los Angeles. *Drive thru teller*, *drive by eating*, *drive in movies*: sem sair do carro pode-se sacar dinheiro do banco, comer hambúrgueres e assistir a um filme. E sem sair do carro pode-se contrair matrimônio, *drive in marriage*:

em Reno, Nevada, um casal passa com o seu automóvel por baixo de arcadas de flores de plástico; numa janelinha aparece a testemunha e na outra o pastor, que os declara marido e mulher, bíblia nas mãos e, na saída, uma funcionária ornamentada de asas e auréola entrega a certidão de casamento e recebe a gorjeta, chamada de *love donation*.

O automóvel, corpo renovável, tem mais direitos que o corpo humano, condenado a decrepitude. Os Estados Unidos da América emprenderam, nestes últimos anos, a guerra santa contra o demônio do fumo. Nas revistas, a publicidade dos cigarros aparece atravessada por obrigatórias advertências à saúde pública. Os anúncios advertem, por exemplo: «A fumaça do cigarro contém monóxido de carbono.» Mas nenhum anúncio de automóveis adverte que muito mais monóxido de carbono contém a fumaça dos automóveis. As pessoas não podem fumar. Os carros, sim.

*Ele promete  
liberdade às pessoas;  
por alguma razão as  
estradas são  
chamadas de freeways,  
caminhos livres, e no  
entanto atua como uma  
gaiola ambulante.*



## ANEXO F – “O anjo exterminador”

janelas abertas



A automovelcracia (III)

## O anjo exterminador

EDUARDO GALEANO

**E**M 1992, HOUEU um plebiscito em Amsterdã. Os habitantes desta cidade holandesa decidiram reduzir à metade o espaço, já bastante limitado, ocupado pelos automóveis. Três anos mais tarde, foi proibido o trânsito de carros particulares em todo o centro da cidade italiana de Florença, proibição essa que incluirá a cidade inteira à medida que se multipliquem os bondes, as linhas de metrô, os calçadões e os ônibus. Além, é claro, das cicloviárias: dentro de pouco tempo será possível atravessar toda a cidade sem riscos, pedalando num meio de transporte que custa pouco, não gasta nada, não invade o espaço humano nem envenena o ar. Enquanto isso, um relatório oficial confirmava que os automóveis ocupam um espaço bem maior do que as pessoas na cidade norte-americana de Los Angeles, mas lá ninguém pensou em cometer o sacrilégio de expulsar os invasores.

**A quem pertencem as cidades?**

Amsterdã e Florença são exceções à regra universal de usurpação. O mundo foi motorizado velozmente, à medida que as cidades e as distâncias cresceram, e os meios de transporte público abriram caminho para o automóvel particular. O presidente francês Georges Pompidou exaltou esse movimento dizendo que «é a cidade que precisa se adaptar aos automóveis e não o inverso». Mas suas palavras ganharam um sentido trágico quando foi revelado que as mortes por poluição na cidade de Paris aumentaram brutalmente durante as greves do final do ano passado: a paralisação do metrô multiplicou as viagens de automóvel e esgotou os estoques de máscaras antipoluentes.

Na Alemanha, em 1950, trens, ônibus, metrô e bondes transportavam três quartos da população; hoje, levam menos de um quinto. A média europeia caiu para 25%, o que ainda é muito se comparado aos Estados Unidos, onde o transporte público atinge apenas 4% do total. Henry Ford e Harvey Firestone eram amigos íntimos, e ambos se davam extremamente bem com a família Rockefeller. Essa afeição recíproca desembocou numa aliança de influências que esteve diretamente relacionada com o desmantelamento das linhas de trens e a criação de uma vasta rede de estradas, em todo o território norte-americano. Com o passar dos anos, nos Estados Unidos e no mundo inteiro, tornou-se cada vez mais esmagador o poder dos fabricantes de automóveis e de pneus, e dos industriais do petróleo. Das sessenta maiores empresas do mundo, metade pertence a esta santa aliança ou está de alguma forma ligada à ditadura das quatro rodas.

**Dados para um prontuário**

Os direitos humanos terminam onde começam os direitos das máquinas. Os automóveis emitem impunemente um coquetel de substâncias assassinas. A intoxicação do ar é espetacularmente visível nas cidades latino-americanas, mas é bem menos notada em algumas cidades do Norte do mundo. A diferença é explicada, em grande parte, pelo uso obrigatório dos catalisadores e da gasolina sem chumbo. No entanto, a quantidade tende a anular a qualidade, e esses progressos tecnológicos vão perdendo seu impacto positivo diante da proliferação vertiginosa do parque automotivo, que se reproduz como se fosse formado por coelhos.

Vistiveis ou dissimuladas, reduzidas ou não, as emissões venenosas formam uma extensa lista criminosas. Para dar apenas

três exemplos, os técnicos do Greenpeace denunciaram que é dos automóveis que provém mais da metade do total do monóxido de carbono, do óxido de nitrogênio e dos hidrocarbonetos, que não tão eficientemente contribuem para a destruição do planeta e da saúde humana. «A saúde não é negociável. Chega de meios-termos», declarou o responsável pelo setor de transportes de Florença, no início do ano. Mas em quase todo o mundo, parte-se do princípio de que é inevitável que o divino motor, em plena era urbana, seja o eixo da vida humana.

**Copiamos o que há de pior**

O ruído dos motores não deixa ouvir as vozes que denunciam o artifício de uma civilização que te rouba a liberdade para depois vendê-la, e que te corta as pernas para te obrigar a comprar automóveis e aparelhos de ginástica. Impõe-se no mundo, como único modelo possível de vida, o pesadelo de cidades onde os carros mandam, devoram as zonas verdes e se apoderam do espaço humano. Respiramos o pouco de ar que eles nos deixam; e quem não morre atropelado sofre de gastrite por causa dos engarrafamentos.

As cidades latino-americanas não querem se parecer com Amsterdã ou Florença, e sim com Los Angeles, e estão conseguindo se transformar numa horrorosa caricatura daquela vertigem. Levamos cinco séculos de treinamento para copiar em vez de criar. Já que estamos condenados à *copiandite*, poderíamos escolher nossos modelos com um pouco mais de cuidado. Anestesiados pela televisão, publicidade e cultura de consumo, engolimos a história/estória da chamada modernização, como se essa brincadeira de mau gosto e humor negro fosse o abraçadabra da felicidade.

*Na Alemanha, em 1950, trens, ônibus, metrô e bondes transportavam três quartos da população; hoje, levam menos de um quinto e a média europeia caiu para 25%.*



## ANEXO G – “Os espelhos do paraíso”

Atenção!

54

janelas abertas



A automovelcraçia (IV e último)

## Os espelhos do paraíso

EDUARDO GALEANO

A PUBLICIDADE REFERE-SE ao automóvel como sendo uma bênção ao alcance de todos. Um direito universal, uma conquista democrática? Se fosse verdade e todos os seres humanos pudessem converter-se em felizes proprietários deste meio de transporte transformado em talismã, o planeta sofreria morte súbita, por falta de ar. E antes, deixaria de funcionar, por falta de energia. Nos resta petróleo para duas gerações. Já queimamos em um instante grande parte do petróleo que se formou ao longo de milhões de anos. O mundo fabrica automóveis ao ritmo das batidas do coração – mais de um por segundo – e eles estão devorando mais da metade de todo o petróleo que o globo produz.

A publicidade, é claro, mente. Os números indicam que o automóvel não é um direito universal e sim um privilégio de poucos. Um quinto da humanidade dispõe de 80% dos carros, ainda que 100% da população tenha que sofrer as consequências. Como tantos outros símbolos da sociedade de consumo, este é um instrumento que está em mãos do Norte do mundo e das minorias que, no Sul, reproduzem os costumes do Norte. E creem, e fazem crer, que aqueles que não contam com sua carta de motorista não têm permissão para existir.

Cerca de 85% da população da capital do México viaja em 15% do total de veículos. Um em cada dez habitantes de Bogotá (Colômbia) é dono de nove em dez automóveis. Em cada mil haitianos, só cinco estão motorizados, embora o Haiti consuma um terço de suas importações em veículos, peças de reposição e gasolina. Segundo Ricardo Navarro, especialista no tema, o dinheiro que a Colômbia gasta a cada ano para subsidiar a gasolina seria suficiente para apresentar sua população com 2,5 milhões de bicicletas.

**O direito de matar**

Apenas um país, a Alemanha, conta com mais automóveis do que a soma de todos os carros da América Latina e África. Mas é no Sul do mundo que ocorrem três em cada quatro mortes em acidentes, no planeta. E desses três mortos, dois são pedestres. Pelo menos nisso, a publicidade não mente, já que comprar o carro a uma arma: acelerar é como disparar, proporciona o mesmo prazer. A caça aos pedestres é frequente em algumas das grandes cidades latino-americanas, onde a couraça de quatro rodas estimula a prepotência natural dos que mandam e des que atacam como se mandassem. Nos últimos tempos, essa manjaça impune foi acrescida do pânico dos assaltos e sequestros. Há cada vez mais gente disposta a matar quem se no-

nha à sua frente. As minorias privilegiadas pisam fundo no acelerador para esmagar a realidade ou para fugir dela.

Pelas ruas da América Latina circula uma parcela ínfima dos automóveis do mundo, mas algumas das cidades mais poluídas do planeta estão em nosso continente. A imitação servil dos modelos de vida dos centros dominantes produz catástrofes. As estruturas da injustiça hereditária e as ferozes contradições sociais geraram cidades que crescem fora de qualquer controle possível, gigantescos frankensteins da civilização.

Nunca tantos sofreram tanto por tão poucos. O transporte público desastroso e a ausência de ciclovias tornam obrigatório o uso do automóvel. Mas a imensa maioria, que não pode comprá-lo, vive encurralada pelo trânsito e mergulhada na poluição. As calçadas são diminuídas, há cada vez mais estacionamentos e cada vez menos bairros, cada vez mais carros que se cruzam e cada vez menos pessoas que se encontram.

**O direito de poluir**

Nas principais metrópoles do Norte do mundo, os carros particulares são obrigados a utilizar combustíveis menos venenosos. Mas no Sul, a imunidade do dinheiro é mais assassina do que a imunidade das ditaduras militares. Em casos raros, a lei obriga o uso de gasolina sem chumbo e catalisadores, que requerem controle estrito e têm vida limitada. E quando a lei obriga, acata-se mas não se cumpre, seguindo uma tradição dos tempos coloniais.

Algumas das maiores cidades latino-americanas dependem da chuva e do vento, que não eliminam o veneno do ar, mas pelo menos o levam a outra parte.

A Cidade do México vive em perpétuo estado de emergência ambiental. E os conselhos do governo à população, diante da devastação provocada pela praga motorizada, parecem lições práticas para enfrentar uma invasão de marcianos. Evitar fazer exercícios ao ar livre, fechar hermeticamente as casas, não sair, não se mover. «Ou você deixa de fumar, ou vai morrer em um ano», advertiu o médico a um amigo meu, morador da Cidade do México, que não havia fumado sequer um cigarro em toda a sua vida.

A cidade de São Paulo respira aos domingos e se asfixia durante a semana. O ar de Buenos Aires vai se envenenando ano após ano, no mesmo ritmo em que cresce o parque automobilístico, acrescido de meio milhão de veículos em 1995. Santiago do Chile está separada do céu por um guarda-chuva de poluição, que duplicou sua densidade nos últimos quinze anos, ao mesmo tempo em que duplicava, casual-

Cerca de 85%  
da população da  
Cidade do México  
viaja em 15% do total  
de veículos. Na Colômbia,  
um em cada dez habitantes  
é dono de nove em dez  
automóveis.



# La religión del Automóvil

Por [Eduardo Galeano](#)

*Con el Dios de cuatro ruedas ocurre lo que suele ocurrir con los dioses: nacen al servicio de la gente, mágicos conjuros contra el miedo y la soledad, y terminan poniendo a la gente a su servicio. La religión del [automóvil](#), con su Vaticano en Estados Unidos de América, tiene al mundo de rodillas.*

## I. Liturgia del divino motor

Con el dios de cuatro ruedas ocurre lo que suele ocurrir con los dioses: nacen al servicio de la gente, mágicos conjuros contra el miedo y la soledad, y terminan poniendo a la gente a su servicio. La religión del [automóvil](#), con su Vaticano en Estados Unidos de América, tiene al mundo de rodillas.

### Seis, seis, seis

La imagen del Paraíso: cada estadounidense tiene un [auto](#) y un arma de fuego. En Estados Unidos se concentra la mayor cantidad de automóviles y también el arsenal más numeroso, los dos negocios básicos de la economía nacional. Seis, seis, seis: de cada seis dólares que gasta el ciudadano medio, uno se consagra al [automóvil](#); de cada seis horas de vida, una se dedica a viajar en auto o a trabajar para pagarlo; y de cada seis empleos, uno está directa o indirectamente relacionado con la violencia y sus industrias. Cuanta más gente asesinan los automóviles y las armas, y cuanta más naturaleza arrasa, más crece el Producto Nacional Bruto.

Como bien dice el investigador alemán Winfried Wolf, en nuestro tiempo las fuerzas productivas se han convertido en fuerzas destructivas.

¿Talismanes contra el desamparo o invitaciones al crimen? La venta de autos es simétrica con la venta de armas, y bien podría decirse que forma parte de ella: los accidentes de tránsito matan y hieren cada año más estadounidenses que todos los estadounidenses muertos y heridos a lo largo de la guerra de Vietnam, y el permiso de conducir es el único documento necesario para que cualquiera pueda comprar una metralleta y con ella cocine a balazos a todo el vecindario.

El permiso de conducir no sólo se usa para estos menesteres, sino que también es imprescindible para pagar con cheques o cobrarlos, para hacer un trámite o firmar un contrato. En Estados Unidos, el permiso de conducir hace las veces de documento de identidad. Los automóviles otorgan identidad a las personas.

### Los aliados de la democracia

El país cuenta con la nafta más barata del mundo, gracias a los presidentes corruptos, los jeques de lentes negros y los reyes de opereta que se dedican a malvender petróleo, a violar derechos humanos y a comprar armas estadounidenses. Arabia Saudita, pongamos por caso, que figura en los primeros lugares de las estadísticas internacionales por la riqueza de sus ricos, la mortalidad de sus niños y las atrocidades de sus verdugos, es el principal cliente de la industria estadounidense de armamentos. Sin la nafta barata que proporcionan estos aliados de la democracia, no sería posible el milagro: en Estados Unidos, cualquiera puede tener [auto](#), y muchos pueden cambiarlos

con frecuencia. Y si el dinero no alcanza para el último modelo, ya se venden aerosoles que dan aroma a nuevo al vejeterio comprado hace tres o cuatro años, el autosaurio ése.

Dime qué [coche](#) tienes y te diré quién eres, y cuánto vales. Esta civilización que adora los automóviles, tiene pánico de la vejez: el [automóvil](#), promesa de juventud eterna, es el único cuerpo que se puede cambiar.

#### La jaula

A este cuerpo, el de cuatro ruedas, se consagra la mayor parte de la publicidad en la televisión, la mayor parte de las horas de conversación y la mayor parte del espacio de las ciudades. El automóvil dispone de restaurantes, donde se alimenta de [nafta](#) y aceite, y a su servicio están las farmacias donde compra remedios, los hospitales donde lo revisan, lo diagnostican y lo curan, los dormitorios donde duerme y los cementerios donde muere.

Él promete libertad a las personas, y por algo las autopistas se llaman freeways, caminos libres, y sin embargo actúa como una jaula ambulante. El tiempo de trabajo humano se ha reducido poco o nada, y en cambio año tras año aumenta el tiempo necesario para ir y venir al trabajo, por los atolladeros del tránsito que obligan a avanzar a duras penas y a los codazos.

#### Se vive dentro del automóvil, y él no te suelta.

Drive-by shooting: sin salir del [auto](#), a toda velocidad, se puede apretar el gatillo y disparar sin mirar a quién, como se estila ahora en las noches de Los Ángeles. Drive-thru teller, drive-in restaurant, drive-in movies: sin salir del auto se puede sacar dinero del banco, cenar hamburguesas y ver una película. Y sin salir del auto se puede contraer matrimonio, drive-in marriage: en Reno, Nevada, el automóvil entra bajo los arcos de flores de plástico, por una ventanilla asoma el testigo y por la otra el pastor, que Biblia en mano os declara marido y mujer, y a la salida una funcionaria, provista de alas y de halo, entrega la partida de matrimonio y recibe la propina, que se llama Love donation. El automóvil, cuerpo renovable, tiene más derechos que el cuerpo humano, condenado a la decrepitud. Estados Unidos de América ha emprendido, en estos últimos años, la guerra santa contra el demonio del tabaco. En las revistas, la publicidad de los cigarrillos está atravesada por obligatorias advertencias a la [salud](#) pública. Los anuncios advierten, por ejemplo: "El humo del tabaco contiene monóxido de carbono". Pero ningún anuncio de automóviles advierte que mucho más monóxido de carbono contiene el humo de los coches. La gente no puede fumar. Los autos, sí.

#### II. El ángel exterminador

En 1992 hubo un plebiscito en Amsterdam. Los habitantes de la ciudad holandesa resolvieron reducir a la mitad el espacio, ya muy limitado, que ocupan los automóviles. Tres años después se prohibió el tránsito de autos privados en todo el centro de la ciudad italiana de Florencia, prohibición que se extenderá a la ciudad entera a medida que se multipliquen los tranvías, las líneas de metro, las vías peatonales y los autobuses. También las ciclovías: pronto se podrá atravesar toda la ciudad sin riesgos, por cualquier parte, pedaleando en un medio de transporte que cuesta poco, no gasta nada, no invade el espacio humano ni envenena el aire, y que fue inventado, hace cinco siglos, por un vecino de Florencia llamado Leonardo da Vinci.

Mientras tanto, un informe oficial confirmaba que los automóviles ocupan un espacio bastante mayor que las personas en la ciudad estadounidense de Los Angeles, pero allí a nadie se le ocurrió cometer el sacrilegio de expulsar a los invasores.

#### ¿A quién pertenecen las ciudades?

Amsterdam y Florencia son excepciones a la regla universal de la usurpación. El mundo se ha motorizado aceleradamente, a medida que han ido creciendo las ciudades y las distancias, y los medios públicos de transporte han cedido paso al [coche](#) privado. El presidente francés Georges Pompidou lo celebraba diciendo que "es la ciudad la que debe adaptarse a los automóviles, y no al revés", pero sus palabras cobraron sentido trágico cuando se reveló que habían aumentado brutalmente los muertos por contaminación en la ciudad de París, durante las huelgas de fines del año pasado: la paralización del metro había multiplicado los viajes en automóvil y había agotado las existencias de mascarillas antiesmog.

En Alemania, en 1950, los trenes, autobuses, metros y tranvías realizaban las tres cuartas partes del transporte de personas; actualmente, suman menos de una quinta parte. El promedio europeo ha caído al 25 por ciento, lo que es todavía mucho si se compara con Estados Unidos, donde el transporte público, virtualmente exterminado en la mayoría de las ciudades, sólo llega al cuatro por ciento del total.

Henry Ford y Harvey Firestone eran íntimos amigos, y ambos se llevaban de lo más bien con la familia Rockefeller. Ese cariño recíproco desembocó en una alianza de influencias que mucho tuvo que ver con el desmantelamiento de los ferrocarriles y la creación de una vasta telaraña de carreteras, luego convertidas en autopistas, en todo el territorio estadounidense. Con el paso de los años se ha hecho cada vez más apabullante, en Estados Unidos y en el mundo entero, el poder de los fabricantes de automóviles, los fabricantes de neumáticos y los industriales del petróleo. De las sesenta mayores empresas del mundo, la mitad pertenece a esta santa alianza o está de alguna manera ligada a la dictadura de las cuatro ruedas.

#### Datos para un prontuario

Los derechos humanos se detienen al pie de los derechos de las máquinas. Los automóviles emiten impunemente un cóctel de muchas sustancias asesinas. La intoxicación del aire es espectacularmente visible en las ciudades latinoamericanas, pero se nota mucho menos en algunas ciudades del norte del mundo. La diferencia se explica, en gran medida, por el uso obligatorio de los convertidores catalíticos y de la [nafta](#) sin plomo, que han reducido la contaminación más notoria de cada vehículo en los países de mayor desarrollo. Sin embargo, la cantidad tiende a anular la calidad, y estos progresos tecnológicos van reduciendo su impacto positivo ante la proliferación vertiginosa del parque automotor, que se reproduce como si estuviera formado por conejos.

Visibles o disimuladas, reducidas o no, las emisiones venenosas forman una larga lista criminal. Por poner tan sólo tres ejemplos, los técnicos de Greenpeace han denunciado que proviene de los automóviles no menos de la mitad del total del monóxido de carbono, del óxido de nitrógeno y de los hidrocarburos que tan eficazmente están contribuyendo a la demolición del planeta y de la [salud](#) humana.

"La [salud](#) no es negociable. Basta de medias tintas", declaró el responsable de transportes de Florencia, a principios de este año, mientras anunciaba que ésa será "la

primera ciudad europea libre de automóviles". Pero en casi todo el resto del mundo, se parte de la base de que es inevitable que el divino motor sea el eje de la vida humana, en la era urbana.

### Copiamos lo peor

El ruido de los motores no deja oír las voces que denuncian el artificio de una civilización que te roba la libertad para después vendértela, y que te corta las piernas para obligarte a comprar automóviles y aparatos de gimnasia. Se impone en el mundo, como único modelo posible de vida, la pesadilla de ciudades donde los autos mandan, devoran las zonas verdes y se apoderan del espacio humano. Respiramos el poco aire que ellos nos dejan; y quien no muere atropellado, sufre gastritis por los embotellamientos.

Las ciudades latinoamericanas no quieren parecerse a Amsterdam o a Florencia, sino a Los Angeles, y están consiguiendo convertirse en la horrorosa caricatura de aquel vértigo. Llevamos cinco siglos de entrenamiento para copiar en lugar de crear. Ya que estamos condenados a la copiaditis, podríamos elegir nuestros modelos con un poco más de cuidado. Anestesiados como estamos por la televisión, la publicidad y la cultura de consumo, nos hemos creído el cuento de la llamada modernización, como si ese chiste de mal gusto y humor negro fuera el abracadabra de la felicidad.

### III. Los espejos del paraíso

La publicidad habla del automóvil como una bendición al alcance de todos. ¿Un derecho universal, una conquista democrática? Si fuera verdad, y todos los seres humanos pudieran convertirse en felices propietarios de este medio de transporte convertido en tallsmán, el planeta sufriría muerte súbita por falta de aire. Y antes, dejaría de funcionar por falta de energía. Nos queda petróleo para dos generaciones. Ya hemos quemado en un ratito una gran parte del petróleo que se había formado a lo largo de millones de años. El mundo produce autos al ritmo de los latidos del corazón, más de uno por segundo, y ellos están devorando más de la mitad de todo el petróleo que el mundo produce.

Por supuesto, la publicidad miente. Los numeritos dicen que el automóvil no es un derecho universal, sino un privilegio de pocos. Sólo el 20 por ciento de la humanidad dispone del 80 por ciento de los autos, aunque el cien por ciento de la humanidad tenga que sufrir las consecuencias. Como tantos otros símbolos de la sociedad de consumo, éste es un instrumento que está en manos del norte del mundo y de las minorías que en el sur reproducen las costumbres del norte y creen, y hacen creer, que quien no tiene permiso de conducir no tiene permiso de existir.

El 85 por ciento de la población de la capital de México viaja en el 15 por ciento del total de vehículos. Uno de cada diez habitantes de Bogotá es dueño de nueve de cada diez automóviles. Aunque la mayoría de los latinoamericanos no tiene el derecho de comprar un [auto](#), todos tienen el deber de pagarlo. De cada mil haitianos, sólo cinco están motorizados, pero Haití dedica un tercio de sus importaciones a vehículos, repuestos y [nafta](#). Un tercio dedica, también, El Salvador. Según Ricardo Navarro, especialista en estos temas, el dinero que Colombia gasta cada año para subsidiar la nafta, alcanzaría para regalar dos millones y medio de bicicletas a la población.

### El derecho de matar

Un solo país, Alemania, tiene más automóviles que la suma de todos los países de América Latina y África. Sin embargo, en el sur del mundo mueren tres de cada cuatro muertos en los accidentes de tráfico de todo el planeta. Y de los tres que mueren, dos son peatones.

En eso, al menos, no miente la publicidad, que suele comparar al auto con un arma: acelerar es como disparar, proporciona el mismo placer y el mismo poder. La cacería de los caminantes es frecuente en algunas de las grandes ciudades latinoamericanas, donde la coraza de cuatro ruedas estimula la tradicional prepotencia de los que mandan y de los que actúan como si mandaran. Y en estos últimos tiempos, tiempos de creciente inseguridad, al impune matonismo de siempre se agrega el pánico a los asaltos y a los secuestros. Cada vez hay más gente dispuesta a matar a quien se le ponga delante. Las minorías privilegiadas, condenadas al miedo perpetuo, pisan el acelerador a fondo para aplastar la realidad o para huir de ella, y la realidad es una cosa muy peligrosa que ocurre al otro lado de las ventanillas cerradas del automóvil.

### El derecho de invadir

Por las calles latinoamericanas circula una ínfima parte de los automóviles del mundo, pero algunas de las ciudades más contaminadas del mundo están en América Latina.

La imitación servil de los modelos de vida de los grandes centros dominantes, produce catástrofes. Las copias multiplican hasta el delirio los defectos del original. Las estructuras de la injusticia hereditaria y las contradicciones sociales feroces han generado ciudades que crecen fuera de todo posible control, gigantescos frankensteins de la civilización: la importación de la religión del automóvil y la identificación de la democracia con la sociedad de consumo, tienen, en esos reinos del sálvese quien pueda, efectos más devastadores que cualquier bombardeo.

Nunca tantos han sufrido tanto por tan pocos. El transporte público desastroso y la ausencia de ciclovías hace obligatorio el uso del automóvil, pero la inmensa mayoría, que no lo puede comprar, vive acorralada por el tráfico y ahogada por el esmog. Las aceras se reducen, hay cada vez más parkings y cada vez menos barrios, cada vez más autos que se cruzan y cada vez menos personas que se encuentran. Los autobuses no sólo son escasos: para peor, en muchas ciudades el transporte público corre por cuenta de unos destartalados cachivaches que echan mortales humaredas por los caños de escape y multiplican la contaminación en lugar de aliviarla.

### El derecho de contaminar

Los automóviles privados están obligados, en las principales ciudades del norte del mundo, a utilizar combustibles menos venenosos y tecnologías menos cochinas, pero en el sur la impunidad del dinero es más asesina que la impunidad de las dictaduras militares. En raros casos, la ley obliga al uso de nafta sin plomo y de convertidores catalíticos, que requieren controles estrictos y son de vida limitada: cuando la ley obliga, se acata pero no se cumple, según quiere la tradición que viene de los tiempos coloniales.

Algunas de las mayores ciudades latinoamericanas viven pendientes de la lluvia y el viento, que no limpian de veneno el aire, pero al menos se lo llevan a otra parte. La ciudad de México vive en estado de perpetua emergencia ambiental, provocada en gran medida por los automóviles, y los consejos del gobierno a la población, ante la devastación de la plaga motorizada, parecen lecciones prácticas para enfrentar una invasión de marcianos: evitar los ejercicios, cerrar herméticamente las casas, no salir, no moverse.

Los bebés nacen con plomo en la sangre y un tercio de los ciudadanos padece dolores crónicos de cabeza.

-O usted deja de fumar, o se muere en un año -advirtió el médico a un amigo mío, habitante de la ciudad de México, que no había fumado ni un solo cigarrillo en toda su vida.

La ciudad de San Pablo respira los domingos y se asfixia los días de semana. Año tras año se va envenenando el aire de Buenos Aires, al mismo ritmo en que crece el parque automotor, que el año pasado aumentó en medio millón de vehículos. Santiago de Chile está separado del cielo por un paraguas de esmog, que en los últimos quince años ha duplicado su densidad, mientras también se duplicaba, casualmente, la cantidad de automóviles. [www.ecoport.net](http://www.ecoport.net)

*\* Eduardo Galeano*

*Publicado en Brecha, Montevideo, en 1996.*

## ANEXO H – “O pecado de ser original”

Atenção!  
52

janelas abertas



## O pecado de ser original

EDUARDO GALEANO

**N**A AMÉRICA LATINA, as estátuas que faltam são quase tantas como as estátuas que sobram. Uma das que faltam é a de Don Simón Rodríguez, chamado «el loco». Este personagem do século passado parece ter vivido a semana passada. Por ser digno de tanta memória, foi condenado ao esquecimento o homem que cometeu o imperdoável pecado de ser original.

Quando a América hispânica dava seus primeiros passos na vida independente, quando a Espanha já tinha sido derrotada nos campos de batalha, Don Simón Rodríguez regressou de seu longo exílio na Europa. Bolívar o enviou então à cidade de Chuquisaca, para que organizasse o novo sistema educativo, num país recém-nascido que foi chamado Bolívia, em homenagem ao Libertador.

Aquilo detonou um escândalo. Don Simón colocou em prática suas ideias com três mil crianças, mil das quais haviam sido recolhidas das ruas. Desenvolveu um plano piloto do que poderia ser a educação para a liberdade na América do Sul.

– Ensinar é ensinar a pensar. Mandar recitar de cor o que não se entende, é criar papagaios... Ensinem as crianças a serem perguntadoras para que, indagando, se acostumem a obedecer à razão, não à autoridade, como os limitados, nem aos costumes, como os estúpidos.

Gritaram as beatas, grasnaram os doutores, vivaram os cíes. Este louco estava misturando as crianças dos melhores berços com os náduagos das ruas, misturava meninos com meninas. Ricos e pobres, machos e fêmeas se sentavam todos juntos e, cúmulo, estudavam brincando. Nas aulas não se escutava o catecismo, nem o latim de sacristia, nem as regras de gramática, mas um barulho de serras e martelos insuportável aos ouvidos de frades e leigos educados no desprezo ao trabalho manual:

– Os meninos devem aprender os três ofícios principais: construção, carpintaria e serralleria, porque com terras, madeira e metais se fazem as coisas mais necessárias. Há que se dar instrução e ofício às mulheres para que não se prostituam por necessidade, nem façam do casamento uma especulação para assegurar sua subsistência.

O prefeito de Chuquisaca encabeçou a campanha contra «este sátrio que veio corromper a moral da juventude». E em pouco tempo, o marechal Sucre, presidente da Bolívia, exigiu de Don Simón Rodríguez a renúncia, porque não havia cumprido com requisitos burocráticos. Ele se foi.

Corria o ano de 1826. O expulso iniciou uma peregrinação de trinta anos pela cordilheira dos Andes. Sempre no lombo de mulas, pobre e teimoso como sua mula, levantando poeira pelos caminhos. – Não quero parecer com árvore, que criam raízes. Quero ser vento. Por onde quer que passasse, fundava escolas e fábricas de velas e sabão, para financiar as escolas.

Bolívar jamais recebeu nenhuma das cartas que Don Simón lhe en-

viou. Em 1830, enquanto em Bogotá queimavam a efígie do Libertador nas ruas e, em Caracas, o declaravam oficialmente «inimigo da Venezuela», Don Simón Rodríguez publicava um incendiário panfleto em sua defesa. Bolívar morreu sem sabê-lo. A revolução da independência havia sido sequestrada pelos mercadores e pelos traidores.

Chamavam-no «el loco». Quase ninguém lhe dava ouvidos. As pessoas apertavam os dentes, para não rir, quando «el loco» lançava suas arengas sobre o trágico destino destas terras.

– Estamos cegos. Cegos!

– Don Simón ia de povoado em povoado, de cidade em cidade, nas montanhas andinas e nas costas do oceano Pacífico, berrando aos que mandavam:

– Vejam a Europa, como inventa, e vejam nossa América, como imita.

A América não deve imitar servilmente, mas sim ser original. Imitem

a originalidade, já que tratam de imitar tudo!

Incapazes de ter voz própria, os donos do poder só podiam pronunciar ecos. Economia de importação, cultura de imitação: consumindo produtos britânicos, simulavam ser ingleses; recitando em francês, simulavam ser franceses. Em 1851, Don Simón continuava semeando escândalos em Latacunga, no Equador, propôs ao reitor do Colégio Maior que ensinasse física no lugar de teologia, que erguesse uma fábrica de louça, outra de vidro, e que implantasse oficinas de construção civil, carpintaria e serralleria. Propôs também que a língua indígena, o quéchua, substituisse o latim:

– Em vez de pensar em meias, em persas, em egípcios, pensemos nos índios. Mais vale entender um índio que Ovídio.

De vez em quando, os grandes fazendeiros contratavam Don Simón como mestre de

seus filhos, em troca de tabaco e de comida, mas pouco lhe duravam os empregos. Tomavam-no por judeu, porque ia espalhando filhos por onde passava e não os batizava com nomes de santos católicos. Os chamava Cenoura, Batata, Fubi e outras heresias. E havia rumores de que uma de suas escolas, a de Concepción, no Chile, fora arrasada por um terremoto que Deus tinha enviado porque Don Simón ensinava anatomia passeando nu entre os alunos.

Fistava cada dia mais só. O mais audaz, o mais adorável dos pensadores da América, cada dia mais só. Aos oitenta anos, escreveu:

– Eu quis fazer da terra um paraíso para todos. Fiz dela um inferno para mim.

Em 1854, no povoado peruano de Amotape, caiu doente. Uma testemunha contou que no momento em que Don Simón viu entrar o padre, o fez sentar-se numa cadeira, se acomodou na cama e lhe fez «algo assim como uma dissertação materialista». O sacerdote, estupefato, não conseguiu interrompê-lo. Don Simón concluiu seu discurso, despencou e morreu.

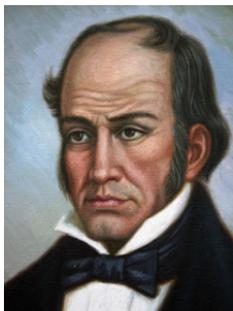
*Os ideólogos do  
poder exaltavam as  
virtudes do papagaio.  
Naquela época, como agora,  
se recompensava a quem  
sabia copiar e se  
amaldiçoava a quem  
queria criar.*



28th September 2012 **El pecado de ser original.  
Una semblanza de Simón  
Rodríguez**

**Eduardo Galeano** [<http://www.polodemocratico.net/index.php/noticias/en-profundidad/eduardo-galeano/sus-libros>]

**E**n América Latina, las estatuas que faltan son casi tantas como las estatuas que sobran. Una de las que faltan, o por lo menos escasean, es la de don Simón Rodríguez, llamado "El loco". Este personaje de la primera mitad del siglo XIX parece de la semana pasada. Por ser digno de tanta memoria, ha sido condenado al olvido el hombre que cometió el imperdonable pecado de ser original.



[[http://2.bp.blogspot.com/v-rjegKY0M-BA/UGXnPq-vl/AAAAAAAAACAg/x4O5nI9M2aM/s1600/simon\\_rodriguez.jpg](http://2.bp.blogspot.com/v-rjegKY0M-BA/UGXnPq-vl/AAAAAAAAACAg/x4O5nI9M2aM/s1600/simon_rodriguez.jpg)]

**Simón Rodríguez**

"Usted, maestro mío, me enseñó la libertad. Usted ha formado mi corazón para lo grande y lo hermoso", le escribió el otro Simón, Simón Bolívar. A fines del siglo XVIII, los dos Simones cabalgaban por la llanura venezolana. Antes de dormir bajo los árboles, don Simón tomaba la lección al joven Bolívar. En 1797, en el puerto de La Guayra, Bolívar despidió a su maestro, que se marchó, disfrazado y con otro nombre, al exilio en Europa. La primera conjura por la independencia había fracasado y los amigos de don Simón se balanceaban en las horcas de la Plaza Mayor de Caracas.

Un cuarto de siglo anduvo don Simón al otro lado de la mar. En Europa, fue amigo de los socialistas de París, Londres y Ginebra; trabajó con los tipógrafos de Roma y químicos de Viena, y hasta enseñó primeras letras en un pueblito de la estepa rusa. En 1805, en el Monte Sacro de Roma, Simón Rodríguez y Simón Bolívar juraron la libertad de América, en solemne ceremonia que provocó risitas y estupores en los

italianos que pasaban por ahí. Bolívar que había viajado a Europa para visitar a su maestro, regresó a Venezuela. Desde allí, emprendió la guerra.

Cuando España ya había sido derrotada en los campos de batalla, don Simón Rodríguez volvió del exilio. Bolívar lo envió a la ciudad de Chuquisaca para que organizara el nuevo sistema educativo en un país recién nacido que fue llamado Bolivia en homenaje al Libertador.

Aquello desató un escándalo. Don Simón puso en práctica sus ideas con tres mil niños, mil de los cuales habían sido recogidos en las calles. La escuela modelo de Chuquisaca, escuela-taller, desarrolló algo así como un plan piloto de lo que podría ser la educación de la libertad en América del Sur. En una escala hasta entonces imposible, don Simón pudo traducir su proyecto en actos:

"Enseñar es enseñar a pensar. Mandar recitar de memoria lo que no se entiende, es hacer papagayos... Enseñen a los niños a ser preguntones, para que, pidiendo el porqué de lo que se les manda hacer, se acostumbren a obedecer a la razón: no a la autoridad, como los limitados, ni a la costumbre, como los estúpidos."

Chillaron las beatas, graznaron los doctores, aullaron los perros. Este loco estaba mezclando a los niños de mejor cuna con los naufragos de la calle, y también mezclaba a los niños con las niñas. Ricos y pobres, machos y hembras, se sentaban todos juntos, pegoteados, y para colmo estudiaban jugando. En las aulas no se escuchaba el catecismo ni los latines de sacristía ni las reglas de gramática sino un estrépito de cierras y martillos, insoportables a los oídos de frailes y leguleyos educados en el desprecio del trabajo manual:



[[http://2.bp.blogspot.com/-0CagiQFPWzI/UGXoKvVnJDI/AAAAAAAAACo/13nhDsoHq8I/s1600/Simo%CC%81n\\_Rodri%CC%81guez3.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-0CagiQFPWzI/UGXoKvVnJDI/AAAAAAAAACo/13nhDsoHq8I/s1600/Simo%CC%81n_Rodri%CC%81guez3.jpg)]

**Rúbrica de Simón Rodríguez, maestro de Simón Bolívar**

"los barones deben aprender los tres oficios albañilería carpintería y herrería, porque con tierras maderas y metales se hace4n las cosas más necesarias . Se ha de dar instrucción y oficio a las mujeres, para que no se prostituyan por necesidad , ni hagan del matrimonio una especulación para asegurar su subsistencia".

El prefecto de Chuquisaca encabezó la campaña contra este sátiro que había venido a corromper "la moral de la juventud". Y al poco tiempo, el mariscal Sucre, presidente de Bolivia, exigió a don Simón Rodríguez la renuncia, porque no había presentado sus cuentas con la debida puntilliosidad. ni había cumplido en fecha con otros requisitos burocráticos. Don Simón se fue y, entonces, los dueños del poder echaron un suspiro de alivio y pudieron destinar los dineros de la educación pública a la fundación de casas de misericordia y de institutos de caligrafía para el bello sexo.

Corría el año 1826. El expulsado inicio una peregrinación de treinta años a lo largo de la cordillera de los Andes. Siempre a lomo de mula, pobre y porfiado como una mula , levantando polvo por los caminos de América:

"No quiero parecerme a los árboles que echan raíces. Quiero ser viento."

Por donde pasaba fundaba escuelas y fabricas de velas y de jabones para financiar las escuelas. Este viejo vagabundo, calvo y feo y barrigón, curtido por los soles, llevaba a cuestas un baúl lleno de manuscritos condenados por la absoluta falta de dinero y de lectores. Ropa no cargaba. No tenía más que la puesta.

Bolívar jamás recibió ninguna de las cartas que don Simón le envió. En 1830, mientras en Bogotá quemaban la efigie del Libertador en las calles, y en Caracas lo declaraban oficialmente "enemigo de Venezuela", don Simón Rodríguez publicaba un encendido panfleto en su defensa. Bolívar murió si saberto; y casi nadie se enteró. La revolución de Independencia había sido secuestrada por los mercaderes y los traidores, y don Simón predicaba en el desierto:

"¿Dónde iremos a buscar modelos? –clamaba - . Somos independientes, pero no libres".

Lo llamaban el loco. Casi nadie lo escuchaba, nadie le creía. La gente apretaba los dientes para no reírse, cuando lanzaba sus peroratas sobre el trágico destino de estas tierras hispanoamericanas:

"Estamos ciegos, ¡ciegos!"

Los ideólogos del poder exaltaban las virtudes del papagayo. En aquel entonces, como ahora, se recompensaba a quien sabía copiar y se maldecía a quien quería crear. Don Simón iba de pueblo en pueblo, de ciudad en ciudad, en las montañas andinas y las costas del Océano Pacífico, increpando a quienes mandaban:

"Vean la Europa, cómo inventa, y vean nuestra América, cómo imita. La América no debe imitar servilmente, sino ser original. ¡Imiten la originalidad, ya que tratan de imitar todo!"

Incapaces de voz propia, los dueños del poder sólo podían pronunciar ecos. Economía de importación, cultura de importación: consumiendo productos británicos, simulaban ser ingleses; recitando en francés, simulaban ser franceses. En 1851, don Simón seguía sembrando escándalos:



[[http://2.bp.blogspot.com/-VCdtdLahzIM/UINPIOS2-rI/AAAAAAAAACCY/7X\\_koq1oLd0/s1600/bolivar.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-VCdtdLahzIM/UINPIOS2-rI/AAAAAAAAACCY/7X_koq1oLd0/s1600/bolivar.jpg)]  
En Latacunga, en Ecuador, propuso al rector del colegio mayor que enseñara física en lugar de teología, que levantara una fábrica de loza y otra de vidrio, y que implantara maestrías de albañilería, carpintería y herrería. Y, para colmo, propuso también que la lengua indígena, el quechua, sustituyera al latín.

"En lugar de pensar en medos, en persas, en egipcios, pensemos en los indios. Más cuenta nos tiene entender a un indio que a Ovidio. Empresa su escuela con indios, señor rector."

De vez en cuando, los grandes hacendados contrataban a don Simón como maestro de sus hijos, a cambio del tabaco la comida, pero poco le duraban los empleos. Lo tenían por judío, porque iba regando -, hijos por donde pasaba y no los bautizaba con nombres de santos católicos, sino que los llamaba Zanahoria, Papa, Choclo, Zapallo y otras herejías. Y se rumoraba que una de sus escuelas, la de Concepción, en Chile, había sido arrasada por un terremoto que Dios había enviado porque don Simón enseñaba anatomía paseándose en cueros ante los alumnos. "El loco" había cambiado tres veces de apellido y decía que había nacido en Caracas, en Filadelfia o en Sanlúcar de Barrameda:

"No soy vaca para tener querencia. Nada me importa el rincón donde me parió mi madre. Mi patria es el mundo, y todos los hombres son mis compañeros de infortunio".

Estaba cada día más solo. El más audaz, el más querible de los pensadores de América, cada día más solo. A los ochenta años escribió:

"Yo quise hacer de la tierra un paraíso para todos. La hice un infierno para mí".

En 1854, en el pueblo peruano de Amotape, cayó enfermo. Un testigo contó que apenas don Simón vio que entraba el cura, lo hizo sentarse en una silla, se acomodó en la cama y le echó "algo así como una disertación materialista". El sacerdote, estupefacto, no consiguió interrumpirlo. Don Simón concluyó su discurso, se desplomó y murió.

Publicado 28th September 2012 por [Mario Delgado-Noguera](#)

Etiquetas: [Eduardo Galeano](#), [Simón Bolívar](#), [Simón Rodríguez](#)

 Ver comentarios

## ANEXO I – “A infância como perigo”

Atenção!  
52

janelas abertas



## A infância como perigo

EDUARDO GALEANO

**O**S FÁTOS ZOMBAM DOS DIREITOS. Retrato da América Latina no final do milênio: esta é uma região do mundo que nega a suas crianças o direito de serem crianças. Elas são as mais presas entre todos os presos. O sistema de poder, no qual o único vínculo é o pânico mútuo, maltrata as crianças. As crianças ricas, trata como se fossem dinheiro. As pobres, como lixo. E mantêm atadas às patas do televisor as crianças da classe média.

No oceano dos necessitados, as ilhas dos que têm mais convertem-se em luxuosos campos de concentração, onde poderosos só se encontram com poderosos e jamais podem esquecer, nem por um momento, que são poderosos. Em algumas das grandes cidades latino-americanas, onde os seqüestros viraram costume, as crianças ricas crescem fechadas dentro de uma bolha de medo. Vivem em mansões amuralhadas, grandes casas rodeadas por cercas eletrificadas e estão dia e noite vigiadas por guardacostas armados e por circuitos fechados de TV. Viajam – como o dinheiro – em carros blindados. Não conhecem, mais que superficialmente, a cidade onde vivem. Encantam-se com o metrô em Paris ou Nova York, mas jamais o usam em São Paulo ou na cidade do México.

A ela é proibido esse vasto inferno que espia seu minúsculo céu privado. Além das fronteiras do privilégio, estende-se uma região de terror onde as pessoas são feias, sujas e perigosas. Em plena era da globalização, as crianças ricas não pertencem a lugar nenhum. Crescem sem raízes, despojadas de identidade nacional. O único sentido social que têm é a certeza de que a realidade é uma ameaça. Sua pátria são as marcas multinacionais e sua linguagem, os códigos internacionais. As crianças ricas das mais variadas cidades se parecem em seus costumes, tanto quanto se parecem entre si os shopping centers e os aeroportos. Educadas numa realidade virtual, ignoram a realidade real, que só existe para ser temida ou comprada. Treinadas para o consumo e para fugacidade desde o nascimento, as crianças ricas passam a infância inteira acreditando que as máquinas são mais dignas de confiança do que as pessoas.

Muito antes das crianças ricas deixarem de ser crianças e descobrirem as drogas caras que espantam a solidão e mascaram o medo, as crianças pobres já chistam cola. Enquanto as ricas lutam com balas de raios laser, as balas de chumbo crivam as crianças da rua. Entre todos os reféns do sistema, as crianças em estado de pobreza absoluta são as mais prejudicadas. A sociedade as espreme, vigia, castiga, mata: quase nunca as escuta, jamais as compreende. Nascem com as raízes para o ar. Muitas são de famílias camponesas brutalmente arrancadas de sua terra e desintegradas na cidade. Entre o berço e a sepultura, a fome ou as balas abreviam a viagem. De cada duas crianças pobres, uma trabalha, descadeirando-se em tro-

ca de comida ou pouco mais. Vende quinquilharias nas ruas, é a mão-de-obra gratuita das oficinas e cantinas familiares, é a mão-de-obra barata das indústrias de sapatos exportação. E a outra? De cada duas crianças pobres, uma sobra. O mercado não precisa dela. Não é rentável, jamais o será. E quem não é rentável – e isso já se sabe – não tem direito à existência. O mesmo sistema produtivo que despreza os velhos expulsa as crianças. E as teme. Do ponto de vista do sistema, a velhice é um fracasso, mas a infância é um perigo.

Em muitos países latino-americanos, a hegemonia do mercado está rompendo os laços de solidariedade e está esgarçando o tecido social comunitário. Que destino têm os donos de nada em países onde o direito de propriedade está se tornando o único direito sagrado? As crianças pobres são as que mais ferozmente sofrem com a contradição de uma cultura que as impede a consumir e uma realidade que as impede. A fome as força a roubar ou prostituir-se. A sociedade de consumo as insuata oferecendo-lhes o que a elas nega. E elas se vingam lançando-se ao assalto. Nas ruas das grandes cidades, formam bandos de desesperados unidos pela morte que

os espanta. Segundo a organização *Human Rights Watch*, grupos paramilitares matam seis crianças por dia na Colômbia e quatro no Brasil.

Entre uma ponta e outra, o meio. Entre as que vivem prisioneiras do desemprego e as que vivem prisioneiras da opulência, estão as crianças que têm muito mais que nada e muito menos que tudo. Cada vez mais as crianças de classe média são menos livres. Sua liberdade é confiscada, dia após dia, pela sociedade que sacraliza a ordem enquanto engendra a desordem. Nestes tempos de instabilidade social, onde se concentra a riqueza e a pobreza se difunde em ritmo implacável, quem não sente que o chão treme sob seus pés? A classe média vive em estado de hipocrisia, simulando ter mais do que tem, mas nunca foi tão difícil cumprir esta abnegada tradição. Está hoje paralisada pelo medo de perder o trabalho, o carro, a casa, as coisas. O pânico de não chegar a ter o que se deve ter para começar a existir. A sofrida classe média ainda defende a ordem estabelecida como se fosse sua dona, mesmo que não seja mais do que uma inquilina da ordem, mais que nunca oprimida pelo preço do aluguel e pela possibilidade do despejo.

No pânico de viver e de cair, cria seus filhos. Apanhadas nas armadilhas do pânico, as crianças de classe média estão cada vez mais condenadas à humilhação da prisão perpétua. Na cidade do futuro, que já está sendo presente, as telecrianças, vigiadas por babás eletrônicas, contemplarão a rua da janela a rua proibida por causa da violência; a rua onde ocorre o sempre perigoso, e às vezes prodigioso, espetáculo da vida.



*De cada duas crianças pobres, uma sobra.*

*O mercado não precisa dela.*

*Não é rentável, jamais o será.*

*E quem não é rentável não tem direito*

*à existência. O mesmo sistema*

*produtivo que despreza os velhos e expulsa as crianças. E as teme.*

*Do ponto de vista do*

*sistema, a velhice é um*

*fracasso, mas a infância é um perigo.*

## Los niños: los de arriba, los de abajo y los del medio

(Galeano)

Eduardo Galeano

Miércoles, 9 de enero de 2013

Día tras día, se niega a los niños el derecho de ser niños. Los hechos, que se burlan de ese derecho, imparten sus enseñanzas en la vida cotidiana. El mundo trata a los niños ricos como si fueran dinero, para que se acostumbren a actuar como el dinero actúa. El mundo trata a los niños pobres como si fueran basura, para que se conviertan en basura. Y a los del medio, a los niños que no son ricos ni pobres, los tiene atados a la pata del televisor, para que desde muy temprano acepten, como destino, la vida prisionera. Mucha magia y mucha suerte tienen los niños que consiguen ser niños.

Los de arriba, los de abajo y los del medio En el océano del desamparo, se alcanzan las islas del privilegio. Son lujosos campos de concentración, donde los poderosos sólo se encuentran con los poderosos y jamás pueden olvidar, ni por un ratito, que son poderosos. En algunas de las grandes ciudades latinoamericanas, los secuestros se han hecho costumbre, y los niños ricos crecen encerrados dentro de la burbuja del miedo. Habitan mansiones amuralladas, grandes casas o grupos de casas rodeadas de cercos electrificados y de guardias armados, y están día y noche vigilados por los guardaespaldas y por las cámaras de los circuitos cerrados de seguridad. Los niños ricos viajan, como el dinero, en autos blindados. No conocen, más que de vista, su ciudad. Descubren el subterráneo en París o en Nueva York, pero jamás lo usan en San Pablo o en la capital de México.

Ellos no viven en la ciudad donde viven. Tienen prohibido este vasto infierno que acecha su minúsculo cielo privado. Más allá de las fronteras, se extiende una región del terror donde la gente es mucha, fea, sucia y envidiosa. En plena era de la globalización, los niños ya no pertenecen a ningún lugar, pero los que menos lugar tienen son los que más cosas tienen: ellos crecen sin raíces, despojados de la identidad cultural, y sin más sentido social que la certeza de que la realidad es un peligro. Su patria está en las marcas de prestigio universal, que distinguen sus ropas y todo lo que usan, y su lenguaje es el lenguaje de los códigos electrónicos internacionales. En las ciudades más diversas, y en los más distantes lugares del mundo, los hijos del privilegio se parecen entre sí, en sus costumbres y en sus tendencias, como entre sí se parecen los shopping centers y los aeropuertos, que están fuera del tiempo y del espacio. Educados en la realidad virtual, se deseducan en la ignorancia de la realidad real, que sólo existe para ser temida o para ser comprada.

Fast food, fast cars, fast life: desde que nacen, los niños ricos son entrenados para el consumo y para la fugacidad, y transcurren la infancia comprobando que las máquinas son más dignas de confianza que las personas. Cuando llegue la hora del ritual de iniciación, les será ofrendada su primera coraza todo terreno, con tracción a cuatro ruedas. Durante los años de la espera, ellos se lanzan a toda velocidad a las autopistas cibernéticas y confirman su identidad devorando imágenes y mercancías, haciendo zapping y haciendo shopping. Los ciberniños navegan por el ciberespacio con la misma soltura con que los niños abandonados deambulan por las calles de las ciudades.

Mucho antes de que los niños ricos dejen de ser niños y descubran las drogas que aturden la soledad y enmascaran el miedo, ya los niños pobres están aspirando gasolina o pegamento. Mientras los niños ricos juegan a la guerra con balas de rayos láser, ya las balas de plomo amenazan a los niños de la calle.

En América latina, los niños y los adolescentes suman casi la mitad de la población total. La mitad de esa mitad vive en la miseria. Sobrevivientes: en América latina mueren cien niños, cada hora, por hambre o enfermedad curable, pero hay cada vez más niños pobres en las calles y en los campos de esta región que fabrica pobres y prohíbe la pobreza. Niños son, en su mayoría, los pobres; y pobres son, en su mayoría, los niños. Y entre todos los rehenes del sistema, ellos son los que peor la pasan. La sociedad los exprime, los vigila, los castiga, a veces los mata: casi nunca los escucha, jamás los comprende.

Esos niños, hijos de gente que trabaja salteado o que no tiene trabajo ni lugar en el mundo, están obligados, desde muy temprano, a vivir al servicio de cualquier actividad ganapán, deslomándose a cambio de la comida, o de poco más, todo a lo largo y a lo ancho del mapa del mundo. Después de aprender a caminar, aprenden cuáles son las recompensas que se otorgan a los pobres que se portan bien: ellos, y ellas, son la mano de obra gratuita de los talleres, las tiendas y las cantinas caseras, o son la mano de obra a precio de ganga de las industrias de exportación que fabrican

ropa deportiva para las grandes empresas multinacionales. Trabajan en las faenas agrícolas o en los trajes urbanos, o trabajan en su casa, al servicio de quien allá mande. Son esclavitos o esclavitas de la economía familiar o del sector informal de la economía globalizada, donde ocupan el escalón más bajo de la población activa al servicio del mercado mundial:

En los basurales de la ciudad de México, Manila o Lagos, juntan vidrios, latas y papeles, y disputan los restos de comida con los buitres; se sumergen en el mar de Java, buscando perlas; persiguen diamantes en las minas del Congo; son topos en las galerías de las minas del Perú, imprescindibles por su corta estatura y cuando sus pulmones no dan más, van a parar a los cementerios clandestinos; cosechan café en Colombia y en Tanzania, y se envenenan con los pesticidas; se envenenan con los pesticidas en las plantaciones de algodón de Guatemala y en las bananeras de Honduras; en Malasia recogen el leche de los árboles del caucho, en jornadas de trabajo que se extienden de estrella a estrella; tienden vías de ferrocarril en Birmania; al norte de la India se derriten en los hornos de vidrio, y al sur en los hornos de ladrillos; en Bangladesh, desempeñan más de trescientas ocupaciones diferentes, con salarios que oscilan entre la nada y la casi nada por cada día de nunca acabar; corren carreras de camellos para los emires árabes y son jinetes pastores en las estancias del río de la Plata; en Port-au-Prince, Colombo, Jakarta o Recife sirven la mesa del amo, a cambio del derecho de comer lo que de la mesa cae; venden fruta en los mercados de Bogotá y venden chicles en los autobuses de San Pablo; limpian pabrillas en las esquinas de Lima, Quito o San Salvador; lustran zapatos en las calles de Caracas o Guanajuato; cosen ropa en Tailandia y cosen zapatos de fútbol en Vietnam; cosen pelotas de fútbol en Pakistán y pelotas de béisbol en Honduras y Haití; para pagar las deudas de sus padres, recogen té o tabaco en las plantaciones de Sri Lanka y cosechan jazmines, en Egipto, con destino a la perfumería francesa; alquilados por sus padres, tejen alfombras en Irán, Nepal y en la India, desde antes del amanecer hasta pasada la medianoche, y cuando alguien llega a rescatarlos, preguntan: «¿Es usted mi nuevo amo?»; vendidos a cien dólares por sus padres, se ofrecen en Sudán para labores sexuales o todo trabajo.

Por la fuerza reclutan niños los ejércitos, en algunos lugares de África, Medio Oriente y América Latina. En las guerras, los soldaditos trabajan matando, y sobre todo trabajan muriendo; ellos suman la mitad de las víctimas en las guerras africanas recientes. Con excepción de la guerra, que es cosa de machos según cuenta la tradición y enseña la realidad, en casi todas las demás tareas, los brazos de las niñas resultan tan útiles como los brazos de los niños. Pero el mercado laboral reproduce en las niñas la discriminación que normalmente practica contra las mujeres: ellas, las niñas, siempre ganan menos que lo poquísimo que ellos, los niños, ganan, cuando algo ganan.

La prostitución es el temprano destino de muchas niñas y, en menor medida, también de unos cuantos niños, en el mundo entero. Por asombroso que parezca, se calcula que hay por lo menos cien mil prostitutas infantiles en los Estados Unidos, según el informe de UNICEF de 1997. Pero es en los burdeles y en las calles del sur del mundo donde trabaja la inmensa mayoría de las víctimas infantiles del comercio sexual. Esta multimillonaria industria, vasta red de traficantes, intermediarios, agentes turísticos y proxenetas, se maneja con escandalosa impunidad. En América latina, no tiene nada de nuevo: la prostitución infantil existe desde que en 1536 se inauguró la primera casa de tolerancia, en Puerto Rico.

Actualmente, medio millón de niñas brasileñas trabajan vendiendo el cuerpo, en beneficio de los adultos que las explotan: tantas como en Tailandia, no tantas como en la India. En algunas playas del mar Caribe, la próspera industria del turismo sexual ofrece niñas vírgenes a quien pueda pagarlas. Cada año aumenta la cantidad de niñas arrojadas al mercado de consumo: según las estimaciones de los organismos internacionales, por lo menos un millón de niñas se incorporan, cada año, a la oferta mundial de cuerpos.

Son incontables los niños pobres que trabajan, en su casa o afuera, para su familia o para quien sea. En su mayoría, trabajan fuera de la ley y fuera de las estadísticas. ¿Y los demás niños pobres? De los demás, son muchos los que sobran. El mercado no los necesita, ni los necesitará jamás. No son rentables, jamás lo serán. Desde el punto de vista del orden establecido, ellos empiezan robando el aire que respiran y después roban todo lo que encuentran. Entre la cuna y la sepultura, el hambre o las balas suelen interrumpir el viaje. El mismo sistema productivo que desprecia a los viejos, teme a los niños. La vejez es un fracaso, la infancia es un peligro.

Cada vez hay más y más niños marginados que nacen con tendencia al crimen, al decir de algunos especialistas. Ellos integran el sector más amenazante de los excedentes de población. El niño como peligro público, la conducta antisocial del menor en América, es el tema recurrente de los Congresos Panamericanos del Niño, desde hace ya unos cuantos años. Los niños que vienen del campo a la ciudad, y los niños pobres en general, son de conducta potencialmente antisocial, según nos advierten los Congresos desde 1963. Los gobiernos y algunos expertos en el tema comparten la obsesión por los niños enfermos de violencia, orientados al vicio y a la perdición. Cada niño contiene una posible corriente de El Niño, y es preciso prevenir la devastación que puede provocar. En el primer Congreso Policial Sudamericano, celebrado en Montevideo en 1979, la policía colombiana explicó que «el aumento cada día creciente de la población de menos de

dieciocho años, induce a estimar una mayor población **POTENCIALMENTE DELINCUENTE**».  
(Mayúsculas en el documento original) En los países latinoamericanos, la hegemonía del mercado está rompiendo los lazos de solidaridad y haciendo trizas el tejido social comunitario.

¿Qué destino tienen los nadies, los dueños de nada, en países donde el derecho de propiedad se está convirtiendo en el único derecho? ¿Y los hijos de los nadies? A muchos, que son cada vez más muchos, el hambre los empuja al robo, a la mendicidad y a la prostitución; y la sociedad de consumo los insulta ofreciendo lo que niega. Y ellos se vengan lanzándose al asalto, bandas de desesperados unidos por la certeza de la muerte que espera: según UNICEF, en 1995 había ocho millones de niños abandonados, niños de la calle, en las grandes ciudades latinoamericanas; según la organización Human Rights Watch, en 1993 los escuadrones parapoliciales asesinaron a seis niños por día en Colombia y a cuatro por día en Brasil.

Entre una punta y la otra, el medio. Entre los niños que viven prisioneros de la opulencia y los que viven prisioneros del desamparo, están los niños que tienen bastante más que nada, pero mucho menos que todo. Cada vez son menos libres los niños de clase media. Que te dejen ser o que no te dejen ser: ésa es la cuestión, supo decir Chumy Chúmez, humorista español. A estos niños les confisca la libertad, día tras día, la sociedad que sacraliza el orden mientras genera el desorden. El miedo del medio: el piso cruje bajo los pies, ya no hay garantías, la estabilidad es inestable, se evaporan los empleos, se desvanece el dinero, llegar a fin de mes es una hazaña.

Bienvenida, la clase de unos de los barrios más miserables de Buenos Aires. La clase media sigue viviendo en estado de impostura, fingiendo que cumple las leyes y que cree en ellas, y simulando tener más de lo que tiene; pero nunca le ha resultado tan difícil cumplir con esta abnegada tradición. Está la clase media asfixiada por las deudas y paralizada por el pánico, y en el pánico cría a sus hijos. Pánico de vivir, pánico de caer: pánico de perder el trabajo, el auto, la casa, las cosas, pánico de no llegar a tener lo que se debe tener para llegar a ser. En el clamor colectivo por la seguridad pública, amenazada por los monstruos del delito que acecha, la clase media es la que más alto grita. Defiende el orden como si fuera su propietaria, aunque no es más que una inquilina agobiada por el precio del alquiler y la amenaza del desalojo.

Atrapados en las trampas del pánico, los niños de clase media están cada vez más condenados a la humillación del encierro perpetuo. En la ciudad del futuro, que ya está siendo ciudad del presente, los teleniños, vigilados por niñeras electrónicas, contemplarán la calle desde alguna ventana de sus telecasas: la calle prohibida por la violencia o por el pánico a la violencia, la calle donde ocurre el siempre peligroso, y a veces prodigioso, espectáculo de la vida.

Primer capítulo de **PATAS ARRIBA: la escuela del mundo al revés** (1998) Eduardo Galeano.  
[Aquí en PDF](#)

---

## ANEXO J – “O direito de sonhar”

2  
 MEMÓRIAS

janelas abertas



## O direito de sonhar

EDUARDO GALEANO

Vai saber como será o mundo depois do ano 2000. Temos uma única certeza: se chegarmos lá, já seremos gente do século passado, pior ainda, gente do milênio passado. Contudo, embora não possamos adivinhar como será o mundo, podemos imaginar como gostaríamos que fosse. O direito de sonhar não figura entre os trinta direitos humanos que as Nações Unidas proclamaram no final de 1948. Mas se não fosse por ele, e pela água que dá de beber, os demais direitos morreriam de sede. Deliremos, pois, por um momento. O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés:

• Nas ruas, os automóveis serão pisoteados pelos cães.



• O ar estará limpo dos venenos das máquinas e não terá mais poluição além daquela que emana dos medos humanos e das humanas paixões.

• As pessoas não serão dirigidas por automóveis, nem serão programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado, nem assistidas pela televisão.



• A TV deixará de ser o membro mais importante da família e será tratada como o ferro de passar ou a máquina de lavar roupa.



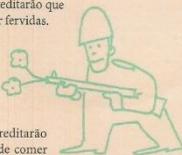
• As pessoas trabalharão para viver, em lugar de viver para trabalhar.

• Nenhum país prenderá os jovens que se neguem a cumprir o serviço militar, mas sim aqueles que desejem fazê-lo.

• Os economistas não chamarão de nível de vida o nível de consumo, nem chamarão de qualidade de vida a quantidade de coisas.

• Os cozinheiros não acreditarão que as lagostas gostam de ser fervidas.

• Os historiadores não acreditarão que os países gostam de ser invadidos.



• Os políticos não acreditarão que os pobres gostam de comer promessas.

• O mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas sim contra a pobreza e a indústria militar não terá mais alternativa senão declarar-se falida para sempre.



• Ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão.

• Os meninos de rua não serão tratados como se fossem lixo, porque não haverá meninos de rua.



• Os meninos ricos não serão tratados como se fossem dinheiro, porque não haverá meninos ricos.

• A educação não será privilégio de quem possa pagá-la.

• A polícia não será a maldição de quem não possa comprá-la.

• A justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viver separadas, voltarão a unir-se, bem juntinhas, ombro-a-ombro.

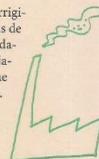


• Uma mulher negra será presidente do Brasil e outra mulher negra será presidente dos Estados Unidos. Uma mulher índia governará a Guatemala e outra o Peru.

• Na Argentina, as loucas da praça de Mayo serão um exemplo de saúde mental, porque se negaram a esquecer os tempos da amnésia obrigatória.



• A Santa Madre Igreja corrigirá alguns erros das tábuas de Moisés. O sexto mandamento ordenará: «Festejais o corpo». O nono, que desconfia do desejo, irá declará-lo sagrado.



• A Igreja também ditará um décimo primeiro mandamento, do qual o Senhor havia se esquecido: «Amarás a natureza, da qual fazes parte».

• Todos os penitentes serão celebrantes e não haverá noite que não seja vivida como se fosse a última, nem dia que não seja vivido como se fosse o primeiro.

Desenho de Bergoni

TRIBUNA:

***El derecho de soñar***EDUARDO GALEANO  
26 DIC 1996

Vaya uno a saber cómo será el mundo más allá del año 2000. Tenemos una única certeza: si todavía estamos ahí, para entonces ya seremos gente del siglo pasado, y, peor todavía, seremos gente del pasado milenio. Sin embargo, aunque no podemos adivinar el mundo que será, bien podemos imaginar el que queremos que sea. El derecho de soñar no figura entre los treinta derechos humanos que las Naciones Unidas proclamaron a fines de 1948. Pero si no fuera por él, y por las aguas que da de beber, los demás derechos se morirían de sed.

Deliremos, pues, por un ratito. El mundo, que está patas arriba, se pondrá sobre sus pies:

- En las calles, los automóiles serán pisados por los perros.
- El aire estará limpio de los venenos de las máquinas y no tendrá más contaminación que la que emana de los miedos humanos y de las humanas pasiones.
- La gente no será manejada por el automóvil, ni será programada por la computadora, ni será comprada por el supermercado, ni será mirada por el televisor.
- El televisor dejará de ser el miembro más importante de la familia y será tratado como la plancha o el lavarropas.
- La gente trabajará para vivir, en lugar de vivir para trabajar.
- En ningún país irán presos los muchachos que se nieguen a hacer el servicio militar, sino los que quieran hacerlo.
- Los economistas no llamarán *nivel de vida* al nivel de consumo ni llamarán *calidad de vida* a la cantidad de cosas.
- Los cocineros no creerán que a las langostas les encanta que las hiervan vivas.
- Los historiadores no creerán que a los países les encanta ser invadidos.
- Los políticos no creerán que a los pobres les encanta comer promesas.
- El mundo ya no estará en guerra contra los pobres, sino contra la pobreza, y la industria militar no tendrá más remedio que declararse en quiebra por siempre jamás.
- Nadie morirá de hambre, porque nadie morirá de indigestión.
- Los niños de la calle no serán tratados como si fueran basura, porque no habrá niños de la calle.

- Los niños ricos no serán tratados como si fueran dinero, porque no habrá niños ricos.
- La educación no será el privilegio de quienes puedan pagarla.
- La policía no será la maldición de quienes no pueden comprarla.
- La justicia y la libertad, hermanas siamesas condenadas a vivir separadas, volverán a juntarse, bien pegaditas, espalda contra espalda.
- Una mujer, negra, será presidenta de Brasil, y otra mujer, negra, será presidenta de los Estados Unidos de América. Una mujer india gobernará Guatemala, y otra, Perú.
- En Argentina, las locas de la Plaza de Mayo serán un ejemplo de salud mental, porque ellas se negaron a olvidar en los tiempos de la amnesia obligatoria.
- La Santa Madre Iglesia corregirá algunas erratas de las piedras de Moisés. El sexto mandamiento ordenará: "Festejarás el cuerpo". El noveno, que desconfía del deseo, lo declarará sagrado.
- La Iglesia también dictará un undécimo mandamiento, que se le había olvidado al Señor: "Amarás a la naturaleza, de la que formas parte".
- Todos los penitentes serán celebrantes, y no habrá noche que no sea vivida como si fuera la última, ni día que no sea vivido como si fuera el primero.

---

Eduardo Galeano es escritor uruguayo

---

\* Este artículo apareció en la edición impresa del Jueves, 26 de diciembre de 1996

---

#### ARCHIVADO EN:

Opinión · Ciencia

#### CONTENIDO PATROCINADO

#### Y ADEMÁS...



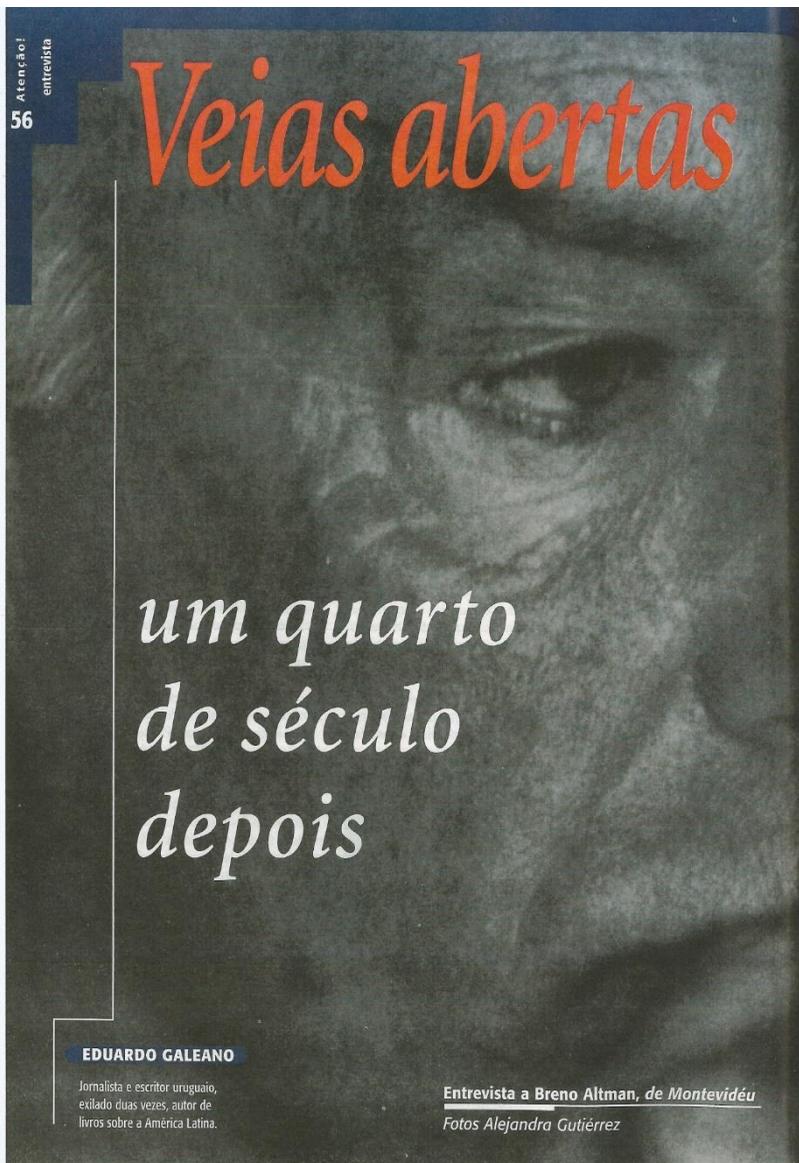
**Josep Pedrerol lanza un dardo a Laura Gadea y ella le responde**

(TIKITAKAS)

© EDICIONES EL PAÍS S.L.

Contacto | Venta de contenidos | Publicidad | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS en KIOSKOYMÁS | Índice | RSS

ANEXO K – “*Veias abertas: um quarto de século depois*”



Atenção!  
entrevista

56

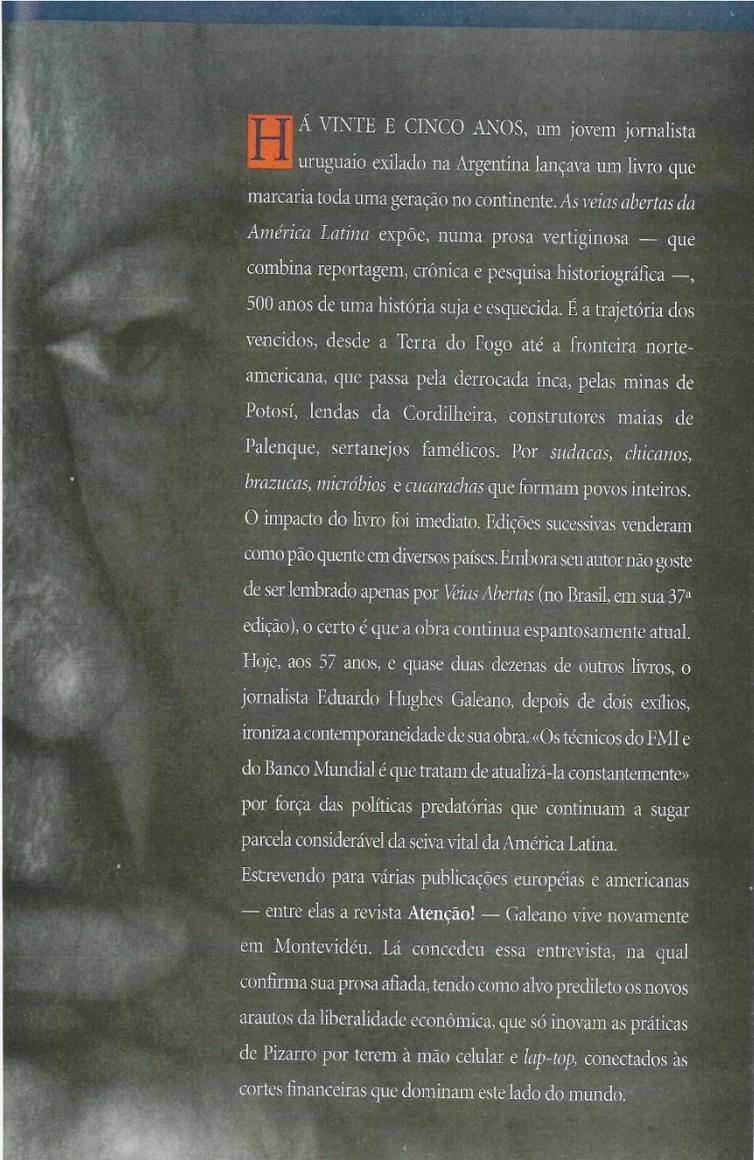
# *Veias abertas*

## *um quarto de século depois*

**EDUARDO GALEANO**

Jornalista e escritor uruguaio,  
exilado duas vezes, autor de  
livros sobre a América Latina.

Entrevista a Breno Altman, de Montevideú  
Fotos Alejandra Gutiérrez



**H**Á VINTE E CINCO ANOS, um jovem jornalista uruguaio exilado na Argentina lançava um livro que marcaria toda uma geração no continente. *As veias abertas da América Latina* expõe, numa prosa vertiginosa — que combina reportagem, crônica e pesquisa historiográfica —, 500 anos de uma história suja e esquecida. É a trajetória dos vencidos, desde a Terra do Fogo até a fronteira norte-americana, que passa pela derrocada inca, pelas minas de Potosí, lendas da Cordilheira, construtores maias de Palenque, sertanejos famélicos. Por *sudacas*, *chicanos*, *brazucas*, *micróbios* e *cucarachas* que formam povos inteiros. O impacto do livro foi imediato. Edições sucessivas venderam como pão quente em diversos países. Embora seu autor não goste de ser lembrado apenas por *Veias Abertas* (no Brasil, em sua 37ª edição), o certo é que a obra continua espantosamente atual. Hoje, aos 57 anos, e quase duas dezenas de outros livros, o jornalista Eduardo Hughes Galeano, depois de dois exílios, ironiza a contemporaneidade de sua obra. «Os técnicos do FMI e do Banco Mundial é que tratam de atualizá-la constantemente» por força das políticas predatórias que continuam a sugar parcela considerável da seiva vital da América Latina. Estrelando para várias publicações européias e americanas — entre elas a revista **Atenção!** — Galeano vive novamente em Montevideú. Lá concedeu essa entrevista, na qual confirma sua prosa afiada, tendo como alvo predileto os novos arautos da liberalidade econômica, que só inovam as práticas de Pizarro por terem à mão celular e *lap-top*, conectados às cortes financeiras que dominam este lado do mundo.

## A BÍBLIA E O CAPITAL

**Quando criança li os Evangelhos, quando jovem, *O Capital*. Na minha infância católica, aprendi a não confundir cristianismo com Inquisição.**

**Na minha adolescência marxista, socialismo com stalinismo.**

**Há 25 anos o senhor lança *As veias abertas da América Latina*. Qual o seu balanço sobre as idéias da obra?**

Os fatos lamentavelmente confirmaram o que dizia o livro, que não foi mais do que uma tentativa de ajudar a difundir informações que estavam trancadas a sete chaves na literatura especializada. *Veias abertas* tentou ser uma contra-história, contada a partir do ponto de vista dos invisíveis, dos depreciados da história oficial. A afirmação básica era de que não há riqueza inocente, que não se explique pela pobreza; que todo processo de acumulação é também um fenômeno de excluir. E que o modelo econômico dominante no continente cobra dos povos latino-americanos tanto a conta das crises e das recessões como dos surtos de desenvolvimento.

**O senhor não se sente solitário na defesa desses antigos conceitos?**

Não, estou acompanhado do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Sou um devoto dessas duas organizações filantrópicas, que tanto fazem para ajudar os pobres. Devo ser a única pessoa no mundo que lê integralmente seus informes (um sacrifício considerável, levando-se em conta a qualidade da prosa de seus especialistas). E segundo eles, entre 1960 e 1990 o fosso entre os mais ricos e os mais pobres duplicou. A atualização de *Veias Abertas* está sendo feita, ano após ano, pelos funcionários dessas organizações, que se ocupam em Washington de medir e agudizar as desigualdades sociais.

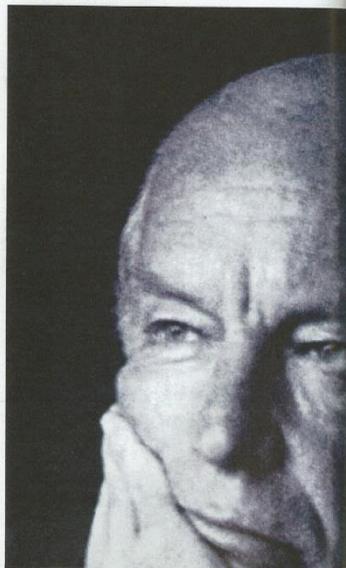
**Mas muitos intelectuais e militantes progressistas já não partilham dessa sua análise e revisaram suas posições dos anos 60 e 70, assumindo hoje o neoliberalismo como resposta à sociedade do fim de século.**

Há gente que honestamente acredita que a liberdade do dinheiro significa a liberdade das pessoas. Não pecam por desonestidade, mas por ignorância. A história da humanidade mostra exatamente o contrário. Há ou-

tros casos que me fazem recordar algo que ouvi na Espanha, durante o exílio. Manoel disse a Pepe: «Hombre, quando nos conhecemos, você era monarquista; depois, virou falangista; em seguida, franquista; quando Franco morreu, tornou-se democrata; um tempo depois, socialista; e, agora, está outra vez na direita. Hombre, como você mudou de idéia!» E Pepe respondeu: «Eu, mudar de idéia? Minha idéia foi sempre a mesma, ser o tirano desse povo.»

**Qual foi sua trajetória política e cultural antes de chegar a *Veias abertas*?**

Tive uma infância católica e uma adolescência marxista. Quando criança, li os Evangelhos. Quando jovem, *O Capital*. Na minha infância católica, aprendi a não confundir o cristianismo com a Inquisição. Na minha adolescência marxista, socialismo com stalinismo. Essas foram as duas coisas que me marcaram e são o fundo de meu copo de vinho, estranha combinação entre mistica católica e fervor socialista.



**alguns livros de aleano publicados o Brasil |**

**Itora Paz e Terra:**

*lgamundo*  
480, R\$ 14.

*veias abertas da nérica Latina*  
92, R\$ 26.

*inção da nossa gente*  
92, R\$ 18.



**O senhor quis ser padre, jogador de futebol e pintor. Como chegou à sua vocação definitiva?**

Em meu período místico, pensava em ser padre. Depois, a revelação do sexo, na adolescência, dissipou essa vocação e salvou a Santa Madre Igreja de um golpe que poderia ter-lhe sido fatal. A primeira vez que fui a Roma, li um cartaz que anunciava a existência do Banco do Espírito Santo. Para mim, foi um choque. Acreditava até há pouco no Espírito Santo, o que não sabia é que ele era banqueiro. Também tive, como todos os garotos uruguaios, vocação para jogador de futebol. E jogava maravilhosamente bem durante as noites, quando sonhava. De dia era o pior perna-de-pau. Quis ser pintor e desenhista, mas era muito grande a distância entre o que eu queria falar e o que poderia conseguir com as imagens. Assim, passei a tentar as palavras. E toda vez que escrevo meus joelhos tremem como se fosse a primeira vez.

**Antes da literatura, o senhor construiu uma atividade jornalística de repercussão.**

Fui diretor de numerosas publicações, quase sempre fechadas pelo governo ou por credores. Entre outras, um diário independente de esquerda, chamado *Época*, um tablóide com trinta páginas que chegou a trinta mil exemplares de tiragem, feito por jovens de 24, 25 anos entre 1964 e 1965. Foi uma experiência linda. Todos vivíamos de outras ocupações e ninguém recebia por esse trabalho. Guardo bonitas lembranças desse tempo louco. No final de cada noite, afastávamos mesas e cadeiras e nos matávamos jogando futebol até quase amanhecer.

**GLÂNDULA ANARQUISTA**

**Quando tinha 14 anos, ingressei na Juventude Socialista, mas não sirvo para a militância partidária. Provavelmente**

**por influência anarquista, a ideologia que talvez mais coincida com minhas glândulas.**

**SONHO DE BOLA**

**Tive vocação para jogador de futebol. E jogava maravilhosamente bem, à noite, quando sonhava, porque de dia era o pior perna-de-pau.**

**O senhor teve militância em alguma organização da esquerda uruguia?**

Quando tinha 14 anos, ingressei na Juventude Socialista, mas não sirvo para militância partidária. Provavelmente por influência anarquista, a ideologia que talvez mais coincida com minhas glândulas.

**Qual a sua avaliação do curso da esquerda latino-americana nesses anos posteriores à crise do socialismo?**

A esquerda latino-americana tem dado alguns passos importantes, nos últimos anos, para romper a camisa-de-força com que muitas vezes tentou aprisionar a situação continental. Esteve historicamente vinculada com uma certa idéia de iluminismo, compreendendo-se como uma das forças «civilizadoras» que pretendiam impor, de cima para baixo e de fora para dentro, certas verdades a uma realidade que depreciavam e que continha outras verdades, de baixo para cima e de dentro para fora, que denominavam de «barbáries».

Essa concepção levou a esquerda mexicana a organizar «batalhões vermelhos» para lutar contra Zapata e Pancho Villa. Levou os comunistas argentinos a andar de braços dados com o embaixador norte-americano contra Perón nas eleições de 1946 e aos seus colegas nicaraguenses a comemorar a morte de Sandino e, depois, se aliarem a Ronald Reagan na guerra dos «contras». Essas e outras atrocidades foram cometidas em nome do socialismo e da civilização. Creio, porém, que isso está mudando e que a esquerda vive um rico processo de renacionalização.

**Alguns livros publicados no Brasil II**

*Editora L&PM:*

*O livro dos abraços*  
1991, R\$ 16,90.

*As palavras andantes*  
1994, R\$ 19,90.

*Futebol ao sol e à sombra*  
1995, R\$ 24.

*Nascimentos (Memória do fogo - Vol. I)*  
1997, R\$ 20.

**SALVE-SE QUEM PUDE**

**O dogma de que política é feita só por partido e sindicato é que separou a esquerda da realidade. Há uma capacidade de resposta popular nas organizações comunitárias que segue viva, apesar do sistema impor a ordem de «salve-se quem puder».**

**Quais são os fenômenos que o senhor identifica como positivos nessa renacionalização da esquerda?**

Há agora, em toda América Latina, movimentos que superam os marcos da história da esquerda e anunciam novas possibilidades e caminhos. O que ocorreu em Chiapas, com a rebelião zapatista é um dos fenômenos positivos em curso, que se propõe a desencadear a energia social represada, a despertar os músculos secretos que a sociedade possui. Nesse sentido, nos encontramos com uma realidade muito mais rica que a de alguns anos atrás. Em grande medida, porque o dogma de que política é feita só por partidos e sindicatos é um dos esquemas que separou a esquerda da realidade. Há uma capacidade de resposta popular nessas organizações comunitárias que segue viva, apesar do sistema impor uma ordem individualista de «salve-se quem puder».

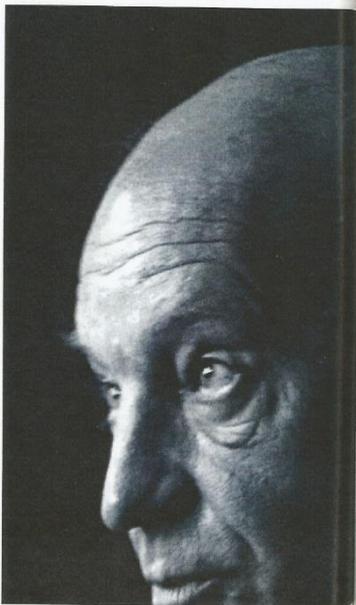
**Mas esses movimentos não estão limitados a um «salve-se quem puder» coletivo, sem alternativa de poder?**

Não me animaria desqualificar movimentos. Prefiro aplaudi-los pelo que fazem. Se há um «salve-se quem puder» coletivo, me parece bastante saudável que existam, principalmente em uma época na qual está proibida toda energia coletiva que não esteja a serviço do mercado. Não há mais povos, apenas públicos e massas de consumidores. E é nesse momento que surgem movimentos que reivindicam participação popular e fogem dos limites de a cada quatro anos votar por políticos que, majoritariamente, roubam dinheiro e esperança.

**O senhor acredita, como nos anos 70, que esses movimentos podem se articular em torno da idéia de revolução?**

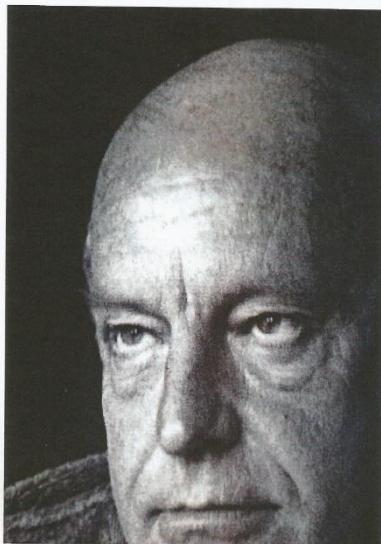
A organização do mundo está fundada sobre uma relação ainda mais desigual do que quando escrevi *Veias abertas*. No lugar de falar das hipóteses revolucionárias, em uma realidade tão confusa, talvez fosse melhor penetrar nas con-

dições que na minha juventude se chamavam capitalismo e hoje se chama economia de mercado. Por exemplo: a tendência à concentração da riqueza e à multiplicação da pobreza, em escala nacional e mundial. Ou a contradição entre o vertiginoso avanço tecnológico, com a diminuição das horas de trabalho necessárias para a produção das mercadorias — e que deveria traduzir-se em um tempo de ócio e liberdade muito maior para os trabalhadores —, e o aumento do número de desempregados e marginalizados. Ou o confronto entre uma cultura que ordena aos povos consumirem e uma economia que os proíbe. Uma contradição que se manifesta mais nas páginas policiais que na política. São esses antagonismos que alimentam a atualidade das opções revolucionárias. Esse sistema, gerador tanto de fome de pão como de abraços, está condenado a criar inimigos, ainda que seja eficaz na hora de reprimi-los.



**O senhor sempre foi crítico das corporações multinacionais, identificadas como principal fonte de injustiça e autoritarismo no continente. Não é um tema ultrapassado pela globalização da economia?**

Esses últimos vinte ou trinta anos levaram a concentração de poder a extremos inimagináveis. O mundo de hoje vive sob o super governo de um punhado de grupos financeiros e seus tecnocratas. Um ministro da Economia decide menos que um alto funcionário do FMI. Há uma ditadura invisível das grandes corporações, que com seus computadores decidem a sorte ou desgraça de um país sem invadi-lo da forma tradicional. É uma saída menos escandalosa que a ação dos *marines*. Apesar de que, quando a política do Iraque provocou elevação do preço do petróleo, não existiu hesitação em se desencadear a Guerra do Golfo.



**O senhor ainda acredita que os Estados latino-americanos tenham conflitos com os interesses dessas grandes corporações?**

Há um desprestígio do poder público no mundo, uma onda de desnacionalização. Com isso se busca uma rendição sem luta diante da ditadura das corporações transnacionais. O grande desafio é fazer do Estado expressão da vontade coletiva, o que significa trabalhar com a idéia de desprivatizá-lo, tirá-lo das mãos dos politiqueros que servem aos negócios dos grupos econômicos. E essa é uma tarefa que exige articulação entre os Estados latino-americanos, que têm sido patéticos, até o momento, no enfrentamento dos temas da sua ruína, mesmo numa questão tão clara como a da dívida externa.

**O senhor crê que possa existir uma sociedade socialista?**

Sim, não há porque confundir o naufrágio das experiências de poder burocrático na antiga Europa Oriental com a morte do socialismo. Creio que se equivocaram de cadáver. Um sistema de poder vertical, que tratava o povo como menor de idade, não tinha a ver com socialismo.

**O senhor incluí Cuba nessa análise?**

O caso cubano é diferente. Não houve um processo ortopédico, como em muitos países do antigo Leste Europeu, de imposição do socialismo burocrático por

#### OUTRO CADÁVER

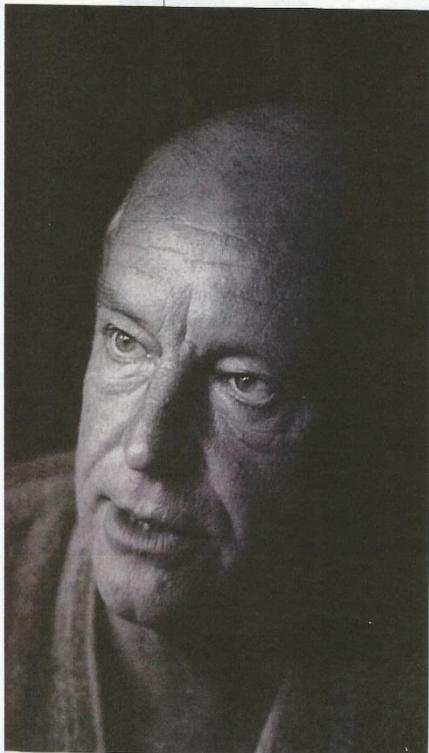
**Não há porque confundir o naufrágio do poder burocrático da antiga Europa Oriental com a morte do socialismo.**

**Creio que se equivocaram de cadáveres.**

acordos militares das grandes potências. Em Cuba foi um processo de desenvolvimento interno ocorrido na base da sociedade, ao longo dos anos, e que agora passa por uma etapa de trágica solidão. Ainda que eu não tivesse nenhuma afinidade com o que se chamava de socialismo no Leste, é preciso reconhecer que a queda desse bloco foi uma notícia ruim para os países do chamado Terceiro Mundo, que antes podiam tentar caminhos alternativos, graças ao jogo que era possível quando havia mais de uma potência dominante. Precisamos torcer para que se aprofundem as contradições entre japoneses, europeus e norte-americanos, ampliando as margens de manobra da esquerda nos países da periferia do sistema.

**EXEMPLO DE DIGNIDADE**

**Tenho com Cuba muitas discrepâncias. Não gosto do partido único, da organização vertical do poder, mas o país é um símbolo de dignidade para a América Latina e o mundo.**

**Mas Cuba não repete o padrão burocrático?**

Essa pequena ilha do Caribe está acossada por um duplo bloqueio. Um bloqueio externo, que já dura quase 40 anos, pelo delito de soberania nacional, de querer deixar de ser colônia e se transformar em pátria. E um bloqueio interno, das estruturas burocráticas de poder, que afogam as energias de mudança que a Revolução gerou. Tenho com Cuba muitas discrepâncias. Não gosto do partido único, da onipotência do Estado, da organização vertical do poder. Mas é um símbolo de dignidade de enorme importância para a América Latina e para o mundo. Ainda mais quando foi abandonada por muitos amigos, que antes a consideravam um paraíso e agora a confundem com o inferno.

**Os Estados Unidos justificam sua posição pela ausência de democracia em Cuba.**

Há muita hipocrisia nisso. Passei a infância e adolescência ouvindo falar de Formosa (Taiwan), que tinha o Kuomintang como partido único, como baluarte da liberdade contra a China de Mao Tsé-Tung — e a primeira eleição direta em 50 anos só ocorreu há pouco. Quando três cubanos foram fuzilados, em 1992, houve escândalo. Mas ninguém fala dos 33 americanos eletrocutados ou das 66 pessoas executadas na Arábia Saudita (um dos países que mais desprezita os direitos humanos, mas também o principal cliente da indústria militar norte-americana). Bill Clinton *enche a boca* contra os cubanos, mas um dos financiadores de sua campanha, nas últimas eleições presidenciais dos EUA, foi o ditador indonêsio Suharto, cuja dúvida é se matou meio milhão ou um milhão de opositores.

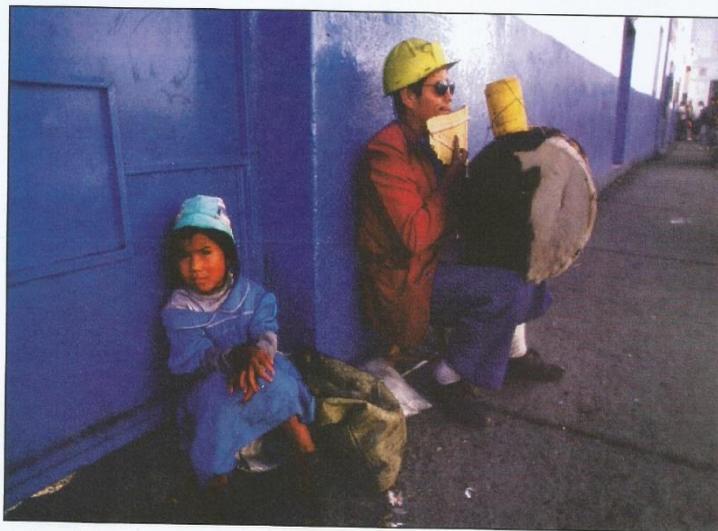
**O senhor se sente frustrado com o cenário cultural da América Latina?**

Há uma tendência de reduzir a cultura à atividade dos profissionais da cultura e seus produtos, filmes, músicas, livros, peças de teatro etc. Penso que essa é uma concepção elitista da cultura. A cultura é feita por todos. Essa tradição elimina dos meios de comunicação a cultura popular, tratada como simplificação degradada e mercadoria de fácil consumo. E esse é o desafio cultural dos latino-americanos, combater a ideologia do consumo, que inibe a criação e escraviza as emoções e os cérebros em função das necessidades de mercado.

**O senhor é otimista sobre o futuro da América Latina...**

O otimismo deve ser filho do amor, porque o amor é cego.





«Roubaram o direito de nos chamarmos americanos.»

« A história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota sempre esteve implícita na vitória alheia, nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros.

Novas fábricas se instalam nos pólos privilegiados de desenvolvimento — São Paulo, Buenos Aires, Cidade do México —, porém reduz-se cada vez mais a mão-de-obra exigida. O sistema não previu esta pequena chateação: o que sobra é gente. E gente se reproduz. Faz-se o amor com entusiasmo e sem precauções. Cada vez mais, fica gente à beira do caminho, sem trabalho no campo, onde o latifúndio reina com suas gigantescas terras ociosas, e sem trabalho na cidade, onde reinam as máquinas: o sistema vomita homens.

São secretas as matanças da miséria na América Latina; a cada ano, explodem, silenciosamente, sem qualquer estrépito,

três bombas de Hiraxima sobre estes povos, que têm o costume de sofrer com os dentes cerrados. (...) Tudo nos é proibido, a não ser cruzarmos os braços? A pobreza não está escrita nos astros; o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro designio de Deus. (...) De certo modo, a direita tem razão quando se identifica com a tranquilidade e a ordem; é a ordem da cotidiana humilhação das maiorias (...); a tranquilidade de que a injustiça continue sendo injustiça e a fome faminta. (...) A perpetuação da ordem atual das coisas é a perpetuação do crime. Recuperar os bens que sempre foram usurpados, equivale a recuperar o destino.

(...) Até perdemos o direito de chamarmo-nos americanos. A América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação. »